

Elizabeth Monteiro

A culpa é da mãe

Reflexões e confissões acerca da maternidade

PREFÁCIO | **Lya Luft**

summus editorial

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Monteiro, Elizabeth

A culpa é da mãe : reflexões e confissões acerca da maternidade / Elizabeth Monteiro. – São Paulo : Summus,, 2012.

ISBN 978-85-323-0883-2

1. Crianças – Criação 2. Experiências de vida 3. Mães – Psicologia 4. Mães e filhos 5. Maternidade 6. Relações familiares I. Título.

12-02199

CDD-155.6463

Índice para catálogo sistemático:

1. Mães e filhos : Relacionamento : Psicologia 155.6463

EDITORA AFILIADA

Compre em lugar de fotocopiar.
Cada real que você dá por um livro recompensa seus autores
e os convida a produzir mais sobre o tema;
incentiva seus editores a encomendar, traduzir e publicar
outras obras sobre o assunto;
e paga aos livreiros por estocar e levar até você livros
para a sua informação e o seu entretenimento.
Cada real que você dá pela fotocópia não autorizada de um livro
financia um crime
e ajuda a matar a produção intelectual de seu país.

Elizabeth Monteiro

A culpa é da mãe

Reflexões e confissões acerca da maternidade

summus editorial

u z MÊÍ u Â Àu F x Á
J çèìçs mçó ç ãkj èffóm çó ãçòã c í ôçòj fft c ç
Copyright © 2011 by Oswaldo Faustino
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Editora assistente: **Salete Del Guerra**
Capa e projeto gráfico: **Alberto Mateus**
Imagem da capa: **IStockphotos**
Diagramação: **Crayon Editorial**

Departamento

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
http://www.summus.com.br
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Versão digital criada pela Schäffer: www.studioschaffer.com

Kçòà opç ãpìn dc í âç í çóí kT

Áóôç ìfftjòk dffjtcffat ck aóí âçóçóôòçóó c óPãpìn c óPffjtóçffjpò óI
fft n ãffçtj ôçóçP ãfft cç ôpckPã j ó c óÕÕÕF pffdk ã j ó c óÕÕ

uffo cçbk a Ckí çnì t yòffopçckónçìk ôò ä ìftk ókãffkçcpã ôffqk cç
kòffçj ô bâk cç n fóffPòç ìfftt ck nçì cffqpìffl bâkPçí óp óçí ä ì ffçj ócç
äòffopçckóPcç ãkj óçìftkóãkj ôffctkóçí í çpóìffqtòkóÕ

Prefácio



Este livro de Betty Monteiro, u ãpìn d c í âç R J çèìçsmçó ç ãkj èffómçó ãçòã c í ôçòj ffct cç, é a um tempo leve e gostoso, sério e importante, e extremamente útil.

É leitura para pais, filhos, mães, filhas e qualquer pessoa que se interesse pelos relacionamentos humanos: dentro deles os familiares, e dentro desses, ainda, os complexos, tantas vezes ternos e tantas vezes ásperos confrontamentos entre mães e filhos.

Não há maior intimidade emocional, maior necessidade de privacidade e respeito e melhor possibilidade de conforto, entendimento e aconchego do que nessa difícil relação, fonte de tanto conflito, tanto mal-entendido e, também, de tantos e tão luminosos referenciais nesta vida humana — que é doloroso, intenso, às vezes belo crescimento.

LYA LUFT, escritora

Introdução



Recebo em meu consultório centenas de mães culpadas, perdidas e sofridas. Elas buscam uma receita milagrosa para criar os filhos e contam-me seus dilemas. Mães que não têm coragem de se deixar dirigir pelos próprios valores, que não confiam em si ou desistiram de lutar. Muitas vezes vejo-me em cada uma delas. Recordo-me da infância dos meus filhos e das muitas bobagens e erros que cometi simplesmente por não saber, por estar cansada, cheia, impaciente e por ter sido uma mãe jovem e inexperiente.

Hoje sou escritora, pedagoga e psicóloga, mas só me tornei essa profissional depois que meus filhos cresceram. Meu pai me fez trabalhar assim que concluí o Magistério — tinha de ajudar com as despesas. Casei-me, tive filhos cedo e sempre trabalhei. Por isso demorei muito para conquistar todos os meus títulos. A sabedoria e a maturidade de hoje são, porém, meu único patrimônio e minha eternidade. Conquistei a eternidade por intermédio dos meus genes — que serão transferidos geração após geração aos meus descendentes — e do meu trabalho.

Como sou uma mulher movida por projetos de vida, sempre me impus realizar todos os meus sonhos antes de morrer. E olha que os realizei! Está me sobrando tempo de vida para mais alguns projetos que tenho de inventar. Quem sabe fazer ã j t kj ffttfl ò èôfttflou, então, ter um canil. Posso dizer que, se soubermos priorizar nossas necessidades, a vida nos permitirá realizar um montão de sonhos.

Olha só: filho não é impedimento nenhum para os realizarmos. Sou partidária da manutenção da família, independentemente de seu formato: família com pai e mãe, família de mãe solteira, família composta por homossexuais ou feita com outros arranjos. A família ocidental contemporânea passou, e ainda passa, por diversas transformações em seus costumes, que se caracterizam principalmente pela perda da autoridade paterna, por dificuldades na transmissão dos valores familiares aos filhos, pela mãe que trabalha fora, por "decomposições" e novas composições.

Um estudo realizado na Universidade de Copenhague, na Dinamarca, avaliou crianças criadas por duas mães (casais homossexuais femininos) e concluiu que essas crianças são menos propensas a ter depressão. Isso porque o casal homossexual sofre muito mais para constituir família e o sentimento de união e resistência desse casal é transmitido aos filhos, fortalecendo assim sua estrutura psicoafetiva e emocional. Embora essas transformações ocorram nas cinco mil sociedades espalhadas pelo mundo ao longo do tempo, não se conhece nenhuma sociedade do gênero humano em que a família, como grupo de pessoas que habitam o mesmo espaço, não desempenhe um papel importante.

Não é nada fácil manter a unidade familiar. É preciso acreditar muito na força da união e querer que ela se mantenha. Mark Bauerlein, professor da Universidade de Emory, em Atlanta, na Geórgia, depois de supervisionar uma série de estudos sobre a vida e o cotidiano de jovens americanos, publicou o livro Lftç cpí äçóôffçj çò ôfkj [A geração mais idiota, em tradução livre — Nova York: Tarcher, 2008]. Segundo sua pesquisa, os jovens de hoje são muito mais inteligentes, porém apresentam um baixo índice de conhecimentos gerais, de leitura e de compreensão de texto. Poucos se relacionam com a família e os amigos, devido ao tempo dedicado às redes sociais, como MySpace e

Facebook, ou escrevendo blogues, twitters, falando ao celular e enviando mensagens de texto para contar de si. Não interessa a esses jovens a história do seu país, quem foi Napoleão, se sua família está bem, mas apenas o que está ocorrendo naquele momento, na cantina da escola, por exemplo.

Portanto, penso que precisamos criar um espaço para conversar com os filhos, reunir a família e os amigos. Conversar sem ter de teclar mensagens, para não condenar os jovens e as famílias ao exílio social. As crianças e os jovens precisam conviver com os adultos, conversar com pessoas que têm mais experiências do que eles e trocar afeto. Isso os ajudará a amadurecer e a acreditar na humanidade.

Contarei neste livro histórias de mães e de famílias, em especial as da minha família, pois não quero ser mais uma a apontar as falhas ou erros das tantas e tantas mães existentes. Talvez você possa identificar-se com algumas delas, apesar da diferença de época e idade. Iniciarei com as histórias da minha família materna e finalizarei com as experiências que vivi com meus filhos. Falarei de três gerações de mulheres de uma mesma família, para que você possa acompanhar as mudanças ocorridas e compará-las com a época atual.

ATENÇÃO: os capítulos referentes à minha avó e à minha mãe não trazem um tratamento psicológico. Apenas narram atitudes e comportamentos relativos a uma época. Por outro lado, as minhas histórias pessoais são acompanhadas de um tratamento psicológico, que explica os fatos narrados, contextualizando-os na atualidade e propondo algumas formas de lidar com situações semelhantes hoje em dia. Você vai ver que os filhos continuam sendo muito mais filhos da mãe do que do pai. Embora diversos aspectos tenham mudado de uma geração para outra, todas as mães e todas as famílias, na sua essência, passam por situações bem semelhantes.

As mães são todas iguais. Umas assumem o papel de vítima e se acomodam. Outras assumem o de guerreiras e algumas ainda “terceirizam” seus filhos. As mães se sentem muito culpadas quando percebem que suas famílias não seguem o modelo da família “perfeita”. O peso desta culpa faz que acabem mimando seus filhos e não exerçam a autoridade que lhes compete. As mães se queixam de não ter autoridade e da ausência dos pais. Na verdade, também temem assumir os seus filhos. Ninguém quer carregar o peso da responsabilidade, então, pedem conselho e orientação a terceiros, quando bastaria assumir aquilo que pensam e em que acreditam, sem medo de errar ou sentir culpa.

Quando os pais se sentem incapazes e deixam de investir em seus filhos, estes ficam “moralmente” abandonados. O abandono ocorre quando os adultos responsáveis pela criança não se posicionam firmemente diante dela e não lhe oferecem os parâmetros de que ela necessita. É importante pontuar que os filhos dependem muito mais das atitudes dos pais do que de seus sermões ou críticas. É preciso acreditar em seu potencial, em seus esforços, aprender com os erros para poder educar seus filhos. Seguir o modelo dos outros não é bom. Você precisa acreditar em seus valores e crenças. Deixar-se guiar por eles. Seja você e deixe que o outro seja ele mesmo.

Não ajuda ser uma pessoa que você não é. Seu filho tem de conhecer você tanto com respeito àquilo que sabe, pensa e sente quanto àquilo que não sabe. Procure mergulhar dentro de si, tentar entender o que se passa com você e o significado disso. Dessa maneira, saberá quem é e o que precisa fazer diante das dificuldades e dos conflitos. Compreender a si mesmo leva à compreensão do outro. Essa é uma das experiências mais enriquecedoras da vida. Você se tornará muito mais eficaz ao se conhecer e adquirir autoconfiança. Ao se aceitar, ao mesmo tempo se modifica e promove o crescimento dos

outros.

Quando os pais se conhecem e escutam seus filhos sem criticá-los ou julgá-los, demonstrando apenas o entendimento (mesmo que não concordem com eles), estes desabrocham e crescem. Quando as crianças são criadas com carinho e firmeza, revelam um bom desenvolvimento intelectual. São mais criativas e seguras. Tornam-se mais populares e aceitas no grupo. Quando os pais são inseguros, distantes e influenciáveis, as crianças apresentam um atraso em seu desenvolvimento intelectual e criativo. São inseguras e instáveis emocionalmente. Mais agressivas e agitadas. Portanto, seja firme, mesmo que não saiba como agir, e não se esqueça de que firmeza não exclui delicadeza. O homem não depende da tecnologia, mas de todas as pessoas que tentam compreendê-lo e que o ajudam a enfrentar seus conflitos. O homem depende essencialmente da capacidade de criar relações pessoais de ajuda.

Atendo uma mãe solteira de 30 anos. Teve seu filho aos 15 e o criou sozinha, contando apenas com alguma ajuda de seus pais. Essa cliente sempre traz dúvidas quanto ao seu desempenho como mãe. Como seu pai é muito doente e sua mãe já é falecida, ela não tem com quem contar. A jovem culpa-se muito por não ter tempo de dar mais atenção ao filho, porque trabalha demais para manter sua pequena família, formada por mãe e filho. Em uma das sessões, muito alegre, pediu-me que lesse a redação do filho, cujo título era “Fale de uma pessoa a quem você admira muito”. Ele escreveu o seguinte:

> Bkóôk í pfôk cç è ì òókäòç í ffjftft í âçPpí í pìftçò äkj fôt Pãkí ã äçìkó ãkí nòfftkó ç ã óô j ftkóPãkí nòksfft c í çj ôç YP.Xí cç ìôpò ç .X j kóÕÃkfftí âç í pfôk ãçckPí ó ópnçòkp ãkí í pfôt ãkò ffçí ó cqçòófft cçóc qfôt ç ftkiç çí cfft ôçí óp nòl nòfft çí nòçó cç npäìfâfft cçÕzkóôpí è ttçòí pfôt óqfftffçj ó ôò ä ìftk ç óçí nòç çóôà ãkí nçóók óäkj fôt óç è í kó óÕzkí ôpck fôtókPçí j çj ftpí í kí çj ôk cçfstkp cç óçò pí í âç cçcfât c ç í fffl I óçí nòç nòçóçj ôç j kó í kí çj ôkó í fôt cfêtãçfôt c í fjftft qfôt Õzkí óp ìçffôfft ç qfôt ãfôt cç ãkj ô fffft ôkckó k óçp òçckòÕÀçóó èkòí Pól nkóók í ç óçj ôfôtèçìfftç nòkôçfffôtk cfftj ôç cç ôâk

Veja que essa jovem mãe, que se sentia culpada pelas tantas ausências, conseguiu dar ao filho aquilo de que ele mais precisava: sensação de proteção, confiança, aceitação, e ser um bom modelo. É isso que os filhos esperam dos pais.

O que acaba com as pessoas é a acomodação. Marina Colassanti, grande jornalista, recebeu o Prêmio Jabuti com o livro Áp óçfPtí ój âk cçqfft (Rio de Janeiro: Rocco, 1996). Seguem trechos:

> Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.
>
> A gente se acostuma a morar em apartamento de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão.
>
> A gente se acostuma a acordar de manhã, sobressaltado porque está na hora. [...]
>
> A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente só molha os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. [...]
>
> A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se da faca e da baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, de tanto acostumar, se perde de si mesma.

Como sempre, sem mostrar teorias complicadas e eruditismo, sendo prática, utilizando minhas próprias experiências e meu natural bom humor, falarei sobre as mães, por meio das histórias de minha avó, da minha mãe e das minhas próprias histórias com a maior leveza e graça possíveis, pois rir ainda é o melhor remédio.

Segundo dados de um estudo realizado no Instituto Karolinska, em Estocolmo, na Suécia, pessoas que se estressam com tudo, estão sempre de mau humor, são introvertidas e insatisfeitas, não acreditam em seu potencial de mudança e se acostumam a levar uma vida sem

soluções apresentam maior probabilidade de desenvolver demência senil. Cuide-se!

Primeira parte

Minha avó

— Quero contar-te uma história
Vamos passear naquelas ilhas decotadas?
Faz de conta que há luar.

Cobra Norato, de Raul Bopp

Autoridade autoritária



Meus avós deixaram o sul da Itália, onde nasceram, em 1877, antes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Vieram para o Brasil, "o país do futuro", abandonando seus títulos de nobreza e suas riquezas. A Europa, entre 1871 e 1914, era liberal e capitalista. A população vivia em grande prosperidade. As disputas territoriais e a má distribuição da riqueza trouxeram grande instabilidade econômica, resultando na explosão da Grande Guerra e na vinda de muitos europeus para o Brasil, um país grande, rico e com um futuro radioso.

Em 1869, as mulheres começaram a conquistar o direito de voto nos Estados Unidos, artimanha utilizada pelo governo para atraí-las para dentro de suas fronteiras. Elizabeth Blackwell foi a primeira mulher aceita em uma faculdade de medicina, nos Estados Unidos, em 1847, e Madame Curie se destacou como cientista, em 1898.

A entrada da mulher no mercado de trabalho e o impacto mundial desse acontecimento são encarados como a maior transformação social desde a Revolução Francesa (mas também como um grande ônus na vida das mulheres que têm de se equilibrar entre o papel de mãe e de profissional), e a pílula anticoncepcional fez mais pelas mulheres e pelo direito ao prazer do que todos os movimentos sociais.

Como você pode ver, as mulheres começavam a adquirir alguns direitos e reconhecimento. Esse era o panorama da época. As famílias não tinham dinheiro para viver confortavelmente e, assim como tantos outros imigrantes italianos, meus avós zarparam num q nkòç.

Estabeleceram-se em São Paulo, passando a morar no Brás, uma das maiores comunidades italianas existentes na cidade.

Pascoalina, a matriarca da família, era uma senhorinha de temperamento muito forte. Era osso duro de roer. Uma calabresa daquelas! E ainda por cima ariana. Dá para imaginar como o seu gênio era difícil? He! He! Velhinha brava.

— Felícia! Felícia! — grita Pascoalina, completamente transtornada ao encontrar as tranças dos cabelos de minha mãe, ainda uma menina de 13 anos, escondidas no fundo de uma gaveta.

— O que é, mamma?

— Hai tagliato i capelli?

— Não, mamma. Os meus cabelos estão presos. Imagina se eu cortaria os meus cabelos! Olha aqui... — vira a cabeça e lhe mostra um coque, muito mal-ajeitado, em sua nuca.

— Sì, li hai tagliati. Sei una testarda! Che succede? — balança a trança de cabelos ruivos que segura em uma de suas mãos, diante dos lindos olhos azuis assustados da Felícia.

— Chiamerò tuo padre. Lui vedrà la bella bisca che sei tu!

— Biase, Biase! — grita, histericamente, Pascoalina.

— Vieni qui... Dai, dai... fa presto! Guarda che cosa ha fatto tua cara figlia!

Abana novamente a trança de cabelos da pobre "Feliccetta", expondo-as ao marido, um imponente e temperamental tenente da Força Pública de São Paulo, que nesse momento lustra a sua espada da Cavalaria Militar.

— Ma cosa hai fatto? Hai tagliato i capelli? Putana! — reage Biase, dirigindo-se furiosamente à pobre "Feliccetta". E, em um ato de puro impulso napolitano, levanta a espada que lustra e a deixa cair violentamente sobre o lombo da pobre criança indefesa.

Felícia apanha em silêncio. Não pode chorar por duas razões: sabe

que está errada e que, se chorar, apanhará mais ainda. Felícia cresceu com marcas de espadadas nas costas. Sempre as mostrava a mim, dizendo quanto seu pai havia sido um homem justo e bondoso e quanto sua mãe infernizava a vida de todos.

Naquela época, os papéis familiares eram bem claros: cabia ao pai educar e aos filhos obedecer sem questionar. A mãe? A mãe tinha de cuidar da casa e dos filhos e ser a aliada do pai: a delatora, se necessário, ou a encobridora, caso fosse mais superprotetora (não era esse o caso da minha avó). O modelo de família era conjugal, nuclear e patriarcal. Família conjugal era aquela constituída de casamento civil e religioso, sendo composta de marido, mulher e filhos (nuclear), e patriarcal, no qual ao pai eram dados o poder de decisão e o papel do provedor. Como pôde perceber, o tipo de autoridade que imperava era extremamente autoritário.

Os pais exercem uma autoridade autoritária quando:

- não percebem e não ligam para o que a criança pensa e sente;
- não permitem que ela expresse suas emoções (“engole o choro!”);
- mudam de assunto quando a criança quer algo ou precisa expressar o que sente;
- ridicularizam a criança quando ela está triste ou com raiva;
- fazem pouco da criança quando ela comete algum erro;
- não escutam o que a criança tem a dizer;
- sentem-se incomodados quando a criança não está do jeitinho que eles querem;
- acreditam que a criança tem de superar todas as dificuldades, não importa como;
- acham que não vale a pena ficar pensando em coisas ruins;
- não sabem como agir quando a criança não está bem;
- pensam que a criança faz chantagem emocional para obter as

coisas;

- julgam e criticam as emoções das crianças;
- são controladores e manipuladores;
- o que importa para eles é a obediência e o bom comportamento;
- são rígidos: ameaçam, repreendem, castigam e batem por qualquer motivo.

Possíveis consequências para a criança: baixa autoestima, falta de confiança em si, insegurança com respeito às tomadas de decisão. Ela não vai confiar em suas percepções, em seus sentimentos, e terá dificuldade em reconhecer suas próprias emoções. Pode apresentar dificuldade em lidar com figuras de autoridade, em relacionar-se com os outros e autoafirmar-se diante deles. Poderá sentir-se sempre como uma pessoa errada, imprópria e inadequada. Quando pressionada, seu pensamento ou raciocínio tenderá a fragmentar-se.

Criança tratada como adulto



Toda a criançada brincava na rua: minha mãe, meus tios e tias, e a garotada da vizinhança. Minha mãe e algumas garotas jogavam "diabolô", enquanto os meninos faziam bolas de barro para jogar nas meninas.

— Se você não ficar quieto, Antonino, vou chamar a mamma — ameaçava Felícia.

Aí, todas as meninas se viravam e mostravam a língua aos meninos, cantarolando uma canção provocativa:

— O Antonino não é de nada, só come marmelada!

Minha mãe dizia que tio Antonino era o mais inteligente dos irmãos e também o mais nervosinho. Então, diante da gozação das meninas, os meninos também passavam a provocá-lo, para vê-lo se descontrolar e chorar, vermelho de raiva.

Como ele era o filho homem mais velho, Pascoalina saía correndo atrás de todas as crianças com uma velha frigideira de ferro nas mãos, a proteger o primogênito.

— Maledetti! — xingava todos que, escondidos, morriam de rir e depois, docemente, falava ao filho querido:

— Vieni, Antonino, vado a fare un tè per te.

Ele tomava o chá e dormia horas e horas. Nenhuma criança queria esse chá, pois ele servia como um verdadeiro "sossega-leão". Anos depois, já adulta, minha mãe comentava que a vó Pascoalina dava chá de papoula ao tio Antonino para que ele se acalmasse. Meu Deus! Diga-se de passagem que papoula é um opiácio. Só depois de adulta é que a minha mãe foi entender por que o Antonino dormia tanto! Ela chegava a comentar:

— Nossa! O Antonino tomou tanto ópio que nem sei como ele continuou a ser o mais inteligente da família!

Realmente muito inteligente, tornou-se um grande advogado. Ganhou até uma praça com seu nome em São Paulo: dr. Antônio Ruggiero.

Bem, voltemos às guerrinhas entre meninos e meninas. Um dia, depois de forte chuva, o ritual começou. Era um dia perfeito para "aporrinhar" as meninas, porque havia muita lama. Eis que, de repente, alguém tocou em algo estranho, enterrado no meio da lama:

— Vejam! O que é isso? Antonino, venha ver o que achamos! — gritaram todos.

O mais velho e mais sábio da turma olhou e disse:

— Nossa! Acho que é uma bomba! Jogue aqui pra mim.

O tio Achiles, que estava com a bomba nas mãos, arremessou-a para o irmão, que quase a deixou cair. Aí a criançada saiu em uma carreira para mostrar à mamma:

— Mamma, mamma, veja o que o Achiles achou!

Minha avó viu aquilo nas mãos das crianças e falou:

— Cuidado, cuidado... Questo è una granata!

A granada havia sido abandonada ali, após uma revolta militar. Minha mãe contava que a rua ficava cheia de trincheiras e que a vizinhança ia esconder-se no porão da casa de minha avó, que por sua vez saía rastejando, no meio do tiroteio, até o terreiro para pegar comida e dar a toda aquela gente (a velhinha era corajosa mesmo).

Assim que a nonna viu a granada, ordenou que as crianças a jogassem no rio Tietê, mas tomassem muito cuidado e não a deixassem cair.

Pense: você daria uma granada nas mãos de um monte de crianças arteiras para que a jogassem em um rio? Pois é, a minha avó fez isso. Naquele tempo, criança era tratada como adulto: trabalhava, apanhava, tinha responsabilidade acima de sua capacidade de cumprir.

A criançada foi brincando com a granada como se fosse uma bola: jogavam-na de um para outro, excitados pelo perigo. Como Anjo da Guarda de criança é um super-herói, a granada e as crianças chegaram intatas ao rio. O tio Antonino, no papel do mais velho, pegou a granada e arremessou-a com força em direção ao rio, onde pessoas pescavam, nadavam e remavam. É... o rio Tietê já foi limpo e navegável.

No instante seguinte, ouviu-se um grande estrondo e formou-se uma imensa onda, em forma de cogumelo, no meio do rio. As crianças fugiram de medo e se esconderam atrás do mato, todas molhadas. Depois que o susto passou, notaram que as margens do rio estavam cobertas de peixes. Foi uma enorme festa. A vizinhança toda comeu

peixe por mais de uma semana.

Agora, imagine se essa bomba tivesse explodido durante a brincadeira! Ia voar pedaço de criança pelo bairro todo! Certamente, se isso tivesse acontecido, minha avó não se sentiria culpada pelo ocorrido, pois na sua cabeça ela havia agido de forma correta. Os culpados seriam os moleques endiabrados. Naquele tempo, os pais não se sentiam culpados pelos seus "erros", pois achavam que faziam o que era certo.

Quando pensamos em como era a infância no passado, temos a imagem de meninos e meninas atuando no trabalho duro das fazendas e das casas. As pinturas da Idade Média nos mostram crianças tristes e vestidas como adultos. Philippe Ariès, historiador francês, em seu livro C fód dft dkãffti c ãdffj b ç c è í hìfft (LTC, 1981), afirma que a criança só passou a ser reconhecida como tal e tratada com mais respeito no final do século XVII.

O conceito de infância começou a mudar a partir do século XVII. Apesar de estarmos no século XXI e, nas últimas décadas, descobertas científicas e hipóteses psicanalíticas terem apresentado uma nova percepção sobre essa etapa do desenvolvimento humano, ainda vemos muita falta de conhecimento no que diz respeito à infância. O abuso infantil continua ainda hoje. Vemos pais que cobram demais de seus filhos, que não os aceitam como são e os enchem de atividades, que batem, abandonam e os "terceirizam".

Compartilhar



Meu avô Biase partiria para uma missão em Minas Gerais. Estava acontecendo uma revolução separatista, parece-me que entre Minas e Rio de Janeiro. Minha mãe não sabia nos contar muito bem onde era, pois ela não se lembrava mais. Apesar de ter um pai severo e agressivo, ela o amava. Quando falava de seu pai, sempre chorava, mesmo estando já velhinha. Não podia ouvir z pkòç fjftffo ôk, a música que o vovô cantava para fazer as pazes com a minha avó, que mamãe caía em prantos.

De vez em quando, meus avós brigavam feio e vovó ficava sem falar com vovô por um mês, porque ele, como um bom italiano, galanteador e sedutor, ficava no portão dando camélias perfumadas às moças bonitas que passavam. Vovó, dominadora, controladora e ciumenta, não aguentava ver as moças sorrindo para suo bello marito.

Todos estavam tristes com a partida dele para o campo de batalha. Fizeram várias festas de despedida. Todos foram se despedir: o Pepino, o Nino, a Itália, a Carmela, os Manfredi, os Lucchesi, os Moretti, enfim, tutte le persone buone. O Regimento da Cavalaria Militar saiu cedo do quartel da avenida Tiradentes, diante do choro das famílias que ficavam. Vovô ia à frente de sua tropa, comandando o seu batalhão.

Passou um bom tempo. Tempo que não acabava mais. E nenhuma notícia do vovô. Um dia, chega um encarregado com a má notícia: vovô fora encontrado morto. A vizinhança toda se aproximou da família desolada, para ampará-la e dar-lhe conforto. Minha mãe estava arrasada, desolada. O seu ídolo havia partido, sem ao menos tê-la visto crescer, para que ela pudesse mostrar que não era aquela filha teimosa e desobediente que ele havia castigado tanto no evento do corte dos cabelos.

Vovó se colocou de preto, junto com todos os familiares, amigos e vizinhos. O pior é que o corpo do vovô demoraria a chegar. Naquele tempo, as pessoas eram mais próximas afetivamente. Todos levavam

comida para a família, roupas, alimentos, conforto e um pouco de dinheiro.

Os filhos homens, ainda meninos, começaram a trabalhar. Mamãe e tia Nicoleta cortavam capim para dar às cabras, enquanto a vovó cuidava do bebê — a tia Iolanda. Minha mãe e minha tia andavam diariamente seis quilômetros para cortar o capim e trazê-lo em seus frágeis lombos de meninas púberes. Quando mais velhas, elas sofreram de dores lombares alucinantes e paralisantes. Vovó passou a receber ajuda constante de todos e a vida seguiu seu rumo.

Um dia de verão, quando vovó estava limpando a calçada e as crianças brincando na rua, aproxima-se um velho barbudo, cheio de feridas pelo corpo, magérrimo, com os pés inchados, unhas de mãos e pés enormes e sujas. Aproximou-se de minha avó, chamando a atenção de todos. Diante dessa imagem, ao mesmo tempo ameaçadora e curiosa, vovó empunhou a vassoura em sua direção e já ia "caceteá-lo", quando ouviu:

— Calma, calma, sono io... Il tuo Biase... Amore mio!

Todos ficaram petrificados. Parecia que a cabeça deles girava ante aquela figura que abraçava tão fortemente Pascoalina. Os dois choravam muito, riam, se olhavam e se abraçavam novamente. As crianças atiraram-se ao casal e, abraçadas às suas pernas, gritavam: "Babbo, babbo, nostro babbo è vivo!"

Diante de tanta emoção, a vizinhança foi chegando e se abraçando ao grupo, formando uma unidade. "Viva, viva, viva!", gritavam todos. Mamãe conta que passaram a arrancar as suas roupas pretas, as roupas da vovó e dos filhos, e fizeram uma grande fogueira. Foi uma festa enorme, com direito a polenta, muito vinho e a tarantela. Deram banho no vovô, cortaram suas grossas unhas com faca, cuidaram de suas feridas, barbearam-no e o alimentaram, para depois ouvir a sua história. O que havia acontecido?

— Foi uma grande batalha — dizia meu avô no seu puro napolitano. — Estávamos subindo o "Morro do Piolho" quando fomos surpreendidos pelos inimigos que nos avistavam lá de cima. Não deu tempo de nos defendermos. Foi um massacre! Eu fiquei ferido e desarmado, numa situação sem saída. Minha tropa recuou e eu me fiz de morto. Assim permaneci por vários dias, numa mesma posição, enquanto o morro continuava tomado. Somente à noite, saía rastejando em busca de ervas e vermes para comer. Bebia a água da chuva. Não podia sair de lá enquanto a região estava tomada. Os mortos apodreciam, até que um dia permitiram a retirada dos corpos e sono qui.

Foi nesse espaço de tempo em que vovô esteve morto que as mulheres da família começaram a se fortalecer como estrutura e se transformaram em verdadeiras guerreiras. O mais lindo dessa história é ver como as pessoas compartilhavam suas dores e alegrias. Todos se uniram para ajudar vovó e sua família.

Até o século XIX, cada mulher tinha um filho por ano ou a cada ano e meio (você já se imaginou parindo tanto?). As famílias eram organizadas hierarquicamente, embora a taxa de mortalidade infantil fosse muito alta. As crianças que sobreviviam logo iam para o trabalho e muitas se tornavam chefes de família. Os pais contavam com o trabalho dos filhos e filhas.

Hoje em dia, os filhos são poupados até a idade adulta. Precisam estudar e as pessoas se afastam umas das outras. Não querem se envolver. Têm medo do envolvimento, do comprometimento com o outro, e assim vão levando uma vida medíocre e isolada.

As crianças precisam de gente, de muita gente ao redor delas. Precisam de modelos para crescer. É necessário que os pais abram a porta de casa para receber amigos, é necessário que as crianças aprendam a ajudar o outro e não a fugir dele. O envolver-se é

fundamental ao ser humano e a todas as relações. Vivemos uma época na qual o índice de separações é alarmante. Muitas crianças são criadas somente por suas mães e poucas convivem com a família.

Você tem a obrigação de criar redes de relacionamento social para a sua criança e estimular esse convívio. Isso é importante porque, além de precisar de modelos para crescer, precisa aprender a buscar apoio emocional nos outros. A vida da criança é altamente enriquecida quando ela tem a oportunidade de conviver mais com os familiares e com as pessoas amigas.

Roupa suja se lava em casa



Alguns anos se passaram e vovô Biase, já muito abatido pela vida, morreu (dessa vez de verdade), fulminado por um enfarto, aos 60 anos de idade. Pascoalina continuou firme e forte, e novas gerações se acrescentaram à família, que se tornou verdadeiramente matriarcal.

Naquela época, era muito comum que os avós criassem seus netos. Tia Nicoleta, a irmã mais velha de minha mãe, já tinha quatro filhos quando nasceu o caçula, o "Nenê". Nenê foi criado pela nonna Pascoalina porque a tia Nicoleta tinha de cuidar de uma tropa imensa de filhos e não conseguia dar conta do Nenê.

Pascoalina morava em uma chácara. Criava muitos animais: cabras, coelhos, porcos e galinhas. Todos os netos iam para a casa da nonna e viviam a sua infância em cima das árvores, nadando no rio Tietê, nas ruas a brincar e a fazer artes. Nenê, como o caçula, era o "intermediário" da bagunça: tanto levava bronca dos mais velhos

como da nonna (a corda sempre arrebenta do lado mais fraco).

Certo dia, essa garotada toda resolveu roubar uma linda galinha branca, que pertencia à vizinha, a dona Francesca. Pura molecagem. Provocação... A dona Francesca tinha uma galinha branca muito linda e, como Pascoalina não possuía nenhuma galinha branca, fizeram a tal arte. Correu então um tititi entre a italianada da vizinhança. A "chiacchiera" de que os netos da dona Pascoalina haviam roubado o pollo bianco da dona Francesca.

Quando a "chiacchiera" chegou aos ouvidos da Pascoalina, ela ficou uma fera. Soltou sua voz forte e rouca pela casa, procurando pelos maus elementos.

— Come mai?! Che succede? Non è vero! Non ci credo.

Logo pegou o primeiro que viu pela orelha e perguntou:

— Che cosa hai fatto?

O pobrezinho do Orlando, que estava pendurado pelas orelhas, logo falou:

— Não fui eu, nonna... Foi o Nenê — entregou o caçulinha e tirou o seu fiofó da reta.

— Nenê! Viene qui. Disgraziatto, maledetto. Dov'è quel bambino?

— Se l'incontro, l'ammazzo.

Nenê, que brincava inocentemente no terreiro com o bello pollo bianco que lhe deram, olhou assustado para a avó e logo percebeu que o pau ia comer. A visão daquela velhota descontrolada, que vinha em sua direção com uma frigideira de ferro nas mãos, fez que seu mecanismo de medo e preservação fosse acionado, e seu organismo todo se preparou para a defesa. O que fez então? Isso mesmo: perna pra quem tem, saiu a toda, deu no pé, fugiu de medo, amarelou. A velhota ficou mais stuzzicata ainda:

— Viene qui, maledetto, se ti prendo ti metto il coltello, ti vado a pizzicare... Questa non è l'educazione che ti ho data. Ti farò tornare a

casa dei tuoi genitori!

Enquanto praguejava, ela correu atrás dele, com suas perninhas curtas e tortas, deformadas pela idade, abanando a pesada frigideira de ferro. Nenê, ágil como um passarinho assustado, deu um verdadeiro "baile" na avó, correndo e se escondendo por entre as tralhas velhas guardadas no terreiro. Não sei exatamente quanto tempo durou o "baile". Sei que foi longo. Muito cansada, Pascoalina resolveu deixá-lo ali, em seu esconderijo, fazendo-o pensar que ela havia desistido da perseguição.

Na verdade, a velhota armava a sua trama, descascando montes e montes de cebolas. O pobre do caçulinha suspirava aliviado, mas os mais velhos e experientes sabiam que a nonna Pascá não era mulher de desistir de nada. Ficaram muito preocupados e resolveram sumir da área. Sabendo que o bicho ia pegar, foram abrigar-se em cima das árvores, pois lá se sentiam seguros. Como a nonna teria de buscar a escada para subir nas árvores, eles teriam tempo de descer correndo.

Pascá cantava na cozinha H ókìç í fkt, enquanto fervia, calma e pacientemente, todas as cascas daquele absurdo de cebolas que havia descascado. À noite, dopo la cena, quando Nenê já havia se esquecido do episódio e parecia relaxado, Pascoalina o surpreende:

— T'ho preso, maledetto!

Eis que ela surge revigorada, cheia de força e poder, abanando novamente a grossa frigideira de ferro e gritando:

— Ascoltami scugnizzo, monello, svergognato! — puxando fortemente uma de suas orelhas.

— Nessuno al mondo mi può imbrogliare!

Imediatamente, Nenê sente uma água quentinha escorrer-lhe pelas pernas. Tinha se mijado todo e, logo após, sente uma pancada e uma dor profunda na bunda. Aquela frigideira de ferro era muito pesada mesmo. Ainda bem que desta vez sua avó não a chapara em

sua cabeça.

— Ui, ai, para nonna! Não fui eu!

— Zitto! Zitto, monello! Non parlare e non piangere... Disgraziato, svergognato! Se tuo nonno fosse vivo, saresti morto!

Em seguida, faz que ele busque a galinha infeliz no terreiro.

— Dai... Dai... Fa presto... — adianta-se.

Nenê engole o choro, vai até o terreiro e volta, entregando-lhe a linda galinha branca. A danadinha da dona Pascoalina pega a galinha e a coloca sobre a mesa da cozinha. Depois, pega o panelão que contém as cascas de cebolas aferventadas, agora transformadas em um líquido cor de canela. Diante dos olhos estarrecidos de toda a criançada, banha a galinha inteira, tingindo-a pena por pena e transformando-a numa linda galinha ruiva, igual às outras tantas que possuía.

As crianças buscam compreender essa atitude da nonna, enquanto ela rumina entre os dentes:

— Lascia stare. Francesca vedrà che qui, a casa mia, non c'è nessun pollo bianco. E che il poverello dei mio nipote non è nessun ladro.

Ao amanhecer, chega dona Francesca, com seus filhos, gritando no portão:

— Dona Pascoalina...

— Sì? — sempre irritada.

— Vim aqui buscá minha "pollo bianco" que quel moleque mi ha rapinatoÕ

Pascá, com cara de sonsa, lhe responde com as duas mãos abanando em sua direção, em forma de concha (gestual típico do sul da Itália):

— Come mai? Lei pazza? A casa mia non c'è nessun ladro. Non so di che cosa parli.

— Ma io voglio entrare per vedere se questo è vero!

— Entra, ma prima pulisci i piede, per cortesia.

Francesca obedece e limpa os pés antes de entrar. Entra botando o olho por todo o terreiro. Não vê nenhuma galinha branca, apenas várias galinhas ruivas que estavam a ciscar.

— Hai visto qualche pollo bianco?

R No, scusa mi. Estas crianças estão me deixando louca!

E assim dona Francesca sai pedindo desculpas à velha Pascoalina, dando uns petelecos na cabeça de seus filhos e xingando a vizinhança pela intriga que haviam feito com a sua amada amiga. Pascoalina triunfante abraça o neto querido, após tê-lo punido e defendido a honra da família.

Mães são assim mesmo. Às vezes, suas atitudes parecem incompreensíveis, injustificáveis, controversas e totalmente inaceitáveis. Mas o que é certo? Que tipo de comportamento você deve reprimir? Você deve estabelecer regras para a sua criança baseadas em seus próprios valores, lembrando-se sempre de que uma criança é uma criança!

Criança se suja. Corre, não anda, esse é o meio de locomoção natural dela. Ela fala alto, ri muito, faz arte e só quer brincar. Sofá e cama são feitos para ela pular e espelho existe para fazer caretas. Criança deixa tudo espalhado pela casa e nunca vai guardar as coisas tão bem como você o faz. Teima e quer ser ouvida. Enquanto você não escutá-la, ela não lhe dará paz. Criança é um ser naturalmente curioso, pois ela está descobrindo o mundo e acha que as pessoas estão a seu serviço.

Se você quer ter um bom vínculo com a sua criança, procure seguir os seguintes princípios:

- Aproxime-se dela quando ela estiver se comportando mal e crie um ambiente de intimidade. Por exemplo: Nossa! Como você está

brava hoje! O que aconteceu para ficar assim? Foi porque a mamãe não deixou você comer chocolate antes do almoço? Eu entendo que você está com vontade de comer o chocolate e que é muito ruim a gente ter vontade de fazer uma coisa e o outro não deixar. Eu sei o que você está sentindo. Está com raiva. Mas a mamãe não proibiu você de comer o chocolate. Você vai comer, sim, só que primeiro tem de almoçar, porque esta é a regra: a sobremesa vem sempre depois.

- Achegue-se dela quando perceber qualquer mudança de comportamento ou emoção, sem perder a paciência.
- Não converse com ela se vocês estiverem em clima tenso. Acalme-se primeiro.
- Respeite o que a sua criança sente, mesmo que você não concorde com ela.
- Não a ridicularize nem lhe diga o que deveria sentir.
- Ajude-a a nomear aquilo que ela está sentindo. Por exemplo: Você está brava. Você está triste. Você está ansiosa. Você está com medo.
- Não se sinta na obrigação de resolver todos os problemas nem se culpe por não fazê-lo.

Agora eu vou avançar alguns anos e você vai conhecer a geração da minha mãe e um pouco mais da história dela.

Segunda parte

Minha mãe

Há mulheres que dizem:
Meu marido se quiser pescar, pesque,
Mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
Ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar

Casamento, de Adélia Prado

Querer é poder



A minha mãe, como você pode ver, não teve uma vida fácil e introjetou um modelo de mulher muito forte, que era a sua mãe: minha avó.

Minha mãe foi uma lutadora. Não admitia que falássemos que algo era difícil. Respondia sempre: "Querer é poder". Mamãe não podia sair de casa quando jovem. Meus avós e seus irmãos, meus tios, ciumentos, faziam a vigilância sobre ela, pois era muito linda.

Todo final de tarde mamãe ficava à janela para ver a vida passar. Eis que um dia ela notou aquele que seria o grande amor de sua vida. Seus lindos olhos azuis se encontraram com os lindos olhos negros de um "almofadinha" muito elegante. Ele era um verdadeiro "Clark Gable". Sucesso entre as mulheres e invejado entre os homens, esse era meu pai: um lindo e refinado português. Todos os dias, à mesma hora, ele passava e a cumprimentava, tirando o chapéu e dando-lhe um sorriso. Essa era a maior emoção de sua vida.

Um dia, meu pai tomou coragem e chamou a tia Iolanda (a caçula das irmãs de mamãe), que estava na rua brincando, pedindo-lhe que entregasse um bilhete à sua irmã Felícia. Nele estava marcado um encontro. Minha mãe o recebeu e o escondeu imediatamente entre os seios, para ler mais tarde, quando estivesse sozinha. Mas o danadinho do seu irmão, o tio Orlando, viu essa cena e foi logo contar para a vovó:

— Mamma, a Felicceta está toda assanhada na janela. Acho que

ela está de olho naquele português todo arrumadinho, o “Alfacinha”.

— Felicceta! — grita Pascoalina. — Viene qui! Dai, DaiŒŒ

Mamãe sai da janela, arrumando o bilhete entre os peitos.

— Stai de olho naquele portoghese?

— No, mammaŒEle só me cumprimentou!

— Orlando, olha beneÕFica de olho nessa “sirigaita”, que non quero que se case com nessun portoghese alfacinha.

Minha mãe sempre lutou para ser ela mesma e, no dia marcado, arranjou um jeito de escapar da vigilância do irmão, indo encontrar-se com meu pai no “Largo do Colombo”. Foi um encontro rápido, mas o suficiente para se apaixonarem. Andavam e conversavam distraidamente quando precisaram parar diante de uma poça d’água. Meu pai, então, estendeu sua mão para ajudá-la a pular. Foi nesse momento que o danado do tio Orlando chegou. Exatamente na hora em que a minha mãe dava a mão ao meu pai. O que aconteceu? Isso mesmo. O céu veio ao chão, o caldo ferveu, a casa caiu e a Felícia acabou levando um safanão da mãe ao chegar em casa.

Como filha de calabresa e também teimosa como uma porca, a Felicceta tanto fez que se casou com o meu pai. Casaram-se e mudaram-se para o Rio de Janeiro, pois lá as condições de trabalho para o meu pai eram melhores.

Mamãe foi uma das primeiras mulheres do século XX que abandonaram os padrões tradicionais da mulher daquela época, que se casava para ser mãe. Montou uma escola de corte e costura, tornando-se, mais tarde, a primeira estilista de moda (como se diria hoje) daqueles tempos. Atendia mais de 100 clientes e alunas diariamente. Tinha até alunas internas, que vinham aprender com ela, vindas de outros estados. Era famosa, capa das revistas da época, lindíssima e elegante: a “madame Nunes”. Meu pai, um verdadeiro dândi, largou o trabalho e ocupou-se da administração dessa escola. Assim, mamãe

passou a ser a provedora da família. Naquela época, a nossa família era a mais moderna e se assemelhava às famílias de hoje, em que muitas mulheres têm autonomia financeira. Fizeram uma verdadeira fortuna e ajudaram suas famílias em São Paulo. Quando sentiram que dava para viver somente da renda dos vários imóveis que adquiriram, voltaram para São Paulo. Aqui chegando, cheios da grana, logo foram envolvidos por pessoas oportunistas e se meteram em péssimos negócios, perdendo tudo que tinham conquistado com muito trabalho.

Nessa época, eu tinha 7 anos de idade e, além de estarmos na miséria, fiquei seriamente doente. Tive uma glomerulonefrite, que me deixou oito meses de cama, sem poder me virar, sentar e, muito menos, levantar. Mamãe tinha de fazer pão em casa e comprar leite vindo dos Estados Unidos. A "madame Nunes" virou a "dona Felícia". Lavava e passava roupa na mão, não tinha uma ajudante. Falidos aos 60 anos de idade (sou filha temporã) e sem perspectiva nenhuma de sair desse lodaçal, lutavam novamente para conquistar o pão de cada dia. Lembro-me dos oficiais de justiça chegando à nossa casa e de minha mãe, aflita, implorando que nos poupassem, pois ela estava com uma filha muito doente e precisava medicá-la. Foi um período duro. Eu tinha hemorragias nasais constantes e precisava fazer várias transfusões de sangue. As visitas chegavam e diziam à minha mãe:

— Você precisa se conformar, Felícia. A Elizabeth não nasceu para ser tua por muito tempo.

E minha mãe ignorava essas palavras de "consolo". Somente dizia: "Querer é poder". Lembro-me bem de um dia — um dia que para mim parecia não chegar nunca —, o dia em que o médico disse:

— Você está curada. Pode se levantar.

Não acreditei de imediato nisso nem tive coragem de fazê-lo. Precisei que meus três irmãos, bem mais velhos do que eu, me dessem forças. Papai, mamãe, Nair, Orlando e Rogério ajudaram-me a sentar.

Tentei colocar as pernas para fora da cama e vi dois palitos peludos: a primeira imagem de minhas pernas após nove meses sem ter contato com meu corpo. Com ajuda, coloquei os pés no chão e tentei me levantar. Fiquei em pé, ainda com apoio, mas não sabia como andar. Meu cérebro tinha desaprendido essa ordem. Concentrei-me e pensei: "Preciso levar um dos pés à minha frente". E lá se foi um pé, se arrastando, e depois o outro. Vitória. Tinha ganhado a "São Silvestre".

Até hoje corro atrás do tempo que ficou perdido naquela cama. Acho que foi por isso que aprendi a sonhar e a fazer tantos projetos. Acho que foi por isso que aprendi a gostar tanto de brincar e saber transformar todos os momentos da minha vida em algo que me traga sabedoria, crescimento e maturidade. Aprendi a buscar a felicidade, mesmo nos piores momentos da vida e a aceitar a minha impotência.

Minha mãe era como uma tarantela: alegre e dinâmica. Enfrentava as situações difíceis com muita aceitação. Amava a vida e as pessoas. Meu pai era mais para o fado: melancólico, apaixonado e sonhador. Após a falência, ele se "enfiou" no nosso sítio e foi plantar uvas, na tentativa de se manter como agricultor. Minha mãe ficou em São Paulo, cuidando dos meus estudos e dos estudos do meu irmão Rogério, o único que ainda era solteiro. Nair, a mais velha, morava no Rio de Janeiro, casada com Sergio, e já tinha três filhos: Serginho, Denise e Patricia. Orlando, meu segundo irmão, morava em São Paulo, casado com Dora, com quem teve Marcus, Mauricio, Monica e Marcelo. Os meus sobrinhos tinham quase a minha idade e foram os meus grandes companheiros de infância. Infância regada pela liberdade com responsabilidade e pelas forças da natureza.

Tenho alguns episódios deliciosos para contar sobre a minha mãe e outros nem tanto. Minha mãe se levantava de madrugada, quando a criançada ia para o sítio, e fazia pipoca para nós. Era um rebuliço danado, pois despertávamos e fazíamos guerra de pipoca durante a

madrugada. Como se não bastasse, pegávamos o leite em pó, colocávamos na boca e falávamos com a boca aberta, jogando o pó uns sobre os outros. Minha mãe deixava! Ela entrava na folia. Dá pra acreditar nisso?

Uma vez, lá no sítio também, eu implorei para ir a cavalo fazer compras na cidade. Ela me deixou ir sozinha, sabendo que eu era uma "maluca" em cima da Faísca, a nossa égua. Voltei com duas sacolas de compras, uma de cada lado da sela. Galopei tanto, mas tanto, que em certo momento, com dó do pobre animal, parei para a Faísca beber água em um riacho. A coitadinha estava tão cansada que se deitou na água, comigo montada, e as sacolas boiaram.

Bem, cheguei ao sítio me sentindo um verdadeiro caubói. Entreguei as compras à minha mãe, esperando que ela fosse orgulhar-se de mim. Sabe o que ela fez? Pegou todos os tomates e bananas amassados e jogou na minha cara. Fiquei passada. O incrível é que até hoje a "ficha" ainda não me caiu, não entendi a sua reação.

Minha mãe passou a morar comigo quando papai faleceu. Ela era poderosa e dócil ao mesmo tempo. Amava tudo que era bom: amigos, festas, viagens, jogatinas e um bom vinho. Faleceu aos 104 anos, dizendo que a vida era linda e maravilhosa. Ela me ensinou que tudo passa se a gente não perde o desejo de vencer e superar as adversidades. É preciso também aceitar aquilo que não tem solução e rir, rir muito de nossos próprios erros.

As mães exercem positiva e negativamente um poder enorme sobre as filhas. Uma força grandiosa na psique feminina. Por mais que não se queira, toda filha se vê imitando a mãe ou cometendo os mesmos erros que apontavam em suas mães. A maioria das jovens se infantiliza diante da mãe e cada período do desenvolvimento da vida da filha desperta na mãe conflitos da sua própria vida. Se a filha é criança, a mãe revive a sua infância, assim como na adolescência, na

juventude e na maternidade da filha.

Alguém já disse que “a maravilha da maternidade não está no fato de as mães gerarem filhos, mas no de filhos gerarem mães”. Só depois de muita guerra para crescer, adquirir confiança em si, amadurecer e individuar-se é que a filha deixa de se infantilizar perante a mãe e, nesse momento fabuloso, ela pode ver sua mãe como uma mulher.

A minha infância



Meus amigos de infância, como já disse, eram os meus sobrinhos: uma tropa de crianças de todas as idades, lideradas por mim e pelo meu irmão Rogério, quatro anos mais velho do que eu. Meus pais eram rígidos, não me deixavam ter amigos, e eu vivia muito só. Mas quando a galera chegava...

A nossa infância foi de “arrasar” pois, como meus pais eram mais idosos, não tinham saúde e paciência para ficar de olho na gente e impor limites. Passávamos as férias inteiras no sítio dos meus pais. Naquele tempo não havia TV e muito menos luz e água. Meus pais não tinham automóvel e nos divertíamos com aquilo que a natureza nos oferecia: animais, plantas, frutas, terra, chuva, sol e tempestades medonhas.

Aquele era um dia especialmente quente e escaldante. Dava moleza nos bichos e inquietação nas crianças, ávidas por um bom balde d’água na cabeça. Tínhamos de puxar a água do poço para o banho e para as necessidades da casa, de forma que a água era racionada. O banho era de canequinha e a água para a descarga era

recolhida do enxágue das louças. Fazia calor...

— Tive uma ideia! Vamos fazer uma limonada? — perguntei.

— Eba! — gritaram todos, pois sabiam que uma simples limonada poderia se transformar em uma grande aventura.

— Vamu catá limão!

E assim fomos para o pomar catar limão-cravo, aquele limão vermelho parecido com mexerica.

Como cabeça de criança livre é "coisa do diabo", logo arranjamos um jeito de unir o útil ao agradável. O limoeiro estava carregadíssimo de lindos limões vermelhos e o chão repleto de limões podres. Que dó... Ao avistar tal desperdício, resolvemos aproveitar aquilo que a natureza nos oferecia e começamos uma deliciosa guerra de limões podres.

O Rogério era o mais forte e todos nós nos unimos para enfrentá-lo. Catapimba pra cá, catapimba pra lá, era limão na cabeça escorrendo para os olhos, era limão no meio da fuça, nas pernas, nos braços, cada porrada que dava vontade de chorar, mas ninguém poderia chorar, pois se transformaria no "cagão", no "cagueta", e sofreria até o final das férias com este singelo versinho: "Fugiu de medo, cagou no dedo"...

A gente aguentava o tranco. Doía, mas ninguém dava o braço a torcer. Sei que acabávamos esquecendo da limonada e, cansados, voltávamos para casa, loucos por um banho. Meu pai, também cansado, não topava pegar água no poço, que ficava no fim de uma ladeira. Para descer com os baldes vazios todo santo ajudava, mas para subir...

— Vocês vão se limpar com um pano úmido — ordenou. — Está muito calor e eu não vou buscar água debaixo desse sol quente.

— Mas Nunes... — minha mãe tentava lhe explicar. — Como é que eles vão dormir assim?

O “seu” Nunes era teimoso e inflexível:

— Eu não vou buscar água. Trabalhei demais.

— Mas vô... — tentávamos argumentar.

— Nada de teima! Se virem!

Mas criança tem um santo muito forte. A gente estava um caos. Melados, malcheirosos, era terra misturada com limão, pelo dos cachorros, esfolados, feridas arrancadas, machucados sangrando, cheirando a pau de galinheiro, quando o céu anunciou uma grande tempestade de verão. A chuva começou a cair grossa e minha mãe falou:

— Corram para a calha do telhado. Vão se lavar.

Era raio e trovão pra todo lado. Nós lá, e meus pais também na farra. Começamos a tomar banho com a água espessa e suja que escorria do telhado, mas como éramos muito criativos começamos a dançar e a correr na chuva de lá pra cá, escorregando no barro e fazendo guerrinha de lama. Pior a emenda que o soneto. Fomos dormir com lascas de barro por entre os dedos dos pés e entre os cabelos, mas felizes e de barriguinha cheia, com a sopa maravilhosa e quentinha que minha mãe nos preparava todas as noites com as sobras do almoço. À noite, sonhávamos que éramos heróis e nos preparávamos para a grande aventura que aconteceria no dia seguinte e superaria a do dia anterior.

Nunca fomos maltratados em nenhuma circunstância, mesmo quando acabava a paciência dos adultos. Fomos criados em uma família que sempre respeitou a individualidade e a individuação de cada um. Mesmo sem saber dos estudos de hoje, que mostram como abusos e maus-tratos na infância alteram a estrutura genética cerebral, meus pais já acreditavam na força de um bom vínculo afetivo.

Veja: embora fossem rígidos e/ou permissivos, meus pais não eram ausentes. Nenhum de nós se sentia abandonado. Os adultos

participavam de nossas vidas. Sentíamos que eles nos queriam, nos desejavam felizes com aquele pouco que dispúnhamos ao redor. E era esse desejo imenso de nos ver felizes que nos conferia um lugar no mundo e na vida deles. E assim nos construíamos como sujeitos.

Desenvolvemos recursos para lidar com nossas emoções, aprendemos a nos comunicar com clareza, carinho e respeito, a esperar a nossa vez para comer, tomar banho, usar o banheiro, falar, brincar e nos entender. Aprendemos a escutar o outro e a nos colocar no seu lugar. Aprendemos a dividir o que tínhamos, a economizar, a criar e aceitar regras. A ter conflitos e resolvê-los. Aprendemos a enfrentar nossos medos, a compreender nossos sentimentos, nossas vontades e desejos, assim como os do outro.

Bom humor



Trabalhamos o dia inteiro na construção da nossa Casa da Árvore. Catamos pregos velhos e enferrujados que estavam espalhados pelo sítio ou presos a restos das caixas das uvas que meu pai cultivava. Fizemos uma verdadeira operação "cata-bagulho" para poder construir a nossa Casa, a sede do nosso Clube, que ficava em cima de uma grande e frondosa árvore de fícus. Sobe criança, desce criança, sobe madeira, sobe martelo. Desce criança chorando com prego espetado no pé, desce criança com o dedo martelado, sobe suco de limão, cai criança da árvore, cai martelo em cima da cabeça de criança que está debaixo da árvore. Um "mafuá", e meus pais só na deles... Que lindos, que amados!

— Denise, me dá o martelo, que agora é minha vez de martelar — dizia o irritadinho Serginho.

— Vai se catá, eu peguei primeiro! — respondia Denise. — Isso era suficiente para o Serginho ter um "faniquito" e querer morder a Denise. O jeito de contê-lo era esticar o braço, colocar a mão sobre a sua testa, mantendo-o afastado. Não conseguindo morder, ele começava a chutar, vermelho de raiva, porque, como era mantido afastado, os seus chutes também não atingiam ninguém.

Rogério (Roger para nós, amantes do Roy Rogers, caubói de um seriado na TV), que gostava de ver o circo pegar fogo, começava a incitar a briga entre os dois:

— Vai, Schneider, campeão alemão. — Assim ele chamava Denise, referindo-se a um lutador de luta livre que fazia sucesso entre as crianças. — Vai, Schneider, taca ele no chão.

E aí o resto da criançada se dividia em dois grupos: um torcia pelo Schneider e o outro pelo Búfalo Bill (que era o Serginho, porque ele ficava bufando de raiva). E a turma botava fogo nos dois irmãos. Meus pais assistiam de longe e riam à beça, porque na verdade ninguém se machucava. Aquilo era mais uma encenação. Serginho acabava desistindo e entregava a luta, para decepção daqueles que torciam por ele, e Denise saía carregada nos ombros de sua "torcida", que gritava: "Schneider... Schneider..." Quando os nossos ânimos baixaram, meu pai inventou um martelo para Serginho, feito de pedra (ele se sentiu um índio comanche: o "Jalacobaca", mais um de nossos personagens), e assim, todos satisfeitos e felizes, voltamos ao nosso trabalho.

A casa não ficou lá essas coisas, olhando hoje com olhos de adulto. Pra dizer a verdade, eu nem teria coragem de deixar os meus filhos subirem naquela árvore cheia de aranhas, formigas e taturanas, quanto mais pisarem naquele tablado de madeira velha, tosca e com pontas de pregos enferrujados mal assentados. Mas, como sempre

digo, o nosso Anjo da Guarda era um verdadeiro Super-Herói.

Como se não bastassem toda a confusão e o trabalho da casa para nos satisfazer e nos cansar, resolvemos dormir no nosso "castelo" naquela noite. Coitados dos meus pais, a gente não sossegava. Parecíamos todos hiperativos, mas na verdade hoje constato que éramos somente crianças felizes e criativas, curtindo férias com os avós queridos, pacientes e saudosos, no meio do mato e dos bichos. Essa era a nossa verdadeira essência.

Como sempre, a "chefona" aqui, euzinha, tive a ideia. Reuni a turma imitando o toque da corneta do sargento do filme do Rin-tin-tin — tarará... tarará... (faço isso até hoje com os meus netos). Aquilo já significava grandes ideias e, portanto, todos vinham correndo:

— O que é? O que é?

— Vamos acampar na nossa casa da árvore?

— Eba... Eba... Que maneiro! (Meus sobrinhos que vinham do Rio de Janeiro, sempre me atualizavam nas gírias.)

O Rogério, como era o mais velho (e o mais sacana também), logo disse:

— Tô fora.

Isso nos desanimou um pouco; afinal, como ficaríamos sem a presença segura do Roy Rogers? E o medo?

Mas eu falei:

— Cês são muito cagões. Eu vou ficar — disse, torcendo para que os outros ficassem também.

Como a coragem era para nós uma questão de honra, todos resolveram ficar. Até a Patricia, que tinha uns 4 anos, e o Marcus (o filho mais velho de Orlando), que deveria ter uns 3 anos. Pegamos travesseiros, almofadas, cobertores e puxamos tudo para cima da árvore, usando uma corda pendurada. Enquanto víamos movimento na casa, através da luz amarelada do lampião aceso, sabíamos que

estávamos protegidos. Mas, quando o lampião foi apagado e somente o brilho dos vagalumes nos servia de referência, começou o "cagaço".

— Ai... Será que vai aparecer a "loira do banheiro"? (Naquele tempo ela já existia.)

— Psiu... Escuta... Que barulho é esse? Será um lobisomem?

— Ai... Eu tô com dor de dente — começou Denise.

— Não vem não, você vai aguentar, Schneider! Você não pode ir para casa! – eu respondia. — Porque se ela fosse todos iriam também, até eu...

— Eu tô cum medo... — dizia Marcus chorando.

— Tá bom, você é "café com leite", vai lá pra casa, vai.

E assim o primeiro a debandar foi Marcus.

— Mas meu dente está doendo...

— Vai pôr pinga no dente que passa — respondi.

Imagine você, quando a gente tinha dor de dente, meus pais faziam a gente ficar com a boca cheia de cachaça para anestesiar o local. A dor passava, mas era por causa do "pileque", acredito eu!

Só sei que a cachaça não adiantou e Denise "arregou". Quando a gente dormiu, ela saiu correndo e foi para casa. Amarelou. (Obs.: Denise, até hoje eu não perdoo você por aquela "mancada". Que amarelada!) Aí então eu comecei a ouvir uns gemidos:

— Serginho, acorda. Escuta... — sacudo o Serginho.

— UUUUUUUUUUUUU...

— UUUUUUUUUUUUU...

— Cê ouviu? Será que é a alma penada daquela velha que o seu José (o caseiro) diz que vê?

— Eu quero a mamãe... — choraminga a Patricia.

— Betty, eu acho que é... Vou levar a Pat pra vó.

— Mas você volta, né? Não vai me deixar aqui sozinha?!

— Olha bem, desce com cuidado. E se ela te pegar lá embaixo?

Leva dois tocos de madeira, faz um crucifixo se ela aparecer. Reza também, que eu fico olhando aqui de cima.

Serginho desceu primeiro, tateando no escuro, e eu lhe entreguei a Pat lá de cima, que, coitadinha, chorava muito. (Aliás, ela era a "manteiga derretida" da turma.) Já no chão, os dois pinicaram pra dentro de casa e eu estou esperando Serginho voltar até hoje. Ficamos eu e a "Alma Penada" naquela árvore. Peguei todos os cobertores e me cobri. Transpirava demais e mal conseguia respirar, de tão ofegante que estava. Pensava em São Miguel Arcanjo, em Jesus Cristo, em Santa Rita de Cássia, no meu Anjo da Guarda, enquanto a alma gemia:

— UUUUUUUU...

— UUUUUUUU...

Mas como eu sairia de lá? Que situação... "Se eu ficasse, o bicho me comia e se eu corresse o bicho me pegava." Estava com dor de barriga, dor de cabeça, enjoo, quando de repente ouço a minha santa mãezinha gritar:

— Rogério! Vem pra dentro... Para de judiar da Elizabeth!

O Rogério começou a rir de mim e de todos. Eu morri de raiva dele, pois não tinha como atacá-lo. Ele era o mais forte. Tasquei uns pedaços de madeira na cabeça dele, xinguei e pedi à minha mãe que o pusesse pra dentro. Continuei na árvore. Não dormi o resto da noite, mas também não dei o braço a torcer pra ninguém. Aliás, meu apelido era "Betty canivete, cai no fogo e não derrete". Até hoje eu me guio por esse rótulo nos momentos difíceis da minha vida. Isso me traz força, segurança e confiança.

Sou filha temporã. Segundo o analista Carl Gustav Jung, cada mãe contém a filha em si mesma e cada filha contém a mãe. Assim como cada mulher se vê recuando na mãe e avançando na filha. Para individuar-se, a mãe de meia-idade deve separar-se da filha na adolescência e, ainda, separar-se da sua velha mãe. Somente quando

mãe e filha crescem separadas é que ambas se tornam mulheres por inteiro. Complicado, não? Pois é: essa sou eu... Minha mãe foi uma mulher que nunca parou de crescer na vida, que se inventou e se reinventou muitas vezes, sempre que necessário, e foi isso o que ela me ensinou.

Identifiquei-me com o seguinte trecho de uma leitura que fiz do diário de Käthe Kollwitz, em J çqçì ôfkj óQc fftòfçó kèr kí çj (Nova York: Random House, 1974, p.242-3):

> Não quero morrer [...] Não quero partir antes de expressar meu talento e de cultivar a semente com a qual eu nasci, até que brote a última vergôntea [...] Não se trata só de que me permitam finalizar o meu trabalho — sinto a obrigação de terminá-lo [...] Parece que aí reside o sentido de todas as coisas [...] A cultura só se manifesta quando cumprimos o nosso ciclo de obrigações, quando realizamos os nossos projetos.

Agora que você já sabe de onde vim, já me conhece um pouco, vou contar-lhe algumas das minhas histórias como mãe. Você poderá entender algumas das minhas atitudes.

No final de cada história, abordarei o tema trazido para a atualidade, com o tratamento científico que a psicologia exige. Você poderá compreender como e por que certos comportamentos se estabelecem e encontrará algumas orientações para lidar com eles. Lembre-se de que todos nós temos uma história pessoal e de que só dá para entender uma conduta dentro de determinado contexto cultural, social ou familiar. O que é “normal” num contexto pode não ser em outro. Como odeio o termo “normal”, prefiro dizer: o que é aceito dentro de um contexto ou cultura pode não ser em outro.

Terceira parte

Eu e minha família

Eu sou como eu sou
vidente
e vivo tranquilamente
todas as horas do fim.

Cogito, de Torquato Neto

Alimentação



Amanhece e tudo se repete igualmente como em tantos outros dias, em que temos de nos apressar para sair, levar as crianças à escola e ir para o trabalho.

— Manhê... Vem me limpá! — grita um filho, sentado no "trono".

— Manhê... Ela sentou no meu lugar — choraminga outro, referindo-se à irmã, sentada à mesa no café da manhã.

— Manhê... Eu não quero leite! E esse lugar é meu! — defende-se um ao mesmo tempo que o outro rejeita o leite.

Ufa! Seis horas da manhã e já estou estressada, mas faço de conta que não é comigo e sigo em frente.

— Manhêê... Vem me limpáááá... — repete Kiko, o caçulinha, esquecido no banheiro.

— Ruy, Ruy... Cadê você? — clamo pelo meu marido, pedindo ajuda...

— Tô aqui no quarto! Estou ocupado! (Mentira! Estava jogando qfttçkffl í ç.)

— Você não me pediu para desmontar o qfttçkffl í ç? Pois é, eu estava desmontando... (Que desculpa...)

"Ai, que raiva", penso, "ele sempre tem uma carta na manga e aí eu é que sou a chata."

— Olha... Eu sei que você estava jogando qfttçkffl í ç. Não queira disfarçar. Você é o rei dos disfarces e eu já estou cheia de ter de fazer tudo sozinha.

— Que é, hein, vai querer brigar logo cedo? Vai começar a não acreditar em mim, é?

— Manhêê... Vem me limpáá... — grita impaciente e irritado Kiko novamente

— Manhêê... Eu não quero leite — choraminga Tatá, empurrando a caneca pro Dedé.

— Manhê... Olha a Tatá — reclama Dedé, empurrando de volta a caneca para ela.

— Cadê o lanche das crianças, Ruy? Você fica lá ligado nesse qfftçkffl í ç e eu tô aqui toda atrapalhada! Vai lá tirar o Kiko do banheiro... Por favor, me dê uma mão... Depois faça uma mamadeira para ele, enquanto eu organizo a cozinha.

— Tatá, tome o seu leite, filhinha — tentando manter a calma.

— Não quero... Não gosto — responde, empurrando displicentemente a caneca, fazendo cara de nojo.

— Cuidado! Não faz assim... — seguro firme a sua mão e grito: — Você derrubou tudo na toalha! Ai, meu Deus! Dê-me paciência!

Nisso eu escuto aquela vozinha vindo da consciência, que só aparecia para me deixar culpada:

— Você é desorganizada, impaciente, uma errada. Coitados dos seus filhos...

Cada vez que eu ouvia essa voz, lembrava de minha mãe me criticando. Parece paradoxal eu ter tido uma mãe tão permissiva e outra tão crítica. Acontece que eu tinha uma mãe nas férias, aquela maravilhosa que você conheceu, e outra no dia a dia: rígida, crítica e onipotente. Ficava extremamente angustiada, sentindo as dores de todas as minhas feridas infantis, ainda não cicatrizadas, que estavam expostas e sangrando.

— Tatá, quer saber? Dane-se... Não quer tomar o leite, não toma. Mas na hora que sentir fome... — Mal completo a frase, Dedé

argumenta:

— Ah! Ela você deixa não tomar todo leite, né? Eu também não quero!

Sentindo-me perdida, resolvo retomar a autoridade:

— Ah, não! Nada disso!

— Tatá, volte aqui... Toma já esse leite, senão te enfio goela abaixo (agarrando-a pelo braço e apertando sua boca, tentando fazê-la engolir o leite, enquanto ela se esgoela e se debate).

— E você, seu Dedé, não vem que não tem... Vai querer me encarar também? — dou-lhe uma encarada, com olhos faiscantes de ódio. Ele retorna "calminho" para o seu lugar à mesa, sentindo que a situação podia pesar para o seu lado, e recomeça a tomar o seu desjejum.

Tatá tentou engolir o leite que eu lhe enfiara goela abaixo, mas o devolveu em um jato de vômito. Olhei para aquela sujeirada toda e "joguei a toalha": — Muito bem, vocês venceram.

— Chega! Tatá... Vá para o carro. E você, Dedé, faça como quiser. Eu não mando nada mesmo...

Aí então chega Gabi, minha filha mais velha, toda apavorada:

— Xiiii, mãe... Eu não fiz a lição de casa! E agora? Você me ajuda?

— Oh! Não!

A questão da alimentação infantil, na maioria das vezes, é uma das grandes armadilhas para pegar as mães ansiosas. O alimento pode se transformar em um instrumento de controle e manipulação. As coitadinhas das mães, que apenas querem ver os seus filhotinhos bonitos e saudáveis, caem direitinho. Os filhos conhecem muito bem nosso ponto fraco. Usam-no para fazer um jogo com a gente. Mas por que fazem isso? Recomendo que olhe para dentro de si e busque a resposta. Geralmente, fazem isso para ter a sua atenção toda voltada para eles, para controlar o seu tempo, deixá-la preocupada, disputar o

poder com você ou se autoafirmar. Mas acredite: algumas das vezes, até porque não gostam realmente do alimento oferecido ou porque não estão com fome. (Eu mesma parei de cozinhar porque a minha comida é horrorosa.)

Que atitude tomar? Em primeiro lugar, não entre no jogo da criança. Não vá se estressar nem estressar o seu filho. Deixe o seu prato feito. Diga que quando ele tiver fome o prato estará ali, à sua disposição. Não mantenha guloseimas em casa. Existem mães que se queixam que os filhos não comem e, em compensação, enchem-nos de guloseimas nos intervalos das refeições. Então na hora das refeições eles não terão fome mesmo. Dê-lhe também um bom vermífugo! As crianças costumam ter muitos vermes e isso mexe com o apetite, com a disposição e o humor delas.

Criança também se deprime e isso é sério! Comer em excesso ou não comer é muito preocupante. Investigue a causa do sintoma. Faça pratos com boa aparência. Permita que a criança prepare seus pratos. Acostume seu filho a fazer as refeições com a família, sentados à mesa. Ensine-o a mastigar bem os alimentos, prática que poderá controlar a obesidade. Estudos recentes mostram que uma alimentação balanceada estimula o desenvolvimento da inteligência infantil e certos alimentos devem ser consumidos ou evitados em determinados horários.

Observe as seguintes questões:

- Qualquer tipo de alimento com açúcar provoca sonolência. Portanto, não o sirva no lanche da manhã ou à tarde.
- O carboidrato é excelente para a produção de energia. Sirva-o na refeição que antecede a ida para a escola, no desjejum ou no almoço. Quando oferecido antes da hora de dormir, ajuda a produzir a serotonina e, portanto, um bom sono.

- As proteínas são lentamente digeridas e transformam-se em aminoácidos, excelentes para as funções de atenção e concentração. Se forem adicionadas aos carboidratos, darão um bom equilíbrio ao desjejum e ao almoço.
- A carne é indispensável, pois produz o “ferro heme”, necessário à oxigenação do organismo e principalmente do cérebro, que sem esse nutriente torna lento o processo do pensamento.
- Leite, ovos, cereais, feijão, soja e legumes produzem o “ferro não heme”, de pior absorção que o “ferro heme”. Portanto, quem não come carne deve abusar desses alimentos e ainda complementá-los com muito suco de laranja, morango ou goiaba para ajudar na absorção deste tipo de ferros.
- Carnes e verduras de cor amarela, laranja ou verde são ricas em vitamina A, indicada para evitar doenças infecciosas, gripes e viroses.
- Peixe é um alimento rico em proteínas e fósforo. O fósforo contribui para ativar a memória.

Se você tem a mania de atochar comida nos outros, tome cuidado para não transformar seu filho em uma criança obesa. A obesidade é uma doença. Trata-se de um transtorno alimentar. Um fenômeno que preocupa as autoridades da saúde em muitos países e está se alastrando entre crianças e adolescentes em proporções assustadoras.

A comida sempre teve uma conotação afetiva nas sociedades. Recebemos um amigo e logo lhe oferecemos algo para comer ou beber. Comemoramos tudo com comida. As mães e avós chantageiam seus filhos com comida. (“Olha que gostoso que a vovó fez pra você” ou “Se você não comer, a mamãe fica triste”.)

As crianças sem atividades físicas, sedentárias diante da TV, solitárias ou carentes, muito provavelmente buscarão na comida a

compensação de suas insatisfações ou tédio. Preste atenção se o seu filho não está indo por esse caminho! A criança tem de comer para "matar" a fome e não porque tem vontade de comer (ou porque você acha que ela deveria estar com fome).

Pesquisadores das universidades britânicas de Glasgow e Bristol acompanharam o hábito de nove mil crianças nos últimos 14 anos e concluíram que o ambiente em que foram educadas teve tanta influência quanto a herança genética nos casos de obesidade infantil. Cientistas do Laboratório de Clínicas Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP) descobriram que a gordura de origem animal atua diretamente no hipotálamo, região do cérebro responsável pelo controle do apetite e gasto energético. Concluíram que a gordura mata os neurônios encarregados de transmitir a informação de que o corpo já está saciado.

As refeições devem acontecer em um clima agradável. Não transforme esse momento em uma tortura familiar. A criança se organiza para a hora das refeições por volta dos 7 anos. Ela pode perder a fome pela obrigação de comer. Não coloque o seu estômago no estômago do seu filho.

Observe os fatores que levam à obesidade infantil:

1. Mães que engordam muito durante a gravidez.
2. Bebês com peso e altura superiores à média entre 8 e 18 meses.
3. O peso dos bebês ao completar 1 ano não deve ser superior a três vezes o que eles pesavam ao nascer.
4. O crescimento no primeiro ano de vida não deve ser superior a 25 cm.
5. Bebês que dormem menos de dez horas por noite apresentam cansaço diurno e, consequentemente, realizam menos atividades físicas.

6. Crianças acima de 3 anos que assistem a mais de oito horas semanais de TV.
7. Aparecimento de gordura localizada antes dos 4 anos de idade.
8. Filhos de pais obesos têm mais tendência à obesidade, até mesmo pela imitação de seus maus hábitos de comportamento e alimentação.

Por outro lado, veja se você tem "mania de dieta". Algumas crianças e adolescentes, criados em um ambiente em que exista a preocupação excessiva com a manutenção de um corpo magro e com a beleza, passam a desenvolver anorexia. Hoje em dia, a anorexia e a bulimia são recursos utilizados pelos jovens para emagrecer. A maior incidência de casos desses dois transtornos se dá entre os jovens de 12 a 18 anos. Na anorexia, acontecem a negação total em alimentar-se ou o consumo de apenas 400 calorias diárias. Na bulimia, ele se alimenta e, em seguida, provoca o vômito. A anorexia é a doença psiquiátrica que causa o maior número de mortes. Geralmente, essas mortes ocorrem por parada cardíaca, insuficiência renal e suicídio. As mulheres são as maiores vítimas desses transtornos.

A vida sedentária está levando os jovens a doenças muito graves, como o diabetes e o aumento de colesterol no sangue. Aproximadamente 25% das crianças com até 12 anos de idade apresentam alto nível de colesterol, ou seja, o acúmulo de gordura no sangue. Uma dieta saudável, à base de arroz e feijão, é o que falta para essa geração dos hambúrgueres e das frituras. A prática diária de atividades físicas é fundamental a todos: crianças, jovens, adultos e idosos.

Vamos lá: interrompa um pouco esta leitura e vá pular corda com seus filhos.

Culpa



Depois de muita confusão para colocar toda a bagagem no carro, inclusive a Pirulita, é lógico! (Pirulita era a nossa cadela èks pelo-de-arame.) Férias... Adeus, São Paulo. Ah! Ia me esquecendo de contar a discussão para decidir quem sentaria do lado da janela. Quem ganhou foi minha mãe, que após a morte do meu pai passou a morar conosco e também competia com as crianças por tudo, inclusive pela minha atenção.

— Manhê... A Gabi tá me cutucando — reclama Tatá, queixando-se da irmã que lhe beliscava sorrateiramente.

— Gabiiii... Você é a mais velha, não crie casos!

— Manhê... Ói ela — repete Tatá.

— Para, Gabriela Nunes Monteiro — repito, chamando-a pelo nome inteiro e já gritando.

— É ela, mãe... Eu tô quieta — responde Gabi.

— É nada... É você, sua mentirosa — retruca Tatá, mostrando-lhe a língua.

— Manhê! Ela me mostrou a língua.

— Chega, chega, chega! — Como se uma luz "divina" me iluminasse, tive uma ideia:

— Vamos brincar de "Qual é a música?"

— Eba! — todos gritam alegremente.

— Que música tem a palavra "balão"? — pergunto.

— z ffPã ffPä ìâk... — falam todos ao mesmo tempo.

— Eu falei primeiro — diz Tatá.

— É nada, fui eu — retruca Gabi.

— Fui eu, eu... — tenta ganhar espaço Dedé.

— Ai, meu Deus! — comecei outra encrenca.

— Peraí! Quem falou primeiro foi a Tatá — conserto, tentando ser justa.

— Não, senhora, você sempre protege a Tatá! — interfere minha mãe, indignada. — Você tem que favorecer o Kiko, que é o caçulinha.

— Mãe, por favor... Não comece outra confusão...

— A vovó só gosta do Kiko — choraminga Tatá.

O pai, como sempre distraído, aumenta o som do carro e grita:

— Silêncio! Não consigo curtir a música.

— Manhê...

— Que foi, Dedê?

— Tô com sono!

— Dorme aí, encosta na vovó.

— Num quero, a vovó só gosta do Kiko.

— Não falei que o Dedé não vai com a minha cara? — queixa-se minha mãe.

— Mãe, o Dedé é uma criança, a senhora é que precisa chegar-se a ele!

— É... Estou sempre errada mesmo. Você só dá razão aos seus filhos.

— Mã... Quero dormir. Falta muito pra chegar? Tô cansada!

— Mã... Tô com fome!

— Mã... Quero fazer xixi!

— Mã... Tá apertado aqui...

— Mã... Tô enjoada. Quero vomitar...

"Ai, como criança enche!"

Eu tenho um respeito e um carinho enorme pelas mães. As sociedades logo buscam culpá-las pelos erros ou defeitos de seus filhos. Ninguém busca o erro na figura paterna.

Algumas mulheres perdem totalmente a identidade quando se

tornam mães. Abandonam o que antes faziam e gostavam. Algumas passam a vestir-se de maneira diferente, deixam de ser as companheiras de seus namorados ou maridos, passam a exercer o papel de mãe 36 horas por dia. Chegam a ser mães de seus próprios maridos. O pior é que ficam chatas demais...

Mães que dão muito também exigem muito. Costumo sugerir algumas dicas para as mães não esquecerem de viver o seu lado mulher. Essas dicas também constam do meu livro zòfftj ck èfftkó çí ôçí nkó cfftãçfft (São Paulo: Mercuryo, 2002).

- Fique linda para você, planeje o seu dia, deixe as crianças com alguém e faça somente aquilo de que gosta. Imagine-se a mulher mais feliz do mundo. Não permita que nada ou ninguém tire esse direito seu.
- Reúna-se com pessoas agradáveis e saia para um "bate e volta" até a praia, numa pequena viagem de almoço.
- Procure sempre se lembrar da criança que ainda vive dentro de você e se dê pequenos mimos.
- Observe o mundo com os olhos de uma criança e você se surpreenderá diante de tanta beleza que ainda existe.
- Divirta-se como uma criança e deixe que seu filho tenha a infância dele.
- Muitas mães se perdem porque acabam se enxergando em suas mães ou em seus filhos. Separe o que é uma dificuldade sua do que é uma dificuldade do outro.
- Não espere a sua paciência se esgotar para pôr limites. Se você age quando ainda está calma, corre menos riscos de errar. Lembre-se de que o castigo só é bom quando tem uma função educativa e não meramente punitiva, ou apenas quando serve para descarregar a sua raiva.

- Mais uma vez: não queira ser perfeita, onisciente, onipresente e onipotente. Aceite os seus próprios defeitos e limitações. Quando não exigir tanto de si, você será mais tolerante com os outros.
- Não tente impor as suas soluções para os problemas dos outros. Deixe que seu filho aprenda com seus próprios erros. Permita-se também errar. Se você criticar menos a si mesma, será menos crítica com os outros.
- Não dê importância às críticas quanto à educação que você dá. Olhe para dentro de si e veja se está sendo um bom modelo. Veja os seus sentimentos. Acredite naquilo que você pensa, confie na sua escala de valores e eduque seus filhos de acordo com ela.
- Não ignore as suas emoções nem tente dirigi-las. Pare e escute a si mesma com consideração. Em primeiro lugar, as coisas têm de estar bem para você.
- Escute as suas emoções para saber o que você realmente sente.
- Imponha-se certos limites, pois você não é obrigada a fazer tudo. Saiba dividir tarefas com os outros e a priorizá-las.
- Esteja atenta aos seus desejos e procure satisfazê-los. Arrisque-se a sonhar mais. É a partir dos sonhos que tudo começa.
- Não esconda seus sentimentos, fazendo de conta que está tudo bem. Às vezes é bom que os filhos vejam os momentos de "baixo-astral" da mãe.
- Procure não sofrer a dor do outro. Você pode oferecer o seu ombro e o seu afeto, mas não deve se afundar na tristeza ou nos problemas daqueles que a cercam.
- Nunca tema as reações de seu filho. Enfrente-o sempre que necessário e confie na sua capacidade de contê-lo.
- Embora você sofra quando o seu filho sofre, não misture os seus sentimentos com os dele. Ambos, com certeza, são diferentes.
- Também não se sinta culpada nem na obrigação de solucionar os

problemas das suas crianças. Às vezes pode ser necessária a intervenção de outras pessoas da família ou até de especialistas. As frustrações e as decepções são fatores fundamentais para que se possa entrar na vida adulta.

- Quando você estiver muito ckr j , chame os amigos de seus filhos para brincar em casa com ele, ou mande-o à casa de coleguinhas ou parentes. Tire férias de filho, de marido. Não queira ser de ferro nem mostrar que é uma heroína. Atualize-se. O amor materno não é incondicional.
- Pense sempre em seu bem-estar, até para poder estar legal e cuidar de tantas coisas.
- Não queira ser amiga de seu filho. Dessa forma, você perderá o seu papel, que é o de ser mãe. Você pode e deve ter uma "postura" amiga, o que é diferente de "ser" amiga.
- Esse negócio de deixar o filho dormir na cama do casal já acabou com muitos relacionamentos. Pense bem, pois é um recurso que muitas mulheres usam para evitar as relações sexuais. Isso não é aconselhável, o melhor é encarar o que você está sentindo e resolver o problema.
- Escutar as emoções e os sentimentos inclui ter um tempo para meditar, orar, escrever, pintar, desenhar, cantar, tocar um instrumento, dançar, porque isso leva a um contato profundo com o seu "eu". Os sentimentos muitas vezes não têm lógica. Portanto, permita-se somente senti-los.
- Esqueça a sua função de educar e, às vezes, veja o seu filho com olhos de criança. Deixe-o faltar à aula para fazer um programa especial com ele. Não leve a vida tão a sério!
- Na vida, arrependa-se mais das coisas que você deixou de fazer do que das que fez. Corra mais riscos.
- Ofereça diferentes opções de vida a si mesma, não se coloque em

um beco sem saída. Se um problema não tem solução, você não precisa se preocupar, uma vez que não há o que fazer mesmo. Agora, se tem... Não se preocupe tanto também, já que ele tem solução.

- Não se desespere com as exigências de seu filho. Estudos mostram que uma criança, em fase pré-escolar, faz três exigências por minuto.
- Não queira suprir a ausência paterna. Você só pode ser mãe e o seu filho terá de aprender a viver com essa ausência ou com o tipo de pai que tem: omisso, ausente, seja lá qual for o problema...
- Quando a sua raiva ou ansiedade estiverem altas, vá arrumar os armários e gavetas. Dê um fim àquelas roupas que você não usa há muito tempo, jogue os "trapos velhos" fora, doe aqueles sapatos tortos, arranje espaço em sua vida para coisas novas, belas e modernas. Tome um banho demorado e cheiroso. Dê alguns minutos de paz a si mesma!
- Separe o lazer do trabalho. Quando faltarem 15 minutos para o fim do expediente, escreva uma lista do que tem para fazer no dia seguinte e vá para casa, desligando-se. Saia do trabalho pensando em chegar a casa para curtir a sua família e combine com todos que a chegada da mamãe é o momento de contar só coisas boas.
- Caminhe prestando atenção na sua respiração. Inspire e expire mantendo sempre o contato consigo. Observe também os seus passos, o seu pisar, o contato da sola dos seus pés com o solo. Mantenha sempre um ritmo que lhe seja confortável e harmônico, para que não entre em ansiedade.
- Rir é o melhor remédio. O humor vence o estresse e a depressão. Não leve as coisas tão a sério. Permita-se rir de seus erros. O bom humor atrai gente interessante. As boas risadas sempre ficam na memória.

- Atividades físicas regulares também são importantes para vencer o estresse e a depressão. Liberam as endorfinas naturais do organismo.
- Pense e faça mais sexo. Quanto mais fizer, mais desejo terá. O sexo relaxa, rejuvenesce, traz bom humor, vontade de viver e acima de tudo... Dá prazer.

Mas não se anime muito, pois, por mais que você faça e tente fazer tudo certo, sempre vai ter um "espírito de porco" que vai querer acabar com você.

Leia só o absurdo que está escrito a seguir. Desconheço o "engraçadinho" do autor.

Tudo que eu precisei saber aprendi com a minha mãe[1]

Minha mãe me ensinou a valorizar um sorriso:
— Me responde de novo e eu te arrebento os dentes!
Minha mãe me ensinou a retidão de caráter:
— Eu te ajeito nem que seja na base da pancada!
Minha mãe me ensinou a ouvir:
— Abaixa o volume senão eu quebro esse aparelho!
Minha mãe me ensinou a apreciar e a preservar um trabalho benfeito:
— Se você e a sua irmã querem se matar, vão para fora. Eu acabei de limpar a casa!
Minha mãe me ensinou a ter fé e esperança:
— É melhor você rezar para não ficar em recuperação.
Minha mãe me ensinou a lógica:
— Porque eu estou dizendo que é. Vai! Acabou e ponto final.
Minha mãe me ensinou o que é motivação e fundamentação:
— Continua chorando que eu vou lhe dar uma razão verdadeira para você chorar!
Minha mãe me ensinou a lidar com a contradição:
— Fecha a boca e come!
Minha mãe me ensinou a ter força de vontade e perseverança:
— Você vai ficar aí sentado até comer tudo.
Minha mãe me ensinou a me proteger e defender:
— Se apanhar na escola ou na rua e aparecer todo machucado, vai apanhar em dobro quando chegar aqui em casa!

Obrigado, mamãe.

Saiba tomar decisões sérias. Toda decisão implica ganhos e perdas. Antes de resolver qualquer coisa pense: o que eu quero realmente? Pra que isso me serve? Isso me fará feliz?

Negocie consigo mesma. Aprenda a se desapegar daquilo que não lhe serve mais, pois todo fim de uma história é o começo de uma nova.

Não tema errar e correr riscos. O risco é a chave do sucesso. Aprenda com os seus próprios erros.

Não se deixe dominar por nenhum medo. Às vezes, o "diabo não é tão feio quanto parece".

Quando se enfrenta o medo, ele deixa de existir e você se fortalece.

Seja você mesma. Não queira ser o outro. Já é tão difícil ser o que se é, quanto mais querer ser o que não se é!

Nunca decida nada se você estiver tensa ou triste. Acalme-se primeiro. Às vezes é melhor deixar que o tempo nos mostre a solução, mas não adie eternamente as suas decisões.

Uma vez tendo se decidido por algo, não fique pensando naquilo que deixou para trás. Estudos mostram que as pessoas sentem muito a dor da perda, mas também se alegram muito mais com a grandiosidade de suas conquistas. Já é uma grande vitória perceber que, apesar de não termos alcançado aquilo que desejávamos, fizemos o melhor que pudemos.

Quando as preocupações se tornam crônicas ou viram mania ou mesmo uma forma de viver, o indivíduo desenvolve um padrão de pensamento que passa a dificultar a assimilação e o entendimento daquilo que o rodeia. Isso leva o organismo ao estresse ou ao desenvolvimento de um transtorno de ansiedade. Não sofra por antecipação. Deixe que as coisas sigam seu rumo.

Anote tudo que a preocupa. Depois coloque uma ordem de prioridades para resolver um a um os problemas e deixe para o final aqueles sem solução, visto que eles não vão se revolver. Estudos mostram que as pessoas muito preocupadas apresentam certa compulsão por controle, isto é, uma necessidade de manter o controle sobre tudo. São controladoras!

Um artigo publicado pela jornalista científica Victoria Stern, na revista F çj ôç ç zdòçädk (São Paulo: Duetto Editorial, n. 206, ano XVII) aponta os seguintes conceitos-chave a respeito da preocupação excessiva:

- A inquietação e as conjecturas sobre o futuro são tendências naturais e obedecem a processos cognitivos similares aos que o nosso cérebro usa para resolver problemas. Mas para alguns se transformam em um estado constante e indesejável de inquietação. Os preocupados crônicos têm compulsão por uma sensação de controle que parece nunca ser atingida.
- Muito tempo dedicado à aflição mina a capacidade de o organismo reagir ao estresse, enfraquecendo o sistema cardiovascular e perturbando a função emocional normal, causando problemas de sono e de alimentação.
- Em sua manifestação patológica, a "pré-ocupação" pode ser associada ao transtorno obsessivo compulsivo (TOC), um distúrbio de ansiedade que pode ser incapacitante e merece tratamento.
- Acredite em você mesma. Isso é vital para conquistar uma vida equilibrada.

"Gente boa é boa porque chegou à sabedoria pelos fracassos", segundo o dramaturgo William Saroyan.

Birra



Naquele tempo (que coisa boa!), as crianças tinham um bom espaço para brincar. Danaram-se o dia todo. Dia quente de verão, brincando na frente de casa, com a piscininha de plástico, a barraquinha de armar, areia, argila, sujaram-se à beça. Deram banho no cachorro, fizeram piquenique na beira da piscina e, por incrível que pareça, não armaram nenhuma briga. Estava um final de tarde maravilhoso. Passei o dia cuidando da casa e olhando a brincadeira dos pequenos lá fora. Quando o sol estava mais baixo, chamei a turma:

— Ei, pessoal! Que tal um banho e um passeio com direito a sorvete?

— Eba!

Eles largaram os brinquedos do jeito que estavam e, enquanto se enfiavam no chuveiro, recolhi a bagunça rapidamente, deixando tudo em um canto do quintal para que, na volta, eles arrumassem direito.

Vestiram-se sozinhos e fomos para a rua. Acomodei Kiko, o bebê, no "canguru", em minhas costas. A filha número 3, Tatá, no carrinho. Os dois mais velhos, Gabi e Dedé, me acompanhavam a pé. Ah! Faltou o cachorro: Pirulita ia presa à guia e mijando em todos os postes.

Morávamos em uma vila gostosa, perto de uma rua de grande comércio e movimento, de modo que instruí os mais velhos a manter-se sempre próximos, porque não tinha as mãos livres para protegê-los. Isso mesmo. Essa "pobre" mãezinha tinha quatro filhos e um cachorro malcriado para educar.

Lá ia eu, empurrando o carrinho com a Tarsila, o Samuel à minha esquerda, Gabriela à direita, segurando Pirulita e trazendo o Francisco amarrado às minhas costas. Era incrível a minha sensação de orgulho e

plenitude. Sentia-me desfilando em meio a uma avenida, no alto dos meus 30 anos, com quatro filhos lindos e sendo aplaudida por uma multidão de pessoas. Eu me sentia uma verdadeira rainha. Não cabia em mim de tanto orgulho de minha família. Não via ninguém. Só via os meus filhos, os meus filhos. Na verdade, quem me visse naquela situação poderia pensar: "Pobre coitada, parece uma retirante nordestina, fugindo da seca". Tinha até a cachorrinha Baleia (personagem de Nfft óçã ó).

Íamos conversando, observando as lojas, os cachorros da vizinhança, falando com os comerciantes conhecidos, cumprimentando as pessoas que mexiam com a gente. Claro que, de vez em quando, eu tinha de dar um safanão no Dedé, que insistia em largar a mão do carrinho e correr pela rua. Claro também que eu tinha de espantar os cachorros, que vinham cheirar o "fiofó" da Pirulita. E as crianças morriam de rir. E lógico que eu tinha de dizer "não" a todos os pedidos de "compra, mãe". E quanto à Tatá eu tinha de brigar com a pequena, porque ela não queria que seus irmãos segurassem em seu carrinho. Fora isso e o Kiko, que me pesava nas costas e insistia em me dar tapas na cabeça, corria tudo às mil maravilhas...

Tomamos os sorvetes, não antes de as crianças brigarem sobre os sabores a serem escolhidos. Depois de uma sessão de lavagem de caras, roupas e mãos melecadas, paramos em um bazar para comprar material para as crianças fazerem "artes". Como você pode ver, eu era uma mãe aparentemente normal e muito dedicada.

Logo os filhos foram pedindo:

— Eu quero argila.

— Guache.

— Massinha.

— Cartolina.

— Canetinha.

A Tatá, que estava presa no carrinho, logo começou a criar confusão:

— Me tira daquiiii! Me tira daqui!

Diante de tanta insistência, tive de carregá-la no colo. Como até aquela hora não havia acontecido nada de errado (o que já era de estranhar), o circo começou a pegar fogo:

— Você não me pega, você não me pega...

Começa então o corre-corre entre Gabi, Dedé e a Pirulita dentro da loja.

Quando as crianças percebem que seus pais estão ocupados, querem atenção. Sentem-se seguras quando estão diante de estranhos, pois sabem que os pais não têm coragem de brigar com elas, com medo da crítica. Deitam e rolam...

Sempre preocupada com as críticas, agarrei discretamente cada um pelo braço, apertando-os, e disse entre os dentes (disfarçadamente, olhando para os lados para que ninguém me visse num iminente acesso de loucura):

— Se vocês não pararem já, eu acabo com vocês e não compro mais nada!

Gabi grita:

— Ai... Não me belisca, sua bruxa. Você tá me beliscando! Foi o Dedé que começou, esse idiota. Você só briga comigo!

Olhando timidamente para os lados, procurei ver se tinha alguém me criticando pela "maldade" e, disfarçando a minha insegurança, disse ao Dedé:

— Para! Você não vê que a sua irmã é pequena e quer imitar você? — referindo-me à Tatá, que já me escapava dos braços, pedindo chão para zoar com os mais velhos.

— Buáááá... — chora Tatá, enquanto se retorce inteira em meus braços, acertando pontapés no Kiko.

Ao mesmo tempo, os dois “maus elementos” recomeçam as provocações e o corre-corre na loja.

— Parem vocês dois. Que feio! Vou contar para o papai! — ameacei enquanto eles se jogam no chão, diante da minha tentativa em segurá-los pelo braço.

Cometo o grave erro de dizer-lhes que vou contar o sucedido ao pai. Assino o meu atestado de incompetência: “Eu não tenho autoridade com vocês”. Aí, então, o domínio é deles.

— Chega! — grito desesperada, ao mesmo tempo que Gabi chuta o irmão que está largadão no chão.

— Levantem! — ordeno, tentando levantá-los, mas não conseguindo, pois eles mais parecem um saco de batatas.

As pessoas começam a nos cercar e a olhar com reprovação. Senti-me exposta: ora tirana, ora tiranizada por aqueles dois pequenos “aliens”. Sempre havia criticado as birras dos filhos dos outros dizendo: “Ah! Se eu fosse a mãe dessa criança”. E agora eu é que estava nessa terrível situação...

Enfio a Tatá no carrinho. Era hora de sair dali, antes que, em fração de segundos, eu me enterrasse de vergonha. Desisti das compras, peguei os dois “delinquentes” pelo braço e saí da loja rapidinho.

Voltei pelo caminho, rogando pragas e ameaças:

— Vocês vão ver quando o papai chegar em casa o que vai acontecer...

Quando estamos chegando, ouso olhar para mim. Nesse momento, me dou conta de que há algo estranho. Falta alguma coisa... Estão me sobrando mãos...

— Céus! A Tatá!

— Gabi... Dedé, cadê a Tatá? — procurando-a ao nosso redor.

— Xii... Mãe!... A Tatá ficou na loja! — disseram os dois.

Por via das dúvidas, olhei para trás para me certificar de que Kiko

estava mesmo comigo. Ufa! Que alívio! Lá estava ele... presinho às minhas costas. E até agora calmo, babando em meus cabelos o pirulito que chupava.

Voltamos todos voando para a loja.

— Manhê... Mais devagar!

— Manhê... Eu caí!

— Manhê... Não aguento!

— Calem a boca! Se vocês não tivessem feito tanta bagunça, isso não teria acontecido! Vocês vão ver quando o seu pai chegar!

Nessa hora, eu não conseguia pensar em outra coisa a não ser no desespero da Tatá, no meio de pessoas estranhas, longe da sua mãe amada, única, querida e insubstituível. "Ela vai sofrer a angústia do abandono" (dentro da teoria do apego, traria danos irreversíveis ao desenvolvimento de sua personalidade). "Que crueldade!"

Que mãe desnaturada eu fui... Será que um dia esse meu ato teria perdão? Algum dia eu poderia reparar tamanha falha? Será que a Tatá não cresceria com problemas? Aliás, segundo Freud, isso só poderia ser um ato falho. Sim, um ato falho. Vai ver que eu rejeito a Tatá e isso foi um ato de rejeição (pensava pelo caminho em todas as maneiras de explicar tal desumanidade e de me culpar). "Nunca vou me perdoar. Isso não tem perdão." Durante o curtíssimo trajeto de volta, me crucifiquei de todas as formas, buscando todas as teorias que havia aprendido sobre o desenvolvimento infantil.

Ao chegar à loja, o que encontro? Vejo a Tatá, sentada no chão, brincando com duas balconistas, rindo e se divertindo a valer. Na hora que ela me viu, assustou-se com minha atitude angustiada de abraçá-la e beijá-la como se não a visse há um mês. Ela se afastou, pois queria voltar às brincadeiras:

— Chega... Mamãe, vem brincá...

— Não, Tatá... Agora vamos pra nossa casinha, que já é tarde!

— Não, mamãe! Qué brinca mais... Senta qui, senta... — batendo com a mãozinha no chão.

Filhos... Vá entendê-los...

A birra se inicia por volta dos 18 meses como uma tentativa de autoafirmação. Dependendo da atitude dos pais, ela se instala como um comportamento aprendido. A criança percebe que diante dos outros os pais se sentem inibidos de educar, e assim os manipulam. Portanto, não se envergonhe de educar seu filho. Ele se joga no chão para conseguir o que deseja, tem ataques de raiva ou choro, xinga, chuta, chegando até a desmaiar.

Se o seu filho já aprendeu a fazer birra, é melhor esperar que a crise termine para depois interferir. Se você for interferir durante a crise, "vai sobrar pra você". Espere que ele se acalme (e você também se acalme) para dialogar.

Faça contratos com ele antes de sair. Combine que, caso ele faça birra, o passeio se encerrará imediatamente. Cumpra os acordos estabelecidos.

Crie regras usando razão e clareza. Quando as crianças não compreendem ou não concordam com o motivo e o significado das regras, não as assimilam nem as incorporam.

Evite todas as situações que você sabe que desencadearão uma crise de birra, caso seu filho seja mesmo birrento demais. Esse é um comportamento muito comum até os 5 anos de idade. Guie-se mais pelas atitudes preventivas do que pelas reativas.

Lembre-se do uso do bom-senso: existem lugares e passeios que não são próprios para crianças. Portanto, muitos dissabores podem ser evitados. Você não precisa nem deve levar o seu filho a todos os lugares que frequenta. Isso é pedir para ser aborrecida.

Elogie seu filho pelos bons comportamentos apresentados. Aprenda a ver coisas boas nele e a educar pelo sim. Muitos pais só

conseguem apontar os maus comportamentos. São justamente esses que acabam fazendo parte do repertório da criança, pois foram os que chamaram a atenção ou tiveram um “reforço”. Reforço é o nome que damos à reação que o adulto tem diante de certos comportamentos. Pode ser positivo ou negativo. O reforço positivo é a atenção dada aos bons comportamentos, o negativo é a atenção dada aos maus comportamentos.

A birra, portanto, é um comportamento aprendido que, como todos, se instala por meio do reforço que foi dado. Uma vez que toda criança quer ser o centro das atenções, o comportamento a instalar-se será sempre aquele que atrair mais a atenção sobre ela, seja positiva ou negativamente. Recomendo então a você que ignore o primeiro sinal de birra e ao casal parental aliar-se nesse processo. Quando os pais são aliados e coerentes, os filhos introjetam melhor as regras.

Mantenha-se firme e lembre-se de que a voz acariciante e modulada da mãe ajuda a criança em suas dificuldades. Para negar ou proibir algo, não é necessário gritar. A suavidade não exclui a firmeza. Uma grande parte dos pais alcança o poder por meio de ameaças, castigos, humilhação e surras (que muitos dizem tratar-se de palmadinhas educativas).

O cérebro infantil é estruturado para receber segurança, compreensão, orientação, conhecimento e amor. A criança quer muito agradar os pais e acertar, pois precisa ter a certeza do seu amor e admiração. Que tal quebrar o vício que se estabelece nas famílias quando se grita para conversar e começar a modular o seu tom de voz para que todos consigam dialogar e trocar experiências de maneira mais terna e respeitosa?

Agitação



Véspera de feriado emendado, ânimos exaltados, crianças excitadas, estradas congestionadas. Coragem, muita coragem... Carro cheio: mãe, pai, quatro filhos, avó, chiqueirinho, carrinho, fraldas (de pano!), comida, roupas de cama, mesa e banho, medicamentos, brinquedos, varas de pesca, nadadeiras, barraca de praia, cadeiras.

— Ah! Esqueci o cachorro!... O passarinho!... A ração do passarinho e a do cachorro! Acho que agora não falta mais nada.

— Acorda, pessoal! Vamos pra praia!

— Heeee! Oba! — todos se levantam rapidamente.

— Manhê, vem me limpáááá!... — grita Kiko, logo cedo, sentado no "troninho".

— Manhêêê... A Tatá sentou no meu lugar! — reclama Dedé.

— Cadê o documento do carro? — pergunta Ruy.

— Manhêê... Quero levar uma amiga — chora Gabi.

— Manhêê... Cadê a minha bola? — pergunta Dedé.

— Manhê, vem me limpá!... — grita novamente o Kiko.

Quando finalmente nos acomodamos, iniciamos a tão sonhada viagem para Ilhabela, paraíso que D. Pedro II deu de presente à filha, a Princesa Isabel. Chego a pensar: será que D. Pedro, alguma vez, limpou a bundinha de dona Isabel?

A estrada estava infernal. Íamos em fila indiana, seguindo lentamente os velhos caminhões que transitavam à nossa frente.

— Assim que chegarmos à casa que alugamos, trocaremos as roupas e iremos direto para a praia. O último a chegar será a "mulher do padre"! — dizia eu, a pobre e sonhadora Betty. E assim seguíamos a viagem, fazendo pequenos planos, até que se começou a sentir um

cheiro muito ruim no carro. Era algo assim como... bosta mesmo. Eu diria até que era um cheiro daquelas diarreias das bem bravas.

Imediatamente, Gabi grita apavorada:

— Manhê... O Kiko fez cocô! Que nojo! Vô vumitá!

Olho para trás e vejo Gabi com cara de desesperada, cara de nojo, ao lado do Kiko, que estava verdadeiramente "todo borrado". Os irmãos, aproveitando-se da situação, resolvem provocar a mais velha e o caçula.

— O Kiko é cagão! A Gabi tá cagada!

E assim ficam cantarolando esse refrão, enquanto aquelas fezes moles e fedorentas escorrem pelas pernas do pequeno Kiko e para o assento da pobre da Gabi, que a esta altura do campeonato já estava aos prantos, sem saber o que fazer. O pior é que tudo acontece muito rápido! Naquele tempo, as estradas eram péssimas (hoje não melhoraram muita coisa!), não havia acostamento, não havia como parar!

— Xiii... Agora não dá pra parar! Vamos trocar o Kiko aqui mesmo.

E, com o carro em movimento, Kiko começa a ser trocado pela minha mãe.

— Ai, que nojo! Vô vomitá manhê — choraminga Gabi, afastando-se de Kiko.

— Calma, Gabi. Você é a mais velha. Segura as pontas!

— Como é duro ser a mais velha — desabafa Gabi.

— Nheca, mãe... Que cheiro! — diz Tatá. — Que porco!

— Irrc, mãe!... Que nojento! — diz Dedé, remedando Tatá.

Nisso, Kiko começa a se espernear e a espalhar merda pelo carro todo.

— Quieto, Kiko, assim a vovó não consegue te limpar!

O pai se vira e grita:

— Olha o meu carro!

— O que você quer que eu faça? Vem você limpar ele, enquanto eu fico dirigindo e reclamando! (Pronto... inicia-se uma briga entre o casal.)

— Mãe, por favor, segure as mãos do Kiko! — gritam todos, em meio ao "lamaçal".

— Chegaaaaaaa... Todo mundo quieto! Olha um posto! — avisa o pai.

Paramos no tal posto, as crianças pulam correndo para fora do carro, enquanto eu e minha mãe cuidamos do Kiko, que ainda era um bebê em treinamento para tirar as fraldas. Depois de tudo e todos limpos, seguimos viagem.

— Porco, porco, porco... — inicia-se um "coro" lá atrás.

— Manhê... Ói eles! — reclama Kiko, que até agora estava calado, sem entender muito bem o que acontecia.

— Para, chega...

— Manhê, o Dedé tá encostando em mim! — diz Tatá.

— Dedé, chega pra lá.

— Manhê... A Gabi pôs a perna em cima da minha.

— Olha... Se isso continuar — ameaço, enquanto o Ruy aumenta o rádio do carro.

— Manhê... O Kiko soltou um pum... Socorro! Ele vai fazer cocô de novo...

— Kiko, você está bem? Quer fazer cocô? — indago preocupada com a nova e provável "erupção do vulcão".

Kiko diz "não" com um movimento de cabeça. Ainda é muito pequeno.

— Mãe, olha o Dé! — grita Tatá.

— Se vocês não pararem de brigar, ninguém vai para a praia! — finalmente aparece uma chantagem.

Faz-se o silêncio... Cinco minutos depois...

— Mãe, vai demorar muito?

— Não... duas horas.

— Quanto que é duas horas? — os três perguntam.

— Ai, meu Deus! Vai começar outro drama — sussurra o pai entre os dentes, aumentando novamente o som do carro.

— Manhê... Fala pro papai mudar de estação?

Afinal, chegamos até a balsa para fazer a travessia para a ilha. Tchã tchã, tchã, tchã...: I-men-sa...

Já estávamos há três horas na fila e, finalmente, as crianças adormecidas, quando o carro que estava atrás do nosso começa a buzinar.

— Era só isso que faltava! Um histérico! A essa altura do campeonato... — comento ao mesmo tempo que faço um enorme esforço para ignorá-lo.

Mas o homem insistia na buzina. Viro-me para Ruy:

— Você não vai fazer nada?

— Deixa buzinar, oras — responde-me, como sempre muuuuito calmo.

E a buzina a tocar...

— Eu não acredito... O que esse infeliz quer? Que a gente voe? Por que você não manda passar por cima?

— Deixa ele, fica na sua... — Ruy tenta me acalmar.

Enquanto isso, o sangue da calabresa ia me subindo pela cabeça...

— Não, assim eu não aguento, eu vou fazer um "sinalzinho" bem feio pra esse homem — já preparando o dedo médio para mostrar-lhe.

Viro-me irada para trás, pronta para comprar uma briga, mas fiquei sem jeito quando ele me sinalizou com a mão, avisando para olhar para o bagageiro em cima do carro. Desci, e o que vejo? A Tatá... A danadinha havia saído pela janela e estava trepada no bagageiro do teto do carro. Deus do céu! Viagens... Nunca mais...

Mas as mães têm memória curta, não é mesmo? A neurociência explica isso. Existem 57 tipos de memórias e entre elas está um tipo denominado “memória episódica”. Ela explica o fato de alguns acontecimentos do dia a dia serem tão facilmente deletados.

As crianças não param, isso é uma verdade, principalmente quando se sentem presas ou percebem que não podemos lhes dar atenção. Elas acham que são as donas do mundo e nasceram para ser admiradas e servidas. O pior, ou o melhor de tudo é que isso é sinal de saúde em uma criança, pois a criança muito quietinha não sinaliza estar saudável. Desistiu de lutar para ser ela mesma.

Hoje em dia, a queixa mais comum nos consultórios diz respeito à agitação infantil e recebe como diagnóstico mais popular e inconsequente a hiperatividade. Nunca vi tanta criança “hiperativa” na minha vida como atualmente. Fico possessa com isso, pois a hiperatividade não é um transtorno tão comum assim e muito menos de tão fácil diagnóstico. A hiperatividade é um transtorno que acontece no funcionamento do lobo frontal. Exige, portanto, um diagnóstico profundo e preciso, feito por um neurologista ou neuropsicólogo, baseado em tecnologias de retratação do cérebro, dentre outros exames.

O problema maior do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) não é a falta de atenção, mas a rápida queda na capacidade de atenção contínua. O número de casos cresce anualmente, sendo diagnosticado entre 2% e 5% das crianças entre 6 e 16 anos, com 80% de prevalência entre os meninos. Estes mostram-se impacientes, esquecidos, atrapalham a todos, não respeitam limites, não controlam seus impulsos, tomam decisões precipitadas, têm brincadeiras bobas, alterações rápidas de humor e agem muito sem pensar. Encontro também muitos adultos com TDAH que, quando tratados, passam a viver bem melhor. Esses sintomas continuam na

idade adulta entre 30% e 50% dos casos.

É importante saber que as crianças são agitadas. Algumas mais, outras menos. Existem também as crianças mal-educadas. Criança sem atividade fica mais agitada ainda. Essas crianças precisam brincar muito, criar seus brinquedos e brincadeiras e se sujar. Atividades artísticas são excelentes calmantes. Por outro lado, criança com atividade demais também fica agitada. Não lhe sobra tempo para ficar sozinha, curtir as suas coisinhas queridas... O excesso de atividades é tão prejudicial quanto a sua falta.

Às vezes a agitação vem acompanhada de ansiedade, o que incomoda muito o adulto. A criança apresenta vários sintomas físicos, como transpiração excessiva, falta de atenção, dor de barriga, enurese, taquicardia. Ela parece viver em estado de alerta, quer saber o que vai fazer depois de um passeio que mal começou, tem a fala rápida, não consegue esperar a sua vez nas brincadeiras, sofre por antecipação. Costuma apresentar alguns hábitos como roer unhas, enrolar os cabelos, piscar muito, masturbar-se excessivamente. Em geral filhos de pais ansiosos e perfeccionistas, essas crianças precisam de rotina e não devem saber, com muita antecipação, das novidades que as esperam. Também é importante estabelecer limites precisos e firmes na educação dessas crianças: o não é não e o sim é sim. O "talvez" gera mais ansiedade.

Alguns pais passam aos filhos a sua própria agitação: vivem correndo, apressados, querendo fazer muitos minutos de um só minuto. Arre! Não há quem aguente ficar perto de alguém assim. Esquecem-se até de respirar! Crianças criadas em lares onde ninguém tem tempo para parar e conversar, para se olhar, para ouvir o outro, aprendem que é assim que se deve viver. Adquirem também esse ritmo agitado e, resumindo, ninguém sabe por que correm tanto. Simplesmente se acostumam e, quando se dão conta, percebem que

não há razão para isso.

É importante que toda a família encontre um tempo para o encontro. Aquele momento das refeições em torno da mesa, aquele momento de perguntar ao outro como foi o seu dia, como se sente, o momento das brincadeiras, das cobranças, dos diálogos, dos "ajustes de contas".

É muito difícil educar, mas como disse Saint-Exupéry, em H nçopçj k ndj ãfftç, "somos eternamente responsáveis por aquilo que cativamos". Como responsável por sua criança, você tem a obrigação de reservar diariamente um tempo para ela: saber de sua vidinha, contar-lhe suas histórias, observar como ela pensa, o que sente e percebe do mundo, conhecer seus amigos. Ajudá-la a descobrir e ampliar o seu próprio universo, fazendo que compreenda e vença os seus temores, confie em sua capacidade de enfrentar as próprias dificuldades. Faça-a perceber em você uma figura de amor e proteção total. A vida é um processo dinâmico, que implica troca afetiva entre as relações humanas. Faça seus filhos notar que vale a pena crescer na companhia de quem se gosta. Assim, eles não se transformarão em seres individualistas, egocêntricos e solitários.

A família é uma microssociedade. Nela, a criança vai aprender a se relacionar, a se socializar e a enfrentar os problemas de uma sociedade maior. Quanto maior for o relacionamento dos familiares entre si, quanto mais amigos sua família tiver, mais modelos seu filho terá como exemplo e mais papéis poderá desenvolver na vida. Abra as portas da sua casa, promova reuniões familiares e sociais, deixe a vida entrar com toda a intensidade. Transforme sua casa no melhor lugar do mundo. Ninguém sai do lugar onde se sente bem. Pense nisso.

Sei que ser mãe nos dias de hoje é muito difícil, pois é necessário dizer muitos "nãos":

- Não saia sozinho.
- Não brinque na rua.
- Não vá à casa dos outros.
- Não fale com estranhos.
- Não estrague/suje a roupa nova.
- Não suba aí.
- Não leve esse brinquedo para a escola.
- Não saia de casa.

A falta de tempo dos pais é o maior obstáculo às brincadeiras e aos passeios infantis, e quem sofre com isso são os filhos.

Pare também com a sua mania de organização e limpeza. É muito difícil fazer uma criança ser ordeira antes dos 4 anos. As crianças pequenas precisam de uma bagunça pessoal, conforme indica Françoise Dolto, psicanalista francesa. Limpeza e ordem não são prioridades para um bom desenvolvimento infantil.

Limites



Como já comentei: filho quer atenção o tempo inteiro. Um pequeno exemplo disso acontece quando você está conversando com alguém e eles ficam te interrompendo:

— Manhêê...

— Manhêê...

— Ô, mãe...

Até a hora que você, já irritada, resolve cessar a conversa com a

sua amiga. Não adianta dizer que esperem sua vez de falar, porque entra por um ouvido e sai pelo outro. Até os 5 anos, mais ou menos, o filho quer ser o centro do universo e vence pelo cansaço.

Quando eu era orientadora pedagógica em uma pré-escola onde meus filhos estudavam, estava (como de rotina) observando a hora da saída das crianças. Meus filhos estavam junto a mim, pois em seguida iríamos embora. Nesse momento, aproximou-se uma das mães para queixar-se de algo que não ia bem com sua filha. Era um momento impróprio para eu dar-lhe atenção. Já havia encerrado o expediente e o local não era adequado. Além disso, de olho na criançada, eu já estava no meu papel de mãe. Essa senhora não parecia ou não queria entender que eu não estava disponível. E ela... blá-blá-blá... no meu ouvido. Eu, já tensa, porque além de precisar olhar o pátio era puxada e chamada por Tatá, tentava escutar a mãe e sossegar Tatá.

— Espera, Tatá...

— Manhêê... Deixa falar...

— Espera, filhinha... A gente já vai embora.

E a mãe insistia em tomar a minha atenção:

— Mas a escola tem de tomar uma providência, dona Elizabeth.

Eu não conseguia mais escutar o que essa mãe dizia porque saída de escola é uma "zona"! O barulho é muito grande e, pra falar a verdade verdadeira, eu estava cansadíssima, louca para ver meus filhos, desligar a cabeça.

— Mãe! Manhê... Mãe... — choramingava Tatá, cheia de razão.

Percebendo que nenhuma das duas desistiria de tentar obter a minha atenção, resolvi pedir um tempo à mãe e escutar a minha filha.

— Um momento, senhora...

— Fala, filhinha, o que você quer?

Com toda a nossa atenção dirigida a ela, a minha "baixinha" me solta esta:

— Manhê... Vamos embora. Essa moça é muito chata!

Naquele momento, morri de vergonha e a mãe ficou supersem graça... Apenas dei um sorriso amarelo, querendo enfiar a minha cabeça no chão. Pensei em consertar o que ela havia dito, mas a emenda seria pior que o soneto. A mãe olhou para a minha filha de uma forma absolutamente desprezível e fez o seguinte comentário:

— A senhora precisa educar melhor os seus filhos!

Veja só que petulância! Fiquei irada... Engoli seco e pedi que me procurasse no dia seguinte, durante o expediente (o que já deveria ter feito desde o primeiro momento). Realmente, as crianças falam aquilo que pensam e sentem, deixando-nos de saia justa.

Mães que trabalham fora devem e precisam separar os seus papéis. Não adianta chegar em casa e querer dar conta de tudo, quando o filho quer a sua atenção. Esse é o momento dele e com toda a razão. Mesmo que você esteja cheia de afazeres ou louca para descansar, a prioridade é ele. Afinal, você vai ouvir muitas vezes a velha frase: "Eu não pedi pra nascer..." É a velha cobrança:

— Você tem de me amar!

É melhor você lhe dar um pouco de atenção e depois cuidar de seus afazeres. Mas quando digo lhe dar atenção digo dar meeeesmo! E não ficar fingindo que está gostando de estar com ele.

Leia esta: "Mães brincam com você quando você pede e vão ver você jogar futebol, mesmo quando não querem fazer isso de verdade". (10 anos)

E esta: "Algumas mães têm filhos e minha mãe conseguiu um". (12 anos)

Os filhos percebem muito bem quando as mães não estão presentes na relação e nessas horas é melhor dizer-lhes que brinquem sozinhos, porque você não está em seus melhores dias. Lembre-se: pare de fingir ser aquilo que você não é ou de fingir que sente aquilo

que não está sentindo.

Leia isto: “Mães sempre chateiam a gente. Eu acho que elas deveriam ser vendidas a R$ 100 cada uma”. (7 anos)

Os filhos precisam também aprender a aceitar a mãe que têm e a lidar com ela. Se você realmente ama seu filho, precisa arranjar um tempo para ele, tentar controlar-se, mas ninguém é de ferro. É ou não é? Estabeleça um período do dia para brincar com as crianças. Marque um horário para a brincadeira terminar. Em meu livro zòfftj ck èfftkć çí ôçí nkó cfêãçfó, sugiro uma série de brincadeiras divertidas que você pode fazer em casa. Combine também que a hora que você chega em casa é o momento de dizer e fazer apenas coisas gostosas. Isso serve para acabar com a manha, a choradeira e as reclamações que transformam a sua chegada, às vezes, num inferno.

Por vezes, as mães é que chegam em casa e transformam a vida dos filhos num inferno. Exemplo: em uma palestra que eu dava, uma das mães presentes me perguntou por que ela não tinha diálogo com a filha de 12 anos. Pedi que explicasse melhor.

— É o seguinte, Betty. Eu sou separada e minha filha mora comigo. Trabalho fora o dia inteiro e me acabo para dar tudo que ela quer, porque o pai dela só paga a escola. A pensão é uma mixaria, está atrasada e ela ainda morre de amores por ele... Todo dia é a mesma coisa: dá um trabalho enorme pra acordar, se vestir, tomar café, esticar a cama, ir ao colégio. Tenho de deixá-la na escola antes de ir para o trabalho e não posso me atrasar, mas ela parece fazer de propósito... Tem prazer de me deixar nervosa logo cedo... É um tal de “Mãe, cadê meu livro de matemática?”, “Mãe, não tenho camiseta de ginástica! Esqueci na escola!”

— É tudo em cima da hora, Betty... Eu já começo o dia brigando com ela. “Anda logo, menina... Vou te deixar em casa e você vai ter de ir a pé...” Às vezes, sinto vontade de sair e deixá-la em casa, mas não

tenho coragem. Aí, ela entra no carro e logo liga o rádio bem alto, naquelas músicas que me irritam, e fala: “Calma, mãe... Se liga! Que estresse!” E eu respondo: “Olha, menina, quando eu chegar a gente vai ter uma conversinha, viu?”

— Ela vai calada até a escola e assim que vê as amigas se transforma. Fica alegre, feliz, desce do carro saltitante e nem se despede. Sinto-me uma idiota.

— Combinamos que ela deve voltar de carona com uma amiga, esquentar o almoço que deixo pronto na véspera, dar um jeito na louça e estudar durante a tarde. Volto ali pelas 19 horas e, todos os dias, o que encontro? Seu quarto bagunçado, louça suja, tarefa da escola por fazer... É sempre igual, tudo se repete. Assim que entro em casa, vou direto ao seu quarto:

— Oi... Já vi tudo! Hoje também você não arrumou sua cama. E estas roupas pelo chão: calcinha suja, meias, sapato em cima da cama, gavetas abertas! Que tá pensando, hein? Que eu sou tua empregada, é?

— Dirijo-me ao banheiro: pasta de dente aberta, xampu esparramado, cabelos na parede do boxe, toalha no chão, aparelho de barbear no chão do boxe. Cozinha: toda a louça suja... Sala: copos, garrafa de refrigerante... Cadernos, livros, restos de sanduíche espalhados, TV e som ligados. E recomeço: “Escuta aqui, garota, cê tá pensando o quê?”

— Nessa altura, Betty, eu a agarro pelos braços e tenho vontade de enchê-la de tapas. Aí, ela grita para o prédio todo ouvir: “Ai, mãe, me larga! Você tá me machucando... Socorrooo...”

— Então eu digo: “Eu tô é cheia de ficar bancando você o tempo todo e nunca ser reconhecida. Não aguento mais, vou mandar você pra casa do teu pai e daquela vagabunda que foi morar com ele pra você ver como ele é bom!” Então, ela me responde: “Eu não pedi pra nascer... tá ligada? Vocês ficam me jogando de um lado para o outro,

eu quero morrer...”

— É desse jeito que ela me responde, Betty. Não sei mais o que fazer com essa menina...

O que está acontecendo com essas duas? Eu pergunto a você, leitor, e eu mesma lhe respondo: o vínculo está desgastado. Mas de que forma? Pergunto novamente. Explico: a mãe não tem tempo para a filha. Chega em casa e o tempo que tem é para fazer cobranças. A filha se sente abandonada e usada. O “pau começa a comer”. Aconselho um investimento no vínculo, para que depois se possa passar a fazer cobranças de forma mais adequada. Como? Partindo primeiro de um diálogo franco e amoroso. Exemplo:

— Filhota, depois de nosso último “arranca-rabo” percebi que a nossa convivência está muito difícil. Pelo fato de trabalhar demais e arcar com várias responsabilidades sozinha, passei a cobrar muito de você também, esquecendo-me de cuidar de nosso relacionamento. Chegava em casa e queria ver se você tinha feito tudo, preocupava-me em educá-la direitinho e me esqueci de conversar, saber de você e contar de mim. Vamos tentar mudar isso? Assim que eu chegar, conversaremos, faremos fofocas, sairemos mais, seremos mais cúmplices, mais parceiras, e dividiremos melhor as nossas funções. O que você acha? Quando você não puder fazer algo, avise-me com antecedência para que eu não “fique na mão”. Por outro lado, eu peço que você não se atrase pela manhã, porque realmente eu me desespero só de pensar em perder o emprego.

Quando as regras são combinadas, dificilmente elas são quebradas. É lógico que tudo não se resolve assim com tanta facilidade, mas é necessário que a mãe se disponha também a ouvir o filho e entender (não precisa aceitar) os seus pontos de vista. Por exemplo: entendo que você não goste de lavar a louça, mas não aceito que não o faça, porque temos de dividir as tarefas e não é justo que eu

chegue do trabalho e tenha de limpar o que você sujou. É importante que o filho se sinta entendido, compreendido. Isso, muitas vezes, é o suficiente para apaziguar uma questão. Todas as crianças e adolescentes são oposicionistas e negativistas. Vejo isso também como uma qualidade a ser desenvolvida. No mundo de hoje, não podemos criar "cordeiros". O importante é que eles saibam como usar essas características.

Filho dá trabalho pra tudo mesmo: pra acordar, dormir, comer, não comer, estudar, tomar banho, fazer cocô, se vestir... Quando olho pra trás e vejo o caminho que já percorri com meus filhos, penso que não fui eu. Nossa! Como foi que eu dei conta de tudo? Tudo tem de ser questionado, discutido, regateado. Quantos acordos, quantas manipulações, de ambos os lados. Porém, de uma coisa eu tenho certeza absoluta: tem coisas que não se explicam e não se justificam ao filho. Basta dizer: "Eu não quero". É o seu limite. Isso é que justifica essa atitude. Em certas horas você precisa dar ao seu filho um basta, somente porque é o seu limite. Por exemplo: durante uma de minhas palestras, uma das mães me perguntou se era certo a sua filha dormir com o namorado em casa. Eu quis saber o que ela pensava sobre isso e ela me revelou que se sentia incomodada, mas não sabia como dizer à filha, porque as mães de suas amigas permitiam. Eu lhe respondi que se ela se sentia incomodada bastava dizer isso à sua filha. Esse já era o principal argumento, pois era o seu limite de tolerância e a filha teria de respeitar.

Portanto, acho importante que você se guie pela sua escala de valores, pelo seu sistema de crenças para educar seus filhos e impor limites. Não busque modelos externos, mas olhe para dentro de você primeiro. Use o bom-senso. As crianças diferem umas das outras. Tem aquelas que amadurem mais cedo e nas quais os pais podem confiar, e outras que são "cabecinhas de vento". Procure conhecer a cabeça de

seu filho e de seus amigos. Existem famílias mais atentas, mais preocupadas com a orientação de seus membros e outras desencanadas. Conheça as famílias dos amigos de seus filhos. Leia tudo que puder, assista às programações de seu filho. Procure conhecer o universo em que ele vive.

Faça que o pai de seu filho exerça também algumas funções que são paternas. O vínculo materno é sempre o mais forte, até porque é a mãe quem supre as necessidades básicas de uma criança, levando-a ao prazer. Quando o pai entra na relação, a criança "cai na real". Acredita-se que o estilo mais embrutecido do homem ajuda muito algumas crianças no entendimento de suas emoções. As brincadeiras físicas mais excitantes que o pai tem com a criança transformam-se em um verdadeiro parque de diversões. Estudos mostram que crianças que convivem com um pai compreensivo, brincalhão, amoroso e presente tornam-se adultos mais sociáveis, inteligentes e produtivos.

Saiba "ouvir" e se fazer ouvir. Antes de queixar-se ao seu companheiro ou aos seus filhos, procure saber exatamente o que você sente e deseja. Exponha tudo com calma e lucidez. Não dê uma de "louca" para ser levada a sério. Em vez de acusar o outro, fale de você. Diga como você se sente diante do que os outros fazem a você. Por exemplo: em vez de dizer que o outro só se atrasa pra provocá-la, diga que você fica muito ansiosa e nervosa com atrasos e que isso a faz sair já irritada, estragando o passeio.

Tente conversar no momento certo. Não adianta puxar um assunto quando o outro está ocupado, com sono ou no trabalho. Pare de fazer suas queixas ao telefone. Pare de falar, falar, falar e se justificar, interrompendo o outro enquanto ele se dirige a você. Escute tudo primeiro e, se for o caso, concorde com o outro se ele estiver certo. Pare também de fazer cobranças. Aprenda a conversar.

Você não é Deus para julgar nem criticar ninguém. Olhe para si

antes de julgar qualquer pessoa. Cultive sempre uma postura receptiva e carinhosa, multiplique os momentos de intimidade e prazer com a sua família. Isso promove o equilíbrio emocional e a socialização de todos.

Educação



— Betty, os meus netos não gostam de mim. Nenhum deles gosta de mim. Eles não me telefonam nem me visitam — queixa-se minha mãe, dos seus netos, enquanto conversa comigo. — E eles não me fazem companhia...

— Mãe, os meus filhos são pequenos, eles querem brincar!

Sentindo-se incompreendida, ela muda de assunto, mas o tema continua sendo o mesmo: sua carência afetiva.

— Betty, por que você só comprou a tiara para a Gabi? Você sabe que eu gosto de prender o cabelo... Você podia ter comprado uma pra mim também! Eu penso em todo mundo e ninguém pensa em mim! — queixa-se novamente.

Pacientemente eu respondo:

— Mamãe, é porque esta tiara é de criança. Veja, está na moda para crianças... É toda de gatinhos. Não é para adultos! É uma tiara que as garotas do colégio usam. Eu não comprei nem pra Tatá!

— Mas eu podia usar... E daí que é pra criança? — retruca minha mãe, meio chorosa.

— Tá bom, mãe, eu vou comprar uma pra senhora — respondo a ela triste, ao notar que a minha mãe poderosa e altiva de antes estava

envelhecendo e se tornando muito frágil. Eu ficava muito angustiada diante da minha impotência em querer deter o tempo, mantendo-a sempre forte, brilhante, viçosa e produtiva.

— Não, agora eu não quero... — Surge a dona Pascoalina, penso. Ela não está tão frágil assim. Respiro fundo e aliviada enquanto digo a mim mesma: "Calma, Betty..."

Passados alguns dias, ela novamente me intercepta:

— Betty...

— Sim, mamãe.

— Tem uma telefonista que implica comigo...

— Como assim? — digo eu, procurando entendê-la.

— Eu estou tentando ligar para o meu irmão e ela me diz que esse número não existe!

— Provavelmente a senhora está ligando errado!

— Como errado? Eu estou ligando certo. Eu nunca erro! Ela é que está de implicância comigo! — diz ela muito irada e inconformada.

— Mamãe, aquilo é uma gravação... — Procuro acalmá-la ao mesmo tempo achando graça e me condoendo.

— Que gravação que nada! Ela já reconhece a minha voz. Assim que eu falo, ela nem me deixa terminar de falar e já vai dizendo que o telefone não existe!

— Eu quero que você ligue pra Telefônica e faça queixa dela, Betty.

— Mas mamãe... eu já disse pra senhora que é uma gravação e... — Ela não me deixa terminar de explicar e fala em cima do que eu falo:

— É sempre assim, eu sempre estou errada... Eu faço tudo pra todo mundo e ninguém faz nada pra mim...

— Peraí, mamãe... Dá o número do tio que eu ligo pra senhora. — A essa altura do campeonato, é melhor simplificar o assunto para não "embolar o meio de campo".

Nesse instante chegam as crianças:

— Manhêêê... Tô com fome!

— Peraí, mamãe, que eu vou dar lanche para as crianças e já ligo.

— Não disse? Eu estou sempre em último lugar. Será que as crianças não podem esperar um pouco? Deixa que eu faço o lanche e você liga.

— Eu não quero que a vovó faça. Quero que você faça! — diz Tatá.

— Tá vendo? Eu não disse que a Tatá não gosta de mim? — reclama minha mãe.

— Você é muito ruim, viu Tatá? Deixa eu fazer o lanche, porque avó é a segunda mãe.

— Peraí, mãe, não fale assim com ela — protesto, protegendo a menina.

— Você só defende os seus filhos. Eu não valho nada nesta casa. Sou uma coitada. — A essa altura, a coisa se transforma num drama, porque ela já está chorando.

— Mamãe, por favor... As coisas não são assim.

— Você vai chorar lágrimas de sangue quando eu morrer... — pragueja ela...

Sinto-me a pior das pessoas: péssima filha, péssima mãe, tentando agradar a todos e não agradando ninguém. Lembro-me de quando eu era criança e ela me dizia que eu ia "chorar lágrimas de sangue" quando ela morresse. Eu ficava desesperada só de imaginar que de meus olhos verteria sangue! Encaro as crianças, que me olham assustadas, e digo:

— A vovó está brava com a mamãe. Não se preocupem. Já, já, eu vou conversar com ela e tudo vai ficar bem. Tatá, você não é ruim. Não ligue para o que a vovó disse. Ela está de mau humor e, às vezes, quer a mamãe só pra ela. A vovó já é velhinha, a gente precisa ter paciência com ela e não se chatear com algumas coisas que ela fala. Quando as pessoas ficam mais velhas, costumam não pensar muito no que falam.

Não se preocupam muito se podem ofender os outros ou não. Seus "defeitos" até se acentuam. Mas eu posso dizer que a vovó nos adora e precisamos respeitá-la. Ela foi e é uma pessoa muito importante para todos. Precisamos seguir o seu exemplo de vida. Ela tem coisas chatas, mas também tem coisas boas, não é mesmo?

Todos concordam e aproveitamos o momento para falar das coisas boas e das coisas chatas da vovó. Resgato a minha infância e conto da grande mulher que hoje sobrevive nesta frágil figura de seus cento e poucos anos. Uma mulher que soube envelhecer com dignidade, mostrando a todos a beleza e grandiosidade que tem a força da idade. Não deixo, porém, de reconhecer que as crianças têm razão de queixar-se de sua implicância.

Meus amigos me perguntam por que minha mãe vive comigo, principalmente agora, que ela está bem mais velhinha, iniciando uma demência senil e dando muuuito trabalho. Por que não a coloco em um asilo? Vou contar um pequeno fato que aconteceu ontem, durante o jantar. Estávamos à mesa eu, Ruy, Kiko (agora com 24 anos) e minha mãe (agora com 102 anos). Eu havia chegado do trabalho e, durante o bate-papo do jantar, perguntei à minha mãe:

— E aí, mãe, como é que foi o seu dia? A senhora jogou buraco com Rita? (Sua acompanhante, que estava em pé ao seu lado.)

— Joguei, mas ela perdeu de novo. Não ganhou nenhuma partida — disse rindo. (Minha mãe era uma mulher que gostava de rir.)

Aí, Rita intervém:

— Mas a senhora roubou demais, dona Felícia. Assim não dá pra ganhar... (provocando-a)

— Que nada! Você é que não sabe jogar! — minha mãe responde, sentindo-se importante, no alto de sua idade.

Nisso, Ruy, percebendo sua alegria, pergunta-lhe:

— E a senhora, está bem?

Ela se cala diante da pergunta e, pensativa, responde com a voz embargada de choro:

— Como eu não posso estar bem, se estou aqui com vocês? Eu sou a pessoa mais feliz do mundo. Tenho você, Ruy, que é um verdadeiro pai para mim, faz todas as minhas vontades, e tenho você, Betty, que cuida de mim com tanto carinho e atenção. Que mais eu posso esperar da vida? Sou uma mulher muito feliz.

Emocionada, eu segurei em sua magra e envelhecida mão, olhei para Kiko e para Ruy, num gesto de agradecimento pelo respeito e amor que eles têm por mim e por ela.

Por que contei esse fato? Porque acho importante cuidarmos dos nossos familiares. O problema do idoso no nosso país é o abandono. Todos têm medo da velhice e da demência. O contato com elas é assustador e deprimente, pois escancara o futuro de todos nós. Os governos também deveriam se preocupar com os idosos. A publicação ÍGuÀZXX; R Íòfft çfôt ó jàìfôtçóQôçj cejãfftó cçí kffòàèfat ó (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada — Ipea, Comunicado n. 64, de 13 de outubro de 2010) analisa a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2009 do IBGE e mostra que o Brasil está envelhecendo muito mais rápido do que se esperava. Nos dados, 13,8 milhões de idosos chefiam suas famílias, inclusive com netos (no caso de 2,3 milhões de famílias), e contribuem com 54,8% da renda familiar.

Mas o que se vê é o deboche com os idosos. Quando morremos, ficamos sob a terra. “O que os olhos não veem o coração não sente.” Mas quando idosos ficamos muitas vezes vagando como mortos entre os vivos e a velhice é muito ameaçadora em um mundo onde só existe lugar para beleza e perfeição. Por isso, a velhice é tão temida e nossos velhinhos tão rejeitados.

Temos de ser bons modelos aos nossos filhos. O mundo precisa de gente que ame gente, de pessoas que respeitem seus semelhantes.

Penso que o verdadeiro equilíbrio entre as pessoas acontece quando conseguimos integrar os homens, as mulheres, as crianças e os idosos, fazendo que funcione como um todo.

Hoje em dia, o que se ensina é a busca do sucesso, do poder, da beleza, da juventude e do dinheiro. Alain de Botton, filósofo suíço, afirma que nenhum país tem um sistema de educação dirigido para aproveitar o talento de seus alunos. É uma grande verdade. Infelizmente as escolas não aproveitam o lado mais energético, mais vivo e especial de cada ser. E as escolas se queixam das famílias que não passam noções de cidadania, ética e moral a seus filhos. De fato, essas são funções da família, que cabe à escola apenas reforçar e complementar. Com isso, os professores são desautorizados — e, por vezes, também faltam com o respeito aos alunos —, os idosos depreciados, as regras desrespeitadas, as promessas quebradas, os limites rompidos, os valores éticos e morais desmoralizados, a política corrompida, a hierarquia desestruturada, a vida e a morte banalizadas.

Para mudar o mundo, é preciso mudar os homens. Para mudar os homens é necessário começar a incutir nas crianças noções de amor e respeito ao próximo e à natureza. Noções de religião, espiritualidade, humanismo e cidadania, lembrando sempre de que é pelo exemplo que se educa. Portanto, mais uma vez, aja de forma coerente com aquilo que você diz e seja um bom modelo.

Não deprecie a escola e o professor de seu filho, são eles que cuidam de sua formação. Você não pode desautorizar nem falar com desdém quando se refere às pessoas que têm a responsabilidade de educar seu filho. Existem pais que pagam a escola e, por esse motivo, sentem-se no direito de mandar no professor ou tentar mudar as regras do colégio. Que péssimo modelo... Estão ensinando que o dinheiro é quem manda e que não é preciso respeitar regras. Depois, esses mesmos pais se queixam da insubordinação dos filhos.

Ensine seu filho a amar e a respeitar o ambiente em que vive assim como tudo que faz parte dele: as plantas, os animais, as pessoas que o cercam e o servem. Existem pais que tratam seus funcionários como idiotas, com total desconsideração e desprezo. Péssimos modelos também: estão ensinando a seus filhos o exercício da tirania, da prepotência, do orgulho, da discriminação e do preconceito. Depois, esses mesmos pais queixam-se da frieza com que são tratados e dizem que seus filhos só se aproximam para pedir dinheiro.

As escolas e as famílias queixam-se da maneira como as crianças se relacionam: mordidas, socos, pontapés, cuspidas. Recorrem à violência como forma de ataque ou defesa, até mesmo diante de suas frustrações. As crianças pequenas, até 3 anos, agem assim porque não desenvolveram totalmente a sua linguagem. Mas como se explica isso em crianças maiores? Essas crianças não aprenderam a dialogar, têm modelos agressivos em casa, assistem a programações de muita violência física.

Aqueles que costumam bater em seus filhos podem sofrer abandono na velhice. Enfim, colhem o que plantam.

Antes de acusar seu filho de algo que o incomoda, olhe para dentro de si e veja se está sendo um bom modelo. Para viver bem em uma sociedade precisamos desenvolver a HONRADEZ, que é a capacidade de ser fiel aos nossos princípios e ao nosso EU. Temos também de ter INTEGRIDADE, não abusar do poder e não tripudiar. Desenvolver BOAS MANEIRAS, porque a cortesia melhora a autoestima e os relacionamentos. Ter TOLERÂNCIA, pois ela faz bem para a sanidade mental. Preservar o AUTOCONTROLE, não se envolvendo com coisas ruins. Construir a CIVILIDADE, o sinal que damos aos outros de que sabemos viver em sociedade. Ter HONESTIDADE, porque quem trapaceia rouba um pouco de cada um.

Viver em família significa ter longas conversas com os filhos sobre

a escola, os seus amigos, os seus professores, as suas dificuldades e habilidades, além de cobrar as suas responsabilidades e deveres e ajudá-los nos problemas.

Viver em família é compartilhar os momentos fáceis e difíceis da vida, ajudando os filhos na organização de seus horários, no cumprimento de tarefas, estimulando-os sempre a fazer novas descobertas e novos questionamentos.

Viver em família é estar sempre atenta ao desenvolvimento e crescimento dos filhos, principalmente no que se refere às questões de aprendizagem. É verificar se eles estão aprendendo os conteúdos pedagógicos na idade correta. Aos 8 anos uma criança deve saber ler e escrever, por exemplo. Aos 10, deve ter aprendido a fazer as quatro operações básicas em matemática: somar, subtrair, dividir e multiplicar. Aos 14 anos, deve saber resolver uma equação de primeiro grau e interpretar textos.

O acompanhamento constante dos pais influi bastante no rendimento escolar do aluno. Muito mais do que a renda familiar. Se o seu filho não tiver um bom rendimento escolar, não vai adiantar nada você ficar dando broncas e colocá-lo de castigo. Você precisa buscar a razão disso e ajudá-lo. Ir à escola para saber o que está acontecendo e pedir orientação é o primeiro passo. Saiba também elogiar!

Tem mãe que só se liga nas notas baixas e dá bronca. Quando o filho tem nota alta, diz que ele não fez nada além da sua obrigação. É ruim, hein?!

Viver em família significa ter vida cultural. Ensinar o seu filho a gostar de ler, ver bons filmes, peças de teatro, exposições de arte. Idas aos museus e boas viagens trazem muita aprendizagem.

Valorize também o ato de escrever. Escreva bilhetinhos para os seus filhos. Invente e escreva histórias com eles, dramatizando-as. Ensine os seus filhos a escrever um diário.

Viver em família significa manter sempre um comportamento coerente com aquilo que você diz e pensa. Ser um bom modelo: estudar, perguntar, responder, questionar e procurar entender o que os seus filhos pensam e sentem.

Além de se comprometer com a educação de seu filho, comprometa-se com o seu país e ensine o seu filho a fazer o mesmo. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) fez uma pesquisa com a seguinte pergunta: "O que precisa mudar no Brasil para a sua vida mudar de verdade?" Quinhentas mil pessoas responderam a essa questão e a conclusão obtida foi a de que o país precisa de mais educação e cidadania. Infelizmente, o poder público não atenta para as verdadeiras necessidades dos cidadãos nem vê que o país precisa mesmo é de civilidade. Valores como respeito, justiça, ética dignidade e amor ao próximo estão em segundo plano. Para melhorar este país é preciso melhorar as pessoas que o habitam, é preciso lapidar as crianças e ensiná-las a escolher os futuros políticos e suas políticas.

ypììt ffftffl



— Manhê... Compra aquela calça "Red Pepper" que está na moda? — pede Gabi, querendo ter a calça de marca, que todas as suas amigas usam.

— Xiii, Gabi, a situação "tá abacate branco". Vai dar, não... Essa calça é um absurdo de cara!

— Puxa, mãe, todo mundo tem e eu pareço uma "nerd", com essa calça que cê me deu...

— Que é que tem essa calça, Gabi? Ela é igualzinha à de marca. Não dá pra notar a diferença! (Esse nosso papo de mãe é completamente furado, você já deve ter percebido.)

— Tá na cara que essa é falseta, mãe, eu vou morrer de vergonha das minhas amigas.

— Escuta aqui, ô garota, cê pensa que dinheiro se acha na rua? (Outro papo de mãe.)

— Só eu tenho de usar essas roupas ridículas... Todo mundo fica me esnobando: olha o tênis dela... Ai, o seu boné não é de marca! A minha mochila é melhor que a tua! Tudo o que eu tenho, mãe, é fuleiro!

— Mas Gabi (sentindo-me culpada por não poder lhe dar o que queria), você acha que está certo gastar uma "nota" dessas com essas coisas?

— Eu não acho, mãe, eu nunca pedi nada disso. Mas agora todo mundo tá me deixando de lado e eu só ando com as meninas mais "nerds"...

— Gabi, esse problema é muito sério. Você sabe que não podemos comprar roupas de marca para você. Temos uma família grande. Além disso, não concordo com esse exibicionismo. Você tem uma coisa que suas amigas não têm e recebe elogios de todos por isto: sua beleza é estonteante, desenha e cria como ninguém de sua idade, é campeã paulista de esgrima, é uma cavaleira de primeira, divertida, sensível e extremamente educada. Não existe uma pessoa que não se apaixone por você. Você tem três grandes amigas, que não são as tais "nerds" nem as "populares". E tem mais, essas "nerds" são meninas maravilhosas. Pra que você tem de andar com gente que te discrimina e vai te avaliar pela roupa? Nós temos de gostar de quem gosta da gente. Seja você mesma, assuma a sua beleza, um estilo só seu. Mande as outras se danarem e curta as amigas que te amam. Aliás, pare de

rejeitar essas tais “nerds”, pois você mesma sabe como isso é cruel. Aproxime-se delas e descubra como são lindas, iguais a você. (Papo que não resolveu o seu problema.)

As crianças e os adolescentes sofrem muito, principalmente na escola, com um tipo de discriminação que hoje em dia recebe o nome de äpììt ffttff, uma palavra da língua inglesa que significa intimidar, zoar alguém, ameaçar, humilhar, isolar, discriminar, enfim, ofender alguém. Os amigos são pessoas muito importantes para eles e tudo o que dizem é levado a sério. O grupo é que diz quem eles são. Ficam extremamente angustiados quando se sentem rejeitados. Recebem agressões físicas ou morais por parte da turma pelo fato de serem diferentes em algo que não seja comum ao grupo. Os tipos mais perseguidos são os obesos, tímidos, magros demais, com orelhas de abano, cabelos eriçados, negros, míopes, atrapalhados, os que não se vestem de acordo, os de classe socioeconômica diferente...

Esses grupos são cruéis. Colocam apelidos maldosos, difamam, perseguem, rejeitam, isolam, agridem fisicamente, humilham. Fazem tudo de forma dissimulada. Fingem-se de “santos” e, quando inquiridos, dizem que é apenas uma “brincadeira”. Dá muito óô ôpć pertencer ao grupo dos populares. Eles furam a fila da cantina, vivem cercados de amigos: os mais belos e perfeitos. Usam o celular pra cá e pra lá, ditam a moda, as gírias, as expressões gestuais, estão sempre conquistando o sexo oposto, apresentam atitudes adultas, fumam, bebem, sentam-se no fundão da sala e ficam “tirando” a aula toda.

Como saber se o seu filho está sendo vítima de äpììt ffttff? A vítima apresenta alguns sinais, tais como não querer ir à escola, passar o recreio sozinha, isolar-se na biblioteca, perder seu material, ser excluída das festas e reuniões de grupo, cabular aula, apresentar mau desempenho escolar, querer trocar de escola, não receber amigos em casa, não sair com colegas nem ir à casa deles. Geralmente, ficam com

a autoestima baixa, deprimidas, angustiadas e ansiosas. Costumam grudar-se na mãe, desenvolvem compulsão por comida e ficam com transtornos do sono. O äpììt ffffflestá por trás de muitas tentativas de suicídio e de vingança contra os agressores. Recentemente, houve um caso nos Estados Unidos de dois alunos que metralharam quase a escola inteira e se suicidaram. Esses dois adolescentes eram vítimas do äpììt ffffl

Como lidar com isso? O diálogo com o filho é sempre o primeiro caminho. Ouça o que ele tem a dizer com atenção e carinho. Pergunte se ele deseja sua ajuda e, assim sendo, vá até a escola comunicar o que está acontecendo. Converse de forma civilizada com os professores, exponha o caso, buscando soluções e não agredindo também. Combine com o professor modos de lidar com a situação e mantenha contato com ele até que a situação fique solucionada. Caso contrário, recorra à direção da escola. Se necessário, faça uma consulta a um psicólogo.

Agora, se o seu filho é um dos que aporrinham a vida dos outros, você deve dialogar com ele do mesmo modo. Agredi-lo só vai ensiná-lo que as coisas se resolvem pela agressão. Converse com a escola, com ele e com seus amigos. Estimule seu filho a buscar novos relacionamentos. Advirta-o do quanto ele poderá ser prejudicado futuramente caso continue mantendo essa postura. Tente melhorar sua autoestima e, se necessário, busque a ajuda de um psicólogo.

Nos Estados Unidos e na Europa, o äpììt ffffflvem sendo tratado nas escolas. Pesquisas descrevem os riscos de longo prazo, mostrando que tanto as vítimas quanto os provocadores são prejudicados pela falta de atendimento. As vítimas tendem a desenvolver depressão e pensamentos suicidas, enquanto os provocadores têm menos possibilidade de concluir seus estudos ou manter-se no trabalho. Os alunos estão sendo levados a perceber que o provocador é alguém com

dificuldades em controlar seu próprio comportamento e a vítima é alguém que eles podem proteger. Essa medida pretende acabar com a baixa tolerância aos provocadores, que comumente eram expulsos da escola. Cuidado especial está sendo dispensado às vítimas e ambos são tratados como pacientes.

O filósofo Thomas Hobbes tem um interessante conceito de homem. Para ele, o homem não possui um instinto natural de sociabilidade e seu semelhante é sempre visto como uma ameaça: "O homem é o próprio lobo do homem". Para controlar a brutalidade humana, Hobbes considera que é preciso transferir ao Estado o poder de governar. No caso do äpììt ffffl, a escola e a família têm a obrigação de buscar soluções. No entanto, esse problema, assim como outros, cada vez mais nos escapa ao controle. Fiquei muito chocada com uma nota que li na revista Àffffçfffk (edição n. 640, 13 de janeiro de 2010). Segue na íntegra:

> Mal acabaram as festas de fim de ano e cinco mil usuários da comunidade BeautifulPeople.com tiveram suas páginas extintas do site. O motivo: eles teriam engordado demais entre o Natal e o Ano-Novo.
>
> A rede é conhecida por não aceitar pessoas consideradas feias, de acordo com a própria comunidade. Segundo a empresa, a solicitação da remoção dos usuários teria vindo de membros vigilantes, que controlam os padrões exigidos pelo site. O BeautifulPeople.com, no Brasil desde outubro de 2009, tem em torno de 600 mil membros no mundo.

Que mundo cão!

O äpììt ffffl que acontece na internet é denominado ãt äçöäpììt ffffP e ele cresceu muito no Brasil nos últimos tempos. Uma pesquisa feita pela Plan[2] com mais de cinco mil alunos do ensino fundamental em todo o país revela que um em cada seis estudantes já sofreu agressões organizadas por grupos que utilizam as redes sociais da internet.

Como lidar:

- Oriente os seus filhos a não aceitar convite de pessoas desconhecidas para fazer parte de suas comunidades ou redes sociais.
- Mostre a eles que não devem colocar fotos ou imagens que possam ser usadas ou montadas de forma maldosa.
- Monitore os sites acessados por meio do histórico do navegador, na frente de seu filho, pela sua segurança.
- Instale programas que controlem o acesso a alguns sites.
- Peça a seu filho que lhe conte tudo que possa tê-lo ofendido ou tenha feito sentir-se ameaçado.
- Tome providências imediatas se perceber que seu filho é vítima de äpììt fjtfflou um abusador.

Sono



— Manhê... Tô com medo, posso dormir na sua cama?

— Manhê... Tá frio, posso dormir na sua cama?

— Manhê... Não consigo dormir, posso dormir com você?

— Manhê... Já que eu tô doente, posso dormir no seu quarto?

— Manhê... Já que o papai num tá, posso ir pra sua cama?

Você já deve ter ouvido um desses pedidos ou todos, súplicas até, para ter seu filhotinho enfiado na sua cama. Algumas mulheres ou até mesmo alguns casais usam esse recurso para lidar com seus problemas sexuais. Isso mesmo: metem seus filhos para dormir na mesma cama ou quarto. Outros vão dormir no quarto do filho. De qualquer maneira, toda criança tenta dormir entre os pais e cabe a eles dar-lhe o limite.

Enquanto para alguns casais chega a ser conveniente o filho ali no meio, para a criança é sempre prejudicial: retarda o desenvolvimento da liberdade e da independência, podendo causar-lhe sérios conflitos na esfera de sexualidade.

Há, no entanto, um lado muito gostoso que, se soubermos equilibrar, só resultará em boas lembranças. Todos os dias ao amanhecer, quando Ruy saía para o trabalho, a galera ia para a minha cama. À medida que iam acordando, eu os ia acolhendo. Certa manhã fria de inverno chegou Gabi e se aconchegou pertinho de meu peito. Logo em seguida, Dedé e Tatá. Senti seus corpinhos molinhos de sono e suas respirações quentinhas junto à minha. Cobertos, formávamos uma só unidade. Notei, apalpando-os, que ainda faltava o Kiko. Virei-me de lado, procurando ajustar-me melhor e deixando um lugarzinho para ele, que logo, logo deveria chegar.

Nossa... Que frio estava fazendo... Puxei a coberta, ajeitando o cangote e relaxei. As crianças ressonavam e me deixei ninar pelo ritmo de seus "ronquinhos". Após certo tempo, sinto um corpo subindo com toda cautela na minha cama e se ajeitando delicadamente junto às minhas costas. Esse corpinho macio se alonga junto ao meu e se aproxima cada vez mais, como se quisesse incorporar-se ao meu próprio corpo. Chego a sentir uma sensação muito boa de corporeidade. Em seguida, ele suspira e adormece. Preocupada com seu bem-estar, puxo o cobertor e, como ele está às minhas costas, viro o meu braço para cobri-lo. Depois disso, passo a minha mão por baixo do cobertor para acariciar seu pequeno corpo. Quando toco o seu corpinho, sinto algo diferente... Kiko parece ter trocado o pijama durante a noite...

"Ué... mas o Kiko não tem nenhum pijama com essa textura", penso ainda bêbada de sono, enquanto o acaricio e tento reconhecer algo familiar naquele corpo. "Isso aqui é um negócio que tem pelo,

será flanela? Não!", ainda o tateando e pensando: "Acho que é pelo mesmo... pelo? Pijama de pelo?!" De repente tenho um ffttóffffttô "É a Aia!"

— Aia! — acordo num sobressalto. — Sua fedida! Saia já daqui, sua malandra!

Jogo as cobertas para cima, levantando assustada. As crianças acordam mais assustadas ainda com a minha atitude. Aia, a nossa cadela boxer, sai correndo, com o toco de rabo abaixado, fazendo xixi pela casa e indo para o jardim.

— Não é possível! O papai saiu e deixou a porta da sala aberta... — digo eu, nessa hora, já rindo da esperteza da Aia.

— Que foi, mãe? — pergunta Gabi.

— Danadinha, a Aia... — E conto para as crianças o que aconteceu.

Só que a história não acaba aqui... Tem o estresse pelo telefone com Ruy, porque saiu e largou a família com a porta aberta. Onde já se viu?

Muitas crianças têm o hábito de ir para a cama dos pais. Como já disse, os motivos são inúmeros: doenças, pesadelos, medos, distúrbios do sono, o fato de os próprios pais colocá-las em sua cama e, às vezes, o interesse delas em saber o que se passa sexualmente entre o casal. Concluindo, em nenhum caso é recomendável que se concorde com a permanência da criança fora de sua própria cama.

Aos 2 anos, mais ou menos, a criança começa a apresentar uma série de "rituais" para dormir: querem água, que lhe contem histórias, que as cubram etc., dando um trabalhão a seus pais. Querem exercer seu poder sobre o adulto, mas isso passa por volta dos 5 anos. O primeiro sinal de independência infantil é o hábito de a criança dormir em seu quartinho. Nenhuma mãe, em sã consciência, deveria reter esse desenvolvimento. Às vezes, uma má qualidade de sono pode ser sinal de transtornos neurológicos ou emocionais. Nesse caso, é

prudente consultar um psicólogo ou um neurologista.

A criança que dorme bem, durante as horas suficientes (dez horas), apresenta mais êxito em seu processo de aprendizagem. É durante o sono que os neurônios se repolarizam e o hormônio do crescimento é liberado. A duração do sono se reduz conforme a criança cresce. O recém-nascido dorme em média 17 a 18 horas, por dia. Com um ano, ela dorme de 13 a 14 horas. Aos 4 anos, chega a dormir de 11 a 12 horas e com 16 anos deve dormir oito horas.

Meus filhos sempre estudaram no período da tarde. Acho uma grande violência interromper o sono de uma criança. O soninho da tarde também é muito importante até os 4 anos. Facilita o repouso diário para induzir ao sono da noite. Crianças que vivem uma vida muito agitada, com excesso de atividades, que se levantam muito cedo, brincam pouco e são muito cobradas não conseguem atingir um relaxamento adequado que as leve ao sono. A criança passa a sonhar a partir dos 2 anos, aproximadamente. Seus sonhos retratam as situações que ela viveu durante o dia, seus desejos e sua vida afetiva.

Lembro-me bem de uma passagem de nossas vidas, muito linda, com respeito aos sonhos. O sítio de meus pais foi o Paraíso na Terra para a minha infância e a infância de meus filhos. Kiko tinha 3 anos e certa manhã, ao acordar, fez o seguinte comentário:

— Mamãe, eu fui dormir e o meu quarto virou o sítio...

Achei tão lindinha a forma como ele expressou que havia sonhado... As crianças começam a teimar para não ir para a cama a partir de seus 8 ou 9 meses, quando já são capazes de se distinguir da mãe e sofrer intensas angústias quando têm de separar-se dela: "angústia de separação". Por isso mesmo recorrem à chupeta, ao "paninho", ao bonequinho: "objeto transicional" que representa a figura materna.

Para solucionar alguns problemas de sono mais comuns, vão aqui

algumas dicas:

- Ambos os pais devem estar de acordo quanto ao horário que os filhos devem ir para a cama.
- Distribua bem as atividades durante o dia para garantir o cansaço à noite. Não lhe dê atividades muito excitantes próximas ao horário de ir para a cama.
- Se o seu filho não consegue ficar sozinho, dê-lhe um boneco bem macio para lhe fazer companhia. Assegure-o de que você está ali perto, em seu quarto.
- Não estique a hora da despedida, mas assegure-o de seu amor.
- Mantenha o quarto iluminado, com uma luz suave e indireta.
- Se a criança for para o seu quarto durante a noite, reconduza-a para a cama dela. Ela tem muita curiosidade pela sexualidade dos pais.
- Caso chore, procure acalmá-la, respondendo de seu próprio quarto: "Mamãe está aqui, não precisa se preocupar. Volte a dormir".
- Procure não se levantar imediatamente, caso a criança a requisite.

De forma geral, o brasileiro dorme muito mal. Acordamos cedo, trabalhamos até tarde, vamos à academia, dedicamo-nos às tarefas domésticas, aos filhos, à família, aos subordinados, aos cursos etc... O Instituto do Sono (ligado à Universidade Federal de São Paulo — Unifesp) relata que 39% das pessoas sofrem de insônia e 32,9% têm apneia. O estresse é o vilão da história, mas não é o único: trabalhar longe de casa, usar o período da noite para dar conta das tarefas do dia, fazer uso prolongado da TV ou do computador, sofrer excesso de barulho e de luminosidade.

Patologias como a apneia, a depressão e a ansiedade tiram o sono

de muita gente. Para um bom sono, é preciso ter rotina: dormir e acordar sempre no mesmo horário, não comer nem beber na hora de dormir, cortar o chá, o café, as bebidas alcoólicas, não se exercitar à noite. Ah! Ia me esquecendo: não levar problemas para a cama já ajuda bastante.

Uma pesquisa mundial patrocinada pela Johnson & Johnson avaliou o perfil do sono de crianças até 3 anos e mostrou que a insônia dos bebês se deve mais aos pais do que às possíveis patologias. Problemas detectados:

1. Pais que colocam os filhos para dormir tarde, após as 21h.
2. Falta de rotina antes da hora de ir para a cama.
3. Exigência da criança em ter os pais por perto até adormecer ou para ser alimentada durante a noite.
4. Criança que dorme na cama ou no quarto dos pais.

Os especialistas que participaram desse estudo concluíram que o sono é um aprendizado e indicam alguns truques para a criança dormir bem:

1. Estabeleça uma rotina simples que possa ser repetida todas as noites: banho, massagem e mamadeira, por exemplo. Inicie essa rotina por volta das 20h para aproveitar a ação da melatonina, hormônio responsável pelo sono que atinge o seu pico por volta da meia-noite.
2. Encerre as atividades agitadas um pouco antes de a criança ir para a cama.
3. Deixe que ela aprenda a pegar no sono sozinha, pois se acordar à noite não precisará de você.
4. Se for amamentá-la durante a noite, não acenda a luz.
5. Durante o dia, deixe-a dormir no meio do barulho e da claridade.

À noite, escureça o quarto e mantenha o silêncio.

A falta de sono é fator de risco isolado para diversas doenças, afirma o biólogo Rogério Santos da Silva, pesquisador do Instituto do Sono da Unifesp, em entrevista concedida à revista Nçi em 2 de setembro de 2009. Segundo ele, as noites em claro estão associadas a alguns dos mais comuns e perigosos distúrbios da modernidade, como a hipertensão, o enfarto, o derrame e a depressão. No caso das doenças metabólicas, como a obesidade e o diabetes, dormir mal é tão perigoso quanto não se alimentar de forma equilibrada e não praticar exercícios físicos.

A redução do sono aumenta a vulnerabilidade a doenças infecciosas e a dores crônicas. Dormir oito horas seguidas de um bom sono ainda é a condição ideal para a saúde física e mental da maioria das pessoas.

Boa noite e boa sorte!

Irmãos



— Manhê... Acorda!

— Ah! Não... Dedinho... Hoje é domingo... Vá dormir, ainda é cedo... Deixa a mamãe dormir mais um pouco! — respondo-lhe sonolenta, virando-me para o outro lado.

— Mãe, acorda! — repete ele agora gritando e me balançando, aflito. O Kiko botou fogo na casa...

— Como?! O quêêê?!

Eu e Ruy pulamos imediatamente da cama, com o coração batendo na garganta, e logo vimos a fumaceira tomando conta da casa.

— Cadê ele, Dedé? — grito eu.

— Corre, Ruy! Vai apagar o fogo! — grito, angustiada, chamando pelo Ruy, enquanto procuro Kiko.

A essa altura do campeonato, a casa toda já está acordada:

— Eca... Que cheiro é este, mã? — pergunta Tatá.

— Mã... Cê viu a Pirulita? — corre Gabi pela casa, em busca da cachorrinha querida.

— Betty, o que houve? Cadê o Kikinho?

— Você também não cuida dele! Cadê o meu caçulinha? — diz minha mãe, sempre me criticando.

— Fica quieta, mãe! Tô procurando ele!

— Ai, meu Deus! Onde será que ele se meteu? Ai, minha Nossa Senhora...

— Calma, mãe. Não assuste as crianças! — peço eu.

— Dedinho, cadê o Kiko?

Nisso, Ruy já descobriu onde está o foco do incêndio: no lavabo. Após apagar o fogo, quem se encontra encolhidinho dentro do lavabo? Sim, o nosso Kikinho. Com a carinha toda vermelhinha e suja de fuligem, os olhos cheios de lágrimas e muito assustado.

— Oh! Meu amor... Vem aqui no colinho da mamãe e do papai. O que aconteceu com você?

Após os primeiros cuidados, fomos investigar o que houve:

— Dedéééé!!!! — gritamos em uníssono.

Lá vem ele cabisbaixo.

— Conta direitinho pra mamãe e pro papai como foi que tudo aconteceu.

— Eu tava vendo televisão, aí o Kiko acordou. De repente eu vi o fogo!

— Déé...! Foi isso mesmo? — pergunto-lhe com cara de dúvida. — Você sabe que a mamãe é muito compreensiva. Prefiro que você me diga a verdade. A bronca é maior se eu souber que estou sendo enganada. E eu sei que a história não é bem assim.

Silêncio...

— Você foi brincar com fósforos com o Kiko, não foi?

— Foi. Eu acendia e ele soprava.

— E aí? Como foi que vocês puseram fogo no lavabo?

— Eu queria ver o que acontecia se jogasse um fósforo na lixeira.

— E daí?

— Aí eu mandei o Kiko jogar.

— E você viu só o que aconteceu, Dedé? O fogo subiu, queimou a gaiola de madeira do passarinho e o bichinho, coitado, as cortinas... O Kiko ficou quase sufocado... Você viu que perigo? Por isso que a mamãe diz que só pode brincar com fogo lá no sítio, ao ar livre e perto de um adulto. Promete pra mamãe e pro papai que nunca mais vai fazer isso?

— Sim.

— Podemos confiar em você?

— Sim.

— Então tá bom, filhão. Vem tomar um copo com água e açúcar para passar o susto e vamos dar um jeito nessa sujeira depois do café da manhã.

Ele ficou tão assustado com o que aconteceu que uma repreensão ou um castigo não teria espaço. O susto foi suficiente. Dedé sempre foi muito obediente, mas tinha um porém: era o "autor intelectual" da bagunça. Uma "carinha de anjo" numa "mente de diabinho"!

Os filhos mais velhos costumam usar os mais novos de cobaias em suas experiências e ainda como dublê, escudo, arma, álibi... Em contrapartida, os mais novos também manipulam certas situações,

porque sabem que os mais velhos são acusados de maltratá-los e, às vezes, os provocam só para que os pais briguem com eles. Por isso é que digo que em briga de filhos não se toma partido, não se mete a colher. Eles brigam para provocar você. Quando você não está, ninguém briga, porque eles sabem que você não está ali para defender e proteger a nenhum deles. É só você chegar e começa a confusão...

Saia dessa! É um jogo e você, mais uma vez, cai direitinho. A velha Pascoalina dizia: "Quem pode mais apanha menos..." Assim sendo, os menores não provocavam. E quando um não quer dois não brigam, não é mesmo?

É muito difícil julgar briga de filho, porque você acaba tomando partido e geralmente não testemunhou o acontecido. E quando toma partido favorece um filho e desfavorece outro. Como explicar isso? Falar ao mais velho que ele é maior e tem de entender o menor? Nas questões emocionais, não existe diferença de idade. O maior se torna tão bebê quanto o menor. E tem outra coisa, não quero desanimá-la: essa questão de brigas entre irmãos vem desde Caim e Abel, Rômulo e Remo...

O importante é deixar claro que está proibido toda e qualquer agressão física. Aliás, é bom que você também pare de usar esse tipo de recurso para mostrar a sua força e poder. Isso é abuso, uma atitude que só serve para descarregar sua raiva e mostrar sua autoridade. Você é uma autoridade. Não precisa usar de autoritarismo nem de violência para afirmá-la ou autoafirmar-se.

As pessoas falam muito dos problemas hierárquicos que os filhos apresentam:

— Ele é assim porque é filho único ou, então, o primogênito, o "sanduíche", o caçula...

Todos os filhos têm seus problemas característicos da idade ou posição familiar. "Aconteça o que acontecer, cada indivíduo é filho de

seu tempo” (Hegel, Ìòfftãhnfktóc èfftkókèfft ck cfôtçfôk, 1820).

Os amigos dos filhos ajudam muito a dissipar as brigas. Para a gente educar uma criança, é preciso uma aldeia inteira. Chame os colegas para brincar em sua casa ou divida um pouco os irmãos. Mande-os para a casa dos amigos. Voltarão saudosos.

Saia com cada um separadamente, dando-lhe atenção exclusiva. Todo filho precisa ter o seu “dia do filho único”. Faça que os irmãos respeitem a privacidade de cada um. Os filhos mais velhos odeiam quando os mais novos mexem em suas coisas ou invadem o seu espaço. (Aposto que você também não gosta disso.) Não compare os irmãos nem os trate da mesma maneira. Nossos filhos são diferentes e não podemos ser a mesma mãe para todos.

Em 2007, houve um caso de assassinato de pais muito chocante, em São Paulo. Uma jovem de classe média alta, Suzane von Richthofen, foi cúmplice do assassinato de seus pais, cometido pelo seu namorado e pelo irmão dele, a golpes de barras de ferro, enquanto dormiam. Segundo o depoimento do único irmão de Suzane, quatro anos mais novo do que ela, esta o manipulava demais. Ele cresceu admirando-a e eram confidentes, porém ele discorda da irmã quanto à austeridade dos pais. Esse caso nos mostra que temos de considerar as características individuais de cada filho. Tem aquele filho que exige mais delicadeza ao lhe falar, enquanto outro mostra um temperamento mais forte. Um entende brincadeiras, o outro não, um pode apresentar uma psicopatia, por isso, temos de conhecer cada um. Respeitar a sua individualidade para que possam individuar-se. Temos de estar atentos para tratá-los se percebermos que algo não vai bem com eles.

Esse papo de tratar todos os filhos da mesma forma já feriu muita criança.

— Por que ele ganhou isso e eu não?

— Porque neste momento ele é quem mais precisa disso.

— Por que você dá mais atenção pra ela do que pra mim?

Basta você responder com a verdade:

— Porque ela está triste e precisa um pouco mais da minha atenção.

Viu como é simples? E não se sinta culpada!

Emoções



O ponto alto dos passeios no sítio eram as idas ao aterro do terreno onde seria o futuro cemitério da região. Era uma delícia! Havia montanhas e montanhas enormes de terra vermelha para a gente escalar e um terreno imenso para correr à vontade. Quando chovia, esse terreno se transformava em uma enorme lagoa de barro, onde pisoteávamos a lama, enterrávamos nossas pernas até onde dava e fazíamos guerra de lama mole e vermelha. Para dar uma ideia, quando voltávamos desses passeios, a Pirulita tinha de tomar um relaxante muscular, pois voltava cheia de dores, estropiada, e passava a segunda-feira acamada.

Bom, naquele final de semana a coisa foi um pouco diferente. Durante a semana, Gabi teve um acidente no seu treino de ft j cä ìì na escola e quebrou o dedo do meio da mão esquerda. Foi para o pronto-socorro e o engessou. Não satisfeita, na mesma semana caiu e quebrou o braço esquerdo. Voltou ao pronto-socorro e engessou também o braço. No final da semana, fomos para o sítio.

— Mãe, vamos ao cemitério? — a criançada veio pedir.

— Não. A Gabi tá engessada... Este final de semana vai ser ìfffftô

Vocês vão se divertir por aqui mesmo — respondi.

Eu sei que eles acabaram se danando com os sete primos que, como sempre, também iam para lá, andando de bicicleta, pulando corda, subindo em árvore, fazendo guerrinha de frutas podres, brincando de pega-pega, jogando futebol, cartas, fazendo churrasco de milho verde e pendurando-se nas cordas que pendiam das árvores.

No sábado à noite choveu muito e o pensamento de todos se voltou para o cemitério:

— Nossa! Amanhã o cemitério vai estar o maior barato! — comentei inadvertidamente.

— Eba! Vamos lá, mãe?! Vamos, tia?! — falaram as crianças.

— Ia ser uma boa, não ia? — disse eu, esquecendo-me do caso da Gabi.

— Se não chover, a gente vai! — Eu estava tão animada que não me lembrei realmente da Gabi e eles... Bico calado...

O domingo amanheceu resplandecente.

— Mãe, acordaaa!!!

— Acordaa, tiaaa!!!

— Vamos pro cemitério!!!

Pensei comigo: “Onde foi que amarrei meu burro... Ai que sono...”

— Peraí... — disse eu. — Deixa eu dormir mais um pouco...

Todos saíram do quarto desanimados... Comecei a me virar de um lado para o outro. Quem disse que eu conseguia dormir? “Promessa é dívida!” Levantei-me, capengando. (Odeio levantar cedo.) Passado o primeiro impacto, logo me animei, ao vê-los tão contentes.

— Vamos lá, criançada! Tomar café... Quero todo mundo alimentado.

Quando todos estavam à mesa, deparo com Gabi:

— Xiii... Gabi! E o seu braço?! — pergunto.

— Qui qui tem, manhê?

As crianças se entreolham com medo e cumplicidade.

— Você não vai poder escalar as montanhas (uns morros de terra) nem fazer guerra de lama!

As crianças responderam imediatamente.

— Ela fica só olhando, né, Gabi? (já assentindo com a cabeça) — sugere Letícia, minha afilhada.

— É, mãe... Eu fico só olhando...

— Ó... Cê promete? — pergunto, como se eu já não me conhecesse e não conhecesse a Gabi.

— Claro, mãe... Olha, eu posso até embrulhar o braço nesse plástico pra não correr o risco de sujar nem um pouquinho!

— Ói, Gabi... Não é só o caso de sujar. Se você cair, pode machucar mais ainda o seu braço! Acho melhor você ficar aqui com o papai — digo, louca para que ela fosse, pois Gabi era uma das mais animadas.

— Ai, não, mãe, por favor... Deixa ir. Eu fico só olhando.

Realmente, eu não poderia deixar a Gabi perder essa excursão, porque era uma verdadeira viagem ao mundo da fantasia.

— Tá bom! Vamos lá... Todos prontos? Quero ver... Botas de borracha?

— Taqui, tia.

— Armas? (bastões de madeira, pedaços de pau)

— Aqui...

— Água?

— Aqui...

— Ótimo... Em fila... Batalhão...

Atenção para a chamada. E assim começo a chamar as crianças, uma a uma, que confirmam orgulhosamente a sua presença. Durante o trajeto, vou dando um tom de aventura:

— Cuidado... Ao pisar, vejam se não existem minas. Esta região está cercada de inimigos... Falem baixo... Psiu!!!

— Agora, vamos pelo mato... Passem por cima deste tronco, pois embaixo dele existem serpentes venenosas.

— Esta região está cercada de leões, empunhem suas armas e fiquem atentos...

— Cuidado! Abaixem-se!... Ufa... Escapamos de uma bala perdida...

E assim que avistávamos o cemitério, do alto do morro que lhe dava acesso, era dada a ordem:

— Debandar... O último a chegar é a mulher do padre... — E assim soltávamos toda a ansiedade gerada pela espera.

Descíamos o morro sem freios nas pernas e só íamos parar exatamente no meio do cemitério, já sem forças para continuar correndo.

— Ufa... Ufa... Essa valeu, hein, tia?!

— Manhê... Quero colo! — chega Tatá, manhosamente e atrasadíssima, com ciúme, querendo atenção.

— Ói, Tatá... Aqui não tem mãe, não! Hoje eu sou a chefe! — empurrando-a para a brincadeira.

Gabi se aproxima e comento:

— He, He, Gabi, que legal que taqui, hein? Olha só o lamaçal!

— É, mãe! Será que não dá pra ir lá, só um pouquinho?

— Não, Gabi. Você prometeu!

— Tá bom, mãe!

— Ei, Gabi! Olha só que legal! — grita Dedé, com as pernas enterradas até as coxas na lama, ao mesmo tempo que iniciava uma guerra de lama com Kiko, suas primas e primos.

— Ficaí que eu já vou! — digo a ela, enquanto chego devagarinho, de surpresa, por trás da turma da lama e, juntamente com Tatá, ataco todo mundo.

— Aí, seus malandros. Cês querem lama? Lá vai lama... — E

chulapa... Chulapa... Lama pra cá, lama pra lá. Eles revidam o ataque. Dedé resolve vir pro meu lado. Gabi começa a não se conter. Aproxima-se do grupo e leva uma chulapada. Em contrapartida, começa a atacar também. Só sei que no final nem a Pirulita escapa. Parece que somos personagens de um filme de ficção científica. Algo como Àk ä òòk k ä òòk, H ftkí çí -ì í , H ìçq j ôç ckó í kòôkó, H ãçí fôdòfkt í ìc fôk.

Quando paro um pouco para tomar fôlego, vejo o braço de Gabi: imundo, com o gesso todo farelento e desmanchando... "Minha nossa! Que mãe desnaturada! Como pude deixar acontecer uma coisa dessas! Ser tão desmiolada...", começo a me culpar. "E se ela tivesse se acidentado?" Às vezes me pergunto se não devia ter posto mais limites à Gabi naquele dia. Ter sido mais mãe e menos criança.

No dia seguinte, tive de levá-la ao pronto-socorro novamente. Até hoje, ela se lembra do quanto valeu aquele dia glorioso. Nunca mais o lamaçal esteve tão bom, até mesmo porque, após aquele fim de semana, o terreno foi cercado e não pudemos voltar lá. Sem saber, aquele domingo foi muito especial, porque foi um dia de despedida. Por isso eu digo: será que ser mãe precisa ser uma tarefa tão pesada e cheia de responsabilidades? "Mas, se você permanecer flexível, poderá permanecer absolutamente jovem até o momento de sua morte" (Osho).

Por que não ser criança junto com os filhos e abandonar de vez em quando a função educadora? Isso fortalece os laços afetivos, aproxima os filhos da gente, cria uma relação de confiança e intimidade. Além disso, cria aquilo a que me referi e que chamo de "postura amiga". Se não criarmos esses momentos, nossos filhos não terão lembranças, pois o que permanece na memória são as emoções. O neurocientista português António Damásio conclui, em seus estudos, que a emoção modula constantemente a forma como os dados e os acontecimentos

são guardados na memória e que não há memória ou tomada de decisão neutras, sem emoção. Com o avanço das neurociências, os sentimentos e as emoções estão ligados às condições neurológicas. Entenda um pouco mais:

1. O ciúme é um sentimento muito comum numa relação afetiva, mas pode ser uma doença, quando traz sofrimento. Nesse caso, pode ser consequência de uma falta de equilíbrio na química cerebral, sintoma de depressão, de transtorno obsessivo compulsivo (TOC), de síndrome do pânico. Pode ser também sinal de alguma afecção neurológica, doença de Parkinson ou alcoolismo.
2. A alegria também está vinculada à química cerebral. Quando excessiva, pode ser sinal de uma doença chamada transtorno bipolar, quando a pessoa alterna períodos de extrema depressão com períodos de extrema euforia.
3. O amor é produto da oxitocina, substância que ativa as áreas cerebrais responsáveis pela afetividade. Quanto maior a sua produção, mais fortalecidos serão os vínculos afetivos.
4. A desconfiança está ligada ao excesso de testosterona, hormônio sexual masculino. É patológica quando se apresenta como sintoma de esquizofrenia e de dependência química.
5. A compaixão abrange as estruturas cerebrais que nos permitem reconhecer o sofrimento dos outros e a capacidade cognitiva de entender a expressão do sofrimento que o outro apresenta.
6. A indignação está muito próxima da raiva. Na primeira, o sujeito tem de ter assimilado os valores de sua cultura, o que torna esse sentimento um pouco mais complexo que a raiva.
7. A inveja é inerente ao ser humano. Existem a inveja boa, que está ligada à ambição (querer ter o que o outro tem), e a inveja má, que

está ligada à destruição. Não basta ter o que o outro tem; é preciso acabar com ele.

Por exemplo: Fulano é rico, mas coitado... É infeliz. Ou então: ela é loura, mas é burra.

As mulheres lidam melhor com as emoções do que os homens. A educação do menino não lhe permite expor o que sente: "Homem não chora". A raiva é uma emoção prejudicial ao homem. Ela mata. É preciso que se aprenda a lidar com ela:

1. Fique atenta aos sinais que o seu corpo emite: taquicardia, rubor, tom de voz, rigidez no pescoço.
2. Pare e observe o que está detonando a raiva.
3. Respire profundamente, caminhe, adie suas decisões até que ela passe.

Violência



As mães se acham onipotentes e foi isso que aconteceu neste episódio.

— Manhê?

— Que é, Dedé?

— Sabe aquele relógio Casio que dá pra mergulhar, que o Maurício tem? (Maurício, mais um de meus sobrinhos, é mergulhador.)

— Sei...

— Cê me dá um?

— Pô... Dedé! Ele é maior caro, filhão...

— Eu ajudo, mãe... Eu tiro da minha poupança.

— Mas é isso mesmo que você quer, Dedé?

— É, mãe! Cê sabe que eu adoro mergulhar. Já tenho 10 anos, já sou grande, sei cuidar direitinho dele.

— Ai, Dedé!...Mas é tão caro! Cê juntou tanto tempo esse teu dinheirinho... Cê tem coragem de dar todo ele por esse relógio e eu ainda ter de completar?

— Tá bom, mãe... Se você não puder, deixa.

Eu fiquei muito pensativa e penalizada, porque Dedé sempre foi um garoto bastante sensato e cordato, tanto que ele tinha uma "nota preta" guardada. Enquanto os irmãos torravam toda a mesada, que nunca foi muito, Dedé sempre a guardava. Além disso, sempre refletia sobre tudo que dizíamos a ele. Desta vez, queria muito o relógio e tinha uma razão: adorava mergulhar com o pai. Realmente o relógio tinha uma função importante para ele.

— Dé... — chamei-o. — Vem cá, filhão. Amanhã vamos ver o relógio, tá bom?

— Legal, mãe! Cê pode mesmo?

— Posso.

— Mas não vai te fazer falta?

— Não, Dé.

— Mas antes você não queria...

— Não é que eu não queria, Dé. Eu tava pensando!

— Mas se você tava pensando é porque não pode — diz ele, preocupado.

— Dé... Para de ficar preocupado. Isso é problema meu! Se eu disse que posso, é porque eu posso e tá acabado! — chacoalhei a sua cabeça, pegando-o pelo pescoço, como se o tivesse estrangulando, e rimos.

No dia seguinte fomos comprar o seu relógio. Percorremos três shopping centers para encontrar o tal modelo igual ao do Maurício.

— É este, mãe — disse-me ele, apontando um relógio que estava na vitrine de uma relojoaria.

Pensei: "Té-quin-fim..."

— Por favor, o senhor me mostra este relógio? — disse, dirigindo-me ao balconista.

— Pois não. É para a senhora?

— Não, é para o meu filho — respondi, orgulhosa, olhando para o meu pequeno e lindo mergulhador. Ele estava todo empinadinho, com a franjinha caindo-lhe sobre a testa, piscando duro e sorrindo de canto a canto das orelhas.

O vendedor foi colocando o relógio no pulso do Dé e ajustando-o.

Dedé sempre foi tímido e percebi, naquela hora, o quanto era difícil para ele conter o seu sorriso de alegria. Ele apenas piscava muito e me olhava com seus olhinhos muito, muito brilhantes.

— E aí, Dedé? É esse mesmo?

Assentiu timidamente com a cabeça, sem tirar os olhos do relógio e mexendo nos muitos botões. Bem, pagamos e saímos da loja. Fora das vistas do vendedor, pude comemorar com ele:

— Cara! Olha só que relógio, meu... Parabéns! — disse abraçando-o. — O papai vai adorar! Vai ficar maluco! Já pensou quando você puder mergulhar? Que legal, hein?

Dedé nem respondia. Procurava entender o funcionamento daquela supermáquina. Fomos para o carro e durante todo o trajeto de volta ele me mostrava as coisas que descobria que o relógio fazia. Em casa, com os irmãos, a mesma coisa. Na hora do banho, outra farra: encheu a banheira e mediu a profundidade dela. Ligou para o pai e para Maurício, combinando um mergulho para o próximo fim de semana.

Naquele dia, ele foi para a escola hiperfeliz. Quando voltou, ainda era cedo, época do horário de verão. Como sempre, resolvemos dar

uma volta no bairro com os cachorros.

— Vamos, pessoal. Antes que fique tarde! — gritei.

— Peraí, mãe! Vou tirar o relógio — falou Dé.

— Que nada, Dé! Vai assim mesmo! A gente volta logo. Além disso, a gente tá com os cachorros e cê tá comigo. Tá comigo, tá com Deus! — respondi autoconfiante.

Fomos lá... vira aqui, vira ali, para aqui, para ali, entra aqui, entra ali, vê isto, vê aquilo, fala com este, fala com aquele, de repente uma voz:

— Passa o relógio, senão eu atiro! — diz imperativamente um sujeitinho loiro, que para diante do Dedé, que conduzia as duas cadelas boxers.

— Como? — pergunto sem entender.

— O relógio — apontando com uma das mãos para o braço do Dé e com a outra para uma arma na cintura dele.

— Dá o relógio pra ele, Dedé — ordeno.

Dé fica um tempo parado, sem entender o que se passa, enquanto as duas cadelas boxers cheiram o bandido e este aponta novamente o revólver na cintura. Na mesma hora, pego no braço do Dé e solto o relógio dizendo:

— Dá o relógio pra ele!

Dé passa-lhe o relógio e ele sai correndo. Ficamos parados, eu e as quatro crianças sem entender o que tinha acontecido. Quando caiu a ficha, me dei conta de que o imbecil havia levado o relógio do meu garotinho amado. Fiquei irada! Corri até minha casa, peguei meu carro e percorri rua por rua atrás do gatuno, rogando todas as pragas que conhecia, prometendo ao Dedé que, se pegasse o larápio, o trucidaria.

Imagine... Que onipotência a minha, mais uma vez! Mãe é muito metida à poderosa: só ela protege, só ela cuida, só ela sabe... E foi assim que meu filhotinho perdeu o seu relógio. Até hoje ele não tem

um relógio de mergulho. Até hoje, quando saímos juntos à noite ou passamos por lugares perigosos, eles me zoam:

— Não precisa ter medo: tá com a mamãe, tá com Deus!

Onde eu estava com a cabeça?!

Muitos pais me perguntam como lidar com a violência. Se eles devem proibir seus filhos de ver programas violentos, sair para baladas, ter determinadas amizades, ir a certos lugares, estabelecer horários... Costumo aconselhar a não proibir nada, mas usar o bom-senso dos diálogos e dos contratos.

Quanto à violência da internet e da TV, é bom saber que a violência presenciada pela criança, não raro dentro de sua própria casa, é muito mais prejudicial do que a virtual. Existe uma estimativa da Unicef de que, no Brasil, 18 mil crianças e adolescentes sejam espancados diariamente.

A base da violência, na maioria das vezes, está dentro de casa. Isso ocorre quando crianças são rejeitadas pelos pais ou tratadas de forma hostil ou autoritária. Lares que são baseados em relações de poder são muito prejudiciais à infância.

A violência aparece também em forma de humilhação, na indiferença com relação ao que o outro sente, nas pequenas provocações. Na ausência de um gesto delicado, de um pedido de desculpas. É preciso saber perdoar para acabarmos com a violência. Jean-Paul Sartre, filósofo francês, já dizia: “Não importa o que fizeram a você. O que importa é o que você vai fazer daquilo que lhe fizeram”.

Vai ficar a vida inteira culpando os outros e se vingando em cima de quem não tem culpa da sua infelicidade? Oras! Acorda para a vida! Faça algo de bom com o que lhe fizeram de mal. Cuide das crianças, principalmente. Crianças exploradas por adultos, crianças que têm seus direitos básicos negados — como afeto, carinho, alimentação, respeito, aprendizagem, proteção — desencadeiam uma forte tendência à

violência.

Geralmente, os pais se preocupam com a saúde física e não com a saúde emocional de seus filhos. Quando a escola encaminha a criança para uma avaliação psicológica, são poucos os pais que chegam até nós. Justificam-se de várias formas:

— Os psicólogos são todos loucos.

— Meu filho não tem problema, o problema é da escola.

— Eu também era assim...

Para lidar com a violência externa, acho que prevenir é sempre o melhor remédio. Aconselho que os pais assistam à televisão com seus filhos para ajudá-los a elaborar as cenas de violência e morte.

Os pais me perguntam sobre heróis e monstrinhos, questionando se facilitam a aprendizagem da violência. Respondo o seguinte: esses desenhos trazem sempre como tema uma turma de crianças que vive determinadas aventuras. Nossas crianças, atualmente, têm uma vida muito limitada em razão da falta de brincadeiras e de espaço amplo para criar suas próprias aventuras. Muitos programas fazem que as crianças vivam seus desejos, extravasem suas necessidades, seus conteúdos afetivo-emocionais por meio da personagem com a qual se identificam. Acho isso bom.

Tem outro aspecto interessante: na maior parte das vezes, o que um adulto considera violência não o é para a criança, porque ela se atém mais à questão da luta entre o bem e o mal e à necessidade de ver o mundo salvo. Ela não presta muita atenção nos meios que são utilizados para chegar a esse fim. Com respeito à proibição de TV ou internet, entendo que seu uso deva ser dosado, mas você precisa oferecer algo em troca para a criança fazer quando estaria se dedicando a essas atividades.

Se o seu filho já está na idade de sair com amigos, o que é muito bom, marque horários que devem ser respeitados, sob pena de não sair

da próxima vez. Leve-o, se puder, aos lugares que ele desejar. Procure saber com quem ele está saindo, os lugares que frequenta e peça que se mantenha em contato. É fundamental que você aprenda a receber os amigos do seu filho em sua casa, pois assim estará no controle. Seja receptiva, mas mantenha-se em seu lugar. Não seja invasiva. Deixe-os à vontade. Não faça seu filho pagar mico.

Ensine a ele que no caso de achar que está sendo perseguido na rua deve entrar em uma loja e ligar para você. Dê-lhe todas as orientações que você deve ter recebido de seus pais: não fale com estranhos, não aceite nada de ninguém, não deixe ninguém tocar o seu corpo. Não trate seu filho com violência e agressividade. Violência doméstica gera violência social. Filhos agressivos e violentos geralmente são tratados dessa maneira. Lembre-se sempre: você é um modelo e o seu filho vai procurar segui-lo.

Acostume-se a viver sem brigas. Torne esse costume viável em sua casa. O costume, o hábito, pode nos servir de grande guia. É um princípio que torna úteis nossas experiências e nos faz esperar, no futuro, uma série de eventos semelhantes àqueles que apareceram no passado. Portanto, é também uma faca de dois gumes. Fique atenta. Crie bons hábitos de vida e de relacionamentos.

Transcrevo a seguir algumas dicas que considero essenciais para garantir um bom desenvolvimento ao seu filho[3]:

> ***Dicas para educar sem violência***
>
> [...] dicas de educação que você pode aliar a estratégias específicas de educação positiva, para garantir ao seu filho um desenvolvimento pacífico, feliz e livre de violência:
>
> 1. Acalme-se e evite discutir os problemas enquanto estiver sob efeito da raiva.
> 2. Sempre tente conversar com a criança, mantendo abertos os canais de comunicação para que ela entenda o porquê da discussão.
> 3. Mostre à criança o comportamento mais adequado dando o seu próprio exemplo.
> 4. Jamais recorra a tapas, insultos ou palavrões.
> 5. Não deixe que a raiva ou o estresse que acumulou por outras razões se

manifestem nas discussões com seus filhos.

6. Converse somente com os envolvidos, sentados.
7. Considere sempre as opiniões e ideias dos seus filhos. Tome decisões junto com eles para resolver o problema.
8. Valorize e faça observações sobre os aspectos positivos do comportamento deles.
9. Busque expressar de forma clara quais são os comportamentos de que não gosta e o aborrecem. As regras precisam ser claras e coerentes para que as crianças possam interiorizá-las.
10. Gerar espaços de diálogo com as crianças, desde pequenas, colabora para prevenir conflitos.
11. Se sentir que errou e se arrependeu, peça desculpas às crianças. Elas aprendem mais com os exemplos que vivenciam do que com os nossos discursos!
12. Procure compreender a criança e saber o que esperar dela na fase do desenvolvimento em que ela se encontra para não puni-la por um comportamento que ainda não aprendeu.
13. Deixe as consequências naturais do comportamento inadequado acontecerem ou aplique consequências lógicas, desde que elas não signifiquem colocar a criança numa situação de perigo.

Apuros



Segunda-feira, hora de dar almoço às crianças antes de ir para a escola e eu ir para o trabalho. Casa toda bagunçada do fim de semana para a empregada arrumar à tarde. Pia cheia de louça, roupa para lavar e passar. Isso lhe é familiar?

— Criançada, chega de brincar. Vamos tomar banho para almoçar e ir para a escola. Vamos, vamos... — digo eu, já recolhendo os brinquedos.

— Logo agora, mãe, que a gente ia começar a brincar? — protesta Kiko.

— Xiii, mãe... Esqueci de fazer a lição de casa — diz Gabi,

procurando consolo e solução.

— Ninguém mandou você não fazer a lição na sexta-feira, quando chegou da escola — respondo cinicamente. (Aliás, da forma que minha mãe falava para mim e eu não gostava.) — Se tivesse ouvido os meus conselhos... Agora, entenda-se com a sua professora!

Não tem coisa pior do que mãe quando fala: "Eu bem que avisei", "Eu não falei?", "Se você tivesse me ouvido..." Como somos poderosas! Bem, continuando...

— Vamos, vamos... Não tem brincadeira, não...

— Eu não quero ir à escola, tô com dor de barriga! — diz Kiko, com carinha suspeita.

— Tá com dor de barriga, é? Então, a mamãe vai dar umas injeções pra essa dor passar e você fica em casa. Tá bom, filhinho? — respondo-lhe, nesse dia que acordei já de mau humor.

— Já passou, mamãe... — retruca ele, com uma carinha de santo.

— Mãe, cadê meu uniforme? — pergunta Tatá.

— Espera que eu vou ver... Não tá na sua gaveta?

— Não!

— Nem na gaveta da Gabi? — grito lá da sala, enquanto ela está no quarto.

— Não!

— Vê nas gavetas dos seus irmãos...

— Não tem camiseta nenhuma, mãe!

Falo, então, com a empregada:

— Oneida, cadê as camisetas das crianças?

— Sei, não...

— Como assim? — indago-lhe. — Você não lavou e passou as camisetas das crianças?

— Ah, num deu tempo, não...

— Oneida, não acredito! Você saiu sábado de manhã e não lavou

as camisetas das crianças, conforme lhe pedi?

— Esqueci!

— Peraí... Vamos recordar o que aconteceu. Não era sua folga, eu fiquei com pena de te prender até tarde e falei que se você quisesse ir embora poderia ir contanto que me deixasse todos os uniformes, que já estavam acumulados, limpos. Lembra-se?

— Lembro.

— E você tem coragem de me dizer que se esqueceu de lavar?

— É... E, já que a senhora não acredita em mim, eu vou embora agora.

Eu, me fazendo de valente e de quem estava pouco se "lixando" para ela, digo:

— Tudo bem você ir embora, porque agora quem não quer ficar com você sou eu. Preciso de uma pessoa com quem realmente possa contar. E mentira, pra cima de mim, não dá... Pegue suas coisas.

— Que foi, mãe? — perguntou Dedé.

— A Oneida vai embora.

— E agora, manhê?! — pergunta Gabi.

— E agora a gente vai ter de se virar...

Esperei que Oneida saísse e enquanto isso as crianças almoçavam. Naquele dia, é claro que ninguém foi à escola.

— Criançada, vamos ajudar a mamãe. Arrumar camas, recolher lixo dos banheiros, lavar louça, passar aspirador na sala, recolher roupa suja e levar para a lavanderia, passar pano na cozinha.

— Ainda bem que a vovó está passando alguns dias na casa do tio Rogério, senão a gente ia ter de fazer jantar, porque ela não come McDonald's — comenta a espertíssima Tatá.

Penso: "Preciso urgentemente arranjar alguém". Casa com três cachorros, quatro crianças, dois adultos que trabalham e uma avó de 94 anos não pode ficar à deriva. Ligo para o mundo: "SOS preciso de

empregada".

Tarde da noite... "Ding... Dong"

— Campainha a esta hora? Quem será? — pergunta-me Ruy.

Já estávamos deitados, vendo TV na cama. Levantamos preocupados. Ele foi até o portão, enquanto corri até a sacada de nosso quarto. Vi nosso guarda-noturno, acompanhado de uma figura, no escuro da noite. Resolvi descer até o portão e acompanhar Ruy.

— Pois não, seu José?

— Discurpi o tarde da hora, seu Ruy. É que fiquei sabeno que a dona Betty precisava de alguém pra trabalhá e eu truce a minha cunhada, que carece muito.

— Nossa, seu José — respondi. — Mas assim tão de repente! Assim tão tarde? — olhando de soslaio para uma senhora negra de uns 40 anos, aproximadamente.

— É que ela está em casa, né?! Chegô du norte faz esses dia, pra ajudá meirmão que tá desimpregado e sacumé, né? Nóis precisa rranjá emprego logo, né?!

— Mas ela já trabalhou em casa de família, seu José?

— Diz aí, Nega! Fala com a muié... — cutucando a cunhada.

— Já, sim, senhora. Lavu, passu, cuzinho, arrumo. Sei fazê as comida daqui, não! Isso eu não vô dizê que sei... Mas se a dona me ensiná...

— Bom, seu José... Já é tão tarde... O senhor não pode me trazer a sua cunhada de novo amanhã, pra conversamos com calma?

— A sinhora tá é louca? A dona sabe onde é que nóis mora? E como é que eu vou levá ela embora agora, dona? Tô pegano no meu selvício. Tem jeitio da dona ficá com ela agora, não? Modo que ela vai passá a noite na rua mais ieu!

Olhei para Ruy com cara de "e agora?" e ele me olhou com cara de "pois é"...

— Tá bom, seu José. Vou ficar com ela (contrariada). Como é seu nome? — dirigindo-me a ela.

— Eucrácia.

— Como? Eu...

— ... Eucrácia — completa seu José. — Mas todo mundo chama ela de Nega. Pode chamá tumbém.

— Por favor, pode entrar dona Eu... crá-cia. Eu vou levar a senhora até o seu quarto. Não repare... Ele está um pouco desarrumado porque a moça que trabalhava aqui saiu hoje e a senhora me pegou desprevenida. Por favor, por aqui...

Lá estava eu, altas horas da noite, atravessando o jardim e levando a dona Eu... Eu... Como é mesmo? A Nega até o seu quarto.

Os cachorros latiam alucinadamente. Os cães da raça boxer têm uma característica: implicam com pessoas negras.

— Para, Aia! Chega, Pig! Sai, Tequila!

— Ai, dona, tira esses bicho daqui que eu morro de medo. Credo... Que bicho feio!

— Calma, dona Eu... Eu... dona Nega. Eles são mansos... — procurando acalmá-la.

— Que nada, dona... Socorro! Eles qué me mordê! Ai, minha Nossa Senhora.

— Ruyyy! — grito nervosa. — Por favor, será que você não pode me dar uma mão e prender esses cachorros!

Nessa altura do campeonato, a casa toda já estava acordada e a cachorrada do bairro inteiro já latia.

— Ô — reclama ele. — Eu já estava deitado...

— Assim não dá, né? — respondo ainda mal-humorada. — Essa cachorrada só obedece a você!

Enquanto o meu santo marido prende a cachorrada, sigo com a Eu...Eu... Nega até o seu quarto. Dou-lhe roupas de cama limpas,

toalha de banho e as primeiras orientações para o dia seguinte. Quando atravesso o jardim para voltar para a casa, piso num dos cocôs dos cachorros... P.Q.P. #*+, #*#... Tiro o chinelo cheio de merda e o deixo do lado de fora da porta da sala. Já é uma da manhã. Deito-me exausta. Apago a luz do abajur. Antes de suspirar, me lembro que não soltei os cachorros. Respiro fundo. Me levanto. Vou calçar os chinelos e só encontro um pé. Sonada, calço apenas um pé. Vou cuidadosamente até o canil. Solto as feras que, alegremente, pulam ao meu redor.

— Chega... Quietos... Para... Pra casinha!... — ordeno, procurando fazer que não sujem o meu robe.

Descalça de um pé, piso novamente em outro montinho de merda.

— P.Q.P. #*&...@*#...

Aquela bosta mole e ainda quentinha entra por entre os meus dedos. Procurando achar algo de bom nisso, lembro-me de que algumas tribos indígenas interpretam isso como sorte. Uso como mecanismo de defesa, para não explodir de raiva! Entro em casa, pisando somente com o calcanhar e vou direto para o chuveiro. O que foi que eu fiz para merecer tanto nesse dia? Deito-me e, é claro, não consigo dormir. Perdi o sono. Resolvo ler *Ulisses*, de James Joyce, que comecei no ano passado. Estou na página 35. Passo para a página 36 e capoto...

No dia seguinte, logo cedo...

— Socorro! Socorro!

Sou acordada por uns gritos vindos do jardim. Estou meio zonza ainda, tendo de colocar ordem em meu psiquismo, que se encontra caótico e indiferenciado.

— Que é isso? — já correndo para o jardim.

Nesse momento, me caiu a ficha: deve ser a Eu... Eu... Nega.

Não deu outra. Deparo com os três boxers fazendo plantão na porta no quarto dela, com a língua de fora, impedindo-a de sair.

Quando me viram, saíram correndo em minha direção e começaram a dar saltos ao meu redor.

— Chega... Para... Pra casinha!

Com muita dificuldade, consigo trancá-los no canil e assim "soltar" a Eu... Eu... Nega do seu quarto.

— Bom-dia, dona Eu... Eu... dona Nega. Dormiu bem?

— Cruz credo, dona! Esses cachorro come gente?

— Come, não, dona Eu... Eu... dona Nega. Logo eles se acostumam com a senhora. Venha comigo, que vou lhe dar café.

No trajeto para casa, aproveito para procurar o meu chinelo sujo de bosta. Encontro-o todo estraçalhado no canil dos cachorros.

"Eu mereço", — penso e jogo o outro pé do chinelo para os cachorros comerem também.

— Taí, seus "bostinhas"! Divirtam-se.

Os três começam a brigar pelo meu chinelo. Preparo o café e ensino a dona Eu... Eu... a dona Nega como é a rotina. Enquanto ela toma o café, vou acordar as crianças para tomarmos o nosso café juntos e iniciarmos as atividades do dia.

Foi dada a largada...

Depois de todo o corre-corre inicial — leva as crianças pra cá e pra lá, faz almoço, ensina a dona Eu... Eu... Nega isso e aquilo, briga aqui e ali, supermercado, telefone, banco, hora de almoço —, finalmente...

— Dona Eu... Eu... Nega, vou levar as crianças para a escola e vou para o trabalho. Só volto às 6 horas. A senhora lava a louça do almoço, passa um pano na cozinha, guarda a louça. Deixa a cozinha cheirosinha, tá bom?

— Sim, sinhora.

— Depois disso, a senhora pode passar aquela roupa que está na lavanderia.

— Sim, sinhora.

— Depois, a senhora parte estas abobrinhas para eu fazer para o jantar, lava estas verduras (separando o que eu queria), este arroz, pica este alho, esta cebola, batata, que quando eu chegar preparo o jantar. Tudo bem?

— Sim, sinhora. E os cachorro?

— Os cachorros ficam presos. A senhora viu que eu já lavei o canil, já recolhi a sujeira deles. A senhora não precisa mexer com eles, por enquanto.

— Sim, sinhora!

— Ah! Não abra o portão para ninguém.

— Sim, sinhora.

Eu já estava cheia dessa mulher monossilábica, mesmo porque eu tinha a impressão de que ela não me entendia!

— Dona Eu... Eu... Nega, a senhora está me entendendo?

— Sim, sinhora.

Pensei rápido: "Vou levar a chave do portão comigo. O seguro morreu de velho".

— Até logo!

— Sim, sinhora.

Enfiei as crianças no carro e fomos para a escola. Naquela época, eu era orientadora pedagógica da escola em que as crianças estudavam. Trabalhei a tarde toda preocupada com a minha casa. Assim que deu o sinal, saí correndo com as crianças.

Quando chegamos em casa... Silêncio... Cadê dona Eu... Eu... Nega?

Juro que senti um medinho. Não estava com bom pressentimento. Entrei pela cozinha: tudo desarrumado, como eu havia deixado. Na sala, os quadros estavam todos no chão e os móveis fora de lugar. Olhei para as crianças:

— Mãe? O que aconteceu?

— Sei lá... É melhor vocês ligarem pro papai, enquanto eu

continuo a olhar a casa.

— Manhê... Tô com medo! — disse Tatá.

— Calma, filhinha... "Tá comigo, tá com Deus." Ops... Desculpe. Eu também tô com medinho. Fica aqui pertinho, vamos pegar umas vassouras pra nos protegermos.

Subimos e todos os quadros da casa estavam no chão, encostados na parede.

— Manhê?! Cadê a dona Nega? — pergunta Kiko.

— Não sei, filhão... Vai ver que está lá atrás, no quarto dela... Eu vou até lá.

— Não, mãe, não vai sozinha! — diz Dedé. — Eu vou com você!

— Eu também vou! — diz Gabi.

Cada um de nós pegou um cabo de vassoura e fomos até lá.

— Tatá, você fica trancada aqui com Kiko. Qualquer coisa, liga de novo pro papi!

Quando saímos no jardim, o encontramos inteiro destruído, as plantas arrancadas, as mesas e cadeiras jogadas. Até as árvores estavam no chão. Parecia que havia passado um furacão. Não dava nem para atravessar o jardim e chegar à edícula onde ficava o quarto da dita cuja.

— Crianças, fiquem aqui que eu chego lá — ordenei, vendo que a coisa era mais séria ainda. Bato na porta do seu quarto e ninguém responde. Tento abri-la, trancada. Bato agora com mais força — tum, tum, tum — e grito:

— Nega, você taí? Por favor, abra a porta.

— Nada...

Dou a volta até a janela e vejo que ela dorme docemente, igual à "Bela Adormecida". No que eu vou até o fundo de seu quarto, o que vejo também? Sete garrafas da coleção de pinga do Ruy totalmente vazias, rodeadas por sete velas acesas.

— Vixe Maria, Saravá, meu pai! Um despacho dentro da minha própria casa!

— Pra dentro, criançada...

Solto os cachorros que ainda estavam presos, muito irada:

— Essa mulher vai se ver comigo!

Quando piso em casa, Ruy já está entrando:

— O que foi? O que foi? — pergunta assustado.

— Olha só... — Levo Ruy a todos os lugares para ver o acontecido.

— Mas por que ela fez isso?

— E eu vou saber? Agora venha ver o pior... A coleção de pingas...

— Não! As pingas que compramos na nossa lua de mel?! Como é que você põe uma estranha dentro de casa? E se ela ficasse com nossos filhos? E se ela roubasse algo de valor? E se ela nos matasse? Você... Você... — Escutei um monte...

— Acho melhor chamar a polícia!

— Não, Ruy. Coitada da mulher. Ela deve ser doente! Deixa comigo. (Onipotente de novo!)

Demos um jeito na casa e jantamos. Na hora de dormir, nos armamos das facas que temos para churrasco, caso fôssemos atacados. Não dormi nada. Na manhã seguinte...

— Ruy, acorda! Quero falar com ela antes de você ir para o trabalho.

Fomos os dois lá pra trás. Ela já estava acordada.

— Bom dia, dona Eu... Eu... dona Nega — disse-lhe tímida e secamente.

— Sim, sinhora.

— O que foi que aconteceu ontem? — perguntei-lhe.

— Eu matei uns monstros que subia ni mim. Parecia taturana, era imenso. Vinha do jardim, si escondia... — Ela estava apavorada! — Mi subia pelas perna, pelos braço... — Enquanto ela falava, ia tocando seu

corpo com as mãos e mostrando as regiões por onde as taturanas andavam, fazendo cara de horror, com os olhos vermelhos arregalados e a voz rouca e estridente revelando medo.

— Acalme-se... — eu disse, pressentindo que ela surtaria em breve.

A senhora já matou todos. Fique calma. Não tem mais nada!

E essas pingas? Apontando-lhe as garrafas.

— Esses marafo é pra Exu protegê eu.

— A senhora tomou tudo?

— Não tomei, não senhora, foi "Seu caveira" que tomô.

— Ah! "Seu caveira" tomou!? Tá bom, então... — "Quem seria esse tal de seu caveira?", pensei.

— Sabe, dona Eu, Eu... dona Nega. Eu vou ligar para o seu José vir buscar a senhora hoje porque eu já tinha tratado com uma moça pra ficar no seu lugar e a senhora veio de repente, né?

— Sim, sinhora.

Liguei para o seu José e expliquei tudo a ele. Fiz que entrasse e visse o que ela havia feito.

— Sabe, dona, é que de vez em quando ela bebe e fica anssim, né? — explica-me seu José.

— Pois é, seu José. Eu não posso ficar com uma pessoa que bebe porque de vez em quando preciso largar as crianças sozinhas com essa pessoa e não fico tranquila com sua cunhada. De qualquer maneira, muito obrigada por tê-la trazido, pena não ter dado certo.

E foi assim que eu coloquei uma desconhecida dentro de casa.

Uma questão de prioridades



Depois do episódio da dona Eu... Eu... dona Nega (engraçado... nunca consegui guardar o nome dela. Até para escrever esta história, tive de recorrer ao Ruy para lembrar-me de "Eucrácia"), resolvi que não colocaria mais ninguém em casa. Fiquei traumatizada, ainda mais pensando no que poderia ter acontecido de pior.

— Se nos Estados Unidos as mulheres não têm empregada, por que eu preciso de uma? (mais uma vez a minha onipotência!) — dizia a Ruy.

— Vou me organizar e dar conta de tudo sozinha

Naquela época, trabalhava meio período e estudava à noite. Resolvi contratar uma faxineira e pronto! A comida... Era só se virar com congelados. Os serviços da casa seriam divididos com as crianças. Afinal, tinham de assumir pequenas responsabilidades, tais como arrumar suas camas, guardar suas roupas, recolher roupa suja e levar para a lavanderia, recolher lixo dos banheiros, enxugar a louça, colocar e retirar a mesa, me ajudar com o supermercado, passar um aspirador e tirar o pó.

Nos primeiros dias, foi uma farra: todos queriam passar o aspirador, mas ninguém queria guardá-lo. Eu passava as roupinhas pela manhã, mas eles as guardavam de qualquer jeito, de modo que nem parecia que haviam sido passadas. Na hora de enxugar a louça, o chão da cozinha ficava encharcado, pois eles jogavam o excesso da água da louça no chão e depois pisoteavam. Ficava aquela "papocha" imunda!

Quanto ao lixo dos banheiros... Não quero nem falar... Era resto de papel higiênico espalhado pelos cantos da casa inteira, pois eles não tinham habilidade para amarrar os saquinhos de lixo. Suas caminhas, antes tão arrumadinhas, tinham pequenos e grandes calombos daqui e

dali. O pó ia se acumulando e se avolumando.

Mas o problema começou mesmo e estourou com a minha mãe:

— Eu não como comida congelada! — disse minha mãe, abruptamente, durante o jantar. — Já estou cheia de comer estas comidas horrorosas. Eu não vou comer!

— Mãe, procure compreender! Eu não tenho tempo de cozinhar! — tentando manter a calma, respondo pacientemente.

— Não custa fazer uma comidinha fresquinha — diz ela com cara de nojo.

— Não é só o tempo de fazer, mãe. É a sujeirada que fica na cozinha e também o supermercado que preciso fazer para poder cozinhar. A senhora precisa compreender!

— Que nada! Não custa nada! Deixa que eu faço! — retruca ela.

— Mãe, a senhora já tem muita idade para fazer esses serviços. Sofre de dores na coluna. Depois fica doente, e aí quem é que vai cuidar da senhora?

— Aí você manda me internar! — brava, como sempre, e dando uma de vítima.

— Mãe, a senhora não entende mesmo, não é? Tá bom. A senhora não quer comer congelados... Amanhã eu cozinho. Hoje, coma isto.

— Não! Eu vou fazer mingau.

— Está bem. Faça como quiser.

Fiquei muito aborrecida. Estava perdendo o controle sobre as coisas. Não falei ainda sobre a cachorrada! O quintal, o jardim e o canil! Quanta merda a recolher todos os dias! Perdia praticamente a manhã inteira só lavando os espaços dos cachorros. A irritabilidade estava tomando conta de mim. Estava começando a matar “cachorro a grito”. Já gritava com a criançada, controlava a bagunça, a limpeza. Estava ficando uma “neura”:

— Não pisa aí com o pé sujo, que acabei de limpar!

— Não senta aí, que vai amassar as almofadas que afofei!

— Lave o copo que usou!

— Use a mesma toalha de ontem!

— Tire os sapatos!

Comecei a me achar insuportável até para mim. Tadinho dos cachorros! Passaram a ficar presos no canil, só para eu não ter de lavar o quintal... Toalhas de banho, rosto, lençóis, não eram mais passados a ferro. (Ah! pijamas também não.) As crianças não saíam mais para passear pelas manhãs e levavam bronca cada vez que erravam as lições. O maridão encontrava uma mulher cheirando à água sanitária e mal-humorada.

Certo dia, a casa caiu.

— Peraí, assim não dá! O que eu quero? O que é mais importante para mim? — parei para me questionar. O mais valioso em toda a minha vida sempre foi a minha família e, naquele momento, pude perceber que eu estava prejudicando justamente aquilo que para mim era o mais importante. Pois, além de tudo, eu ainda ia trabalhar, numa área estressante, que é a educacional e à noite largava todos para ir ao curso de especialização em transtornos de aprendizagem, voltando à meia-noite e quinze.

Chega! Ponto final. Preciso estabelecer prioridades. E foi assim que, sem culpa e sem arrependimento, parei de trabalhar e estudar até meus filhos ficarem mais crescidinhos e independentes. Foi sem dúvida a atitude mais sábia e sensata que já tomei em toda a minha vida. Os momentos que pudemos estar juntos foram muito importantes para nós. Momentos esses que nunca poderiam ser recuperados, revividos, retomados.

Do meu lado, pude retomar minha profissão, especializar-me, fazer outra faculdade, em outro momento. Mas dar aquela parada foi decisiva. Por isso, digo, repito, aconselho: sempre na vida temos de

estabelecer prioridades. A infância de nossos filhos passa rápido demais e é nela que criamos um vínculo de amor e confiança com eles. Cuidar dos filhos é uma guerra. Você ocupa vários “postos”: motorista, enfermeira, professora, cozinheira, passadeira, faxineira, babá, domadora, palhaça, mágica... Nossa! Quantas mágicas precisamos fazer para que eles comam, façam a lição de casa e nos obedeçam. Ufa!

Sexo e erotismo? Nem pensar! Cada vez que o casal quer dar uma namorada, os filhos parecem perceber. E como! Você já notou? Eles não querem ir para a cama, acordam a noite inteira, querem dormir com a gente, ficam doentes e chegam a ter insônia. A noitada acaba se transformando numa maratona e quando, enfim, os filhos sossegam o casal exausto desistiu da grande noite de orgia e prazer e já se entregou aos braços de “Morfeu” Conforme-se: você não é a única e isso vai loonnnge...

Caso você não queira nem possa parar de trabalhar para cuidar de seus filhos, precisa arranjar um jeito de equilibrar sua vida profissional e familiar. Não levar trabalho para casa é uma dica e não levar problemas de casa para o trabalho é outra. Não dá para misturar papéis. As mulheres lutam há muito tempo para conciliar família e trabalho. Lutam por horários mais flexíveis, creches, empregos de meio expediente, melhores salários e cargos, licenças familiares... Mas sabemos que não existem soluções definitivas simplesmente porque os filhos precisam de suas mães. (Ter um pai presente e participativo ajuda muuuito!)

John Gottman, autor de Ç ôçìffle j ãfft çí kãfkt j ì ç òôç cç çcpã ò j kóókó èfftkó (Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 170), ressalta a importância do pai:

> Os pais podem influenciar os filhos de algumas maneiras que as mães não conseguem, especialmente no que diz respeito ao relacionamento da criança com os colegas e seu desempenho na escola. Pesquisas indicam, por exemplo, que meninos com

> pais ausentes têm mais dificuldade de encontrar o equilíbrio entre a afirmação da masculinidade e o autocontrole. Consequentemente, têm mais dificuldade de aprender a se controlar e adiar a gratificação, habilidades que adquirem importância cada vez maior à medida que o menino cresce e procura amizades, sucesso acadêmico e ascensão profissional. A presença positiva de um pai também pode ser fator significativo nos desempenhos acadêmico e profissional da menina, embora aqui a evidência seja mais ambígua. Porém fica óbvio que as meninas cujos pais são presentes e interessados são menos propensas a cair precocemente na promiscuidade sexual e mais propensas a estabelecer relacionamentos saudáveis com os homens quando se tornam adultas.

Estudos nos mostram que a melhor aprendizagem é aquela que acontece em casa, com os pais, antes de a criança entrar para a escola. Além disso, o nível mais elevado de aprendizagem é até os 6 anos de idade, fase em que as crianças aprendem a pensar. Aproximadamente aos 4 ou 5 anos começam a perceber que existem coisas que devem ser feitas (despertar do senso moral), período em que começam a aprender regras e princípios. As regras dizem o que pode ou não ser feito. Não precisam de esclarecimento. Matriz que dá origem às regras, para serem aprendidos os princípios morais demandam maior trabalho intelectual. Somente por volta de 8 a 9 anos é que as crianças vão entendê-los.

A maioria das famílias necessita deixar seus filhos pequenos em creches, berçários e escolinhas maternais para cumprir uma jornada dupla de trabalho. Se não houver boas creches e escolas maternais, a desigualdade de oportunidades educacionais persistirá. Os mais estimulados sempre serão os mais favorecidos, e as questões da desigualdade social, econômica e cultural serão sempre a origem dos grandes problemas da sociedade brasileira.

Realidade



Houve uma época que a nossa situação financeira ficou caótica. Nossa empresa passou por uma fase péssima, da mesma forma que outras pequenas empresas, que lutavam para se manter à tona, no Plano Collor. Passamos a fazer uma economia danada! A contenção de despesas era grande e, apesar do corte de muitos supérfluos, não conseguíamos manter os nossos compromissos financeiros. Eu havia deixado de trabalhar e tudo que Ruy ganhava ficava na empresa.

Nessa época, aconteceram cenas engraçadas e traumáticas:

— Criançada... Hoje nós vamos comer pizza — falo animada, pois sobrou um toquinho. — Afinal, faz um tempão que não saímos.

— Oba! — todos gritam felizes.

— Posso levar o Tuco? — pede Kiko.

— Não, seu bobo! — repreende Gabi. Você não vê que a mamãe não tem dinheiro?

Olho para ele sem jeito e, concordando com Gabi, lhe explico:

— É, filhão... Se levarmos amigos, vai sair mais caro... É melhor irmos nós hoje e quando melhorar a gente leva o Tuco, tá bom?

— Tá bom — ele acaba concordando.

Agradeço sempre a Deus por ter-me dado filhos tão bons!

— Ah! E tem mais uma coisa... — completo. — Não pode pedir sobremesa, senão encarece muito a conta...

— Nem suco, né, mãe? — continua a sempre esperta Tatá.

— Nem suco — concordo.

— E Kiko... Vê se lembra de não pedir sobremesa, hein? — recomenda-lhe Tatá, preocupada. — Não vai fazer a gente passar vergonha!

E assim foi. Fomos para a pizzaria.

— Eu quero mozarela.

— Eu quero marguerita.

— Eu não gosto de manjericão!

— Eu gosto de portuguesa!

— Eu não gosto de ovo!

— Eu quero suco de laranja! — grita Kiko.

— Cala a boca! Você não ouviu a mamãe falar que não pode pedir suco? — sussurra Gabi no seu ouvido.

— Manhê?! É verdade que não pode pedir suco? — grita Kiko, em alto e bom tom.

Samuel, sempre muito preocupado com regras sociais e muito tímido, abaixa-se na cadeira, envergonhado.

— Fica quieto! — sussurra entre dentes Gabi, enquanto o garçom espera o pedido.

— Pode, sim, Kiko — respondo delicadamente, sorrindo envergonhada diante dos olhares dos outros fregueses e angustiada com a conta. Naquela época, eu também era tímida e me preocupava com o que os outros pudessem pensar. Olhei para Samuel, buscando identificação com seus sentimentos, respirei fundo e me acalmei.

— Seu idiota, olha o que você fez a mamãe fazer! — diz Gabi ao Kiko, como sempre preocupada, no lugar da irmã mais velha.

— Calma, filhinha! Ele ainda é pequeno para entender essas coisas. Não se preocupe. Só o suco dele não irá pesar na conta.

— Ô, Kiko, vacilão! — fala Tatá, que aproveita a confusão para acentuar sua rivalidade com o irmão.

— Chega, Tatá — repreendo-a. — Vamos aproveitar o passeio.

Você vai me perguntar: cadê o Ruy? Como na maioria das vezes, ele estava preocupado e pensativo, tentando resolver os problemas da empresa. Presente, porém distante em seus pensamentos.

Chegada e devorada a pizza, foram ver o pizzaiolo “manobrar a massa”, enquanto eu e Ruy conversávamos um pouco. Quando

retornaram:

— Manhê — bem alto. Todos olham novamente.

— Fala, Kiko.

— Pode pedir sobremesa ou você também não tem dinheiro?

— Pode, filhão — respondo sorrindo, tentando disfarçar meu mal-estar, olhando para os lados.

— Pode mesmo? — pergunta Tatá.

— Pode, filhinha — consinto, olhando ao redor. Vejo um monte de rostos me olhando como se eu fosse uma megera. Tentando disfarçar a minha vergonha, pergunto a Samuel educadamente e sorrindo entre os dentes:

— Você quer sobremesa, filhão? Peça o que quiser!

— Oba...

— Eu quero ä j j ónìffft— decide Gabi.

— Eu um ópj c ç — diz Samuel.

— F ffft-óft 1 ç — pede Tatá.

— Kpj c ç — diz Kiko, que mal sabia o que era isso.

Só sei que, como era esperado, a sobremesa saiu muito mais cara que o jantar e nós demos um cheque sem fundos. Saímos de lá direto para a casa de meu sogro para pedir dinheiro e cobrir a conta. Tudo porque fiquei com medo de educar meus filhos na frente dos outros.

Lembro-me de outra passagem, esta tragicômica (da mesma época). A geladeira vivia vazia. Um dia, durante uma reunião na escola do Kiko (ele estava no jardim, com 4 anos), a professora me chamou:

— O seu filho tem muito senso de humor, Betty.

— É mesmo? O que foi que houve?

— Eu estava explicando a noção de conjunto — disse-me ela — e pedi para a classe um exemplo de conjunto vazio. Kiko levantou a mão e disse que sabia o que era um conjunto vazio.

— Ah, é? E o que ele disse? — perguntei.

— Ele disse que era a geladeira da casa dele! Olha que graça! Que piada, não? — falou ela com cara de quem ouviu uma gracinha de criança.

Pensei comigo: “Mal sabe ela que isto é uma triste realidade”.

Ainda nessa época, eu e uma prima ganhamos uma estadia para um fim de semana em um hotel de luxo em Ubatuba. Fomos com nossas famílias. Essa prima é muito engraçada... Os nossos filhos brincavam e nossos maridos foram jogar bilhar. Ficamos nós duas na beira da piscina e resolvemos pedir um champanhe com camarões no bafo.

— Vamos fazer uma loucura? Afinal não estamos pagando estadia e nós merecemos, não é mesmo? — disse-lhe eu.

Aí veio aquela frescura toda e eu comentei:

— Quem nos vê aqui, neste babado todo, vai pensar que somos duas “dondocas”.

Ela fez a maior pose de rainha e me respondeu uma coisa que até hoje não me esqueço e da qual ri à beça.

— É mesmo, Betty: pobre sim, mas aparentar nunca!

Concluo que a vida é assim: cheia de surpresas. De altos, de baixos, e que nós devemos vivê-la de acordo com aquilo que somos, pensamos e acreditamos. Se estamos no “alto”, ótimo, vamos aproveitar tudo que for possível. Tudo passa. Somos somente aquilo que nos permitimos ser. “O importante é invisível aos olhos.” Não fingir traz tranquilidade e paz de espírito. Quanto mais vivo, mais dou valor às pessoas que têm senso de humor.

Quanto à educação de nossos filhos, precisamos educá-los de acordo com a realidade em que vivemos. Existem pais que se viram do avesso para dar a seus filhos aquilo que não puderam ter. Outros que para aliviar sua culpa pela ausência enchem os filhos de presentes ou não sabem dizer um NÃO diante de um pedido absurdo. Aparentam

aquilo que não são — “comem mortadela e arrotam peru”—, levando os filhos a crer que essa é a sua realidade de vida. Fazem um sacrifício danado para dar-lhes a melhor e mais cara escola, na maioria das vezes apenas por uma questão de óô ôpó. Só que têm de bancar tudo que há por trás disso: mensalidades, passeios, material, aulas extras e praticamente o mesmo padrão de vida dos colegas de seu filho, com direito a celular, viagens internacionais, hotéis, roupas caras, carro e casa de luxo, acessórios, brinquedos etc. Passam o modelo de que é preciso TER para SER.

Nada melhor do que SER o que se é. Viver dentro de suas possibilidades e limites. A frustração é a entrada no mundo adulto. Sei que você quer proteger o seu filho da melhor forma que puder. Isso não é bom porque evita que sua criança aprenda a lidar com as dificuldades próprias e inerentes da vida. O envolver esforços da parte dele, a persistência, a capacidade de lidar com a frustração, a responsabilidade, com certeza resultam em amadurecimento.

Mostre a seu filho o mundo dele. Faça-o desfrutar deste mundo como o mais maravilhoso dos universos, tornando possível tudo que for viável dentro das possibilidades de ser feliz onde ele vive. Deixe que ele faça por si, que lute para conseguir o que deseja e em que acredita. Dê-lhe chances de conquistar a sua autonomia, individuação e liberdade. Não lhe ensine a falsidade, a dissimulação, a mentira, a insatisfação ou, pior ainda, a sentir vergonha de si mesmo.

Mostre a seu filho a importância do trabalho, da conquista pelo trabalho. Por ele, o homem é capaz de moldar e mudar a si e a seu universo. O trabalho lhe permite manter a si e ao outro, mantendo a vida e a sociedade.

O seu filho precisa saber que metade da humanidade morre de fome, não tem onde morar e é totalmente desamparada no que diz respeito à saúde e à educação, enquanto uma pequena parcela da

população mundial consome de tudo, esbanja e cultiva o supérfluo. E é exatamente essa minoria, que consome de forma alienada, que leva os nossos jovens a querer ter o óô ôpó para substituir o vazio do ser.

O consumo alienado passa a ideia de que a felicidade consiste numa questão de poder sobre as coisas e os outros. O filósofo alemão Horkheimer afirma que, quanto mais intensa é a preocupação do indivíduo em consumir, mais ele será dominado pelo consumo e mais lhe faltará a individuação. Assim, não existe uma relação direta e real entre o consumidor e o prazer do que foi adquirido. Ele compra rótulos e marcas. Só satisfaz os desejos e as fantasias que lhe foram artificialmente inculcados.

Isso também acontece com relação ao lazer. A indústria cultural e de diversão leva todos a fazer as mesmas coisas e a frequentar os mesmos lugares. E aí as pessoas vivem mudando os seus templos de prazer e de diversão, os seus ídolos, os seus costumes e hábitos, conforme os que imperam de tempos em tempos.

Um dos maiores filósofos pré-socráticos, Heráclito (500 a.C.), referindo-se às constantes mudanças do homem, provocadas pela sua condição, observava que tudo flui. Que nada persiste nem permanece igual. “O ser não é mais nada do que o vir a ser.” No que se refere ao “vir a ser”, é importante saber da importância do ambiente no processo do desenvolvimento da inteligência. Jean Piaget, psicólogo e educador suíço, já havia concluído há muito tempo, em seus estudos, que a inteligência depende da estimulação do ambiente.

Em seu atualizadíssimo estudo Ç ôçìì ffiçj ãç j c ftkr ôk ffçô ff [Inteligência e como alcançá-la] (Nova York: W. W. Norton & Company, 2009), Richard Nisbett confirma a existência de um componente genético na inteligência, mas afirma que esta não se restringe ao aspecto genético. Segundo o cientista, estímulos simples, promovidos em casa e na escola, contribuem para que cada criança

possa alcançar o máximo de seu desempenho intelectual. Portanto, o ambiente é mais importante do que a genética para a inteligência.

Parar de educar os filhos para que apenas obedeçam encoraja as crianças a realizar atividades que despertem sua curiosidade. Ler e conversar com elas leva ao entendimento de si e do outro.

Paciência



Em 1968, quando nos conhecemos, éramos jovens apaixonados que faziam planos para quando se casassem e tivessem filhos:

— Já pensou... Um bando de oito filhos? Que farra! A gente dormindo e todos entrando no nosso quarto para nos acordar? — dizia eu a Ruy, sonhando com uma casa cheia e barulhenta, talvez para suprir a minha solidão infantil. Ruy me escutava atentamente e apenas sorria, pois vinha de uma família grande e sabia quanto era difícil por vezes a convivência.

Certa vez, em férias na praia, passamos por um camping e achamos linda, super-romântica, a paisagem das barraquinhas montadas e a convivência dos pais e filhos em férias. Este passou a ser o nosso sonho: acampar com nossa futura família. E foi assim que aconteceu:

— Crianças... Venham cá! — dissemos eu e Ruy.

— Que foi, mãe? — chegando já com as carinhas curiosas, pois notavam pela entonação da minha voz que vinha coisa boa.

— Conta pra eles, Papi... — peço a Ruy que comunique a novidade.

— É que nestas férias nós vamos acampar! — Ruy vai logo

dizendo.

— Acampar?!! Oba!!!

— É!!! Foi sempre o sonho da mamãe e do papai — vou logo completando. — Desde antes de a gente se casar. A gente passava pelos campings e via todas aquelas barraquinhas coloridas, as crianças brincando, churrasquinho, violão...

— Já pensou que delícia dormir numa barraca? Todos juntinhos conversando, ouvindo o silêncio da noite, os grilos, sendo acordados pelos pássaros... Que lindo curtir a natureza!

Saímos todos para providenciar o equipamento: barraca, fogão de duas bocas, botijão de dois litros, mesa portátil, pá, martelo, ferramentas gerais, equipamento elétrico para puxar luz, cadeiras dobráveis... Pronto... Estávamos equipados.

Compramos uma barraca linda! Dois quartos, sala e varanda. Parecia uma mansão, só faltava garagem. Que sonho! Pensar que apenas a lona de uma barraca nos separaria das estrelas durante o nosso sono.

Madrugada da partida:

— Acordaaa criançadaaa... Vamos acampar!

— Eba, mã...

Todos se levantaram rapidamente e enquanto tomava o meu café...

— Manhêêê... Vem me limpáá... — grita Kiko, lá do "troninho" pra variar.

Enfiamos tudo no Maverick laranja. Era tranqueira pra tudo quanto é lado, até na capota. Desta vez não levávamos nem a vó nem cachorros. Nosso destino: Ilhabela Camping Club. Férias de verão. Calor, calor, calor, quatro horas de viagem até a balsa, mais quatro horas na fila da balsa. Não vou relatar as confusões dentro do carro, pois já são de seu conhecimento e na vida em família nada se

transforma, mas se modifica, com alguns aprimoramentos nas áreas da birra, teimosia e manhas. Mas tudo passa quando avistamos o camping e chegamos à portaria.

— O senhor ainda tem vaga? — indaga Ruy.

— Sei, não, é melhor o senhor perguntar ali na recepção — responde o guarda, indicando uma casinha à esquerda. — Olhamo-nos meio decepcionados e ansiosos.

Ruy encosta o carro num canto e vai até lá.

— Cruzem os dedos, crianças. Tomara que o papai consiga uma vaga — digo para as crianças, dando uma olhada geral para o camping, que parece estar lotado.

Após mais ou menos 20 minutos, Ruy retorna quieto.

— O que foi? — pergunto.

Silêncio, enquanto manobra o carro.

— Fala, pai! — implora Gabi.

— Conseguimos! — grita Ruy.

— Ebaa! — gritam as crianças.

— Precisamos procurar por uma vaga — nos instrui Ruy.

Começamos a trafegar vagarosamente pelo camping à procura de uma vaga, mas não encontramos. Já estávamos desanimados, quando eis que de repente ela surge a nossa frente: única. Debaixo de uma enorme e frondosa jaqueira. Que bela sombra!

— Como é que alguém não viu uma clareira como esta? Uma vaga limpa, sombreada, perto dos tanques, próxima aos banheiros e ainda com estacionamento para o carro na frente! Perfeita! Dádiva de Deus! Sorte de principiante! E o mais importante: sem vizinhos... — disse baixinho.

Descarregamos o carro ali mesmo, “na porta de casa”, sem o ir e vir cansativo até o carro, e começamos a montar a barraca. Pouco a pouco, foi surgindo à nossa frente o nosso “Taj Mahal”. Todo

amarelinho, com uma varandinha linda, tapetinho de esteira, duas cadeiras de praia, colchonetes nos quartos, fogão, caixa de remédios, caixas de mantimentos (tomando todo o espaço interno da sala). Enfim... Eram cinco da tarde quando exaustos, porém felizes, nos sentimos instalados e aí eu disse a Ruy:

— Bom, agora dê um pulo na praia com as crianças, que eu vou fazer o almoço. Na verdade, seria mais jantar.

Estava louca para me sentir uma verdadeira campista em ação e estrear o fogão. O camping ficava distante mais ou menos uns seis quarteirões da praia, mas nada era impedimento para essa família tão animada. Pega biscoito, leva água, fraldas para o Kiko, guarda-sol, cadeira, bonés, brinquedos... Além disso, tinha uma avenida para atravessar, o que requeria mãos livres para segurar quatro crianças "com cabecinhas de vento", "mãos de quiabo cozido" e "pés de rolimã". Mas isso não era relevante. O importante seria a volta: hora da primeira refeição no camping. Imaginava aquelas famílias dos filmes americanos: papai, mamãe, filhinhos penteadinhos, felizes à mesa, cercados pela mãe maior, a mãe natureza, saboreando uma comida quentinha e saborosa, diante do olhar radiante de felicidade e realização dos pais.

Montei o fogão e resolvi fazer arroz de Braga (ou seria de Praga?). Afinal, tinha de ser prática. É um tipo de risoto feito à base de linguiça e repolho. Acendo o fogão, ele apaga. Acendo novamente e ele apaga. Raios... O vento. Cerco o fogão com papelão. Acendo. O fogo luta contra o vento, porém não apaga, e assim sentindo minha primeira vitória contra a natureza coloco o arroz para cozinhar. Enquanto isso, vou arrumar as camas. Feito isso, volto para ver o arroz... Fogo apagado. Respiro fundo e digo: — Faz parte. — Olho ao redor: de onde vem o vento? Tento encostar o fogão na barraca e queimo um pedacinho da lona. Por pouco não boto fogo na barraca!

— Sua idiota! Olha o que você ia fazendo! — resmungo, tentando manter a calma.

Resolvo fechar a porta da barraca e acendo novamente o fogo.

— Agora vai! — digo. — Meia hora depois... Nada. Uma hora depois, nada... Uma hora e meia depois, nada. Eu não sabia mais o que fazer... O maldito do arroz não cozinhava!

Nessa altura do campeonato, todos já haviam voltado da praia.

— Manhê... Tô com fome... — diziam as crianças. — Vai demorar?

— Come bolacha — eu respondia.

— Mais bolacha, mãe? Não aguento mais comer bolacha, mãe... — reclamava Dedé.

— Dedé, você tem de colaborar! — exigia eu, absolutamente errada e nervosa.

Às oito da noite, finalmente, Ruy tomou uma atitude:

— Chega! Esse fogão não presta. Vamos comer fora.

— Ebaaa!

Naquela época, Ilhabela não tinha as opções de restaurantes que tem hoje. Já era tarde da noite. Por perto, só uma pensão muito simples. A comida já havia acabado. Pedimos pelo amor de Deus que a dona nos atendesse e providenciasse os restos de tudo que houvesse. Aí saboreamos um delicioso "sorobô". As crianças comeram muito e terminaram com carinha de sono. Também, pudera! O dia havia sido longo. Deitaram a cabecinha sobre a mesa enquanto esperavam pagarmos a conta. Então, comentei com Ruy.

— Tadinhos, exigimos muito deles hoje. São tão bonzinhos, compreensivos. Às vezes, não é bom que sejam tão cordatos, pois deixam de lutar por aquilo que desejam.

— Eu não acho isso errado — respondeu Ruy. — Também tive de aceitar muitas coisas e estou aqui — sempre prático e sensato.

— Sei disso, concordo que seja necessário aceitar os nãos — digo.

— Eles são estruturadores do psiquismo, mas eu estou comentando com você que nossos filhos têm uma preocupação excessiva com o nosso bem-estar e que isso também é preocupante.

— Ah...

Como eu percebi que o ambiente, o clima e a hora não estavam para aquele tipo de papo, resolvi parar com a conversa.

— Vam' bora? — sugeri, terminando a cerveja.

— Bora! — Ruy concordou, louco para dormir e descansar daquele dia.

Colocamos as crianças adormecidas no carro e nos mandamos, pensando mais uma vez na sorte que tivemos ao estacionar o carro na porta da barraca. Colocamos as crianças todas em um quarto: que gracinha vê-las enfileiradinhas (como os filhos ficam lindos quando dormem!). Suspiramos apaixonadamente e resolvemos curtir aquele momento tão romântico. Sentamo-nos à porta do nosso bangalô, passando a apreciar as maravilhas do universo que se apresentava, naquela noite, como nosso teto.

— Aquela é a sua estrela — dizia Ruy, apontando-me um astro brilhante e altivo.

— É a minha estrela? Aquela que eu vejo lá no sítio?

— Sim. Na verdade, ela não é uma estrela e sim um planeta. Chama-se Vênus.

— Que lindo! Ela veio até aqui nos acompanhar também — digo, encostando minha cabeça em seus ombros protetores, lembrando-me dos tantos encontros que tive com aquela "estrela" que me acompanha desde a infância.

Nisso, as horas vão altas, o camping vai silenciando, as luzes se apagando e o sono tomando conta de nossas consciências. Deitamos após algumas dificuldades para trocar de roupa: Ruy tem 1,87m e, na ocasião, pesava 120 kg. Nosso quarto media 2m × 1,30m e a altura da

barraca tinha por volta de 1,70m. Portanto, tivemos alguns problemas "técnicos", inclusive para dormir:

— Papi, dá pra você virar pro outro lado, que tá respirando no meu nariz?

— Se eu virar, fico com o nariz enfiado na lona. Sobe um pouco a cabeça, que eu encaixo o nariz no seu pescoço.

— Assim não dá, eu morro de calor! Ai... Tô morrendo de calor... Tá muito abafado aqui! Desse jeito vou ficar com enxaqueca!

— Peraí, mami. Vou dar um jeito. — Aí, ele vira-se para dormir com a cabeça nos pés do colchonete. — Tá bom assim?

— Ah! Tá ótimo... Boa noite, papi.

— Boa noite, mami.

— Papi...

— Hum...

— Para de roncar, cê acorda as crianças.

— Hum.. — virando-se de lado, com dificuldade.

— Manhêê... — resmunga um deles.

— Psiuu! Fala baixo. Você vai acordar todo mundo — assinalo sempre preocupada com o bem-estar das pessoas. — O que você quer, Tatá?

— Quero fazer xixi — choramingando.

Ai, meu Deus! Esqueci desse detalhe... Como sair de madrugada e levar as crianças ao banheiro.

— Peraí, Tatá. Fica quietinha, que a mamãe já vai.

Precisei pensar rapidamente em como me levantar, passar por cima do Ruy (no escuro) sem cair, abrir o zíper da porta do nosso quarto, depois o zíper da porta do quarto das crianças, passar por cima dos três primeiros até chegar à Tatá, pegá-la no colo e retirá-la do quarto, antes que fizesse xixi na calça. Mãe é mãe.

— Papi, dá licença — carinhosamente eu lhe peço, tentando

manter o romantismo.

— Hum! — sonado.

— Papi, acorda! — rapidamente falando.

— O quê? — virando-se e dormindo.

— Papiiiiii! — gritando e sacudindo-o. — Levanta a cabeça que eu não acho o zíper da porta...

— Manhêê... Xixi...

— Quieta, Tatá... Ai, meu Deus, que calor... — suando nervosamente.

— Cadê o maldito fecho? Papi, pelo amor de Deus, acorda.

— Manhêê, olha a Tatá. Ela pisô na minha cabeça! — grita Gabi, empurrando Tatá, que cai na barriga do Kiko.

— Buáááá...

— Quieto, Kikão, não foi nada — digo, tentando acalmá-lo.

Parece que quanto mais eu rezava mais assombração me aparecia...

— Mãe, xixi...

— Buáááá...

Catei Tatá no ar, passei por cima de todos, roguei a Gabi e Dedé que dessem um jeito no Kiko e corri para o banheiro, enquanto Ruy parecia a Bela Adormecida. Chegando lá, o vaso sanitário estava entupido de merda até a boca. Precisei me conter para não vomitar. Tatá fez xixi foi no chão mesmo.

— Tatá, faz aqui no ralo.

Voltei pra barraca, acomodei as crianças de novo, fiz mamadeira pro Kiko, voltei para o banheiro, lavei os pés, pois na afobação tinha corrido sem chinelos. Não sei por quê, mas comecei a sentir uma ligeira saudade de casa. Olhei para a panela cheia de arroz com linguiça e repolho. Arroz de Braga? Não. Arroz de Praga.

— O que eu faço com isso? Amanhã eu penso. Aliás, o amanhã já é

hoje.

Deixo isso para daqui a pouco. Deito-me. Sinto um calombo nas costas. Ajeito a colchonete, estico o lençol e o maldito calombo não some. Tudo escuro!

Kiko chora:

— Mã... Tá escuro!

— Olha esse barulho! — grita alguém lá de fora, reclamando da confusão

— Calma, crianças. A mamãe tá aqui.

— Dedé, cê tá acordado, filhão?

— Tô!

— Segura o Kiko pra mamãe.

Deitei-me em forma de S para contornar o calombo e, assim, consegui adormecer, na esperança de curtir um lindo amanhecer... Sonho que me encontro trancada numa sauna seca, sem ar, completamente sufocada, encalorada, suando em bicas, desesperada para sair, sem conseguir destrancar a porta. Tento gritar e a voz não sai. Acordo asfixiada, tensa, encharcada de suor. Dou-me conta do calor em que se encontrava a barraca, já banhada pelo sol das 7 horas da manhã. Parecia uma estufa. Abro apressadamente o maldito zíper do meu quarto e o maldito zíper da sala, que dá acesso à "liberdade", e resmungo:

— Para que se trancar tanto?

— Ufa! — suspiro de alívio... Respiro profundamente o ar da manhã e percebo que o camping já está vazio. A turma já debandou para a praia.

— Que gente animada! — digo.

Sinto uma picadura no tornozelo, em seguida outra no pescoço, outra nas coxas, outra no braço e assim me vejo lutando contra os "famosos" borrachudos de Ilhabela. Imediatamente me tranco na

barraca e junto entram uns 300 borrachudos. Não sei o que faço. O calor aumenta cada vez mais, os borrachudos me picam. Coçam! Saio ou fico? Corro ou me cubro? Acordo as crianças ou não?

Vou vê-las. Estão suando em bicas. Ruy, roncando. O que será de mim?

— Chegaaa! — Abro tudo. Que se danem as crianças, que se dane o Ruy, que se danem os borrachudos. — Eu preciso de ar, eu preciso sair daquiiii!

— Acordem todos... Vamos para a praia. Chega de dormir, que eu não preguei os olhos (sentindo-me vítima)... — virando-me para Ruy.

— Olha aqui: pega os teus filhos, dá café da manhã, troca todo mundo, passa repelente, que eu vou dar um jeito nesse "muquifo" e vou pra praia.

Ele ficou me olhando com cara de quem não entendeu nada, e com razão! Mulher, quando fica brava, acha que os filhos são do marido e desconta tudo nele, como se o coitado fosse o responsável pelo que não dá certo. Ah, outra coisa: morre de inveja da tranquilidade do marido e fica com raiva dele.

Arrumei aquela "zona" toda e descobri por que havia um calombo no meu colchonete: era um formigueiro, embaixo da barraca. Atualizei meus palavrões, que havia deixado de falar desde que me tornara mãe. Olhei para a panela com o "arroz de Praga", doei-o aos gatos do camping (que eram centenas) e, após deixar a barraca lindinha novamente, a calma e o bom humor levaram-me à praia. Pensei: "Faz de conta que não é comigo, não vou deixar isso estragar nossas férias". Essa foi apenas a primeira noite.

— Ei, criançada! A mamãe chegou — disse, rindo e entrando na brincadeira de areia, assim que me aproximei das crianças na praia.

Manhã deliciosa: caipirinha pra cá, cervejinha pra lá, outra caipirinha, outra cervejinha, mais uma, só mais uma, agora a saideira...

Puxa! Eu estava precisando relaxar...

— Nossa! Mas essa caipirinha é tão fraca, né? Não dá nem pra sentir — dizia eu, sentindo-me levinha, levinha, relax, relax...

— Cadê as crianças, mami?

— Ah! Relaxa, papi... Deixe as crianças livres. Elas precisam ter mais autonomia — dizia eu, teorizando.

— Mas você não acha que elas são um pouco jovens demais para ter autonomia? — ele me questionava, como sempre levando a sério o que eu falo.

— Ô, papi, ã ìí ckr j ÕToma mais uma caipirinha. Você está muito tenso. As crianças devem estar por aí...

Meia hora depois...

— Papi, cadê as crianças?

— Não sei...

— Como você não sabe?

— É... Estavam correndo pela praia e aí... Não sei...

— Ai, meu Deus!

Procuro daqui, procuro dali... Nada!

— Vamos à polícia — "penso, logo existo".

Largamos tudo na praia e quando chegamos ao camping, nossos filhotinhos estavam comendo biscoito e brincando na frente da barraca.

— Oi, filhotes, como vocês vieram para cá? — perguntei.

— Vocês tavam dormindo, a gente tava com fome e veio pra cá! — respondeu Gabi.

— Oh! Meu Deus! Perdão, crianças. O que mamãe e papai fizeram está errado. Perdemos o controle. Não acontecerá mais.

— Vamos almoçar?

Como optei em salvar as férias, resolvi não cozinhar mais e passamos a fazer nossas refeições na tal pensão. Tive um dia péssimo,

cheia de culpa pelo abandono.

Uma mulher prevenida vale por duas: para a segunda noite, comprei um penico! Ah... E uma lanterna também. Após o ataque das 18 horas dos borrachudos, toquei violão para as crianças, iluminadas pelo luar e espantando pernilongos...

Quando a disposição deu lugar ao mau humor, falei:

— Chega, criançada... Que ninguém é de ferro. Vamos dormir.

Ainda era cedo. O camping todo estava acordado e aceso.

— Blá-blá-blá, blá-blá-blá...

Coloco as crianças no quarto.

— Ai... Que calor... Que bafo... — reclamo.

— Mãe, quero água...

— Mãe, a Tatá encostou o pé em mim...

— Mãe, o Kiko fez cocô...

— Mãe, o Dedé tá falando que tem lobisomem.

— A Gabi tá com a mão no meu colchão.

— Ruy?... Cadê o Ruy?... Por que essas crianças não chamam o pai? — digo baixinho e irritada. Vou atrás dele e o folgado está olhando as estrelas. Mais uma vez, já chego brava, igual vaca prenha:

— Será que você pode me ajudar?

— O que está acontecendo? — ele me pergunta, distraído e sem entender minha ira.

— Nada... Nada... — respondo sarcasticamente. Logo penso: "Ai, meu Deus, já estou novamente perdendo o bom-senso".

Quando o pai entra na barraca, o "barraco" se resolve rapidamente:

— Olha aqui: se alguém abrir a boca, apanha! — ele ameaça.

— Muito obrigada — digo-lhe quando ele sai. — Se fosse para resolver desse jeito, eu não precisava de você!

— Então por que me chamou?

Conto até três, lembrando que estas eram as férias de nossos sonhos. Pensei mais uma vez: “Não é comigo... Nada vai me tirar o bom humor”.

— Tá certo, tá certo. Você tem razão. Desculpe. Mas você foi violento com as crianças.

Ele foi até os nossos filhotes, desejou boa-noite, deu-lhes água, trocou Kiko, repreendeu Dedé e assim tudo voltou ao normal.

Que lindos os nossos filhos quando dormem!

Fui me trocar dentro da barraca e conforme vou tirando a roupa escuto:

— Ai, gostosa...

— Tesão!

— Vai... Agora a calcinha...

— Tira tudo...

Olho ao redor espantada, não vejo nada. Nisso Ruy entra furioso e apaga a luz interior.

— O que foi? — pergunto-lhe assustada.

— A barraca fica transparente quando acesa no seu interior. Tava todo mundo vendo você se trocar...

— Ai, meu Deus! Eu mereço! Nesta situação, transar... Melhor nem pensar...

Todos dormindo (inclusive eu), madrugada alta..., um estrondo enorme, juntamente com um grande abalo em nossa barraca. Eu, Ruy e as crianças somos acordados pelo barulho e tremor, e nossos gritos e correria perdidos em meio ao escuro.

— Cadê o Kiko?

— Cadê a Tatá?

— Dedé... Você taí?

— Gabi, dá a mão pra mamãe.

Saímos correndo para fora e o que vemos? Uma bela e cheirosa

jaca, espatifada em cima de nossa barraca, transformando-a em algo totalmente torto e disforme.

Eureca! Acabamos de descobrir por que essa vaga estava disponível...

— Olha, mãe! Você quer um pedacinho de jaca? — rindo, me oferece Gabi, sabendo que eu adoro a tal fruta.

— Não, Gabi, obrigada — respondo, tentando manter a calma. — Mamãe está sem vontade... Acho melhor voltarmos para a cama... — Pensei novamente: "Não é comigo"...

O dia amanhece quente, chuvoso e cheiroso. A barraca fede a jaca. Não dá para ficar lá dentro nem ir à praia. O melhor a fazer é dar um passeio de carro à Praia dos Castelhanos. Lugar, diz a lenda, onde os navios negreiros jogavam os negros doentes ao mar. Hoje em dia, só se consegue chegar lá com guias locais e de jipe. Mas, naquela época, nós fomos sozinhos... E de Maverick.

Depois de toda a luta para conseguirmos atravessar a trilha dos morros (e com chuva), chegamos a uma praia esplendorosa. Saímos do carro, na chuva mesmo... Porém, a mais ou menos uns 200 metros de distância, começamos a ser atacados por uma verdadeira nuvem de borrachudos.

— Vamos voltar pela água!

Enfiamo-nos na água até o pescoço, com as crianças no colo. Porém, a praia é muito brava! E foi uma aventura perigosíssima chegar ao carro pelo mar.

Voltando ao camping, despencou a maior tempestade de todos os tempos, com direito a relâmpagos, trovoadas e blecaute. Nunca vi nada igual. Como a barraca estava torta, formaram-se bolsões de água no teto. As costuras não suportavam tanta água e começaram a vazar.

— Papi, passa a fita crepe! Tá vazando água aqui no teto!

— Manhê... Tá pingando água na minha cabeça...

— Mami... Tá entrando água por baixo do colchão.

— Paiê... Tô com medo!

— Mã... Colo!

— Tô com fome!

— Qué xixi...

— Ele me bateu.

— Qué peta!

— Cadê a chupeta do Kiko?

— Não sei! Tá escuro.

— Tô com frio!

— Atchim, atchim, cof, cof.

"Não é comigo, não é comigo!"

— Passamos a noite em claro. De manhã, bafo quente e Tatá ardendo em febre.

— Chegaaa! Agora é comigo mesmo! Vamos já embora. Ebaaa... Eu quero a minha casinha.

Imediatamente recolhemos tudo. Demos os mantimentos aos vizinhos para que nossa partida fosse mais rápida ainda. Beijei o chão de minha linda e aconchegante casinha quando chegamos. A barraca? Sei lá! Emprestei a alguém que não me devolveu. Deve tê-la abandonado em algum camping...

Moral da história: não queira ser uma heroína, faça somente aquilo de que você gostar. Não espere a sua paciência se esgotar para dar o seu limite. Apesar de a alegria ser fundamental em uma família, é preciso perceber e aceitar que a relação mãe-filho não envolve somente amor e bem-estar, mas também chateação, ódio, inveja, cansaço, ressentimentos, ciúmes, rejeição.

Aprenda a lidar com suas limitações e com todos os sentimentos ambíguos para não se sentir fracassada e monstruosa. Nem sempre os sonhos que temos são realizáveis com os nossos filhos. Muitas vezes

família significa confusão e trabalho. Você escolhe algo que pensa ser bom e se arrepende profundamente. Pelo simples fato de você não ser onipotente, cada filho ser de um jeito e, hoje em dia, infelizmente, as crianças estarem totalmente urbanizadas.

Não é preciso fazer a loucura que eu fiz, de acampar, para se arrepender de ter saído com eles. Uma simples ida ao cinema pode se transformar em uma verdadeira sessão de tortura. Filas imensas, crianças falando e chorando o tempo todo, chutes na sua poltrona, xixi, cocô, fome, sono, e você tendo de administrar tudo. Digo "você" pois quando se tem um filho geralmente o pai desaparece. Eles sempre estão cansados, têm trabalho atrasado para fazer nos fins de semana ou precisam cuidar dos seus passatempos, e você, ó, "toma"... Se você for uma mãe culpada, então... Tome cuidado com isso! A psicanálise mostra que nada é mais destrutivo do que a superproteção. Querer a todo custo fazer o bem a seu filho para livrar-se das suas culpas ou sentir-se boa mãe faz que você jogue sobre ele "o seu próprio bem".

Quanto ao título deste capítulo, "Paciência", devo dizer que o princípio de toda relação na qual devem reinar a paciência e o respeito é o saber ouvir. Nós aprendemos a andar, comer, ler, escrever, falar, mas não aprendemos a ouvir. Que treino recebemos para escutar o outro? Como treinamos os nossos filhos para ouvir o outro, para que possam compreendê-lo? Poucas pessoas têm a capacidade de ouvir o que quer que seja! Se você deseja interagir eficazmente com a sua família, precisa desenvolver a capacidade de ouvir e isso exige paciência. Já reparou que quando alguém vai contar algo você já está pensando em alguma coisa semelhante que lhe aconteceu para responder? Algo como:

— Puxa... Você não sabe o que aconteceu lá em casa, minha mãe vai ser operada e ficar comigo para se recuperar! O pior é que estou sem empregada, e tem as crianças...

— Ah, isso não é nada! Pior foi o que aconteceu comigo. Minha empregada me deixou na mão assim que eu marquei minha viagem de férias com meu marido. E as crianças?

Você notou? Creio que não preciso fazer comentários. Será que você sabe ouvir? Escuta seus filhos? Ou é do tipo que logo vai falando que já sabe o que aconteceu e que com você a coisa era pior... O fato é que a maioria das pessoas não consegue ter paciência para escutar e compreender. Elas ouvem com a intenção de responder.

Ciúme



Sempre achei que existem programas para adultos e para crianças. Apesar de carregar meus filhos praticamente para todos os lados, havia momentos meus ou do casal em que eles não participavam. Não os levava para visitar amigos que não tinham filhos, por exemplo. Quem não tem filho está acostumado com a casa em ordem, com sossego. Não achava justo chegar com uma tropa de quatro crianças.

— Surpresaaa...

Não os deixava participar das reuniões com nossos amigos, que fazíamos em casa. As visitas chegavam, eles cumpriam um pequeno social e depois subiam para seus quartos. Ficavam furiosos comigo, mas acho que criança não tem de participar de conversa de adultos e, além disso, eu queria sossego. Sempre tinha um dia da semana que eu saía somente com o Ruy. Tinha, também, um período de férias, que nós viajávamos a sós, fora do período de férias das crianças. Era o tempo de investir na nossa relação.

Penso que hoje em dia, em que a criança participa de tudo e acaba tendo acesso a certas informações precocemente, em uma época na qual impera o "filhiarcado" e o casal tem pouco tempo para si, medidas como essas são fundamentais para "o bem de todos e felicidade geral da nação".

Foi então que, numa de nossas saídas semanais, deixamos as crianças com minha mãe e fomos "gandaiar". Elas, como sempre, ficaram iradas e frustradas, mas o choro não nos derrubou. É claro que pintou culpa, quando já estávamos no carro, mas nada que um belo jantar não resolvesse. Aliás, saíamos sozinhos, mas falávamos mais delas que de nós. Ao voltarmos, já tarde da noite, todos estavam acordados. Como sempre nos esperando para ver o que havíamos trazido para eles: balinhas em geral.

Achei o clima da casa um pouco estranho. Estavam dóceis, gentis, solícitos. Não fomos recebidos com a costumeira chuva de queixas sobre brigas, dores de barriga, implicância da vovó... Havia "algo de estranho no reino da Dinamarca". Aceitaram imediatamente a ordem de ir para a cama. Cheguei a comentar com Ruy:

— Sei, não!... Estou sentindo algo estranho no ar.

Perguntei à minha mãe se tudo havia estado bem mesmo, e ela me respondeu com absoluta confiança que as crianças ficaram o tempo todo no meu quarto, vendo TV, na mais perfeita harmonia.

Pensei comigo: "É justamente essa harmonia que me preocupa. Bom... deixa pra lá... milagres acontecem".

Quando subi para o meu quarto, deu pra notar, logo de cara, que eles haviam estado realmente por lá: brinquedos por toda a parte, cama enxovalhada, sapatos jogados, meias, mamadeiras, copos, biscoitos, lápis, papel, tesoura. Tubo de cola aberto e derramado sobre a minha colcha de piquê, com aplicações e bordados da Ilha da Madeira, e agora toda desenhada, riscada com hidrográfica e borrada

com canetas que vazaram sobre ela.

— Ai, ai, ai, ai, ai... — cantarolei. — Eu bem que desconfiava...

Iniciei então uma investigação mais profunda para dar conta dos estragos. Levantei a colcha para ver se a mancha de tinta havia passado para as cobertas e notei que eles haviam cortado as franjas da manta de lã. Voltei novamente os olhos para a colcha de piquê e vi que, por outro lado, eles tinham feito franjas em todo o barrado dela. A essa altura Ruy, apavorado, resolveu me ajudar na "perícia". Abriu o armário de roupas e deu de cara com todas as suas calças sem a alça para passar o cinto.

Imediatamente, chamei minha mãe:

— Mãe, a senhora viu o que as crianças fizeram no meu quarto?

— Não, eu fiquei o tempo todo na sala, vendo televisão, e eles estavam tão quietinhos que nem precisei subir. O que foi?

— Venha ver... Tá vendo esta colcha do meu enxoval? Olha que linda: toda manchada, toda borrada e, além de tudo, cortada, cheia de franjas. Tá vendo esta manta, que eu trouxe da Argentina? Cadê as franjas dela? Tá vendo as calças do Ruy? Todas sem o passador do cinto.

— Minha nossa! — ela me responde, mas, como sempre, para não admitir sua parcela de culpa, logo foi se justificando. — Eu não tenho culpa, a culpa é da Gabi. Ela é a mais velha e já devia saber que isso é errado. Devia ter me chamado...

Eu, não conseguindo mais manter a minha paciência, deixei minha mãe ali no quarto mesmo e saí, como um touro que vai para a arena, em direção ao quarto das crianças, que fingiam dormir, encolhidinhas e cobertas até o último fio de cabelo. Catei um por um pelo braço e, aquecendo suas bundas, já ia largando o "verbo".

— Que qué isso? Cês tão pensando que eu tô pra brincadeira? Venham ver o que vocês fizeram.

Levei-os ao quarto, onde o pai já os esperava furioso... De antemão, diante da primeira objeção de minha mãe, já mandei que ela calasse a boca.

— Quero saber de quem foi essa ideia. Que pergunta tola... Até parece que eu obteria alguma resposta... — Olha aqui, se vocês não falarem, vai ser muito pior. Vocês não sabem o que sou capaz de fazer... — pura ameaça, pois eu não tinha ideia do que fazer. Silêncio total... Resolvo indagar um a um:

— Kiko, foi você?

— Eu só cortei um pedacinho, foi o Dedé quem mandou.

— Dedé...

— Não fui eu, mãe, eu fiquei desenhando.

— É mentira, mãe... — interfere Tatá. — Ele também cortou...

— Gabi, você é a mais velha... De quem foi essa ideia?

— Não sei, mãe, eu tava dormindo...

— É mentira, ela também cortou — acusa Dedé.

— Cortei nada, seu idiota...

— Cortou, sim, sua monga...

— Vamos parar com isso!!!! — grito. — Tô muito triste com vocês. Vão pra cama que eu e o papai não queremos mais conversa com ninguém.

Nesse momento, eu pensava: "Devo bater novamente?" Sempre considerei a agressão física e verbal formas de abuso. Realmente não sei lidar com isso. Devo colocar de castigo? Mas a esta hora? Qual o castigo coerente com o erro? Como não sabia o que fazer, a discussão ficou por isso mesmo. Mas a história não acabou...

Na semana seguinte, como de praxe, saímos novamente. Tranquilos, pensando que todos haviam aprendido com a lição, inclusive minha mãe, quanto a não deixá-los tão à vontade. Eis que tudo se repete, só que agora eles estavam mais seguros de si e

especializados. Desta vez, foram cortadas as minhas alças de bolsas, os cordões dos sapatos do Ruy, as fivelas dos meus sapatos, arrancados os botões das camisas do Ruy e as minhas saias ficaram franjadas.

Aí não deu... A "demônia" baixou em mim e, possuída pelo mal, saí catando pela casa aquilo de que cada um mais gostava: a roupa de Super-Homem do Dedé, a única calça de marca X da Gabi, o par de sapatinhos transparentes da Tatá (os sapatinhos da Cinderela) e o carrinho de controle remoto do Kiko.

— Olha aqui... cês tão vendo isto aqui de vocês? Cês gostam muito, não é? Sabe o que eu tenho vontade de fazer com isto? A mesma coisa que vocês fizeram com as minhas coisas e com as coisas de que o papai gostava.

— Posso cortar a sua roupa de Super-Homem, Dedé?

— Não, mãe, por favor...

— Gabi, que tal tirar as alças da sua calça e fazer franjas nela?

— Não... É a minha única calça de marca X...

— Tatá, cê tá vendo o seu lindo sapatinho de princesa? Que tal uma reforminha nele e transformá-lo em um chinelinho sem ponta e sem calcanhar?

— Não, mãezinha... Por favor.

— Kikinho, cê tá vendo este carrinho todo brilhante que anda sozinho? O que você acha de eu dar umas marteladinhas nele para ficar menorzinho e acabar com o barulho que faz quando você brinca com o controle remoto?

— Não, mamãe... Dá ele pra mim.

— Pois então, deu pra sentir um pouquinho do que eu e o papai sentimos quando vocês estragaram as nossas coisas, não é? Pois fiquem sabendo que de agora em diante, cada vez que estragarem algo nosso, nós estragaremos aquilo de que vocês mais gostam. Hoje eu não vou fazer nada com isso (mesmo porque eu não tinha coragem).

Eu e o papai sabemos que vocês sentem ciúme de quando saímos sozinhos, mas isso não justifica o que fazem.

— Dedé, posso estragar a sua roupa de Super-Homem se isso acontecer de novo?

Sem alternativa, só lhe restou concordar comigo. E assim fiz, um a um, com os três restantes. "Democraticamente", tiveram de concordar com a minha "proposta". Eu não sabia se havia agido certo. Só sabia que rezava para dar certo, pois a minha promessa tinha de ser cumprida caso voltassem a apresentar aquela atitude de novo.

Graças a Deus, voltamos a sair e nunca mais isso aconteceu. Bingo!



O ciúme dos filhos em relação ao casal é muito comum. Os comportamentos e atitudes que apresentam são variados. Cada criança reage de uma maneira. Quer dormir entre o casal, não permite que ele converse, saia, se abrace e se beije. Fica agressiva, ansiosa e algumas chegam até a adoecer.

Esse é um sentimento que fica mais exacerbado por volta dos 2 aos 3 anos de idade. Ele não deixa de existir, mas depois dessa idade fica mais dissimulado e controlado. É importante que você explique à criança o porquê daquilo que ela está sentindo, qual o motivo de ela tomar certas atitudes ou de se comportar de determinada maneira. Veja um exemplo: "Você fica muito bravo quando a mamãe sai com o papai. Isso se chama ciúme. Você quer a atenção só pra você".

Ou, então, em outros casos: "Você sente raiva, quando contrariado", "você chora quando fica sozinho, acho que tem medo que a gente te abandone". Ou até mesmo: "Você fica com dor de

barriga quando tem provas. Isso é ansiedade, acho que tem medo de ir mal”.

O que quero dizer é que é fundamental que você nomeie as emoções e os sentimentos que o seu filho apresenta. Isso o leva ao conhecimento de si. Também é importante que você nomeie o que o comportamento ou as atitudes dele provocam no outro. Veja: “Quando você teima em me desobedecer, eu fico com muita raiva, por isso é que brigo tanto”. Ou, então: “Não gosto quando você me provoca; acho que quer medir forças e isso me leva a ficar muito brava”.

Nunca coloque em questão o amor que você sente por ele. Aponte sempre que não é ele que a incomoda, mas sim o comportamento ou a atitude indesejada. Quanto ao ciúme que existe nas relações afetivas sexuais, é preciso saber que se trata de um sentimento inato, que tem um papel importante na preservação dessas relações e é apresentado por todos, em maior ou menor grau.

A psiquiatra italiana Donnatella Marazziti estuda o assunto há bastante tempo. Em seu último livro, Á qffqçò í ãffpí çj ôkó Ú èçìffqçć n ò óçí nòç (Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2009), ela diferencia o ciúme normal do patológico. O ciúme normal é bom, preserva e nutre as relações. Tem duração curta e desaparece quando o parceiro tranquiliza o outro. O ciúme patológico ocupa o tempo todo da pessoa, dura uma vida inteira e expõe a vida do casal. A relação se transforma em um tormento para a família toda. Como lidar com esse monstro?

Em primeiro lugar, é necessário parar para pensar nas ruminações, naquelas ideias e suspeitas que não largam você. Tente entender a origem disso:

- Você pensa assim porque já foi traída?
- Seu parceiro não é lá de grande confiança?

- Você é que é muito desconfiada?
- Você é particularmente insegura?
- Tem a autoestima baixa?
- Odeia alguns comportamentos no seu parceiro?
- É vaidosa e possessiva demais?
- Costuma desconfiar das pessoas?
- Faz fantasias de traição e fica mexendo e fuçando em tudo que é do parceiro?
- É daquelas que ligam de cinco em cinco minutos para controlar a vida do outro?
- Não tolera críticas?
- É ansiosa?

Se você se encaixa no perfil acima, minha amiga, está precisando de ajuda. O seu ciúme é patológico e antes que todas as suas relações terminem, ou sejam cercadas de muito sofrimento, dê uma olhada para dentro de si e procure se tratar, pois esses sintomas só tendem a se intensificar.

Família



Eu e Ruy fomos criados em famílias grandes. Isso significa que tínhamos festas, aventuras, amigos, brigas, confusões e brincadeiras quase diariamente. Nossa opção foi formar uma família grande também, até mesmo para que, quando estivermos ausentes, nossos filhos possam encontrar amparo entre si.

As crianças são felizes quando criadas com irmãos, primos, amigos, tios, avós, ou seja, com a família por perto. São felizes quando criadas com irmãos e outras crianças de idade aproximada. Três filhos já formam uma pequena tribo que se une, se ataca e se defende, enfrentando qualquer conflito e aproveitando os bons momentos. Quando os pais estão longe, os filhos se juntam e se auxiliam mutuamente. As crianças que convivem com muitas outras aprendem a atacar, a se defender, a se ajudar mutuamente. Aprendendo a enfrentar e resolver conflitos, treinam os papéis sociais que desenvolverão na vida adulta. Criança precisa de criança por perto. Um adulto nunca vai substituir o encanto e o prazer que uma criança tem de brincar e de conviver com outra criança.

Acredito na nossa eternidade. Somos eternos se deixamos descendentes. A minha eternidade acontece por intermédio das minhas células contidas em meus filhos, netos, bisnetos... Acontece por aquilo de bom que deixei para eles como modelo de SER. A minha eternidade se dá por meio do meu trabalho, daquilo que deixo para a humanidade, desde as árvores que plantei em meu sítio até os livros que escrevi. Portanto, contemplo este entardecer de minha vida com extrema serenidade. Sei que quando a grande noite chegar cerrarei meus olhos tranquilamente, com um sorriso na alma.

Nossa família sempre foi festeira, reuníamo-nos no sítio de meus pais com meus filhos pequenos, meus pais, irmãos, cunhadas, sobrinhos, amigos. Naquele tempo, fazíamos raves homéricas. A música sempre esteve muito presente em nossas vidas. Além de audiófilos e fabricantes de aparelhos de som, também somos músicos. Nossas reuniões e festas sempre foram famosas porque fazíamos serestas, saraus, musicais e o som rolava solto. As crianças se divertiam loucamente com os adultos. Paramos com isso quando percebemos que em casa ou no sítio chegava gente que nós nem

conhecíamos. Eram convidados de convidados e a coisa tornou-se incontrolável.

As crianças participavam desses encontros e quando se cansavam dormiam ali mesmo, no tapete. Fazíamos gincanas com as crianças e com os adultos. Para as "velhinhas e velhinhos", que não podiam correr, o campeonato era de quem descascaria laranja mais depressa, de quem seria o melhor repentista ou de quem contaria a melhor piada. Para os jovens adultos, no caso eu também, o negócio era esperar as crianças dormir e fazer o "vira-vira": entornar um copinho de cachaça goela abaixo em um gole só. Saíamos "tri-li-li" desse jogo. Éramos também incumbidos de fazer teatro. Bolávamos uma história, botávamos os velhinhos e as crianças no meio e representávamos para a plateia. Era hilário... Tinha até cenário, figurino e trilha sonora.

Havia o campeonato de "braço de ferro" entre as mulheres e entre os homens. As mulheres podiam usar as duas mãos. Tinha também campeonato de dança e as corridas. As brincadeiras como dança das cadeiras, estátua e macaco disse rolavam com todos, inclusive as noitadas de bingo. Para as crianças, havia corridas de bicicleta, caça ao tesouro, guerra de limão podre, corridas de saco, jogos de mímica, campeonato de pipa e de saltos ornamentais na piscina. Quanta loucura... Na verdade, os adultos soltavam a criança que cada um guardava dentro de si.

Lembro-me de uma brincadeira em que as crianças tinham de descer uma ladeira de terra num carrinho de madeira de quatro rodas feito por nós. Ganhava quem parasse mais longe. O meu pai, já com 80 anos, resolveu participar. Fiquei com o coração na mão, mas não tinha coragem de tirar-lhe essa alegria e vivacidade. Ele sentou-se no carrinho e foi dada a largada. Eu e meus irmãos o acompanhávamos correndo ao seu lado. Mas o carrinho foi longe demais, desembestou... e quase no final do circuito se descontrolou, capotando.

Imediatamente pensei: “Ai... o meu pai morreu” ao vê-lo estendido e inerte no chão. Fomos acudi-lo e, pouco a pouco, ele abriu os olhos, caindo na risada. Dessa aventura sobraram-lhe três costelas quebradas.

Hoje em dia, as famílias mudaram muito. Nem mesmo se preserva o modelo antigo de pai, mãe e filhos do mesmo casamento. Não sou contra a separação, mas sim contra o pouco investimento que existe, por parte do casal, em manter sua união. Todo casamento tem suas crises. Uma união se desfaz, mas geralmente os problemas acompanham as pessoas em outras relações, às vezes até pioram. Acredito que se houvesse mais investimento e boa vontade não aconteceriam tantas separações. Hoje em dia tudo é “descartável”, até as pessoas.

As famílias vêm passando por enormes transformações. O pai agora é o padrasto, ou a madrasta, que era uma amiga da família, agora é a mãe. O irmão mais velho é somente o filho da sua mãe e aquele que parece o neto é, na verdade, filho do pai com a nova esposa. Isso sem falar das “produções independentes”, das uniões homossexuais e suas adoções, dos avós que criam os seus netos e das uniões sem filhos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), publicados em 2003, em 47% dos lares brasileiros um dos pais está ausente. O número de divórcios triplicou e o número de casamentos diminuiu 12%. As uniões em que o casal apenas vai morar junto aumentaram em 90%. Na verdade, as famílias permanecem, embora estruturadas de modo diverso da família tradicional. O que vale é o desejo de cada um e não mais os valores familiares.

O pátrio poder não existe mais. Há o poder familiar, exercido por ambos os sexos. Os laços de parentesco e amizade também estão enfraquecidos. As famílias não se reúnem mais entre si e recebem poucos amigos. As pessoas estão voltadas para seus “próprios umbigos”. Aquelas famílias enormes, com dezenas de tios, sobrinhos e

netos, não existem mais. Estudos sobre mudança demográfica mostram que a principal causa desse enxugamento familiar é a queda acentuada na taxa de fecundidade. As separações também contribuem para isso. Segundo o IBGE, em pesquisa divulgada em novembro de 2006, o número de divórcios aumentou 52% entre 1995 e 2005.

A maioria das famílias vive de renda dupla, levando os pais a ficar fora de casa por longo tempo, enquanto os filhos tendem a buscar suas orientações e referências também fora de casa. Funções que eram exclusivas da família — como educação, noções de valores, ética e respeito, cidadania — agora são exigidas das escolas. Constato, em muitos casos de crianças que chegam ao meu consultório, que o que lhes falta é a mãe em casa. Infelizmente, grande parte dos casais de hoje está voltada para a ascensão financeira e a criação de seus filhos fica em segundo plano.

Muitos profissionais afirmam que a criança aceita o divórcio "numa boa". Em minha prática clínica, eu ainda não vi isso acontecer. O que vejo em qualquer idade, até mesmo nos adultos, são pessoas que sofrem em silêncio pela separação dos pais. E o maior medo das crianças, atualmente, é o da separação de seus pais e o do abandono. O divórcio só perde em termos de estresse para a morte de um cônjuge. É uma das piores experiências dolorosas da vida.

Não existe separação sem dor. Ninguém se casa pensando em se separar. O "casaram-se e foram felizes para sempre" é o grande ideal dos apaixonados. Uma nova situação se apresenta quando o casal tem filhos. Nesse caso, além de ser um casal são pais, condição que se manterá ao longo de suas vidas, estejam juntos ou separados. Portanto, têm de manter um relacionamento amigável para estar presentes e coerentes na educação e na vida afetivo-emocional de seus rebentos. O que se vê, porém, é um colocando o filho contra o outro ou fazendo "chantagem". Ninguém tem o direito de macular a imagem

paterna ou materna. O filho vai conhecer os verdadeiros pais que tem quando tiver maturidade para isso. Não se deve destruir a imagem do pai ou da mãe nem impedir a criança de conviver com cada um deles.

Em 1985, Richard Gardner, psiquiatra americano, descreveu e nomeou o ato dos genitores de colocar a criança um contra o outro como "Síndrome da Alienação Parental" (SAP). A SAP é um dos mais nocivos processos pelos quais uma criança pode passar em seu desenvolvimento psicoafetivo e emocional. O filho tem de odiar o pai ou a mãe, "matá-los" dentro de si. Percebe-se que crianças que vivem esse processo não conseguem desenvolver e manter vínculos afetivos duradouros. São mais propensas a sofrer de depressão e a se envolver com drogas.

Geralmente é a mãe que se transforma na alienadora, naquela que destrói a imagem paterna e impede os filhos de conviver com o pai. No entanto, é frequente ver a família toda colocando um contra o outro. Por que fazem isso? Por vários motivos:

- não se conformam com a separação;
- não conseguem aceitar que o cônjuge esteja construindo uma nova família;
- não concordam com a divisão dos bens e com a pensão estipulada;
- apresentam ciúme e sentimentos de vingança, ou até mesmo algumas psicopatologias.

Têm surgido várias associações de pais separados, que buscam proteger os filhos da SAP. Seguem alguns sites:

- Instituto de mediação parental: www.mediacaoparental.org
- Pais por justiça: www.paisporjustica.com.br
- Associação de Pais e Mães Separados (Apase): www.apase.org.br

- Pai legal: www.pailegal.net
- ParticiPais: www.participais.com.br
- SOS — Papai e mamãe: www.sos-papai.org

Seria recomendável que, de tempos em tempos, os pais separados pudessem sair com seus filhos, para mostrar-lhes que existe uma "unidade" que se preocupa com eles, que está presente em suas vidas dando-lhes carinho e atenção e conversando a respeito de suas dificuldades.

Os filhos esperam coisas diferentes de seus pais. Da mãe esperam carinho, afeto, ajuda no dia a dia e cumplicidade. O pai é visto como aquele que "abre as portas para o mundo", que os diverte, que os ensina a lidar com os problemas da vida. É importante saber que mais da metade dos filhos espera aprender com as experiências de seus pais e tê-los como bom modelo.

Quando os pais estão longe, os filhos sentem-se entediados, ansiosos e desprotegidos. Embora a presença afetiva dos pais seja fundamental para a formação de uma boa base emocional, estudos da psicóloga americana Judith Rich Harris mostram que os pais são apenas coadjuvantes nesse processo e a influência da família não é suficiente para evitar comportamentos indesejáveis.

Harris segue uma corrente de estudos que afirma que metade das nossas características intelectuais e de personalidade é resultado de uma herança genética e o resto é produto do meio em que vivemos. Pensando assim, o fator decisivo na formação da personalidade não é a influência dos pais, mas a convivência com as outras crianças, com os amigos e conhecidos com idade próxima à da criança. Segundo a psicóloga, o clima familiar não determina mas influencia o modo como a criança interage com o ambiente — mantendo-se mais distante, cuidadosa, ou procurando desafios e enfrentando problemas.

Infância



Você se lembra de sua infância? Pare um pouquinho para pensar... Não, não chore por suas feridas infantis que ainda não cicatrizaram. Lembre-se apenas dos bons momentos. A vida é feita de momentos e se você não sabe precisamos cultivar os bons momentos.

Lembre-se de seus brinquedos favoritos, de suas brincadeiras, das pessoas queridas, de suas travessuras e artes. Sinta os cheiros de sua infância: o cheiro da casa dos seus avós, de sua comida predileta, de sua mãe. Qual a sua melhor lembrança?

Eu tenho inúmeras lembranças de minha infância. Tinha os meus cachorros, com os quais aprendi a dar e receber afeto, assim como lições de fidelidade. Tinha a minha égua, a Faísca, que me levou a novos lugares, ampliando o meu mundo e me fazendo vencer desafios. Cheguei até a capotar com a charrete... As minhas bonecas, que me preparavam para o papel de mãe e me ajudavam a elaborar os conflitos vividos com meus pais. Tinha o meu cavalinho de cabo de vassoura, que substituía a Faísca quando eu não podia montá-la, seja porque estava em São Paulo ou porque ela estava no pasto de charco. Como eu não conseguia ir buscá-la, dependia da "boa vontade" do caseiro, que sempre estava "ocupado" demais. Com isso eu aprendi a tornar possível o impossível. Aprendi também que os símbolos são representações do ausente.

Eu tinha uma coleção de bonequinhos da Coca-Cola que me levavam a brincar de vida em sociedade. Com eles eu me preparava para crescer e desempenhar os diferentes papéis da vida adulta. Sou filha temporã. A caçula de mais três irmãos com diferença de idade de até 23 anos. Isso significa que eu era uma criança solitária e tímida.

Brincava muito sozinha. Em todas as férias, porém, os meus sobrinhos, quase da minha idade, vinham do Rio de Janeiro e ficávamos no sítio o tempo inteiro. Com eles aprendi que a vida cercada de amigos é bem melhor e formei vínculos que até hoje me fazem sentir a felicidade de ter uma família unida.

Quanto aprendi na minha infância! Aprendi até que a felicidade é uma conquista... Uma junção dos bons momentos vividos. Um processo de "vir a ser". Criei meus filhos dando-lhes a oportunidade de viver e experimentar tudo que me foi bom, resgatando com eles a minha própria infância. Tenho hoje a chance de continuar vivendo a minha infância por meio das brincadeiras com meus netos e com as centenas de crianças que tenho atendido. Algumas crianças que atendo chegam a me perguntar se sou adulta ou criança... Às vezes, eu mesma chego a me confundir quando estou com uma criança, pois a minha realidade se transforma na realidade do mundo infantil.

E você? O que foi que você fez da sua infância? Cadê a sua criança? Deixou que ela se afastasse e se transformou num adulto absolutamente sério, responsável, triste e chato, ou ainda a mantém junto de si, dando-lhe esperança, senso de humor, capacidade de brincar, criar e rir de si mesmo? Tem recorrido a ela para se conectar com seus filhos e com eles reviver os melhores momentos de sua infância? Ou se transformou num adulto que não tem tempo para nada, nem para ver seu filho crescer? Você tem dado a seu filho a oportunidade para que ele seja criança ou só pensa no futuro e enche-o de compromissos e obrigações? Fala para seu filho que ele é muito criança para fazer algumas coisas e já adulto para poder fazer outras, confundindo-o a respeito de si mesmo, dando-lhe essas duplas mensagens?

Infelizmente, as nossas crianças estão adoecendo. Apresentando patologias que até pouco tempo atrás eram do mundo adulto. As

nossas crianças estão perdendo o direito e a capacidade de brincar. As festas infantis parecem um evento da Broadway; os monitores são essenciais nos hotéis e festas porque elas não sabem mais organizar suas próprias brincadeiras. Não podem ter animais em casa porque não existe espaço ou porque os pais não toleram sujeira. E os pais não brincam com seus filhos porque estão cansados demais.

As crianças perderam o espaço da rua porque a violência impera. Não podem fazer barulho porque incomoda os pais ou os vizinhos. Não podem brincar porque têm outras tarefas a fazer. Vestem-se como adultos porque a mídia lhes dá o modelo. Comportam-se como adultos porque é infantil comportar-se como criança. São sexualizadas demais porque têm acesso a muita informação e isso as estimula. Passaram do papel de criadores de seu próprio universo para o de consumidores do mundo porque a publicidade impera. Precisam TER para SER.

Cadê a infância? A maioria das crianças que eu atendo não quer se casar nem ter filhos. Para elas, filhos só dão trabalho, incomodam e dão despesa. Chegam para a sessão de psicoterapia cansadas e morrendo de sono, pois o seu dia começa às 5h30 para esperar a condução que vem apanhá-las para irem à escola. Já enfrentam logo cedo o trânsito estressante de São Paulo. Têm cinco horas de aula, em sua maioria maçante, tendo contato com professores cansados e desanimados. Além disso, vão às aulas de inglês, informática, tênis e o "diabo a quatro". Fora as brigas diárias com seus pais, para que se levantem de manhã, se arrumem e não percam a hora.

Em meus dois livros anteriores tento alertar os pais e educadores quanto às consequências desfavoráveis ao desenvolvimento infantil que o excesso de atividades pode causar. Sugiro maneiras de resgatar a infância e lidar com situações e comportamentos difíceis, usando brinquedos e brincadeiras.

A infância vem sofrendo transformações muito grandes e

impactantes nos últimos tempos. O avanço da tecnologia tem forte influência nesse processo. A TV e a informática invadiram os lares, assumindo, na maioria dos casos, a tarefa de educar, informar e estruturar (ou desestruturar) as novas famílias. Resultado disso? As babás eletrônicas, a solidão, a obesidade infantil, a erotização precoce, em alguns casos a indução à violência e ao crime, a "burrificação" da humanidade. Como já disse, esses meios de comunicação não trazem sabedoria, apenas conhecimento.

As próprias escolas reduziram o tempo dedicado às aulas de artes, educação física e música. As escolinhas maternais prendem as crianças a uma mesa e cadeira, dando-lhes lápis e papel para mandar às mães, no fim do mês, uma pasta cheia de trabalhos inúteis ao desenvolvimento infantil, muitas vezes para "mostrar serviço". Algumas escolinhas têm mais livros que brinquedos.

Os passeios com os pais se reduzem a idas ao supermercado, ao shopping, ao cabeleireiro, ao posto de lavagem de carro, à oficina, ao cinema (onde não se enxergam nem se falam). De modo geral, são lugares mais de interesse dos pais do que da criança e estes "pensam" que estão fazendo algo por seus filhos. Estão perto dela apenas fisicamente, mas seus interesses estão a "quilômetros de distância", voltados às suas preocupações e necessidades.

Estudos recentes mostram que apenas um terço das mães passeia com seus filhos ao ar livre. As estatísticas mostram que:

- 45% das crianças aprendem mais sobre a natureza por meio da TV e dos livros;
- 84% das mães esperam que as escolas ensinem a natureza aos filhos;
- 78% das crianças querem que os pais assumam o compromisso de proteger a natureza e o ambiente; e

- 46% das crianças gostariam de brincar mais ao ar livre.

Atualmente, tudo está acelerado para a criança. Elas participam das conversas dos adultos, assistem às programações para adultos, são alfabetizadas antes da hora, prestam vestibular para o ingresso no primeiro grau, entram cada vez mais cedo para as escolinhas. Consequência também dessa aceleração é a precocidade cada vez maior no uso de drogas, na iniciação da vida sexual e na gravidez na adolescência.

Muitos pais estão acomodados e "terceirizam" seus filhos. Perderam seus papéis, não sabem como agir. Também têm pouco interesse em informar-se (exceto você, é claro, que está lendo este livro). Os pais deveriam estar perto de seus filhos para educá-los, aceitá-los, dar-lhes segurança e dividir com eles a alegria de viver e ter uma família. Não devem estar perto de seus filhos para os agredir, humilhar e diminuir. Penso até em formar uma ONG, não para salvar as baleias, preservar a Mata Atlântica, ou salvar o planeta da poluição, mas sim para SALVAR OS FUTUROS INDIVÍDUOS QUE VÃO HABITAR ESTE PLANETA.

Essa droga das drogas...



— Mãe...

— O que é, Tatá?

— Se você me pegasse fumando, o que você faria?

— Por quê, Tatá? Cê tá fumando? Você só tem 12 anos!... —

respondo já toda ouriçada, pronta pra briga.

— Não, mãe, eu só queria saber... — responde, como quem está me testando.

— Eu pegava você pelas orelhas e te fazia engolir o cigarro. Inteiro... Mas por que você me perguntou isso? — esperando a "bomba" que já devia estar a caminho, pensando em como faria para cumprir com a minha ameaça.

— É que a mãe da Ana Maria descobriu que ela estava roubando cigarros da bolsa dela e fumando escondido. Aí falou pra ela que se ela quisesse cigarro era só pedir, não precisava roubar, e que fumasse na frente dela, não escondido.

— E o que você acha disso, Tatá? — indago, interessada em sua resposta.

— Eu acho que a mãe dela não gosta dela, porque se gostasse não ia deixar fumar. Não é, mãe? Cigarro faz mal, não faz?

— É verdade... Cigarro faz muito mal — respondo pensativamente, analisando o comportamento de muitos pais liberais que querem parecer amigos de seus filhos e acabam pecando pela falta de limites e pelas "mensagens duplas".

Os filhos pedem limites e quando os pais não dão chegam a pensar que não são amados. Já disse e repito: os pais não podem ser "amigos" de seus filhos, mas devem ter uma "postura" amiga. Pais "amigos" acham que devem beber e fumar com seus filhos, ensiná-los a dirigir. Falam de seus namoros e vida sexual, não impõem respeito nem limites. Pais "amigos" dão "duplas mensagens" o tempo inteiro. Por exemplo:

— Você vai à festa, mas não beba. Prefiro que traga os seus amigos aqui e a gente toma uma cervejinha com eles.

Como?! Trazer os amigos em casa para beber com eles? Você acha isso certo? A bebida é uma droga, não é? Aliás, porta de entrada para

outras drogas, porque tanto a bebida quanto o cigarro são drogas liberadas. É certo então permitir que o filho beba em casa e não na rua? “Em casa ele pode se drogar.” Essa é a mensagem passada, quando deveria ser: “A droga é ruim e você não deve usá-la seja onde for”.

A maioria dos jovens começa a se drogar em razão dos exemplos que têm em casa. Pais que bebem e liberam a bebida, pais que fumam cigarro ou maconha, pais que usam remédio para tudo, principalmente recorrendo a eles diante das dificuldades do dia a dia ou mesmo para vencer a irritação, a tristeza, a falta de sono e o estresse.

Os jovens estão se drogando cada vez mais cedo. Começam a beber e fumar por volta dos 10 anos. Existe um fator de predisposição às drogas, que é o hereditário ou ambiental. Crianças cuja criação propiciou autoestima baixa estão predispostas ao uso de drogas, principalmente porque são vulneráveis às pressões do grupo. Querem fazer tudo para não ser rejeitadas. A sua necessidade está em corresponder às expectativas do outro.

Os pais precisam conversar sobre drogas com seus filhos, desde pequeninos. Como falar? Um bom início é falar sobre os alimentos que eles ingerem. Dizer-lhes que alguns alimentos são prejudiciais à saúde, como refrigerantes, gorduras, doces, massas em excesso. Depois, sobre medicações. Remédio não se toma à toa. Existem remédios que a criança não pode tomar. Os próprios pais têm de moderar o uso de suas medicações diante da criança.

Deve-se falar também sobre as bebidas alcoólicas e o fumo. Pais que chegam em casa e bebem para relaxar estão ensinando a criança a buscar recursos externos para ficar bem. Assim como o fumo. Orientá-la para que não aceite nada para comer e beber vindo de pessoas desconhecidas. À medida que vai crescendo, falar sobre as drogas ilícitas. Você precisa ler e informar-se sobre as drogas existentes e seus efeitos.

Se souber que seu filho está usando drogas, não venha com "sermões" ou castigos: isso só vai afastá-lo de você. Procure saber o que o está levando ao uso, mediante um diálogo franco e amoroso. Por exemplo:

- O que o levou a experimentar?
- Há quanto tempo você está usando?
- O que ela lhe proporciona de bom?
- Como tudo começou?
- Quem lhe fornece a droga?
- Quais colegas também usam?
- Onde você costuma usar?

Essas perguntas são fundamentais para um início de conversa. Escute com atenção as suas respostas, sem criticá-las. Depois disso, deixe bem claro para seu filho o seu posicionamento em relação às drogas e as atitudes que tomará para desviá-lo desse caminho.

Uma consulta ao psicólogo é sempre importante, mas sua conduta é fundamental. Já disse que não há tratamento preventivo e curativo melhor do que a família. Crie regras com seu filho quanto a suas amizades, saídas e retornos com horários estabelecidos. Procure conhecer a família de seus amigos e os lugares que ele frequenta. Ofereça a sua ajuda, mostre que ele é importante para você. Encaminhe suas atividades para os esportes, artes plásticas, música e teatro.

O problema da bebida transformou-se numa questão de saúde pública. No Brasil, quase 70 milhões de pessoas bebem e 30 milhões delas são classificadas como "bebedores de risco". São aquelas que bebem socialmente e lentamente são conduzidas ao vício, ao uso patológico da bebida.

Os nossos jovens bebem muito e as garotas estão bebendo mais do que os garotos. Querem competir com eles. Fique atento! As mulheres geralmente bebem para se consolar emocionalmente ou quando se sentem solitárias. Os homens começam a beber mais por diversão e para perder a timidez. Os efeitos da bebida são muito mais devastadores para as mulheres. Elas morrem muito mais do que os homens devido aos efeitos da bebida. Esses efeitos costumam aparecer mais cedo nas mulheres do que nos homens, com uma diferença de aproximadamente dez anos.

O álcool é metabolizado no fígado e no estômago por uma enzima chamada ADH. O organismo feminino secreta menos ADH que o organismo dos homens. Portanto, a fragilidade da mulher em relação ao álcool é maior. As garotas também estão se embebedando mais porque ficam preocupadas em não engordar, não comem quase nada e bebem mais para saciar a fome e a ansiedade c òpj ı kòçsfft (anorexia alcoólica).

Os Institutos Nacionais de Saúde, agência governamental do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos, sugerem alguns passos vitais para que os bebedores de risco consigam controlar a bebida:

- Estipular um número de doses diárias: uma dose para as mulheres e duas para os homens.
- Evitar beber sozinho em casa.
- Dar um intervalo de uma hora entre uma dose e outra, hidratando-se muito.

Considera-se uso abusivo a situação na qual o usuário deixa de cumprir com as suas obrigações diárias, passa a consumir o álcool com medicações, dirige alcoolizado, envolve-se em brigas, vexames, e toma

porres constantes. Abra o olho!

Existem diversas entidades de apoio aos jovens e adultos dependentes do álcool e outras drogas. Para maiores informações, seguem algumas referências:

- Al-Anon e Alateen, (11) 3331-8799, site: www.al-anon.org.br
- Nar-Anon e Narateen, (11) 3311-7226, site: www.naranon.org.br
- Amor-Exigente, site: www.amorexigente.org.br

Existem também alguns postos de atendimento gratuitos, como:

- Diadema (SP): (11) 4055-1528
- Santo André (SP): (11) 4990-5294
- Piracicaba (SP): (19) 3433-0312
- Santos (SP): (13) 3237-2681
- São José dos Campos (SP): (12) 3913-5198
- Itapetininga (SP): (15) 3275-3513

Lembre-se: todas as drogas são prejudiciais à saúde. Um dos mais recentes estudos realizados por Christian César Cândido Oliveira, Claudia Scheuer e Sandra Scivoletto, do Departamento e Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, conclui que “adolescentes que usam drogas tiveram maior dificuldade para acessar suas memórias, utilizando um discurso mais vago e genérico. Este dado parece ser indicativo de alterações cognitivas e linguísticas decorrentes do uso de drogas, mas também de questões relacionadas ao impacto destas substâncias nos processos de busca de conhecimentos e de socialização”. Portanto, quando as drogas não matam, causam não somente esse, mas outros

sérios prejuízos.

Estudos mostram que

- em 78% das famílias a descoberta da dependência e do uso de drogas é feita por alguém do núcleo familiar (pai, mãe, irmãos);
- em 61% dos casos são as mulheres (mães ou esposas) que procuram ajuda e tratamento;
- em 70% dos casos o problema ultrapassou o núcleo familiar de mãe, pai e irmãos e afetou parentes mais distantes, como tios e primos, e pessoas ligadas aos dependentes, como namorados, sogros, cunhados;
- 66% das pessoas acreditam que a dependência química começou devido a fatores externos à família, como más companhias e baixa autoestima;
- 61% das famílias não conhecem e nunca ouviram falar no CAPSad, o centro especializado em tratamento de drogas do Ministério da Saúde.

Na busca de ajuda, familiares atiram para todos os lados e tentam soluções como:

- 56%, internação, e/ou
- 54%, ajuda psicológica, e/ou
- 50%, religião, e/ou
- 31%, ajuda psiquiátrica.

Morte



— Fecha o portão quando você for colocar o lixo na rua, senão a Pirulita escapa.

— Cida... Quantas vezes eu tenho de falar para você fechar o portão quando for colocar o lixo na rua!!!

— Cidaaaa... Olha o portão... Você deixou aberto!!!

Todas as semanas era a mesma coisa. Eu tinha de lembrar a diarista de fechar o portão enquanto colocava o lixo na rua, pois a "sassariqueira" da Pirulita aproveitava essa "deixa" para sair em "desabada" pelo quarteirão. Era o seu esperado momento de liberdade e autonomia. Dava um trabalho danado trazê-la de volta, pois quanto mais a chamávamos e corríamos atrás dela mais ela se excitava e aumentava a sua velocidade. De vez em quando ela parava para nos provocar. Esperava chegarmos pertinho dela, com a guia pronta para colocar em seu pescoço, e quando nos abaixávamos para prendê-la ela "acelerava" e sumia.

"Filha da @#%!", eu pensava. "Sua cadela", e aí vinha o palavrão pertinente à situação ridícula à qual ela me expunha. Como isso era resolvido? As pessoas da rua se mobilizavam ao me ver correndo atrás dessa "fulaninha". Sempre surgia uma que se penalizava e, estando próxima à Pirulita, a segurava para mim.

Certa vez aconteceu o pior, o que mais temíamos: a brincadeira foi fatal. Assim que Pirulita escapou, eu e as crianças corremos atrás... Mas naquele dia ela resolveu atravessar a rua... Só tive tempo de ver o caminhão que descia a rua em extrema velocidade. Não deu tempo de gritar por ela. O veículo passou por cima dela como quem passa por uma folha de papel e continuou seu trajeto, como se nada tivesse acontecido. Foi assim, diante das crianças, totalmente impotentes e horrorizadas, que perdemos a nossa companheirinha.

Cida foi até o meio da rua, bem diante de casa, e arrastou seu corpinho até a calçada. Imediatamente liguei para Ruy, pedindo que viesse nos acudir e levar a pobre bichinha ao veterinário. As crianças a cercaram de cuidados e, pouco a pouco, parecendo se despedir, ela fixou seus olhinhos em cada um de nós, dando seu último suspiro.

Totalmente impotente, abracei as crianças e disse:

— A nossa amiguinha foi embora... Ela acabou de morrer. Isso significa que ela está dormindo e nunca mais vai acordar. Temos de aprender a viver sem ela.

Choramos, choramos, choramos...

Nisso Ruy chega apavorado e se junta ao nosso grupo. A alegria da casa foi substituída por um momento de extrema tristeza, fraqueza e união, para podermos nos sustentar. Recolhi as crianças, enquanto Ruy e Cida colocavam-na em um saco de lixo para ser levada ao veterinário e cremada.

Naquele dia conversamos sobre o que era a morte. Lembramos do vovô Nunes, meu pai, que falecera uns dois anos antes. Falamos sobre as saudades que tínhamos dele, dos nossos momentos agradáveis, revivemos as boas lembranças.

Todos dormiram em nosso quarto. Gabriela foi quem ficou mais abalada. Dois dias depois, minha sogra a presenteou com um lindo filhotinho de boxer e aí a vida voltou lenta e paulatinamente a fluir em nosso lar.

Como falar da morte com seus filhos?

A morte tem vários significados, que se diferenciam de acordo com a cultura do país ou com a religião de cada um. Uma coisa é comum entre todos: é a única certeza da vida. A maioria das pessoas tem a morte como um "tema tabu" em suas vidas. Evitam falar nela e dela, desviando as conversas quando surge o tema: — Credo... Que assunto mais mórbido!!! Vamos falar de coisas boas — dizem.

Como já disse, exceto em algumas culturas e religiões, não se conversa sobre isso. A morte não consta de nenhum currículo escolar, algo como: "A educação para entender e enfrentar a morte, assim como aceitá-la". Ela é retratada pela figura bizarra de uma caveira vestida com uma longa capa e capuz preto, segurando uma foice nas mãos.

Novos estudos sobre a morte concluíram que a maioria das pessoas lida muito bem com ela e que apenas 15% desenvolvem graves dificuldades. O ser humano tem uma capacidade de resiliência muito grande (capacidade de voltar ao normal após um grande trauma). Os resilientes tomam a decisão consciente de voltar a viver. Os cientistas acreditam que já nascemos dotados dessa capacidade de superação.

Devemos falar sobre isso com as crianças, permitir que participem do velório de um ente querido, tenham a oportunidade de despedir-se dele. Isso não quer dizer que elas tenham de permanecer por longas horas na cerimônia, mas apenas por alguns momentos. O tempo para ver a pessoa no caixão e despedir-se. Mesmo tendo 1, 2 ou 3 anos. Os rituais de despedida são muito importantes para a elaboração do luto. Atualmente, quase não existem mais os velórios. Morre-se e se é enterrado ou cremado quase imediatamente. Missa?! Ficou restrita a poucos convidados. Essas cerimônias possibilitam que as pessoas se aproximem, amparem-se mutuamente e elaborem a perda.

A primeira atitude é sempre negar: "Não acredito que isso tenha acontecido". Ver ali o corpo exposto, acompanhar a sua descida ao túmulo, faz que as pessoas entrem em contato com a realidade. Quando não é permitido que a criança veja a pessoa falecida, ela fantasia o que seria a morte e, às vezes, esta fantasia pode ser muito prejudicial a ela.

A criança pequena vê a morte de uma forma bastante diferente do adulto. Por não ter a noção do "nunca mais", o seu sofrimento passa a

ser menor do que o do adulto. Além disso, a criança não consegue imaginar a sua própria finitude. Na verdade, ela não tem medo de morrer, mas sim de sentir dor ou de ser abandonada por aqueles que a nutrem e a protegem. Por volta dos 6 anos, a criança começa a temer a morte de seus pais e isso a apavora, porque sente que perderá os cuidados e a proteção de que necessita para viver. É preciso assegurar-lhe que os pais morrerão somente um dia longínquo, quando a vida terminar, e que mesmo assim sempre existirão pessoas para cuidar dela, como padrinhos, tios, avós...

A criança costuma ter muitos pesadelos sobre a morte dela ou a morte de seus pais. Acaba se sentindo atemorizada e culpada por sonhar com isso. É preciso que você lhe assegure que isso não significa que algo vá acontecer. Talvez ela esteja se sentindo desamparada ou com medo do abandono. Escute o que ela tem a lhe dizer e certifique-se de que esteja tudo bem com ela.

Não aconselho dizer à criança que a pessoa foi para o céu e lá está morando. Muitas crianças apresentam o desejo de morrer também só para se encontrar com o ente querido. Embora essa possa ser a sua crença, espere para lhe dar essa noção quando ela for maior. O melhor é levá-la ao cemitério e dizer-lhe que a pessoa está enterrada, dormindo para sempre. Não invente histórias sobre o motivo da morte. Diga a verdade, de acordo com o nível de entendimento da criança, respondendo claramente às suas perguntas. Não precisa disfarçar a sua angústia e tristeza. Conte-lhe por que está assim e assegure a ela que vai passar.

Se um ente querido se encontrar doente, às portas da morte, vá preparando a criança para enfrentar tal acontecimento. Permita que ela visite o doente, explique-lhe o que está acontecendo. Os últimos momentos da vida de uma pessoa são cheios de sentido, diz a geriatra dra. Ana Claudia Arantes. Representam a última chance para

restabelecer relações, perdoar e realizar desejos pendentes. Por isso, temos de vivê-los plenamente e com dignidade. Precisamos educar as crianças para a vida: falar da morte é preparar para a vida. Montaigne dizia que, "como não sabemos onde ela nos espera, é melhor esperá-la em todo lugar".

Para a criança, a morte adquire vários significados, dependendo da idade em que ela se encontra. Entre 2 e 6 anos, a criança pensa que a morte é um estado reversível. É preciso dizer que as pessoas não retornarão e que ela não perderá todo mundo de uma vez só. Por volta dos 8, 10 anos, ela terá uma compreensão melhor do significado da morte.

Quando houver pessoas doentes terminais na família, a conversa também é importante. A criança percebe o que acontece no ambiente. O "não saber" provoca medo, separação, exclusão, isolamento e angústia. Nas famílias em que existem esses casos, todos precisam se envolver nos cuidados com o doente e ter espaço para falar de seus temores e sentimentos. A vida, como existência única e isolada, não tem sentido. Quem assim vive já está morto. O homem existe a partir de suas realizações e não isolado delas. A consciência de que a vida é transcendência, alegria, felicidade, sofrimento, dor e angústia faz que a gente assuma a responsabilidade pela construção daquilo que somos. E assim a vida se transforma pela própria vida e o sentido da vida é, enfim, a gratificação emocional das realizações que alcançamos durante o nosso existir. A aceitação da morte é o belo ato de encerramento de nossa vida.

Se você precisar de ajuda e orientação, procure o Laboratório de Estudos sobre a Morte da Universidade de São Paulo (LEM).

Aprendizagem



— Eu não quero ir pra escola... — Kiko reclama de braços cruzados, fazendo "bico" e cara de choro quando o chamo para colocar o uniforme.

— Ué, Kiko!!! Você sempre gostou da escolinha... Por que não quer ir hoje? — indago.

— Eu não quero ir nunca mais! — responde bravo e escapando do quarto.

— Hei, hei, hei... Venha cá... Não vai fugindo de mim, não senhor... Vai me dizer o que está acontecendo... (Mãe, quando está brava, chama os filhos pelo nome e sobrenome ou os trata como senhor e senhora.)

— A minha professora é muito chata.

— Como assim?

— Ela não deixa brincar, me põe de castigo no recreio, fala que eu sou um moloide e os meninos ficam me zoando.

— Põe você de castigo no recreio? Goza de você na frente da classe? Por quê?

— Porque eu demoro pra fazer a lição e pinto tudo errado. No recreio tenho de fazer de novo.

— Kiko, você acha que é demorado?

— Não, mãe, mas ela fala para eu pegar a pasta azul e eu fico parado um tempão para descobrir qual é a pasta azul. Depois, ela manda pintar uma coisa de cada cor e eu fico parado tentando descobrir qual é a cor certa.

— Mas, Kiko, por que você não pede ajuda?

— Eu tenho medo. Um dia pedi e ela me gozou: "Ah... ele ainda

não sabe a cor”...

— Filhão, eu já falei para a escola que você é daltônico. Será que a sua professora não leu a sua ficha?

— Eu não quero ir pra escola — ele insiste, mas desta vez com desespero.

— Calma, Kiko... Vamos resolver esse problema... A mamãe vai falar com a sua professora.

— Não, eu não quero ir... — angustiado me implora.

Desconfio de algo mais.

— Existe alguma coisa que você ainda não me falou?

Diz que sim com a cabeça.

— Então diga, filhote.

— Ela falou que hoje todo mundo vai ter de ler alto e como eu ainda não sei ler decorei a história toda que a Gabi leu pra mim.

— Como??? — indago assustadíssima. — Não entendi! Cadê seu livro?

Ele sai e volta com um desses livrinhos infantis, de cujo nome até hoje me recordo: F òãçìkPí òôçìkPí òí çìk.

— Mostra pra mim o que você fez...

Ele abre o livro, finge ler a primeira página, mas a relata inteira de cor, pois não assimilou o processo de alfabetização ainda... E assim continua o livro todo...

— Eu não a-cre-di-to, Kiko, que você fez isso! Conseguiu de-co-rar todo o livro... Pra quê meu filho?

— Pra ela não dizer que sou “vacilão”.

Procurei investigar o que havia de errado com ele, pois não conseguia acompanhar a classe. Seu QI era de 120, quando se esperava um resultado normal entre 90 e 110. Emocionalmente estava abalado, bloqueado em seu processo de aprendizagem pelo medo da professora e do julgamento dos amigos, não conseguindo utilizar-se de seu

potencial intelectual.

A continuação desta história vai longe. Eu a relatei para que você saiba que muitas vezes não há nada de errado com a criança, mas sim com a escola e com os professores ou com o ambiente no qual a criança vive.

Costumo dizer que muitas escolas retiram das crianças a sua natural curiosidade e desejo de aprender. Veja você: quando recomendam um livro para ler, logo pedem um trabalho chato e cansativo a respeito da leitura. Além disso, muitas vezes recomendam livros totalmente desinteressantes e pouco estimulantes. Os alunos não têm a oportunidade de ler simplesmente pelo prazer que a leitura proporciona. As escolas fazem cobranças absurdas quanto às obrigações diárias das crianças. Passam tanta lição que a criança não tem tempo de brincar. Os pais ainda têm de ajudá-la, o que faz que o vínculo entre pais e filhos, na maioria das vezes, se deteriore. Como a criança não tem vontade de fazer lição ou não sabe, isso favorece brigas familiares e faz da escola um fator de discórdia entre pais e filhos, quando, na verdade, ela deveria ser algo bom na vida familiar. E as lições de fins de semana? Pra quê? Ninguém merece!

As crianças que estudam no período da manhã têm de acordar com os pássaros. Romper com o ritmo circadiano de seu sono. Vão para a escola sonadas, cansadas, mal-humoradas... O sono é um fator determinante na aprendizagem (sobre isso, veja o capítulo do sono).

As escolinhas maternais prendem essas crianças sentadas à mesa, quando o seu corpinho, em completa erupção de vida, pede movimento. Muitas escolas matam a infância e as chances de VIR a SER de seus alunos. Mas as escolas não são as únicas culpadas. Os pais... Ah... Os pais. Como dão trabalho! Buscando fortalecer seu próprio ego e precisando mostrar aos outros o quanto o filho é o melhor (na verdade, eles querem dizer: “Olha como eu sei educar...”),

procuram escolas com um nível altíssimo de cobrança. Se a criança vai bem, ótimo... Mas se vai mal... Costumo dizer que isso é um verdadeiro "estupro". Não acho que é bom os pais se concentrarem somente na escolarização e na educação dos filhos.

A grande psicanalista francesa Françoise Dolto (Í p j c k ópdffç ãdffj b , Campinas: Papirus, 1998), cuja obra admiro muito, tem uma visão bastante particular e interessante a esse respeito. Ela afirma que todas as crianças são inteligentes e que a inteligência escolar não é quase nada perto da inteligência geral. Para ela, inteligência é dar um sentido a tudo na vida, e não apenas a escolaridade. O que desenvolve a inteligência é a troca em relação a tudo que se vê e a sensibilidade para a vida, exprimindo-se com todas as possibilidades que o nosso corpo possui.

> A retidão de caráter, o amor e a observação da natureza, das plantas, dos animais, a alegria de viver, a inventividade engenhosa, a habilidade manual e corporal, a afetividade disponível, a experiência psicológica do outro e da vida coletiva, a aceitação da diferença dos outros, a capacidade de fazer amigos e de conservá-los, o conhecimento da história de sua família, de sua comunidade, de sua região, de seu país, o despertar para a arte, para a cultura, para os esportes, o sentimento de responsabilidade, a curiosidade de tudo e a liberdade de satisfazê-la são qualidades que muitas vezes não se desenvolvem quando o sucesso na escola é o único valor pelo qual uma criança é apreciada pelos pais.

Penso que existe um tipo de escola para cada criança e os pais devem escolher aquela que melhor se adapte ao jeito de seu filho e ao potencial que ele pode desenvolver. Mas há pais que cobram da escola tarefas que são da família, como bons modos, respeito ao outro, honestidade, humildade, amor ao próximo e caridade...

E como as crianças estão mal-educadas... Vovó Pascoalina dizia: "A educação vem do berço!" Na realidade, a verdadeira aprendizagem acontece dentro de casa, seguindo os modelos familiares e as brincadeiras. É dentro de casa, ajudando a colocar a mesa, que a criança vai ter noção de tempo, espaço e quantidade, por exemplo.

Tomando banho sozinha ou junto com seus pais, ela vai conhecer o seu corpo e descobrir as diferenças entre homem e mulher, adulto e criança. Ao preparar o seu prato sozinha e comer sem ajuda, vai desenvolver a coordenação motora, vai aprender a escolher, optar e descobrir as diferenças entre os alimentos.

Ajudando a regar as plantas, desenvolverá responsabilidades, amor e respeito à natureza. Aprendendo a preparar seu lanche, ela vai adquirindo autonomia e independência. Arrumando a sua caminha e o seu quartinho, estará se organizando. Atendendo um telefonema, ampliará o seu vocabulário e se desinibirá. Sendo respeitada, vai aprender a respeitar. Enfim, são tantas coisas a aprender no dia a dia que a escola pode ficar em segundo plano se a sua criança ainda for muito pequena.

Considero a idade de 3 anos a ideal para a entrada na escola. Para considerarmos uma escola boa é fundamental que ela:

- tenha espaço físico;
- seja limpa;
- reúna professores formados e constantemente atualizados;
- instigue a curiosidade,
- estimule a reflexão;
- dê tempo à criança para que faça as suas próprias descobertas e encontre as suas próprias respostas;
- possibilite que a criança questione e argumente;
- proponha desafios que gerem desequilíbrios no saber, para uma nova equilibração;
- respeite as diferenças e os diferentes;
- seja flexível quanto às necessidades individuais;
- dê orientação aos pais;
- estimule o uso de brinquedos e as brincadeiras.

Enfim... A boa escola não é aquela que ensina, mas a que leva a criança a descobrir por si. A boa escola é também aquela que está mais perto de sua casa, do seu "bolso" e tem a mesma filosofia de vida da sua família.

Outro fator importante quanto à entrada da criança na escola tem que ver com a sua adaptação. Já vi muitos pais chorando no lugar da criança. O ingresso de uma criança na escola é tão difícil para eles como para os filhos. Às vezes, a criança entra "numa boa" e a mãe fica a espreitá-la em lágrimas. Não consegue separar-se, sendo necessário que receba tratamento individual para "cortar" o vínculo. Por outro lado, é comum que as crianças chorem, sofram, tenham medo da separação e do "abandono materno". Nesses casos, cuidados especiais no período de adaptação dessa criança são essenciais. Quando esse período não é respeitado, fica confusa quanto ao mundo em que vive e passa a não confiar nas pessoas. A postura firme e segura do adulto que está com ela, acompanhando-a na escola, favorece essa adaptação. Pais que sentem e sofrem com a criança apenas transmitem insegurança. Muitas vezes, é melhor que o pai, o homem, leve a criança para a escola. A figura paterna, por ser mais firme, consegue transmitir a segurança de que a criança necessita.

Pare de fazer "projetos de vida" para seu filho. Olhe para ele com prazer e não buscando defeitos ou qualidades. Não crie expectativas elevadas. Deixe-o viver. Não queira realizar-se por meio da sua criança. É doentio crescer querendo corresponder às expectativas dos outros e o pior é que se leva isso para a vida adulta. Faça que seu filho possa construir seus próprios sonhos, forme uma parceria com a escola. Não tente competir com a professora de seu filho nem a desvalorize diante dele.

A função da educação infantil não deveria ser a de alfabetizar uma criança, mas sim fazer que ela desenvolva os requisitos básicos para

ser alfabetizada aos 7 anos, idade em que ela já está com o seu sistema nervoso amadurecido para tal aprendizagem. As consequências de uma alfabetização precoce podem ser muito graves.

Veja as funções básicas a serem trabalhadas e desenvolvidas antes da alfabetização de uma criança:

- socialização;
- percepção visual, tátil, auditiva, gustativa;
- coordenação motora fina e grossa;
- coordenação visomotora;
- noção de tempo e de espaço;
- noção de ritmo e equilíbrio;
- noção de cores, formas e texturas diferentes;
- noção de quantidade, conjuntos, relações biunívocas;
- noção de seres vivos;
- noção de preservação da espécie e da natureza;
- noção de saúde e higiene;
- noção de cidadania;
- comunicação;
- curiosidade;
- capacidade de pensar e argumentar;
- capacidade crítica;
- criatividade;
- espontaneidade;
- linguagem;
- expressão corporal;
- gosto artístico e estético (música e artes);
- capacidade de brincar e explorar o mundo.

Penso que essas já são tarefas suficientes para a educação infantil.

Podemos deixar a alfabetização para a idade certa, assim como as aulas de inglês, informática e outras tantas que se inventam por aí, algumas até para explorar o bolso dos pais. Aconselho natação, como esporte. Até mesmo como meio de prevenir acidentes, uma vez que a criança adora brincar na água e qualquer cuidado é pouco diante de uma piscina ou do mar.

Existem várias metodologias de ensino, como construtivista, montessoriana, antroposófica, tradicional, entre outras. A maioria das escolas, porém, faz uma "grande salada" e diz adotar uma delas. O pior são as escolas que se dizem "piagetianas", porque, de fato, Piaget não criou nenhuma metodologia de ensino, mas uma teoria a respeito do desenvolvimento cognitivo da criança. Não vou explicitar cada metodologia. O importante é que você procure conhecê-las e, insisto, opte por aquela que vier ao encontro de sua filosofia de vida e educação, disponibilidade financeira, de tempo e de transporte.

A comunicação é o principal processo para a aprendizagem, seja ela qual for. A comunicação, segundo Alexander Luria, psicólogo russo, é o fator mais importante para o desenvolvimento mental. Ela deve ser clara e precisa, capaz de levar o indivíduo à tomada de consciência das contradições e da insuficiência dos velhos conceitos. Não adianta, porém, comunicar-se com a criança de forma adulta. A comunicação deve ser adequada, acompanhando o nível de desenvolvimento e compreensão alcançados pela criança. Somente por volta dos 3 ou 4 anos é que se instala tanto a capacidade de usar a palavra como instrumento de comunicação na relação com o outro quanto a deixar-se orientar e autorregular-se por ela.

Dá para entender quando a criança parece não compreender as ordens dadas ou não as acata. Colocar uma criança pequena no castigo para "pensar" sobre o que fez de errado é pura perda de tempo. O que vai acontecer é que ela pode adormecer, passar a brincar sozinha ou,

até mesmo, a masturbar-se compulsivamente.

Todas as famílias e todas as escolas deveriam dar mais ênfase às aulas de "etiqueta social" e civilidade. Saber respeitar e relacionar-se com os outros, ser gentil e elegante são comportamentos e atitudes que infelizmente deixaram de existir. Hoje a lei é a do mais esperto e safado. Infelizmente.

Devemos sempre nos guiar pelos melhores projetos. Por isso gosto de fazer algumas comparações com sistemas de ensino de países mais evoluídos. As escolas britânicas incluíram em seu currículo aulas de cidadania. As estatísticas mostram que anualmente mais de um milhão de mulheres no Brasil sofrem violência doméstica, testemunhada por crianças. A família está se omitindo muito de suas funções: ensinar o respeito ao próximo, a não discriminar ninguém, orientar quanto ao uso de drogas, à sexualidade e ao uso e abuso das quatro regras básicas de convivência social: por favor, com licença, muito obrigado e desculpe.

A jornalista Ruth de Aquino, diretora da sucursal da revista Ânkã no Rio de Janeiro, na edição de 30 de novembro de 2009, questiona se seria possível criar uma sociedade menos violenta. Segundo esse artigo, estudos divulgados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostram que 55% dos jovens já viram corpos de pessoas assassinadas, ficando muito difícil para a família e a escola, sozinhas, conter a violência. É preciso que se exija do Estado um foco obsessivo na questão da educação ampla e irrestrita, como vem acontecendo na Grã-Bretanha. Uma cultura cidadã é responsabilidade da família, da escola e do Estado.

Aprenda a estimular a inteligência de seu filho:

1. Incentive as brincadeiras e os exercícios físicos. Estudos da neurociência demonstram que ambos contribuem para o aumento

do número de vasos sanguíneos no cérebro, fazendo que melhore a nutrição, a oxigenação e a conexão entre os neurônios.

2. Estimule o seu filho a relacionar-se com diversas pessoas e a entender as diferenças existentes entre elas.
3. Incentive seu filho a decorar versos e trava-línguas. Isso estimula a memória.
4. Deixe seu filho buscar as respostas por si e aprender com as próprias descobertas.
5. Respeite os limites de seu filho. Não o sobrecarregue nem o pressione, para que ele não se estresse nem seja levado a qualquer possível bloqueio na aprendizagem. O estresse produz o aumento de cortisol, hormônio que causa sérios prejuízos ao processo de aprendizado e à memória.
6. Estimule seu filho a desenvolver diariamente todos os sentidos: tato, visão, audição, paladar, olfato.
7. Ensine seu filho a pensar. Ajude-o a desenvolver seu raciocínio lógico e o pensamento crítico.
8. Ajude-o a viver suas próprias experiências e a formular suas próprias conclusões.
9. Auxilie-o a tomar decisões e saber o que é bom para ele.
10. Ajude-o a dizer “não”, quando necessário.
11. Respeite o sono de seu filho. É durante o sono que os neurônios se realimentam.
12. É bom você saber que existem inteligências múltiplas. Portanto, seu filho não é obrigado a ser bom em tudo. Ele pode ir mal em matemática, mas ser ótimo em esportes. O importante é você descobrir onde está o potencial dele e estimulá-lo nessa área, para que ele a desenvolva.
13. Procure descobrir o que está por trás das notas baixas do seu filho. Não adianta reforço, aula particular, castigo, se você não buscar a

causa da dificuldade, que pode ser desde um problema visual ou auditivo, um déficit de atenção ou até um transtorno emocional, psicológico ou neurológico.

14. Cobre da escola de seu filho o auxílio de um orientador educacional para ajudar vocês a criar estratégias de estudo e aprendizagem.
15. Os professores são fundamentais no aprendizado. Se o seu filho não vai bem, procure saber se o professor cria estratégias para despertar o interesse dos alunos e se ele tem um bom vínculo afetivo com a sua classe. Quem não se lembra da figura de um mestre que deixou marcas positivas ou negativas em sua vida? Eu, por exemplo, tenho uma dificuldade enorme em matemática. No entanto, uma vez na vida, somente uma vez, fui uma das melhores alunas da turma, quando tive a felicidade de ter uma professora extremamente dedicada e carinhosa: dona Augusta. Obrigada, dona Augusta, por mostrar-me que a matéria é bela e que eu não era burra.
16. Procure ajuda de um professor particular quando tiver certeza de que a escola já fez de tudo para ajudar seu filho a solucionar as suas dificuldades. Infelizmente sei que isso vai ser difícil, pois muitas escolas se vangloriam de sua excelência no ensino, justamente por se "livrarem" dos alunos que apresentam dificuldades.
17. Aluno precisa de rotina de estudo. Todas as escolas se queixam dos pais que não participam dos estudos dos filhos e não dão valor às ações educacionais dos professores com respeito aos alunos. Não seja mais um deles.

Dinheiro



A questão financeira sempre foi problemática em casa, quando as crianças eram pequenas.

— Manhê... — Gabi aproxima-se toda dengosa e meiga... — Tá chegando meu aniversário... O que nós vamos fazer?

Fiquei toda arrepiada. Esse era e foi o ano mais difícil de nossas vidas, financeiramente falando.

— Ai, Gabi... Mamãe não sabe ainda... Você está vendo o que o Collor fez com a nossa empresa... Já conversamos sobre isso com o papai, lembra? Mamãe não tem ideia do que fazer e dar a você... — respondo-lhe preocupada e com grande pesar, pois até hoje a Gabi curte os seus aniversários. Sua vitalidade é extremamente contagiante.

— Não tem importância, mãe... Eu só vou fazer 14 anos mesmo... Vou deixar para festejar nos meus 15 anos. Ano que vem!

— Beleza, Gá. A gente faz um bolinho e convida só a vovó Thereza e o vovô Ruy (pais do Ruy), os seus padrinhos e nós aqui de casa.

Passei o resto do dia preocupada em como arranjar dinheiro para o "bolinho" e para o presente. Faltava uma semana. Até lá... Quem sabe aconteceria um milagre!

Amanhece o tão esperado dia 5 de abril, aniversário da Gabi, e a nossa situação financeira estava dramática... Nós não havíamos conseguido dinheiro nem pro "bolinho".

Logo cedo ela nos acordou:

— Eba!!! É meu níver. Todos de pé... Cantando para mim...

Fizemos a maior folia. Encabulada e triste, eu lhe disse:

— Gabi, você se importa se a gente transferir o "bolinho" para outro dia?

— Quando?

— Não sabemos. Quando sobrar algum...

Como sempre, muito compreensiva e preocupada com a família, diz não se importar.

— Ah... e o seu presente eu ainda não comprei, mas quando você chegar da escola nós lhe daremos. Tá bom? — complemento.

— Tá bom, mãe... O que será que eu vou ganhar?

— Ói, Gabi, você sabe que a gente está na maior "mmm...", mas vou procurar alguma coisa bem baratinha pra te dar.

E assim foi. Gabi na escola e eu quebrando a cabeça em busca de algo para ela. Naquela época, dispunha de apenas R$ 8,00 (comparando com o valor do dinheiro de hoje) e não existiam a famosas "lojinhas de R$ 1,99". Sabe o que consegui comprar? Um pente de madeira e um pacote de algodão para ela limpar sua pele, pois sempre foi vaidosa. Eu tinha vontade de chorar, só de olhar para o "presente".

Voltando da escola...

— Manhêê... Cadê meu presente? — Já entra como uma explosão de alegria, rastros de estrelas cintilantes atrás de si.

— Ai, Gabi... Mamãe tá tão triste... Eu só consegui comprar isto para você... — digo envergonhada e triste, entregando-lhe o mísero pacote. — Não repare, meu amor... Procurei comprar algo de que você gostasse, dentro do pouco que temos. Como sei que você é vaidosa... — Eu falava, tentando me justificar e preparando-a para a decepção.

Ela abriu rapidamente o pacote, olhando para mim com seus reluzentes e apaixonados olhos azuis, estampando nos lábios o mais escancarado dos sorrisos e abraçando-me com força disse:

— Mãe... Como eu estava precisando disso! Amei!

Logo começou a pentear o seu lindo cabelão, naturalmente mechado e ligeiramente ondulado. Balançando aqueles fios revoltos,

pergunta:

— Fiquei bonita?

Abraçando-a fortemente e com admiração profunda, dando-lhe um tapinha na bunda, digo-lhe:

— Minha filha, você não existe... Que bom Deus me haver premiado com sua vida em minha vida.

— Não, mãe... Eu é que agradeço a ele por tê-la como mãe.

E assim foi aquele aniversário: triste, porém revelador de nossas riquezas interiores.

Dinheiro: posse, poder, ôô ôpó, controle, sedução, sonhos. O caminho para comprar a felicidade, as pessoas e para a solução de tudo. Que falsa impressão... E que triste a nossa realidade!

No meu consultório, diariamente deparo com uma série de conflitos com o dinheiro. Algumas famílias buscam orientação sobre o educar para ser, mas a grande maioria nem se importa com esse tema. Pensam sempre em ter mais... E em educar os filhos para a conquista do "vil metal". É interessante também notar que as pessoas que mais pedem desconto, atrasam meus honorários e me dão "cano" são justamente as mais abastadas. Prefiro deixar essa questão em aberto. Qualquer dia dedicarei um pouco do meu tempo para escrever sobre isso.

Como educar financeiramente? Acredito que nós damos a nossos filhos aquilo que temos. Isto é, se temos apenas a visão material da vida, se temos só amarguras, preconceitos, desconfianças, é isso que daremos a nossos filhos. De fato, devemos ensiná-los, desde cedo, a noção do valor e da função do dinheiro, para que cresçam com mais responsabilidade.

Hoje em dia, o homem perdeu o papel de criador para o de consumidor de seu mundo. Nossos sentidos são diariamente invadidos por uma sucessão de campanhas publicitárias que visam

levar o indivíduo ao consumo. Sem perceber, somos condicionados a usar tal produto, nos vestir de certa maneira, consumir aquilo que invade nosso inconsciente, na falsa impressão de que assim estaremos insertos na sociedade. O indivíduo, segundo observações de uma ex-paciente, é avaliado pelo carro, celular e relógio que possui.

Para que seu filho possa valorizar o que possui e o padrão de vida que lhe é oferecido, é preciso que tenha noção do valor de cada moedinha que recebe. É preciso, ainda, que aprenda a cuidar de suas coisas, que não desperdice alimentos, que economize e junte moedinhas para comprar um chocolate. Isso não é fácil, porque exige que você também saiba valorizar e usar bem o seu dinheiro. É claro que se em sua casa existe muito desperdício e consumo você nunca poderá esperar um bom resultado de seu trabalho educativo, pois as crianças aprendem aquilo que vivem.

A fase de alfabetização é um período propício para iniciar com a criança o processo de administração de seu próprio dinheiro. Nessa fase, ela começa a adquirir as noções de números, quantidade, de pertencer, enquanto certas operações matemáticas e a linguagem já são bem compreendidas e assimiladas. Comece a mostrar que na vida tudo tem um preço: sejam valores materiais ou não. Esses valores podem ser elevados ou baixos, caros ou baratos.

Vá ao supermercado com a criança. Leve algum dinheiro trocado e mostre com isso o quanto valem as mercadorias que ela deseja. Ajude-a a elaborar listinhas de compra para fazer com a sua semanada, que não deve ultrapassar R$ 5,00. Digo semanada porque um mês é muito tempo para a criança. A mesada pode vir quando ele tiver aproximadamente 12 anos e não deve ser elevada também. Faça que seu filho espere para obter o que deseja, ensine-o a negociar.

Estabeleça limites de tempo para celular, TV e internet. Passe a cobrar seu filho pelas contas altas. Não adiante a mesada nem a

complete, caso ele venha a gastá-la antes do final do mês. Crianças que vivem com o orçamento definido tornam-se adultos mais responsáveis com o dinheiro, administrando suas finanças satisfatoriamente. As crianças estão ligadas demais ao dinheiro. Já vi casos de chegarem a trocar o presente-brinquedo pelo presente-dinheiro. Acontece também de sentirem-se pressionadas para ter o que os outros possuem e assim sentirem-se aceitas no grupo. Só que isso é tão forte atualmente que algumas crianças chegam a se estressar e a desenvolver algumas angústias. Sentem que para conquistar um espaço na vida é preciso seguir o padrão estabelecido pelo seu grupo de convivência. Por isso mesmo recomendo que a escola seja escolhida em função do bolso dos pais.

Sexualidade



Dezembro de 1975, quatro dias após o nascimento do Samuel. Gabi estava com 3 anos de idade. Saio da maternidade para casa e diante da curiosidade imensa da Gabi ante aquele pequeno "extraterrestre" que invadia seus domínios resolvi deixar que ela entrasse em contato com o bebê e explorasse aquele "estranho ser".

— Venha, Gabi... Venha ver seu irmãozinho... Olha, a mamãe vai dar um banho nele, vem me ajudar.

Ela se aproxima timidamente e, cheia de receio ou de desconfiança, começa a prestar atenção ao que faço.

— Olha, Gabi, veja que mãozinhas pequenas... Você também já foi assim. Quer segurá-lo?

Ela diz que sim.

— Sente-se no sofá que a mamãe vai colocá-lo em seu colo.

Ela logo se acomoda no sofá e estende as mãozinhas.

— Peraí, filhinha, acho melhor a mamãe deitá-lo no seu colo. Ele é um pouquinho pesado.

Ela estica as perninhas, que estavam dobradas sobre o sofá, e sorri. Coloco aquele pacotinho que, na verdade, nunca foi pequeno (pois Samuca, ou Dedé, já nasceu com mais de 4kg, com 50 e poucos centímetros. Hoje, ele tem 1,94m.) em seu colo e ela fica deslumbrada com a "nova boneca". Tadinha, ainda não tem noção do que significa a chegada de um irmão... Deixo que se vincule a ele acariciando-o, mexendo em suas mãozinhas, perninhas e pés. Explico seu nome e respondo às suas perguntas, que dizem respeito ao funcionamento daquele "ser", como:

— Ele não fala?

— Ele chora?

— Posso enfiar o dedo no olho dele?

— Posso jogar ele pro alto?

Diante de tão boa "apresentação" e das ideias que iam surgindo na cabecinha da Gabi, resolvi apressar o banho.

— Agora, me dê ele aqui, que nós vamos dar um banho nele.

Enquanto Ruy prepara o banho, vou tirando suas roupinhas, sempre observada pela Gabi.

— Olha, filhota, olha a barriguinha dele, como ele é gordinho...

— Este aqui é o bumbum...

E, antes que eu lhe apontasse o "pipi" do pequeno ser, ela o apontou e falou admiradíssima:

— Olha, mamãe... Ele tem rabinho...

Muitos anos depois, mas muitos anos mesmo, por volta de 1983, eu estava com os quatro filhos no supermercado. Kiko tinha uns 2

anos. Como uma mãe legítima, estava atrapalhadíssima na enorme fila, com três carrinhos cheios de compras, filhos enchendo o saco, atrasada e nervosa, remexendo na bolsa, à procura da chave do carro... — Onde será que eu botei? — E ao mesmo tempo buscando a carteira.

— Gabi, cê tá com a chave do carro?

— Não... Você deu pro Kiko brincar na hora que ele queria se jogar do carrinho...

— Ah, é mesmo... Deve estar caída em seu carrinho. — E não deu outra: estava lá.

Na hora em que retiro a chave do Kiko, ele resolve armar um berreiro, e para calar a sua boca diante de tantas pessoas dou a minha bolsa para ele fuçar. Inicio finalmente a terrível tarefa de colocar as compras no caixa, esperar que ela acabe a conversa com a vizinha e dê continuidade ao seu trabalho.

— Manhê... Xixi — pede Tatá, apertando as pernas, segurando o púbis e dançando aflita.

— Calma, Tatá, agora não dá! — respondo mais nervosa.

— Manhê, olha o Kiko... — aponta Gabi.

— Deixa mexer, Gabi... Segura as pontas... — respondo impaciente.

— Manhê... Olha o Kiko — desta vez é Dedé quem me chama.

— Samuel, deixa teu irmão em paz... — Nem olho e continuo apressada com as compras.

— Manhê... — novamente a Tatá, desta vez gritando bem alto. — Olha o que o Kiko tá fazendo com aquelas coisinhas que você põe na sua "perereca" quando fica "misturada".

Na hora eu gelei... Lembrei que tinha alguns absorventes internos jogados na bolsa em que Kiko fuçava. Quando olho, dou com ele cheio de absorventes. Era absorvente enfiado nas duas orelhas, entre os dedos dos pés, enquanto chupava mais um. O povo das filas vizinhas

ria à beça. Naquela época, eu era uma jovem tímida, cheia de pudores, regras e preconceitos. Tinha vontade de me enfiar na lata de lixo do caixa. As crianças, percebendo o meu choque, resolveram tirar partido:

— Manhê... Pra que mesmo serve isso? — pergunta Tatá.

— Quieta, Tatá — enquanto tento guardar apressadamente os absorventes.

— Manhê... Por que você não responde?

Enquanto isso, Kiko chora, reivindicando seu maravilhoso brinquedo.

— Cala a boca, Tatá, me dá isso... — tirando um OB de suas mãos.

— Manhê... — desta vez a Gabi — pra que serve mesmo isso?

— Depois eu te explico, Gabi... "Céus", eu pensava, "estas compras não acabam nunca..." Tinha vontade de deixar tudo no caixa e me jogar debaixo de um carro.

— Serve para quando a mamãe fica "misturada" — responde logo Tatá.

O povo? Ah! O povo... Todos parados e assistindo à comédia...

— Não é misturada, sua idiota — responde Dedé, ao mesmo tempo que me pergunta:

— Como é mesmo, mãe?

Olho para o povo e parece que todos me pedem para responder:

— Menstruada — respondo rapidinho. — Pronto... É assim que se fala, e agora chega!

E chega mesmo! Chega de continuar contando esta história. Primeiro, porque me lembro do mico e depois de quanto eu era preconceituosa e ignorante. Esta história ilustra a segunda fase que a criança apresenta no desenvolvimento de sua sexualidade (após a descoberta das diferenças sexuais), que diz respeito à fecundidade e procriação.

As primeiras perguntas giram em torno das diferenças entre os

sexos e ocorrem por volta dos 2 aos 3 anos, período em que começam a se banhar com os colegas, com os pais, ou em que nasce um irmão de sexo oposto ao seu. Notam que existe algo diferente, exatamente lá entre suas perninhas: “Papai e mamãe são diferentes!...”, “Eu sou igual ao papai”, ou, então: “Eu sou igual à mamãe”. Iniciam uma brincadeira de tocar o corpo alheio, de querer conhecer melhor essas diferenças, de querer mexer, pegar para assimilar o “objeto”.

Aconselho que, durante esse período de pesquisa e conhecimento, seja permitido à criança tocar os corpos dos próprios pais, caso deseje. É um bom momento para ensinar-lhe o nome verdadeiro dos órgãos sexuais, evitando assim que ela se refira a eles por apelidos de “mau gosto”. Chamam-se pênis e vagina. É muito importante que encarem essas partes como partes naturais de seu corpo, assim como braços, nariz, mãos... sem a malícia maldosa que existe no olhar e no pensamento do adulto.

A partir dos 4 ou 5 anos, a criança entra em uma fase denominada de “pudor infantil”. Ela se preserva diante dos outros quando está nua. Cobre-se, não quer se trocar na frente de estranhos. É o momento ideal para você deixar de se trocar e tomar banho com ela. Peça que saia, quando você for se trocar. Assim ela vai aprender que se deve ter privacidade no banho ou na troca de roupas. Peça que aprenda a bater na porta do seu quarto ou do banheiro, quando você estiver lá. Se, por acaso, você estiver se trocando e ela entrar, continue o que estava fazendo normalmente sem pedir que ela saia e sem se cobrir vergonhosa e apressadamente. Fique na sua.

Explique a ela que quando crescem as pessoas passam a tomar conta de seu corpo. Isso significa usar o banheiro de portas fechadas, tomar banho e se trocar sozinhas e não permitir que ninguém, exceto os pais e o médico, toque em seu corpo. Também não devem tocar o corpo dos outros. Refiro-me aos toques genitais.

Você vai me questionar: como? Primeiro falamos que pênis e vagina não são objetos de vergonha e agora mostramos que devem ser intocáveis? Parece estranho mesmo, mas não é. A primeira ideia é fazer que essas partes do corpo não sejam relacionadas a algo feio, sujo, ameaçador, misterioso. Ou seja, não se transformem em temas tabus. A segunda é mostrar que essas partes são muito íntimas e não devem ser expostas à toa nem tocadas por qualquer um.

Atualmente, a pedofilia está vindo à tona. Oriente sua criança sobre as pessoas que abusam de menores. Abuso sexual não é só pedofilia, mas também as cenas, as palavras, as situações sexuais, a pornografia que são mostradas à infância.

Quando os pais têm dificuldade para lidar com sua própria sexualidade, não sabem como lidar com a sexualidade dos filhos. Geralmente se sentem intimidados, envergonhados e incomodados diante das questões ou situações. A criança, por sua vez, sentindo a dificuldade nos pais, começa a insistir nos temas ou comportamentos sexualizados que incomodam os pais. Se você se sentir assim, é bom olhar para dentro de si e conversar com seu companheiro(a) a respeito da sexualidade do casal ou até mesmo buscar ajuda profissional.

Passada a fase da identificação sexual, a criança desperta seu interesse em saber de onde surgem os bebês. Nesse momento, basta dizer que saem de dentro da barriga das mães. O importante é responder apenas àquilo que a criança pergunta. Diante de uma pergunta, muitos pais são evasivos ou, então, preparam um material enciclopédico para elucidar seu filho. Quando chegam ao final da explicação (isso é raro, porque a criança se dispersa), pais e filhos nem sabem mais qual era a questão levantada.

Vá por etapas, deixe que seu filho lhe indique o caminho a seguir. Já sabendo que as crianças são geradas na barriga, a pergunta seguinte, inevitavelmente, será aquela que todos temem e esperam: “Como eu

fui parar na barriga da minha mãe?" A velha história da sementinha, que o papai coloca na mamãe, é sempre um bom recurso. O negócio complica quando a criança quer saber "como" o papai coloca a sementinha na mamãe. Aí é que "o bicho pega" e muitos pais mudam de assunto, não é mesmo? Para essa questão e para todas as outras não tem saída. Temos de falar a verdade. Explicar que homens e mulheres são diferentes sexualmente. Aliás, a criança já deve ter conhecimento disso. Mostrar que essas diferenças existem principalmente para se fazer os bebês.

Dizer que quando um homem e uma mulher se amam muito muitas vezes eles têm o desejo de ficar juntos e formar uma família, como uma forma de fazer o amor crescer por meio dos filhos. Ter filhos significa dar vida a esse amor. Então eles se abraçam e se beijam bastante, ficam tão juntinhos, mas tão juntinhos que o homem acaba colocando o seu pênis dentro da vagina da mulher. Aí, de dentro do pênis do homem, sai uma gosminha com algumas sementinhas. Uma só sementinha, a mais espertinha, corre, corre em direção a um ovinho minúsculo que está na barriga da mamãe, esperando por ele. Esse ovinho se junta com a sementinha, formando um ovo só. Esse novo ovo vai se transformando pouco a pouco em um bebê, até que depois de nove meses. Ele está prontinho para sair da barriga. Então ele começa a fazer força para sair da barriga da mamãe, pois já está grande e quer mais espaço. De tanto fazer força, ele acaba saindo pelo mesmo buraquinho da vagina da mulher em que entrou a sementinha do papai dele.

É importante que essa explicação possa ser ilustrada por meio de desenhos feitos na hora ou de ilustrações. Existem muitos livros infantis no mercado que podem lhe ajudar. Recomendo que eles fiquem à disposição da criança, displicentemente largados para que após a explicação ela possa elaborar e assimilar tudo isso. Algumas

crianças reagem de forma defensiva: negam que os pais possam fazer isso e nunca mais tocam no assunto. Por isso a necessidade de deixar ao seu acesso material de pesquisa e elucidação, que lhe permita o tempo para elaborar esse conteúdo. Não fique tocando no assunto e aguarde novas questões.

Dizemos que por volta dos 7 anos a criança já deve ter conhecimento de todo o processo de procriação. Hoje em dia, a mídia invade os lares com informações, na maioria das vezes, precoces e pouco aconselháveis ao universo infantil. Os pais devem assistir à TV com os filhos, para ajudá-los a elaborar as cenas impróprias, e verificar os sites acessados por eles na internet. Na verdade, os pais deveriam selecionar a programação de seus filhos e bloquear certos sites. Como isso não acontece, muitas vezes deparamos com questões mais difíceis de responder às crianças, como:

- homossexualidade;
- sexo oral;
- sexo anal;
- fetichismo;
- parafilias;
- gravidez na adolescência;
- métodos de prevenção das doenças venéreas e da gravidez;
- transexualidade;
- travestismo;
- aborto;
- doenças sexualmente transmissíveis;
- transtornos sexuais;
- pedofilia.

E assim por diante...

Como você vê, não basta educar, cuidar, criar, amar e proteger uma criança. É necessário que se estude muito, para passar conhecimento, sabedoria, confiança, segurança, afeto aos filhos, na medida do que eles necessitam e não do que "você pensa" que eles necessitam. Infelizmente, são poucos os pais que buscam informação e orientação. Não é o seu caso, claro, já que está lendo este livro.

Acho importante destacar sempre que a homossexualidade não é encarada como doença. Você deve ensinar seu filho a respeitar a orientação sexual das pessoas, assim como você deve respeitar a dele, que só será definida na adolescência. Felizmente a questão da homossexualidade vem sendo encarada com menos preconceito pelos nossos jovens. Eles são mais tolerantes e odeiam as pessoas preconceituosas. A tolerância às diferenças está se tornando uma regra. Embora o preconceito ainda exista em algumas esferas da sociedade, confessá-lo se tornou um gesto condenável, até nas Forças Armadas. Vamos lá... Comece a entender e a aceitar seu(sua) filho(a) caso tenha uma orientação sexual diferente da sua.

Algo mais me chama a atenção ao atender pais em meu consultório ou quando dou meus cursos e palestras. É a preocupação que apresentam com seus filhos púberes ou adolescentes, que começam a "ficar", namorar, enfim, que despertam para a vida sexual. Permitir ou não permitir. Esse é o tema.

— Devo permitir que o namorado de minha filha durma em casa, com ela?

— Devo permitir que fiquem se "amassando na minha frente?"

— E quanto ao "ficar"?

— E quanto à perda da "BV" (boca virgem)?

Outra questão alarmante é a do aborto, que se tornou um problema de saúde pública. A Pesquisa Nacional do Aborto, feita em janeiro de 2010 pelo Ibope e elaborada pelo Instituto de Bioética,

Direitos Humanos e Gênero, em parceria com a UnB, mostrou que 15% das brasileiras em idade reprodutiva já fizeram aborto, independentemente de raça, cultura, religião ou condição socioeconômica. A prática do aborto entre as adolescentes é cada vez maior e mais preocupante. Nossas jovens estão engravidando cada vez mais cedo e recorrendo a esse recurso de contracepção, que é extremamente perigoso, até mesmo por ser realizado em condições precárias. A pesquisa foi realizada com 2.002 mulheres, das quais 4% realizaram o aborto aos 12 anos de idade e 12,5% entre 16 e 17 anos. Enfim, para ter uma ideia mais clara, no Brasil, uma em cada sete mulheres já abortou.

Por pensar que nenhum dos pais deve deixar-se guiar pelo que os outros pensam ou falam, recomendo que olhem para dentro de si, buscando o seu referencial interno e não externo. Aliás, os pais estão perdidos porque deixaram de agir conforme seus valores. Se algo o incomoda, no comportamento ou nas atitudes de seu filho, basta dizer que não permitirá aquilo. Como dizia a "velha Pascoalina": "É melhor que ele chore e não você" (de arrependimento).

Incomodou o namorado dormir em casa? Não importa onde está a questão. Você não pode se sentir incomodado(a) na relação com seu filho nem em sua própria casa. Explique isso a ele e dê um basta. Tudo tem seu tempo, tudo tem sua hora, tudo tem uma hierarquia. Atualmente, existe a tendência de acelerar-se a vida, pular etapas e não ligar para a hierarquia. Precisamos ensinar nossos filhos a esperar. Vá com calma! "Não apresse o rio, ele corre sozinho." Não podemos pular etapas. Os "rombos" ficam imensos e a vida remendada.

Um dia seu filho conhecerá o amor afetivo sexual e com ele as dores do amor. É preciso que ele aprenda a curar-se desse tipo de dor. Você deve orientá-lo para que ele se interesse pelo outro e não só pelo seu próprio sofrimento. Nós nos fundimos quando amamos porque

temos coisas interessantes a trocar. Amar é admirar o outro, é gostar de fazer coisas junto. Não é desejar ter o outro o tempo inteiro ao nosso lado, à nossa disposição.

Horários



Falando em esperar... Lembrei-me de mais uma de nossas histórias. Os filhos não atendem seus pais na hora em que são chamados:

— Logo agora?

— Já vou...

— Peraí...

— Calma...

— Só mais um pouquinho...

E assim são meus filhos, até hoje! Sinto desanimá-la! Gabi ainda hoje quer sempre aproveitar tudo até o final e um pouco além. Foi quem me deu mais trabalho nesse sentido. Íamos buscá-la em suas atividades, festas, escola, passeios e sempre tomávamos um chá de cadeira. Conversas de última hora com as amigas, lembranças de algo que havia esquecido e nunca retornava quando ia buscar, "esquecimento" dos horários estabelecidos, "impedimentos" para interromper o que estava fazendo, acontecimentos esdrúxulos de última hora, falta de relógio, o "outro" atrapalhou, o "outro" pediu para... Resumindo, a culpa nunca era dela.

Todas as vezes que o pai ia buscá-la nos treinos de esgrima ou nas danceterias, principalmente, "a casa caía".

— Gabi, já não falei pro cê estar na porta me esperando?

Mas não tinha jeito. E ela, com sua maneira encantadora e sedutora de nos tratar, sempre era compreendida. Como tudo tem limite, e um dia esse limite se esgota, Ruy resolveu tomar uma atitude. E quando deixamos para tomar atitudes quando o limite já se esgotou é claro que nossa reação extrapola. E assim foi... À noite, ao parar na porta do clube para buscar Gabi na esgrima, ela não estava lá. Na época (1988), tínhamos um Santana de segunda mão, com uma buzina musical simplesmente cafona e horrorosa. Gabi, com seus 15 anos, morria de medo de pagar mico. Então, ao ver que ela não descia, Ruy começou a dar infindáveis voltas no quarteirão do clube, disparando em alto e bom tom a "Cucaracha" — í ìçcçô buzina.

— Nossa!!! Que brega! Olha só essa buzina, meu! — esse foi o comentário da galera. Gabi teve vontade de se enfiar dentro do armário dos floretes e ficar lá quietinha e dura, disfarçada entre eles. Mas, como a razão imperou, concluiu que o melhor era sair correndo, antes que o pai completasse a segunda volta e ela pagasse um "@#&% mico".

— Pai, que é isso? Cê tá maluco?! Que mico, pai! Olha só a cara das pessoas... — entrando rápido e se escondendo no carro.

— Mico pago eu, te esperando mais de meia hora em todos os treinos — enquanto sai buzinando novamente, o satisfeito pai, sentindo-se vingado e vitorioso.

Algum tempo se passou tranquilamente com respeito aos horários, até que ela entrou na temida fase das festinhas e discotecas. Ai, ai, ai... Como Gabi mesma diz, ela abriu o caminho para os irmãos quando chegaram a essa fase e, portanto, foi quem mais teve atritos conosco. Ai, que sofrimento! Não gosto nem de lembrar do "clima familiar" diante da aproximação dos fins de semana! O telefone começava a ficar ocupado na sexta-feira, após a aula, e só desocupava no domingo à noite. Eu iniciava a minha insônia na sexta à noite e só terminava no domingo à noite. As nossas discussões se iniciavam na sexta e

também terminavam no domingo, quando todos fazíamos as pazes, inclusive eu com Ruy.

É claro que a família toda brigava: o velho efeito dominó.

— Se ela vai, eu também vou! — dizia um.

— Por que ela pode e eu não? — dizia outro.

— E eu? — dizia ainda um terceiro.

Como era duro manter a hierarquia... Mas, como ia dizendo, Gabi teve uma fase de adolescência um pouco mais difícil que os irmãos, até porque eram os tempos das verdadeiras vacas magras. Lembra-se da história do presente de aniversário da Gabi? Pois é... a coisa piorou muito... Tivemos de vender o Santana da buzina escandalosa e fomos obrigados a nos virar, usando a velha perua Kombi, caindo aos pedaços, que pertencia à nossa empresa. Foi uma fase dura, mas agora, enquanto escrevo, rio das situações vividas naquela época. A frase do dia era: "Pobre sim... aparentar NUNCA!"

Voltando à Kombi... Ela acabou servindo de transporte para a galera ir às festas e discotecas, pois todos iam e voltavam junto, o que fazia a "farra" ficar mais gostosa e aumentar as "confusões". O duro era levar e buscar a patota em casa, principalmente na volta, pois era madrugada.

Existia um ritual de despedida, antes de eles descerem da Kombi:

— Comportem-se, fiquem juntos, não bebam, não aceitem nada de ninguém, não conversem com estranhos, não saiam de onde estiverem... e, finalmente, não se atrasem!

Havia também um ritual de chegada e partida dos locais. Tínhamos de deixá-los a um quarteirão de distância para fazerem a pé o resto do caminho, a fim de não "queimar o filme" descendo de uma Kombi velha. A mesma coisa na volta. É claro que nunca estavam no lugar marcado, dentro do horário combinado. Também sempre tinham mil justificativas para os atrasos.

Eu os levava e Ruy era o encarregado da volta. Conforme o horário tratado, ele preferia dormir e acordar para buscá-los. Ruy sempre foi uma pessoa muito "na dele" (sempre invejei essa capacidade dele). Levantava e ia buscá-los do jeito que estava: cara amassada, cabelos desgrenhados, de pijama e chinelos. Tinha a maior paciência com os atrasos e a maior compreensão com as justificativas: fulana tava no banheiro, o paquera tinha acabado de chegar, não podia interromper o beijo, sicraninha tava dando em cima do fulaninho... e por aí ia.

Mas um dia... Dom Ruy estava com o "pijama do avesso" — o que eu também chamo de "TPM"... Levantou-se, como sempre, sonado para ir buscar as meninas. Chegando ao local e horário combinados, como de costume, aconteceu a demora. Espera, espera e nada de elas aparecerem. Então, como que tomado por uma entidade demoníaca, saiu da Kombi enfurecido e entrou na festa, passando direto pelos seguranças que tentavam interceptá-lo inutilmente, diante de seus 1,90m e 120kg.

— Gabi, Gabiiii... — chegavam suas amigas, assustadíssimas, interrompendo seu idílio com o "garoto de sua vida". — Olha quem taí!!!

— Cara! É meu pai... Que vergonha... — comenta Gabi, escondendo o rosto atrás das mãos, ao ver que o pai a procurava com o olhar, parado de pijama e cara feia, no meio de seus amigos.

— Bora, gente, antes que ele me ache... — saindo às escondidas para a rua para não se arriscar a levar uma bronca e pagar mais mico do que já estava pagando.

— E agora, cara? É melhor corrermos para a Kombi! — alguém sugeriu.

Correram todas para a perua e lá ficaram com cara de "pois é...", à espera do Usunami". Alguém se aproximou do Ruy e avisou que as meninas já estavam à sua espera. Ele então voltou para a Kombi, deu

um “Olá” a todas e, como se nada tivesse acontecido, iniciou o costumeiro e alegre bate-papo com elas. Passando o susto e o medo da bronca, Gabi, como toda adolescente que se sente incompreendida, apenas comentou:

— Pai, você desgraçou a minha vida...

O final desta história também não interessa. O importante é saber que tem horas que os pais falam demais e as atitudes podem substituir, com efeito, os discursos ou sermões.

Por que os filhos dão tanto trabalho nesse sentido? Crianças pequenas dão trabalho quando ainda não conseguem organizar seu tempo e cumprir horários. Conforme vão crescendo, dão trabalho porque precisam se opor aos adultos e se autoafirmar. Quando já cresceram, dão trabalho porque sentem que são donos do próprio nariz. É isso aí... Criar filhos é uma luta constante entre os seus desejos e os desejos deles, os seus valores e os valores deles. Portanto, o ideal é atualizar-se e aprender a fazer tratos e contratos. Assim, todos se sentem respeitados. Lembrando que toda quebra de contrato resulta em multas, todos os tratos também devem incluir multas. De fato, firmar um contrato não significa você ditar as regras e seu filho ter de concordar com elas. A definição de um contrato implica discutir regras com cada parte incluindo as suas cláusulas. Em seguida, elas devem ser discutidas até que satisfaçam todas as partes envolvidas.

Os pais lutam para não cometer com os filhos os mesmos erros de seus pais. Negam os modelos muito severos, permissivos demais ou totalmente ausentes. Buscam novas formas de lidar com os seus filhos. Triste é descobrir que, se conseguimos não cometer os mesmos erros de nossos pais, cometemos outros. Freud, que aconselhava Marie Bonaparte, dizia-lhe, por vezes: “Faça como quiser, de qualquer forma estará errada”. Pouco animador.

Provar a si mesma que se é uma boa mãe é missão impossível.

Nossa consciência nunca nos deixa em paz porque encontrar um momento de paz, sendo mãe, é muito difícil.

Brincar é coisa séria!



— Betty, você é uma velhinha? — pergunta-me um de meus clientezinhos de 6 anos.

— Por que você está me perguntando isso? — questiono curiosamente, achando graça de sua pergunta.

— É porque você brinca taannto. — responde-me, alegre, ao mesmo tempo que mantém sua expressão de dúvida. Mais interessada ainda, devolvo-lhe a pergunta.

— E você, o que acha? Acha que sou velhinha?

— Às vezes eu acho, porque você é, porque tem bengalas e cadeira de balanço (referindo-se a algumas bengalas antigas que decoram minha sala e à cadeira de balanço em que me sento), outras não, porque você é muito engraçada e faz umas brincadeiras legais.

— E o que você pensa sobre isso? Sobre o fato de eu ser velhinha, brincar tanto e ser engraçada.

— Eu acho bom, eu saio daqui feliz e você me ajuda a brincar, fazer as coisas que não consigo e não posso fazer — responde pensativo.

— Em que coisas você sente que ajudei? — insisto nos questionamentos.

— Você me ajudou a não ter medo de ficar sozinho. Já sei que minha mãe vai voltar quando ela sai. Você me ajudou a ter coragem de

enfrentar meus amigos. Você me ajudou a ter coragem de andar no carro dos outros. Você me ajudou a não ter vergonha de errar nas lições e não ter medo de perder nos jogos. Que tem de mal errar, né? Que tem de mal perder? Todo mundo erra, todo mundo perde, e eu sei que eu sei fazer as coisas.

— E como você se sente agora, sabendo que não precisa ter medo?

— Eu acho que não sou mais bobo, que tem coisas que a gente consegue fazer e outras não, mas isso não quer dizer que sou burro ou covarde. É claro que ainda tenho uns medinhos. Por exemplo: eu tenho medo de ladrão, eu tenho medo de um leão, se ele aparecer na minha frente. Eu também tenho medo de injeção...

— Ora... eu também tenho medo disso tudo — respondo. — É claro que eu não vou enfrentar um ladrão, um leão... E é claro que eu também não gosto de injeção... Isso quer dizer que alguns medos são naturais e que a gente tem de fugir deles. Quer dizer, de leão e ladrão dá pra gente se prevenir, mas injeção, às vezes, a gente tem de tomar, né?

— É... Teve um dia que doeu muito...

— Como foi? Vamos brincar desse dia?

— Vamos! — concordou animado, já preparando a sala para a brincadeira.

— Ah, tá bom... Quem sou eu, quem é você? — pergunto-lhe.

— Você é a mãe e eu sou o filho.

— Legal... Onde nós estamos? — indago-lhe com a intenção de colher dados sobre o meu papel.

— Você tá guiando o carro (arranja dois bancos, lado a lado, e nos sentamos).

— Aonde nós vamos? — pergunto.

— Nós vamos à casa da vovó.

— E o que eu faço?

— Você me manda sentar no banco de trás — responde-me ele. — E assim iniciamos o jogo psicodramático a seguir:

— Filho, passa para o banco de trás — ordeno a ele, já com "o carro" em movimento.

— Eu não quero ir atrás, eu quero ir na frente! — choramingando e batendo o pé.

— Filho, você sabe que crianças não podem ir na frente.

— Eu não vou — teimando e agarrando-se ao banco. — Então, ele me orienta novamente:

— Agora, você fica brava, me agarra e tenta me botar lá atrás.

Fazendo o que ele me diz, pego em seus ombros e tento colocá-lo atrás, dizendo nervosa:

— Você vai, sim, deixe de ser teimoso!

No que eu faço isso, ele diz:

— Sabe, Betty, acho melhor parar essa brincadeira. Quero fazer outra coisa.

Como eu já sabia que ele havia sofrido um acidente de carro com a mãe, nessas condições, encarei a mudança de brincadeira como uma forma de defesa contra a angústia mobilizada. Disse-lhe doce e compreensivamente:

— Foi muito difícil para você ver a mamãe machucada, quando vocês bateram o carro, não foi?

Concorda com a cabeça, enquanto finge amarrar o tênis. Continuo:

— Parece que você ficou assustado e pensou que a mamãe tivesse morrido, não é mesmo?

Concorda novamente.

— Vamos conversar um pouquinho sobre isso? — indago, esperando a sua permissão para tocar em algo tão doloroso.

— Aham... — concordando.

— Sabe, eu tô aqui pensando em como foi mesmo que tudo

começou — adotando uma postura relaxada, para descontraí-lo. — Conta pra mim.

— A mamãe foi me pôr no banco de trás e bateu no poste — responde-me cautelosamente, observando a minha reação.

Procurando adotar uma postura de aceitação e continência, comentei:

— É... Esses acidentes acontecem com muita gente...

— Você acha que eu sou culpado? — ele me indaga.

Respondo displicentemente, procurando levá-lo, sem medo, direto à angústia:

— Por que você seria culpado?

— Porque eu fiz a mamãe se machucar. Se eu tivesse obedecido, nada teria acontecido.

— Olha, os acidentes acontecem. No seu caso, a mamãe deveria ter parado o carro para te colocar atrás. Você não acha que a mamãe foi descuidada?

— Ah! Mas a mamãe não tem culpa! — procurando não acusá-la, até para não se sentir culpado em acusá-la também.

— Claro que a mamãe não tem culpa, aliás, ninguém tem culpa! Ninguém fez nada de propósito, por querer mal a alguém. Criança da sua idade é muito teimosa mesmo!

— Verdade?

— Sim... E sabe por que você teimou?

— Porque ela sempre manda fazer as coisas que eu não quero.

— Você acha que a mamãe estava certa em pedir que você se sentasse atrás?

— Tava.

— Então teimou para quê? Veja... Estou te perguntando pra que teimou e não por quê. (A pergunta nò opç nos leva a entender a função do comportamento, enquanto a pergunta nkò opç nos leva

apenas a justificar o comportamento.)

— Eu queria mostrar pra ela que eu não gosto que ela manda em mim.

— Ah! Você queria que ela respeitasse o que você gosta de fazer! Você queria mostrar para ela que também é forte para fazer valer suas vontades...

— É... E depois eu tive de ir pro pronto-socorro tomar uma injeção aqui, ó (mostrando a sobrancelha esquerda), e tomar cinco pontos.

— Puxa... Doeu muito?

— Doeu...

— Agora entendi por que você também tem tanto medo de tomar injeção...

Aí o papo continua descontraidamente. Mostro-lhe uma cicatriz que tenho também na sobrancelha, conto como foi meu acidente e compartilho com ele suas emoções.

Brincar é coisa séria... Já escrevi um livro inteiro sobre esse tema, portanto, se você precisar, basta consultá-lo. O que quero deixar claro é a minha preocupação com o fato de os pais não brincarem com seus filhos, o fato de as crianças não brincarem tanto como antigamente, até mesmo porque perderam o espaço das ruas, ficam presas à TV e ao computador, têm uma agenda cheia e não são estimuladas a isso.

Os pais se preocupam muito em "enquadrar" suas crianças, em submetê-las àquilo que acham que elas deveriam ser, em medir força e poder, em mostrar aos outros quão maravilhosos eles são. Preocupam-se muito em dar tudo aos filhos, principalmente na esfera material, e criticam tanto aquilo que não enxergam em si, mas nos filhos (reflexo do que eles próprios são) que a infância passa a ser estuprada, violentada. Abuso é todo tipo de maus-tratos e desconsideração à infância.

Tirar o tempo que a criança deve ter para brincar, com o absurdo

pretexto de educá-la (e prepará-la para um futuro, que se apresenta como algo extremamente competitivo, para a busca do melhor óô ôpó), é a maior prova de ignorância e de falta de respeito do adulto para com a criança. Fico irritada quando me vejo cercada de pais que pensam desse modo e ainda querem "botar banca de bacana" pra cima dos outros. Pensam que estão abafando, mas, coitados, "estão com as calças furadas bem no traseiro." Criança tem de brincar, pular, reclamar, se sujar, gritar, escolher, optar. O número de suicídios infantis aumentou muito, no mundo inteiro, assim como o número e a gravidade das patologias físicas e psíquicas. Sob o pretexto de educar, os adultos estão transformando o fantástico universo infantil em algo inóspito e agressivo.

— Deixa essa brincadeira de lado, menino... Vá fazer algo de útil!

— Brinquedo?! Credo, eu não gasto dinheiro com esse tipo de presente!

— Pra que brinquedo? Só pra ficar enchendo a casa de bagunça?

— Eu não deixo que baguncem a casa e se sujem... Eles precisam aprender a ser ordeiros...

— Presente bom é roupa!

— Xii... Meu filho nem liga pra brinquedo. Brinca uma vez e, pronto, já enjoa.

— Quando eu era criança, não tinha nada disso e hoje sou normal...

Espero que você, leitor, nunca tenha pensado ou agido como essas pessoas. Afinal, já temos tanto tempo de contato que prefiro imaginá-lo como alguém inteligente, sensato e alegre.

A criança que brinca e tem o privilégio de ter pais que brincam com ela cresce com boas lembranças, tem a capacidade de se colocar no lugar dos outros, sabe lidar com as frustrações, é mais inteligente, mais saudável física e emocionalmente, tem o domínio de suas forças

e impulsos, valoriza a família e os laços afetivos, torna-se um profissional criativo, socializa-se bem, enfrenta seus medos, tem boa autoestima, ama sua vida, não é dissimulada nem falsa ou traiçoeira.

Famílias que brincam mantêm fortalecidos o respeito e o vínculo afetivo familiar, única terapia preventiva e curativa contra a violência e as drogas. Se você não sabe ou não tem disponibilidade para brincar com seu filho, acho melhor informar-se sobre como fazê-lo. Transforme o tempo que estiver com sua criança nos melhores momentos da vida de vocês. Quando a relação é boa, a criança aprende, obedece, ajuda, colabora e participa. Quando a relação é ruim... tudo fica difícil e isso já começa por um simples "bom dia".

Para maiores informações a respeito do que é o brincar, fases de desenvolvimento das brincadeiras, brinquedos adequados a cada idade, brincadeiras saudáveis ao desenvolvimento, e de como lidar com crianças e situações difíceis, consulte meu livro já citado zòffti ck èffftkó çí ôçí nkó cfêtãçfôt

O psicólogo francês Jean Epstein, no prefácio do livro de Pascal Deru, Êç içp qkpó q óffttäfçtj S (Le Souffle d'Or, 2006), diz algo muito importante acerca dos jogos e brincadeiras na família:

> Eis a primeira grande diferença entre os jogos na sociedade familiar e aqueles de desenvolvimento pessoal: segundo os psicólogos, normalmente as crianças brincam para se descobrir e se estruturar, os adultos, para se distrair e ultrapassar limites. Esses quatro princípios se reúnem dentro de um mesmo espaço. No momento de uma brincadeira, o adulto se permite dar lugar à sua parte criança, que ele felizmente conservou dentro de si e que contribui fortemente para torná-lo mais humano.

Comprar brinquedo também é coisa séria: a Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (Abrinq) elaborou uma lista de segurança para orientar o consumidor na compra de um brinquedo[4]:

- Guie-se pela idade recomendada pelo fabricante e procure ler as

mensagens e advertências que aparecem na embalagem.

- Leve em consideração as características da família e sobretudo a idade das crianças menores. Um brinquedo desenhado para crianças maiores é inadequado para as menores e pode, inclusive, ser perigoso.
- Seja especialmente cuidadoso ao escolher brinquedos para menores de 36 meses. Não compre brinquedos com peças muito pequenas que podem ser engolidas ou aspiradas, inclusive bolinhas e brinquedos com pontas afiadas e bordas cortantes.
- Assegure-se de que chocalhos flexíveis, guizos, mordedores, sejam suficientemente grandes para não caber por completo na boca do bebê, mesmo quando estejam bem dobrados.
- Sem levar em conta a idade da criança, se ela ainda põe objetos na boca, assegure-se de que são suficientemente grandes para não ser engolidos ou obstruir a boca ou a garganta.
- Certifique-se de que as costuras dos brinquedos de pelúcia e das bonecas de pano estejam firmes e resistentes, bem como olhos, nariz, botões, laços e outros enfeites estejam bem costurados e não se desprendam nem possam ser mordidos.
- Compre brinquedos elétricos com peças que se aquecem apenas para crianças maiores de 8 anos e ensine-as a brincar com eles somente na presença de adultos.
- Verifique que flechas e dardos tenham pontas cegas ou cobertas com copos de sucção de borracha, cortiça ou outros materiais protetores. Confirme se as pontas estão firmemente aderidas à haste da flecha ou dardo.
- Procure as indicações de “lavável a mão ou a máquina” nos brinquedos de pelúcia e tecido.
- Se comprar um baú para guardar brinquedos, certifique-se de que tenha uma tampa removível ou dobradiças que assegurem que a

tampa permaneça aberta. Verifique se as bordas são arredondadas, se há orifícios para ventilação e suficiente espaço entre a tampa e o corpo do baú para evitar que a criança prenda os dedos.

- Atenção aos brinquedos de experiências científicas que podem conter matérias químicas tóxicas. Atenção aos brinquedos científicos ou de atividades manuais que podem incluir instrumentos afiados, como tesouras ou vidros.
- Atenção aos artigos de natação que não sejam salva-vidas.
- Atenção aos balões de ar, papagaios ou pipas.
- Atenção aos brinquedos de construção para adultos que tenham pontas e quinas agudas antes de montados.

O que fazer com tanta tecnologia? As crianças parecem já nascer plugadas. É impressionante como elas dominam os tantos e tantos artifícios tecnológicos disponíveis abundantemente e que se tornam obsoletos tão logo lançados no mercado. São crianças extremamente informadas (até demais).

Segundo pesquisa do Ibope, milhares de crianças transitam entre o mundo real e o virtual. Quatorze por cento dos meninos e meninas entre 2 e 11 anos usam a internet em casa. Se tivermos o bom-senso de proporcionar às crianças uma vida plena de experiências reais e humanas, não vejo problema em vê-las usando esses aparelhos, desde que tenham a supervisão de um adulto. O que me preocupa é o uso patológico desses brinquedos. O Núcleo de Dependência de Internet do Hospital das Clínicas de São Paulo atende a casos de crianças que chegam a ficar plugadas 45 horas ininterruptamente.

Medo



Os protagonistas desta história são Samuel Monteiro (o poeta Dedé e, ao mesmo tempo, o "gênio do crime") e Francisco Monteiro (o Kiko Maquininha, também conhecido como o "intermediário da bagunça"). Ambos estavam com 13 e 5 anos, respectivamente. Fim de semana no sítio, a terra das fantasias. Noite escura de chuva, frio, sem eletricidade. O cenário perfeito para histórias de terror.

O ser humano tem um fascínio muito grande pelo mistério, pelo sobrenatural, por tudo que lhe escapa ao controle e pela busca do entendimento e domínio sobre o que é sobrenatural. O medo é inerente ao ser humano, responsável pela nossa sobrevivência e pela perpetuação da espécie.

Após o jantar à luz de velas, ficamos em torno da lareira para contar histórias de minha infância. As crianças adoram saber as histórias de seus pais e familiares. É um momento em que a família cria um clima de muita cumplicidade e compartilha de suas experiências. Momento também em que os pais podem mostrar aos filhos o quanto sua infância foi importante, o quanto eles foram sapecas e moleques. As crianças adoram saber que os pais já foram como eles: irresponsáveis, errados, maluquinhos, inocentes, alegres e felizes.

— Mãe, conta daquele dia que veio uma alma penada aqui no sítio — pedem eles.

— Tá bom, mas eu já disse que alma penada não existe. Existia na minha cabeça de criança...

— Tá bom, mãe. Mas... conta, conta... — pedem todos ansiosamente, aconchegando-se entre si. — Resolvo, então, entrar no

clima da noite de terror e deixo “baixar” a atriz que trago dentro de mim.

Fazendo caras e bocas, arregalando os olhos, empostando a voz, conto de uma vez que, numa noite escura, uma velha parou em frente à janela aberta e sumiu de repente pelo mato, quando, assustadíssima, fui chamar meu pai. Na época, o pessoal local dizia ser uma “alma do outro mundo”, que costumava assombrar a região.

— Conta mais, mãe... O que cê fez quando viu ela?

— Eu morri de medo, pois não sabia que alma penada não existia...

— E o que o vovô fez?

— O vovô era um homem muito corajoso... Saía de arma em punho para ver tudo que estranhava...

— Cê tinha coragem de ver o que era, mãe, se aparecesse hoje?

— Eu, hein!!! Nem morta... Mesmo sabendo que não é espírito, eu que não ia pagar pra ver.

— Você, pai?

— Eu ia correr atrás dela, sim.

— E se fosse alma?

— Eu ia falar pra ela não encher mais o saco da gente e que eu não tenho medo de cara feia. Cara feia, pra mim, é fome!

E a conversa foi se aprofundando nos medos de cada um de nós, enquanto esperávamos a luz voltar para dormir. Engraçado, ter de esperar a luz voltar para dormir. É que as crianças têm medo do escuro! Natural! Mantenho até hoje uma pequena luz acesa no corredor dos quartos.

— Nossa... Já é tão tarde... Hoje a luz não volta mais. Vamos para a cama, crianças — ordeno, ao ver que já estão quase desmaiando de sono.

— Manhê...

— O que é, Tatá?

— Posso pôr o meu colchão no seu quarto?

— Se a Tatá for dormir lá, também vou — interrompe Gabi. — Eu não vou dormir sozinha, sem a Tatá.

— Não, nada disso. Estamos sem luz e eu não quero ficar tropeçando em ninguém no escuro para poder me levantar, caso necessite.

— Sua chata! — resmunga Tatá, dirigindo-se à Gabi.

Samuquinha estava muito quieto escutando a discussão e Kiko, sua eminência parda, também. Deixei uma vela acesa no corredor e fomos nos deitar, não sem antes tirar Cornélia, a tartaruga, da chuva (conforme os "cuidados" do Kiko).

E fomos dormir. De repente...

— Socorro, socorro, pai... Mãe... Socorro....

Acordamos sobressaltados com os gritos vindos do quarto das meninas. Eu e Ruy queríamos encontrar a porta de nosso quarto e sair, mas, no escuro e assustadíssimos, não conseguíamos encontrar a saída. Gritávamos:

— O que foi? O que foi? Calma... Calma... Já vamos!... @#$%&% cadê a porta? — gritávamos também, apalpando as paredes com o nosso psiquismo completamente caótico e indiferenciado.

Finalmente, conseguimos sair e chegar ao quarto das meninas. A minha cena imaginária era a de encontrar um bandido lá, com uma arma na mão. Encontramos as duas aterrorizadas, abraçadas na cama da Gabi, apontando para o chão.

— Lá, no chão... Olha...

Fixamos nosso olhar na direção que apontavam e deparamos com uma cena hilária: uma vela andando sozinha pelo quarto. Confesso que me assustei no primeiro momento e depois não consegui parar de rir até hoje... A genialidade dos dois "maus elementos", Samuquinha e

Kikinho, havia sido incrível... Sabe o que eles fizeram? Grudaram uma vela acesa em cima do casco da Cornélia e soltaram a pobre bichinha no quarto das meninas, vagarosa e silenciosamente. Assim que a Cornélia entrou, eles deram três batidinhas na porta para que as meninas se assustassem (ouviram falar que a morte batia três vezes na porta, quando chegava). Assim sendo, elas já ficaram sobressaltadas e quase morreram ao ver a imagem da vela se movendo no escuro.

O que fizemos depois de rir? Tivemos de dar uma de sérios e orientar os meninos para que não fizessem mais aquilo, apesar de ter sido muito engraçado...

O medo é uma reação psíquica, emocional e fisiológica diante de uma situação de ameaça. A visão manda a informação para o cérebro de que existe um perigo. Várias reações químicas se produzem a fim de nos preparar para o que der e vier. Diante disso, fugimos, ficamos paralisados ou enfrentamos o medo. Todo o organismo responde apressadamente. O campo visual aumenta, o coração se acelera, os pulmões produzem mais oxigênio, os músculos se tensionam. Por isso é que nem sabemos como conseguimos ter força para reagir. Tudo é rápido e intenso demais. Literalmente, é adrenalina pura. Quando sentimos medo, nossos sentidos e nossa percepção também ficam alterados: enxergamos coisas, ouvimos barulhos inexistentes, criamos uma fantasia que, na maior parte das vezes, não corresponde à realidade.

Lembro-me de uma noite, quando eu era criança, que fiquei transpirando de medo e calor, debaixo do cobertor, só porque imaginei que havia um homem no quarto. De manhã, “o homem” era o casaco do meu pai, que estava pendurado atrás da porta. Então, vemos que o medo acontece pelo significado que damos aos acontecimentos. Nos primeiros anos de vida o cérebro humano não é capaz de reagir seletivamente a estímulos; à medida que a criança cresce, os temores

mudam e ela passa a enfrentar as ameaças de modo mais racional.

Como já disse, o medo é inerente ao ser humano e bom para nos preservar. Além disso, ajuda a criança a ter noção de si, tornar-se independente, enquanto vai crescendo. Isso também gera medo e dá uma vontade enorme de voltar para a barriga da mamãe. Muitas vezes, o medo é aprendido:

— Não sai na rua, que o homem do saco te pega!

— Dorme, senão a cuca te leva...

— Não mexe com cachorro porque morde!

— Se você não me obedecer, vai pro quarto escuro...

Ou, então, ele é aprendido ante algumas reações do adulto. Mães que têm medo de borboletas e se assustam na frente da criança, adultos que têm medo de altura e não deixam filhos subir em árvores etc... O medo só é patológico quando impede o indivíduo de funcionar como um todo. Gente que deixa de viajar porque tem medo de avião, pessoas que sobem a pé "300" andares porque têm medo de elevador, pessoas que se isolam porque temem o outro. Essas são fobias e devem ser tratadas.

Os medos mais comuns na infância são os seguintes:

Inatos

- ruídos repentinos;
- è ó ftç ó luminosos;
- movimentos súbitos;
- perda de apoio.

Dos 6 meses até 1 ano de idade

- medo da separação da mãe;
- perder o apoio e cair;
- quedas em geral;

- pediatra e médicos em geral;
- ruídos fortes;
- dormir;
- luzes brilhantes;
- ficar sozinha;
- estranhos (mais intenso a partir dos 8 meses).

Até 2 anos

- estranhos;
- animais;
- vaso sanitário e descarga;
- separar-se dos pais.

Até 3 anos

- escuro;
- cachorro;
- tempestade;
- monstros;
- situações novas.

Até 4 anos

- monstros;
- animais;
- suas próprias fantasias em relação ao outro.

Até 5 anos

- erro e fracasso (principalmente escolar e intensificado pelo excesso de cobranças);

- perder-se da família;
- abandono e separação dos pais.

Até 6 anos

- deficientes físicos e pessoas deformadas;
- atrasar-se nos compromissos;
- ser esquecido na escola, nas festas etc.
- perder as pessoas queridas;
- ser rejeitado pelas pessoas.

Até 7 anos

- permanecem os medos anteriores e aparece o medo dos fenômenos sobrenaturais;
- morte.

Como lidar com o medo de seu filho? O principal é não negá-lo, dizendo-lhe coisas como: "Isso não existe", ou "Isso é bobagem". Lembre-se de que para a criança o objeto temido existe e é real. Procure buscar a causa desse medo, investigá-lo junto com seu filho. Por exemplo:

— Você não quer dormir no seu quarto porque tem um monstro?

— Então vamos conversar com ele. Onde ele está, o que ele quer de você, de onde ele veio? Vamos mandá-lo embora, eu vou dar um fim nele, vou enchê-lo de porradas etc...

Investigue o comportamento de sua criança, assista à TV com ela, veja se não está sendo exposta a cenas violentas. Elabore com ela o que ver na TV. Promova cenas de "descarga", em que por meio da brincadeira vocês possam criar os personagens temidos e destruí-los.

Na adolescência, aparecem medos relacionados à esfera social e

sexual, medo do fracasso, da rejeição, de falar em público, temores ligados ao corpo que se não forem superados podem virar fobias. É sempre importante estar atenta aos medos de seu filho adolescente, até mesmo porque ele pode recorrer às drogas para lidar com eles.

Separação



Aí está uma experiência de vida que não tive. Meus pais ficaram casados por mais de 50 anos: até que "a morte viesse a separá-los". Eu e Ruy estamos casados há 38 anos. Não sei até quando nossa união vai durar, mas já podemos dizer que nosso casamento deu certo. Claro que convivi com crianças de pais separados. Trabalho muito com separações, portanto a história deste capítulo terá protagonistas diferentes.

Contarei um caso profissional, usando nomes fictícios. Conheci Bernardo quando ele tinha 7 anos e seu irmãozinho, 6 meses. Seus pais estavam entrando em um processo de separação e vieram buscar orientação de como dizer isso ao filho. Fiz a sua anamnese e pedi para vê-lo. Chegou agarrado demais à mãe, para uma criança de sua idade. Não aceitou ficar sozinho comigo... Já achei estranho. Falava demais, mexia em tudo, não se concentrava em nada, não brincava com nada... Só desarrumava tudo. Fazia perguntas sobre tudo que havia na sala, mas não se preocupava em ouvir as respostas.

— Ei, rapaz — digo. Ainda não respondi o que é isso e você já está me perguntando o que é aquilo?

Ele nem liga e continua com o seu interrogatório.

— Já sei... Parece que você tá a fim de saber de um monte de coisas, mas não nem tempo para escutar as respostas. Você sabe por que está aqui e quem sou eu?

— Não! — ele me responde.

— Quer saber?

— Num sei...

— Olha, meu nome é Betty. Isso você sabe, não é? — continuo...

— Você sabe qual é o meu trabalho?

— Você brinca — ele responde.

— Sim, eu brinco, mas sabe para quê?

— Não.

— Eu atendo muitas crianças, e pessoas grandes também, para ajudá-las a descobrir por que às vezes elas não se sentem bem ou têm algumas dificuldades. Por exemplo: tem criança que vem aqui porque não gosta de ir à escola, outras porque brigam muito com a mamãe, com o papai, com o irmãozinho ou com os amigos, algumas porque têm medo. Você sabe por que está aqui?

— Porque eu choro quando o meu pai e a minha mãe brigam.

— É isso mesmo... A mamãe e o papai me falaram isso quando estiveram aqui. E eles estão muito preocupados com você. Sabe por quê?

Faz que não com a cabeça.

— Porque eles acham que você tem medo que se separem. É verdade?

Concorda com a cabeça.

— É muito triste mesmo a gente sentir que o papai e a mamãe podem se separar e nos abandonar.

Não darei sequência a essa sessão, pois foi uma criança que veio para uma orientação de pais que já haviam decidido pela separação que, no caso, era o melhor a ser feito.

As crianças sabem de tudo que acontece em casa. Por isso, sou partidária de uma conversa franca em que a fantasia da criança possa ser esclarecida e os seus medos possam ser atenuados. Lembro a você, novamente, que não é bom desconfirmar as sensações ou percepções de uma criança. Expliquei aos pais de Bernardo que ele já intuía a separação do casal. Orientei-os a ter uma conversa com ele, que lhe garantisse que o pai sairia de casa mas sua presença seria muito constante e efetiva em sua vida. Tive o cuidado de esclarecer que o casal iria se separar, mas continuariam a ser pai e mãe. Portanto, a relação deles deveria ser de amizade e respeito. Cuidei para que deixassem claro que Bernardo não era o responsável pela separação do casal, pois as crianças costumam culpar-se por isso. Esses pais, por sinal muito cuidadosos, seguiram passo a passo as minhas instruções e Bernardo conseguiu passar razoavelmente bem por essa mudança em sua vida. "Que mágica foi essa?", você me pergunta. Não foi mágica alguma. Foi apenas questão de respeito e de bom-senso.

O que fazer diante de uma separação? Vou logo dizendo que não dá para separar-se sem dor. Por mais que a vida não esteja boa, ninguém casa pensando em separar-se. São planos, construções, sonhos que temos de abandonar. A vida fica muito judiada. A família toda se ressente e não dá para ser diferente. A primeira lição é encarar a dor com coragem. Dizer aos filhos que o casal não está conseguindo entender-se, viver de forma alegre e que, portanto, optou em morar em lugares diferentes.

A proposta desejável é sempre a de fazer uma separação saudável. Para isso, muitas vezes aconselho um processo de terapia de casal ou familiar. Nada melhor do que colocar os "pingos nos is" e manter uma relação amigável. A criança tem de ter a noção de que ela não perdeu os pais ou a família. Foi apenas o casal que se separou e ela continua tendo pai e mãe para o resto da vida.

Que bom seria se as pessoas tivessem esse nível de maturidade... Que mesmo separadas pudessem se tornar amigas — cuidando dos filhos, discutindo problemas inerentes à família, estando presentes nos momentos importantes, mantendo a unidade necessária para um crescimento saudável e coerente dos filhos — e parceiras em sua educação... Parece até utopia.

Não me venha com lorotas... Conheço muita gente bem crescidinha, beirando os 40 anos, que ainda sonha com a possibilidade de ver os pais juntos novamente. Não fale mal de seu (sua) ex-parceiro(a). Não hostilize seu filho porque tem os traços do outro, não destrua a imagem que sua criança criou a respeito do pai, da mãe ou de familiares de um ou de outro.

Você não tem o direito de destruir ninguém que sua criança ame, por pior que seja essa pessoa. Deixe que a criança tire suas próprias conclusões. Não se aconselhe com a sua criança ou adolescente. Ela não tem maturidade para "segurar a sua barra". Não a envolva com os seus problemas. Não peça que ela minta ou esconda coisas do seu pai. Ela precisa sentir-se segura com os dois e não pode se sentir traindo um ou outro. Não a use como garoto de recados nem para espionar a vida de seu(sua) ex. Facilite os encontros, promova situações nas quais a família toda possa se reunir. Não guarde mágoas. Experimente perdoar. Não despreze os bons momentos vividos só porque sua vida foi um pouco maltratada. Se possível, invista na união, na relação. É mais fácil investir numa relação do que iniciar uma nova. Os problemas permanecem: só mudam as pessoas. Às vezes, até mesmo porque o problema está em você.

Todos os relacionamentos têm seus altos e baixos. É preciso saber ceder, respeitar o outro, trocar papéis e funções, dialogar, desejar que dê certo. A separação deve ser sempre a última alternativa. O que vejo hoje em dia é que, entre as opções, ela vem em primeiro lugar.

Não sou contra a separação, mas contra a forma como acontece atualmente. Ninguém tem paciência para buscar entender o outro nem a si mesmo. E os filhos?

"Ah... Os filhos têm de se acostumar. O que importa é a minha felicidade." Muitas vezes, eu mesma afirmei que é necessário investir na criança para mudar o país. Hoje, sinceramente, eu penso que é necessário investir nos pais para mudar as crianças e, assim, mudar o país. Todos nós podemos mudar o mundo a partir de simples ações no dia a dia e de pequenas mudanças internas. Quando a gente muda, tudo muda. Principalmente aquelas pessoas que estão mais próximas de nós. Não existe pior violência do que aquela vivida dentro da própria casa, por meio das humilhações, da ironia, do sadismo e da indiferença em relação ao sofrimento do outro. Se não existe a Paz Mundial, podemos fazer que ela exista em nossos próprios lares, pois basta praticá-la. Lembrando Gandhi, "Não há um caminho para a paz — A paz é o caminho".

A saúde de uma criança é medida pela qualidade dos vínculos afetivos existentes no ambiente em que ela vive. Os filhos que presenciam constantemente os "arranca-rabos" de seus pais estão expostos a grandes riscos para a sua saúde psicoafetiva e emocional. Você vai me contestar dizendo:

— Quer dizer, então, que a gente tem de fingir que está tudo bem?

Eu lhe respondo que não. Que a vida não é assim. E lhe digo ainda que não é o conflito entre os pais que prejudica a criança, mas a forma como lidam com ele. Existem casais que não falam, gritam. Outros que se tratam com desdém, crítica e hostilidade. Há aqueles que resolveram não se falar mais e usam a criança como intermediária em suas tentativas de comunicação. E o que falar daqueles que adotam a "porrada" e os palavrões?

A criança que presencia qualquer uma dessas atitudes de seus pais

insensatos apresenta intensas reações: chora, fica com o corpo tenso e retesado, tapa os ouvidos, tem medo e sensação de morte e abandono. Por sua vez, os pais envolvidos com os seus próprios conflitos acabam nem percebendo os filhos. Dedicam-lhes menos tempo e atenção. Assim sendo, os filhos correm sérios riscos de buscar soluções inadequadas aos seus conflitos, como más companhias e drogas. Outros adoecem, deprimem-se e apresentam queda no rendimento escolar. Mesmo assim, é preferível o divórcio a um casamento ruim, porque não é necessariamente o divórcio que faz mal à criança, mas o clima de hostilidade que se instala entre os casais malcasados.

Se os pais sabem discutir respeitosamente, o que é sempre legal para a manutenção de uma boa relação, a criança pode aprender lições importantíssimas de relacionamento interpessoal. Pais que sabem se ouvir, que têm predisposição para entender o outro, para investir na relação, ensinam os filhos a lidar com os problemas, com as emoções negativas, e a buscar soluções. Sempre sugiro aos casais que busquem lembrar-se dos motivos que os fizeram se apaixonar um pelo outro.

Amizades



Um amigo não é somente alguém que gosta de você, mas também alguém responsável por muitos sucessos e fracassos em sua vida. “Dize-me com quem andas que te direi quem és.” Você conhece os amigos de seus filhos?

— Manhê...

— Fala, Gabi.

— Eu queria viajar com meus amigos nestas férias. Afinal, já tenho 15 anos.

Finalmente o momento temido por mim havia chegado... O que fazer?

— Que viagem é essa, Gabi?

— A gente pretende alugar uma casa na praia e vai uma galera.

— Só de meninas? (Inocente pergunta, a minha.)

— Claro que não, né, mãe! (Me zoando.)

Era o que eu pensava — gelei...

— Mas... sem nenhum adulto?

— Claro, mãe! Cê acha que alguém vai querer cuidar de uma tropa?

— Ué... Por que não? (Dou a deixa.)

— Cê cuida?

— Se vocês não se importarem, podemos ir todos. Seus irmãos também poderiam convidar alguns amigos!

— Ah, não! Criança, não!

— Claro que não, Gabi. Você acha que eu também vou querer cuidar de criança? Tenha dó! Tô falando que a Tatá poderia levar a Marta, que já tem 11 anos, e o Dedé levar o Thiago, que já tem 13 e já é da sua turma. Além disso, os dois são irmãos da Rebeca, que é a sua melhor amiga. Vocês já fazem tantas filmagens juntos! (Meus filhos brincavam de fazer cinema, com a câmera handycam do Dedé.) E o Kiko é tão bacaninha que não vai incomodar ninguém. Ele se dá com todos, não é mesmo?

— Legal, mãe... Vou falar com eles.

Esse ano havia sido péssimo para a família inteira. Havíamos perdido o meu irmão querido, Orlando, com o qual tínhamos um relacionamento de muito amor e carinho. Foi um rombo no nosso coração. Essa perda fez um verdadeiro estrago na família toda, tanto que Gabi e Samuel tomaram bomba na escola. Eu fiquei revoltadíssima

com a escola deles porque Samuel já estava com as médias fechadas, tendo de fazer as provas finais apenas por uma questão protocolar. A professora de inglês achou que ele estava colando e a escola o castigou com uma reprovação. Se nós não estivéssemos tão deprimidos e fragilizados naquele ano, seria o caso de processar a escola. Gabi tomou bomba porque, apesar dos esforços, não havia conseguido média em matemática. Então, para superar tanta tristeza, topei essa aventura. Já estávamos muito castigados pela própria vida. Foi assim, então, que eu me meti naquela "encrenca": as férias de 1990.

Assim que o grupo foi formado (30 adolescentes, ao todo), me dei conta da logística necessária. Em primeiro lugar, a casa... Como colocar 30 adolescentes, um casal (eu e Ruy), minha mãe e dois cachorros (que não poderíamos deixar sozinhos em São Paulo), todos em uma só casa?

Claro que existem muitas casas de praia enormes, mas o caso é que para alugar uma, desse porte, seria necessário ter grana e ainda estávamos sem pasto para as nossas vacas magras. Pensei então na casa do meu primo Didi, irmão do Nenê. Lembra-se do Nenê, da introdução deste livro? Pois é, ele mesmo... O Didi era o primo rico da família. Ele tinha uma casa com quatro suítes em Caraguatatuba, litoral norte de São Paulo, onde toda a família passava as férias, lá por volta das décadas de 1960 e 1970.

"Vou ligar para a Romilda!", pensei, "quem sabe ela me aluga a casa por um preço legal."

— Oi, Romilda... Tava pensando em passar umas férias em Caraguá. Você ainda tem a casa?

— Claro, Betty, só que faz uns dez anos ou mais que eu não vou lá. Tenho emprestado pra muita gente, mas não sei como estão as coisas.

— Só que eu não quero que você me empreste. Vou com uma turma grande e a intenção é alugá-la, pois dividiremos as despesas.

— Tudo bem, Betty. Se você preferir assim, bote o preço.

Dei o preço, ela topou e marcamos o dia de pegar a chave.

O povo ficou animadíssimo, pois o sonho já estava viável.

Marquei uma reunião com todos os amigos, juntamente com os pais, para estabelecermos regras e divisão de despesas.

— Bom, pessoal... — iniciei. — Antes de fazermos qualquer plano, quero discutir regras, pois se não houver acordo a viagem nem começa.

— É o seguinte: as férias têm de ser boas para todos. Eu estou muito cansada e não estou a fim de me estressar mais ainda. Sei que vocês, como todos os jovens, adoram sair e não ter horário pra voltar. Isso já é um estresse para mim, no meu dia a dia com Gabi, principalmente, e eu não quero perder o meu sono com vocês 30. Já vou avisando que não permitirei passeios para a cidade ou qualquer outra praia. Sei que alguns de vocês têm carro e, com certeza, não aguentarão 15 dias num único lugar. Mas não quero ninguém pra lá e pra cá de carro, naquela serra de Ubatuba, extremamente perigosa, cheia de gente de "cara cheia" na direção. Mesmo que seus pais permitam, eu não permitirei. A minha responsabilidade é enorme. Topam ou não?

— Topamos. (Naquele momento, topavam tudo.)

— Só que essa questão é irrevogável. Não quero nem que me perguntem se é possível sair por umas horinhas que sejam...

— Tá bom, tia...

— Outra coisa. Nada de álcool, nada de maconha ou outras drogas, nada de menina dormindo com meninos e nada de menina trancada com menino no quarto ou banheiro. Ah, tem mais. Nada de beijos e abraços escandalosos na frente dos outros (na verdade, na minha frente). Nada de brigas, desentendimentos, fofocas, reclamações. (Eu não estava sendo nem um pouco tolerante e democrática, sei disso,

mas era melhor eles chorarem agora, do que eu depois.)

— Tudo bem, tia... Mas, no òdqçfñkj , a gente pode beber?

— Se os seus pais deixarem, eu deixo. Apenas cerveja. Nada de vodca ou uísque.

Aproveitei a presença dos pais e eles consentiram. Combinamos então o restante, que dizia respeito a alimentação, rateio da casa etc... Cada um levaria um prato pronto (para a ceia), determinada quantidade de carne, peru, arroz, feijão, ovos, latas de marmelada, queijo, manteiga, leite, ovos, água, produtos de limpeza etc... Combinei que logo após o Natal eu já iria para a praia com as compras e minha família, e que Ruy voltaria para buscá-los com a Kombi.

Assim que chegamos, Ruy descarregou as tralhas e voltou para São Paulo. Você não pode imaginar o que aconteceu... Sabe aquelas casas de filme de assombração, abandonadas e cheias de teias de aranha? Foi com isso que deparamos... Meu Deus! Onde é que eu fui amarrar o meu bode!

A casa era assim: de frente para o mar, tinha uma varandona, com pilares de concreto azul-calcinha. O telhado estava arqueado, sustentado por madeiras podres e cheias de cupim. Abrimos a porta de entrada, que dava para uma salona toda vazia... cheia de baratas mortas (de fome, provavelmente) e de pó. As janelas não se abriam. Eram basculantes e todos os vidros estavam quebrados. A sala emendava num enorme corredor, de onde saíam duas suítes de cada lado e um lavabo, que terminava numa cozinhona enorme também.

Adentramos pelo corredor escuro e passo a passo, cheios de medo, íamos abrindo as portas dos quartos. O primeiro quarto da esquerda tinha uma cama de casal e uma de solteiro. Portanto, seria o nosso e o do Kiko (o caçulinha!). No segundo, havia somente três colchões jogados no chão. Gabi logo falou: “É o das meninas!” Em frente ao meu quarto, encontramos outro, que possuía apenas uma cama de solteiro.

Seria o de minha mãe. E em frente o quarto das meninas, outro com duas camas de solteiro quebradas.

Os colchões? Nem quero me lembrar dos colchões. Eram aqueles colchões duros e antigos, de algodão e palha, com o forro listrado de azul e vermelho. Acho que nenhum de vocês, leitores, deve ter visto um colchão desses. Eram do tempo de "Dom Miguel Charuto". E o pior... estavam roídos pelos ratos. — Eca! Que nojo!

Abrimos os quartos, imediatamente, para suavizar o cheiro de mofo. Tatá, hiperalérgica, já estava com os olhos lacrimejando, inchados e espirrando. Dedé coçava a garganta e fungava. Ah! Esqueci de dizer que levamos as nossas duas cachorras boxers, a Chica e a Pig. As duas vomitavam e andavam pela casa, enjoadas da viagem. Chegando na cozinha, deparamos com uma imensa mesa (sem cadeiras), uma geladeira velha e enferrujada, um fogão que só tinha duas bocas funcionando e — imagine, que maravilha! — um freezer horizontal... Isso mesmo, um baita freezer que poderia manter nossos 34kg de carne congelados, além de toda a comilança. A pia. Ah!!! A pia... não tinha sifão. Embaixo dela havia uma velha lata de tinta, toda enferrujada que coletava a água suja. O meu primeiro impulso foi o de voltar para São Paulo... mas, diante de minha impotência, o segundo impulso foi rezar...

As crianças logo se animaram:

— Mãe, tô com fome... Vamos comer...

— Que comer que nada... Vamos é limpar tudo isto — respondi.

— Betty, você não vai dar comida ao Kiko? Já é tarde, coitadinho, ele é o caçulinha e está com fome — disse minha mãe, me recriminando.

Sempre odiei cozinha, pois é um lugar que a gente nunca consegue deixar em ordem e de onde, consequentemente, nunca saímos.

— Olha aqui, mãe, não vai comer, não...

— Ahh! Mas eu também quero comer! — responde ela.

— Olha aqui, quem quiser comer se vira com sanduíche — sugiro enraivecida.

— Sanduíche? Você acha que isso é comida para as crianças? — minha mãe novamente...

— Olha, se virem... Daqui a pouco todo mundo tá aqui e a casa precisa estar em ordem.

— É... — minha mãe novamente — você faz todas as vontades dos seus filhos... Pra que se matar, cuidar de tanta gente...

Críticas, críticas e críticas. Onde estava eu com minha cabeça que não deixei minha mãe com minha irmã? Peguei toda aquela raiva que sentia e me transformei no Tazz. Tazz é um personagem do desenho animado "O Diabo da Tasmânia". Sádico e rápido, ele gira em torno de si, causando só confusões. Quando gira, parece um furacão. Meus filhos e Ruy me chamam até hoje de Tazz, porque é assim que fico diante das situações difíceis. Logo arranjo solução para tudo.

Mandei as crianças para a praia e pus mãos à obra. Limpei a suíte de minha mãe, arrumei sua cama, para que ela pudesse dormir e me deixar em paz. Enfiei a "velhinha" lá e a mantive presa. Tasquei o esguicho de água nas paredes, no chão, coloquei os colchões na varanda, acondicionei os alimentos, arrumei as camas.

Ufa!!! Assim que terminei e me sentei para tomar um uisquinho, chega a galera... Kombi lotada até o teto — 13 adolescentes, suas mochilas, colchonetes e o som. Ah, maldito som... Ruy descarrega a cambada e vai para a Rodoviária buscar a turma que chegaria de "buzão". Santo marido...

— Tia, tô com fome... — foi logo dizendo o Ávila — remexendo na geladeira.

Tive vontade de mandar ele se @$*# e disse imediatamente: — Ói

qui, pessoal... Antes que vocês comecem a bagunçar a cozinha, já vou dizendo: “Sujou... limpou...”

Sei que começou uma confusão de malas na sala, que não dava nem para andar.

— Ói qui, pessoal... Vamos colocar essas malas no quarto, porque a vó pode tropeçar.

Vixe... Na hora eu percebi que os quartos não eram suficientes... A turma ainda estava se arranjando, quando chegaram mais 15 adolescentes (os do buzão). Violão, pandeiro, atabaque, saias longas e ripongas, cabelões, havaianas... Pronto! O time estava completo. Bastaria saber onde colocá-los.

Eu e Ruy estávamos em um quarto, minha mãe noutro. As meninas ocupavam dois quartos. Restavam 12 meninos sem ter onde dormir e colocar as tralhas. Logo, a sala transformou-se em um dormitório... Doze colchonetes foram enfileirados, ficando livre apenas a passagem para a varanda. As malas ficaram emparedadas pelos cantos. “Mama mia!” Como seria para minha mãe transitar? Sorte que ela ainda dormia. Mas sorte é uma coisa que dura pouco...

— Elizabeth...

— O que é, mãe?... — logo noto que algo de errado aconteceu... Minha mãe fica com o nariz torto, quando brava. Meu coração dispara... Vem bomba...

— Aqueles moleques estão mexendo na geladeira, fazendo sanduíches, comendo. Eu apareci na cozinha e ninguém foi capaz de me cumprimentar e de me oferecer um lanche...

— Mãe, a senhora está em casa. Não espere que alguém ofereça comida à senhora. Vá lá e se sirva.

— Eu não... Eles nem me olham na cara!!!

— Mãe, pelo amor de Deus... Não comece a criar caso...

— Você... Sempre defendendo os outros, eu nunca tenho razão...

— Tá bem, tá bem... Vou dar um jeito...

— Pessoal... Venham todos aqui!... — grito.

— Esta aqui é a vó Felícia...

— Oi, vó — todos a cumprimentam educadamente. Alguns até a abraçam e beijam.

— Tudo bem, mãe?

— Hummm — ela resmunga.

Bem, quando tudo parecia em ordem... Pufff... O fabuloso freezer dá o seu grito agonizante, espalhando pela casa fogo e fumaça. Meu Deus... Trinta e quatro quilos de carne crua mais a comida congelada... O que fazer? O Santo Ruy virou e mexeu, mas não conseguiu fazer nada. O motor havia mesmo pifado. Pensei novamente em voltar para a minha casinha, em São Paulo, mas a turma estava toda eufórica...

— Tia, já sei!!! — gritou Rebeca... — Vamos pedir pra pôr na geladeira da vizinha.

— Mas não vai dar, Rê...

— Vai, sim...

Rebeca e Gabi começaram a distribuir a carne entre os amigos e sabe o que eles fizeram? Espalharam a carne pela geladeira da vizinhança inteira... Veja só que ideia... Eu nem sabia onde estavam. E o povo, gentilmente, nos ajudou. Tá vendo só como muitas vezes nós adultos é que somos os complicados? Bom... E as comidas congeladas?

— Ah, tia, eu já sei — diz Ávila novamente. — Vamos comer tudo...

— Boa... Tô morrendo de fome — respondem os meninos. (Eles sempre estavam morrendo de fome.)

É isso aí... Liberamos geral. A comida de 15 dias deu só para uma noite. Você já viu um adolescente comer? E quando estão em grupo? Parecia um bando de hienas devorando um cadáver... Fiquei chocada diante daquela primeira refeição. Pensei: “O que me espera!” Não era

um lanchinho ou um sanduichinho que encheria o bucho daquela turma... Minha mãe:

— Nossa! Como eles comem! Nem me deixam chegar perto da mesa... Eu não vou comer...

— Mãe, não dê uma de coitada... Chegue lá e faça o seu prato. Depois a senhora vai ficar com fome...

— Eu não... Eu tomo um copo de leite...

Naquela altura do campeonato, cansada de guerra, eu não tinha mais paciência pra nada. Enchi um prato com tudo que tinha e entrouxei na velhinha, junto com uma garrafa de cerveja. Seria melhor deixá-la de fogo, porque assim seu mau humor passa. Dito e feito: comeu igual a um paxá e ria das mariposas que voavam em torno das lâmpadas. Os pratos... Por falar em prato, melhor não falar... Pratos, talheres, copos, panelas... Deixa pra lá... Tínhamos de comer em etapas. Turmas se revezavam diariamente, pois a louça e os talheres não eram suficientes. Esbeiçados, lascados, tortos e manchados. Panelas? Duas, — amassadas...

Bem, quando eu estava lavando a louça, uma das meninas resolveu usar o banheiro que fazia parede com a cozinha. Assim que deu a descarga, o que foi que aconteceu? Hum, hum... Você pensou em merda? É... foi isso mesmo! A tal da merda começou a subir pelo ralo da cozinha... Pasme... Foi assim que fiquei: pálida, sem voz, sem ação, diante de tão cheirosa imagem. O ralo, soltando bolhinhas de água, urina e de merda malcheirosa, escorria e se espalhava pela cozinha toda. Tive de abrir as pernas para que não me molhasse os pés. Aquele riozinho de merda seguia o seu curso, indo se empossar num canto onde o chão da cozinha afundava. Tínhamos agora uma lagoinha. A Pig adorou... Aliás, ela tinha esse nome porque comia seus próprios excrementos. Eca!!!

— Papi, Papi... — desesperada, chamo o meu santo homem... —

Socorro...

Todos chegam correndo e saem como chegaram, dizendo:

— Ecaa... Que nojo... tiooooooo...

— Tira essa cachorra daqui... A Pig tá lambendo merda... Não usem as descargas... — foi o que consegui dizer de imediato.

Coloquei as mãos na cabeça, enquanto o Samuel se encarregava da cachorra e Ruy pegava um rodo.

— Manhê... A Pig me lambeu!... — grita Dedé.

— Larga ela, lava o braço e passa álcool! — instruo Dedé.

Gabi reuniu seus amigos e todos lavaram a cozinha. Graças a Deus, eles eram muito bonzinhos. Ruy verificou todos os banheiros e concluiu que somente aquele não poderia ser usado. Um banheiro a menos. Não faz mal. Que saudades da minha casinha... Hora de dormir... Tarde da noite. Que dia longo... Cê já notou quantas coisas aconteceram?

Ruy, quando viu que tínhamos acompanhante no quarto, logo ficou chateado. Significava que ele ficaria 15 dias só na vontade... Tive ainda de aturar seu mau humor. Pensei comigo: "Imagina se eu tenho clima pra isso? Transar com 30 adolescentes cheios de hormônios sexuais em plena atividade, curiosos em ouvir ou ver algo e... ainda cansada? Deixa o Kiko aqui mesmo..."

Viro pra cá, viro pra lá, leio, levanto, como alguma coisa, deito novamente e não consigo dormir com a dureza do colchão, o cheiro de mofo do quarto e os borrachudos a me infernizar... Os cachorros todos da praia latem por causa de uma cadelinha no cio, que estava dando uma de gostosa bem no meu portão. As minhas cadelas uivavam... O Ruy? O maledetto dormia igual a um anjo, como sempre. Tenho inveja disso até hoje. Ele é capaz de dormir até embaixo do chuveiro. E o pior... Roncava.

Seis de la matina (odeio acordar cedo) começa o movimento na

casa. Malditos surfistas! Será que não dá pra pegar onda depois das 11? Tento ficar na cama mais um pouco. Meu corpo dói, parece que tenho os olhos cheios de areia, mas o som. Ah! O som do Guns N' Roses... Aquela música que começa com um assoviozinho, muito bonito quando você o escuta pela primeira vez, mas se torna INSUPORTÁVEL depois de ouvi-lo por 15 dias, diuturnamente.

A galera toda se levanta:

— Tia... Cadê o pão?

Cutuco, com o pé, o Ruy (que ainda dorme):

— Papi... Dinheiro pro pão...

Pego o dinheiro e peço que comprem 50 pãezinhos.

— Tia... Cadê o pão?

— Tá na cozinha, já compraram — respondo.

— Não, tia... Já acabou...

— Papi... — Cutuco novamente o Ruy... — Mais dinheiro.

E assim foram comprados mais 50 pãezinhos. Pela manhã, iam 100 pãezinhos e à noite, no lanche, também. A mesa ficava cheia de migalhas, requeijão, manteiga, leite, açúcar e achocolatado. Lotada de moscas que voavam e pousavam ávidas na sujeira, entre copos e talheres usados. Era o meu visual matinal.

"GRRRR... Calma, Betty... Agora você tem de aguentar e não dar o braço a torcer para sua mãe. Trate de fazer o café para ela tomar quando acordar e deixar tudo limpinho para que ela se sirva", pensava eu e assim o fazia. "Trabalha, trabalha, nego... Trabalha, trabalha, nego"... — lembrava-me de uma música que ouvira quando criança, enquanto passava pano no chão.

Os banheiros? Capítulo à parte... Deixa pra lá... Homem tem uma dificuldade de pontaria filha da mãe e as meninas reclamavam que os meninos "mijavam" também na tábua. Fiz uma reunião e disse que se eu descobrisse quem era o "mijão porcão" cortaria o "bilau" dele.

Todos começaram a fiscalizar quem entrava no banheiro. Deu certo...

Hora do almoço. O que fazer? Já havíamos comido tudo... Eu teria de cozinhar? Tascava dois quilos de feijão em uma panela e sei lá quantas xícaras de arroz. Fritava montes de linguiça e 90 — pasme —, 90 ovos... Quando vi que a comida era pouca, tascava farinha de mandioca no feijão para engrossá-lo e foi isso que resolveu o problema da fome... Passamos 15 dias comendo essa gororoba. Até hoje me enjoo, só de lembrar dos ovos que tinha de fritar.

À noite, dá-lhe pão com mortadela... E assim se passavam os dias: Guns N' Roses o dia inteiro. Uma turma levantava às 6 e deitava às 11, outra turma levantava às 11 e dormia às 6, de modo que eu sempre estava acordada, parecendo um zumbi.

Numa noite, houve uma forte tempestade, com ventos, raios e trovões. Coisa de filme de terror. Começou a chover dentro de casa. Baldes, cestos de lixo, as duas panelas e pratos aparavam as goteiras. Naquela noite, os meninos não puderam dormir na sala, pois ela estava inundada. Eles se acomodaram com as meninas, e adoraram... Pensei em voltar imediatamente para São Paulo, caso o tempo não melhorasse, mas no dia seguinte o sol raiou provocadoramente sobre o mar maravilhosamente azul e sedutor.

Chegou dia 31 de dezembro: noite de réveillon. Eu e Ruy cozinhamos o dia inteiro: quatro perus, maionese, arroz, salada, molhos diferentes, frutas, sorvetes, doces... Compramos algumas poucas cervejas e champanha (para a diretoria, é claro!). Ruy montou o maior som na varanda, que as meninas decoraram com flores e bandeirinhas. A casa ficou uma graça. Os meninos recolhiam sacos e sacos de lixo, até mesmo porque a cozinha estava num auê danado.

Finalmente, casa cheirosa, limpa, hora de colocar dez sacos de lixo na rua, para evitar moscas. Os meninos passavam pela sala, carregando-os um a um. De repente, um dos sacos se rompe em plena

sala, formando uma passarela, igual àquelas das procissões feitas no interior. As cachorras, sentindo o cheiro de comida, entram pela sala a toda, esparramando aquela lixarada... Toca pegar esguicho e lavar a sala toda... Que paciência, meu Deus... Onde estás tu, que não me vês?

Cinco para meia-noite, estamos eu e meu santo marido a fatiar quatro perus, na cozinha. Bandejas cheias de comida são servidas, a turma ataca e, em cinco minutos, o trabalho de dois dias inteiros simplesmente desaparece... Cadê o rango? Nada... Só ossos... A galera, conforme o combinado, bebe. E, após os primeiros cumprimentos de feliz ano-novo, os primeiros vômitos pela casa. Novamente a dona Betty aqui pega o esguicho para lavar a casa. A turma tomou um porre maluco... Eu estava tensa, como iria controlar a bebida?

— Gabi, Dedé... Chega de bebida... Recolham tudo...

— Zu zu bem, manhê, num si priocupa... — respondia Gabi, pra lá de Bagdá.

— Samuca, vem cá, por que cê tá chorando? — perguntei abraçando-o, ao vê-lo entristecido...

E ele me respondeu tonto, choroso e com a voz "mamada":

— Eu não merecia repetir o ano...

Choro com ele... Não merecia, não merecia...

"Céus! Tá todo mundo de porre...", penso eu, me dando conta de que precisaria tomar providências. Imediatamente recolhemos as bebidas, desligamos o som e colocamos a turma na cama.

Não pense que foi fácil. Não foi fácil, não... Tive de dar voltas e voltas com alguns, no escuro da praia, ouvindo suas queixas. Tive de ouvir declarações de amor e reconhecimento, choros de revolta e tristeza, confissões de adolescentes apaixonados... Enfim, tudo que é papo de quem toma um pilequinho.

Quando todos estavam calmos e tranquilos, peguei uma garrafa de champanha e fui tomar sozinha, na praia escura, iluminada apenas

pelas estrelas... Brindei ao meu irmão, Orlando... Primeiro ano que terminava e se iniciava sem a sua presença segura, sem o seu abraço afetuoso. Em mim, somente as saudades e a incerteza de como seriam as nossas vidas sem ele. Sentada em uma pedra, olhando para uma grande estrela brilhante, inventei sua presença e chorei.



E assim vou terminando este livro. Falando de amigos e amizades, porque na vida o mais importante a fazer é semear a amizade. A amizade garante o amor, a fidelidade, a confiança e a segurança diante dos momentos alegres ou difíceis. A amizade, compartilhada, forma uma cadeia de elos que ora nos acorrentam e sustentam, ora se rompem e nos libertam. Mas tudo num momento exatamente certo e significante. Pois é disso que a vida é feita: de amigos. E se você, por ser pai ou mãe, não pode ser amigo de sua criança, tenha com ela uma postura amiga: de aceitação, compreensão, proteção e cumplicidade. Hoje, convivo com os amigos de meus filhos, já bem adultos, em pé de igualdade. E eu, cheia de alegria, vivo essa amizade com um sentimento enorme de existência plena.

Quanto aos seus amigos? Quando temos filhos pequenos é difícil manter as amizades se não fizermos um grande investimento. As crianças interrompem as nossas conversas, choram quando estamos ao telefone, brigam, se machucam, fazem de tudo para nos afastar das pessoas a quem damos atenção. Que pestes! Só elas querem aparecer.

Mande-os para cama quando os seus amigos que não têm filhos visitarem vocês. Não tem nada mais chato do que dar atenção aos filhos dos outros, quando não se tem filhos. Não tem nada mais irritante também do que querer falar às pressas com alguém ao

telefone e uma criança, que mal sabe falar, atender e ficar com baboseiras. Ai que raiva! Você do outro lado da linha:

— Chama a mamãe, benzinho...

— Quem é?

— É a titia...

— Que titia?

E não adianta dizer que você é a amiga da faculdade de sua mãe, porque ela nem te conhece e aí a coisa se estende, e você acaba desligando.

— RRRRRRRRRRRR!

Reserve um tempo para os seus amigos porque se, você não sabe, são eles que estarão com você quando seus filhos crescerem e buscarem seus próprios caminhos.

Projetos de vida



Quando as crianças estavam mais independentes (Kiko com 5 anos), resolvi tocar pra frente um projeto de vida que estava "em banho-maria": cursar a faculdade de psicologia. Eu tinha 18 anos quando me formei como professora. Queria cursar pedagogia. Meu pai me falou: "Não, senhora. Agora você vai trabalhar para nos ajudar". Assim sendo, deixei para continuar meus estudos depois de casada.

Sempre me perguntei como gostaria de estar em determinado tempo ou idade. Projeto o futuro e assim decido o que devo fazer no presente para alcançar o futuro. Sempre fiz as coisas acontecerem. Nunca me resignei à obrigação de ter de aceitar algo que não

considerava bom pra mim, assim como nunca me conformei em ter de ter uma vida medíocre. Sobretudo no que diz respeito à minha velhice. A acomodação me irrita e me deixa incomodada quando a percebo nas pessoas que me rodeiam:

— Ai... Não tenho tempo...

— Não posso. As crianças não deixam...

— Não dá, meu marido atrapalha...

— Ai... Estou sem empregada... Desesperada...

— Coitada de mim, como a minha vida é dura...

— Ninguém faz nada por mim...

Não delego aos outros a função de melhorar a minha vida ou o meu humor. Nem a Deus... Tenho uma relação muito íntima com Deus. Tão íntima que Ele mora dentro de mim. Não delego a Ele a resolução de minhas dificuldades. Só Lhe peço que me oriente e me acompanhe, onde quer que eu esteja.

Odeio quando as pessoas me dizem que o casamento ou os filhos são impedimentos ao seu crescimento. Sinto muito. Eles não impedem ninguém de chegar aonde se quer. A não ser que você deixe ou que os utilize para justificar seu medo de enfrentar mudanças. Assim, você se conforma diante da vida medíocre que leva e acaba jogando a culpa nos outros.

Como eu estava dizendo, entrei para a faculdade de psicologia (minha segunda faculdade). Escolhi aquela mais próxima de casa, para facilitar nossas vidas (FMU), e iniciei o curso noturno. Trabalhava durante o dia, como orientadora pedagógica de uma escola, revezando horários com meu trabalho de consultório como psicopedagoga. E à noite ia para a “facul”.

Quando eu estava cursando o quarto ano, começaram os estágios. A vida se complicou mais ainda. Certa noite, ao chegar em casa, encontrei todos dormindo no chão da sala, ainda de uniforme escolar,

enquanto Ruy estava jogado em uma poltrona com um copo de uísque ao lado. Vi como estavam "abandonados". Aquela cena foi chocante...

Na faculdade, pedi transferência para o período da manhã, larguei a clínica, trabalhei só à tarde na escola, podendo curtir a noite com a família. Foi um sacrifício enorme chegar onde estou. Costumo dizer que "todo mundo vê as pingas que a gente toma, mas não vê os tombos que a gente leva". Quem nos vê hoje acha que tudo foi fácil...

Finalmente, me formei. Aí surgiu outra dificuldade. Precisava montar o consultório. Cadê o dinheiro?! Como sempre, aquela dureza... Comentei com Ruy:

— Ai, que raiva... Tanto sacrifício e não poder montar o consultório...

Sempre me estimulando e fazendo parte de meus projetos, ele fala:

— Vamos montar, sim...

— Como? — pergunto.

— Olha, eu preciso mudar a empresa de lugar, pois ela cresceu e o sobradinho em que nós estamos não nos comporta mais.

— Sim, e daí?

— Daí que a empresa muda para um lugar maior e você fica onde estou agora, porque o aluguel é antigo e barato!

"Mas como pagar esse aluguel?", penso. Como sempre, "penso, logo existo".

— Já sei... Vou convidar algumas pessoas para dividir o aluguel e compartilhar as salas.

Mas como convidar essas amigas e apresentar a casa? A nossa empresa tinha deixado a casa a-ca-ba-da... As paredes estavam imundas e esburacadas. Havia lugares onde a fiação elétrica e os canos de água estavam totalmente expostos. Banheiro e cozinha com os azulejos detonados. Calha vazando, telhado quebrado, os tacos do assoalho soltos e incompletos...

— Como é que eu posso apresentar uma casa assim? — comento com Ruy.

Ele diz:

— Olha, de qualquer maneira, eu tenho de arrumar essa casa para entregá-la ao proprietário. Vou fazer as compras do material necessário, pago em prestações e aí só resta arrumá-la. Que tal?

— Legal! — respondo. — Vou levantar alguns orçamentos.

Fiz um monte de orçamentos e todos incluíam o pagamento de um serviço que só poderia ser feito por dois homens. Inviável. Como nunca me conformei com a sensação de impotência, resolvi que eu colocaria a mão na massa. Nunca fui mulher de desistir diante das dificuldades. Afinal, sou neta da dona Pascoalina! Ela sempre dizia diante das dificuldades: "Difficile? Ma che... Difficile è una donna pisciare sulla parete!"

E assim foi. Era janeiro, férias. Um dos verões mais quentes que já vivi. Reuni meus filhos e disse:

— Estas vão ser as nossas férias — entregando a cada um deles uma espátula de pedreiro, um par de luvas de borracha e um lenço para a cabeça. — Vamos arrumar a casa.

Tinha pedido explicação ao vendedor da casa de materiais sobre como preparar o cimento e pôr mãos à obra. Rebocamos, lixamos e pintamos tudo. Movida a raiva, cantava um trecho de música que diz: "Quem sabe faz a hora, não espera acontecer" — enquanto o suor escorria e o corpo doía pela força e intensidade dos movimentos. Arrancamos os tacos, fizemos o piso de cimento. Colamos azulejos e arrumamos a calha. É claro que o serviço ficou porco, mas onde se notavam grandes buracos eu escondia colocando um quadro ou vaso de plantas.

Catei de casa os móveis necessários. Sofás, tapetes, mesinhas laterais, poltrona de atendimento, enfeites decorativos. A casa se

transformou num lugar muito aconchegante. Aí sim, com algo decente para apresentar, convidei nove amigas de sala, mais duas professoras, para trabalhar comigo e assim dividir o aluguel. Elas toparam. Nosso grupo foi indo através dos anos e também se modificando. Hoje, apenas eu e minhas duas professoras ainda estamos juntas, porém em consultórios próprios, comprados com o nosso trabalho, num prédio muito bacana e seguro.



Não desista de seus sonhos. Idade, filhos, família, nada é obstáculo para que deixemos de lado nossas ilusões, nossos desejos. Sempre é tempo de crescer. A vida nos oferece tempo e oportunidades. O impedimento é sempre interno, nunca externo. O medo de correr riscos ou de fracassar nos paralisa. Temos de priorizar certas situações, adiar nossos projetos, modificá-los, adaptá-los, por vezes, mas nunca abandoná-los.

Procure não se conformar diante da ignorância, da mediocridade, do cotidiano, da rotina. Livre-se de você quando não estiver satisfeita consigo. Se você muda, tudo muda. Pare pra pensar no que está acontecendo com você. Somos estranhos a nós mesmos, não nos compreendemos; nos misturamos com o outro e nos condenamos eternamente a isso. Busque se conhecer para, então, se diferenciar do outro. Permita também que os seus filhos sejam eles mesmos.

Não tenha dó nem piedade de si. Deseje; deixe-se levar pelos seus desejos.

“Antes querer o nada, do que nada querer” (Nietzsche). Aprenda a viver com menos estresse. Geralmente, ele é causado por relacionamentos humanos conturbados. Então, evite as brigas e

discussões desnecessárias: não leve tudo a ferro e fogo. Seja fiel aos seus princípios: tenha uma vida honrada, o que significa ser uma boa pessoa, respeitada e incorruptível. Servir de modelo para a comunidade.

Busque a sua integridade sem abusar de seu poder, sem “diminuir o outro”. Não saia de “mansinho” das situações difíceis, para se livrar da responsabilidade que lhe cabe. Não grite, não berre com os outros. Seja educada, se quiser ser respeitada. A agressão verbal pode ser pior do que a física, porque atinge o outro “na alma”. Em muitas famílias e ambientes, elevar a voz transformou-se em vício relacional. Aquele que grita, além de passar um modelo horroroso aos seus filhos, perde a credibilidade, pois “cachorro que ladra não morde”.

Que tipo de mãe você é ou pretende ser?

- Gçffilffiçj ôç. Estudos mostram que 35% dos pais são negligentes. Não corrigem os seus filhos, não se dedicam a eles nem mantêm vínculos afetivos fortes. Estão sempre por perto, porém distantes, pois se ocupam de tudo, menos deles. Estão sempre ocupados e terceirizam os seus pequenos. Os filhos dessas pessoas tendem a ser iguais a elas e a desenvolver depressão e ansiedade. Se você se enxerga nesse modelo, é bom que comece a participar mais da vida da sua criança e a se interessar mais por ela e tudo que a rodeia.
- Í òôfiffit ôffiq . Segundo estudos, 35% dos pais são participativos. Estão presentes no dia a dia da criança e expressam sinceramente o que sentem por ela. São bons modelos. Respeitam regras e impõem limites. Os filhos, geralmente, são sociáveis e toleram frustrações. Se você é assim, encontrou uma boa medida para criar seus filhos.
- Í çòí fôfóffiq . Os mesmos estudos mostram que 15% dos pais são

permissivos. Sem saber ao certo como agir, cedem à pressão dos filhos. Trabalham muito e compensam sua ausência com mimos. Os filhos tendem a se achar o “máximo” ou a não respeitar os outros. Se você é assim, precisa trabalhar a culpa por estar muito tempo fora de casa e tomar as rédeas.

- upôkòffàòfft. Outros 15% dos pais são autoritários de acordo com os estudos. Controladores, manipuladores e mandões. Os filhos tendem a ser submissos, tímidos, agressivos e revoltados. Se você se vê neste modelo, está na hora de começar a ter atitudes mais democráticas. Dialogar mais, saber ouvir, elogiar e pesar os limites, para que os seus filhos possam ter um pouco de iniciativa na vida.

Depois de rever o tipo de mãe que você é e deseja ser, reflita sobre o exposto a seguir ao planejar os seus projetos de vida:

Como vai a sua autoestima? Será que você não tem sido crítica demais em relação a si? Será que é tão incapaz e errada quanto pensa? Não dá para ser mais tolerante, generosa e flexível com você? Na vida adulta, precisamos aprender a nos atualizar e a superar nossas feridas infantis, procurando reconstruir a nossa autoimagem e autoestima. De nada adianta ficar presa às críticas que ouvia quando criança; você cresceu! Não precisa provar mais nada a ninguém! Aquilo que você ouviu de ruim não deve se transformar numa verdade para o resto de sua vida.

“Não importa o que fizeram a você. O que importa é o que você vai fazer com aquilo que lhe fizeram” (Sartre). Vai se queixar a vida inteira da sua mãe, do seu pai, de todos que te impediram de ser quem você gostaria de ser, ou vai seguir em frente, em direção à realização dos seus projetos? Se assim for, procure se conhecer bem, assumir os seus defeitos, reconhecê-los e fazer que trabalhem a seu favor. Por exemplo, se você é uma pessoa imediatista, que não sabe esperar,

tente trabalhar com pessoas que têm urgência no atendimento. Você pode se tornar excelente profissional se souber aplicar essa agilidade em sua profissão também.

Busque se conhecer para saber usar o seu potencial e ter autonomia. Saiba usar a sua inteligência. E, como inteligência e criatividade caminham juntas, busque soluções novas para velhos problemas. Não se prenda às mesmas soluções de sempre. Quando nos permitimos sair do comodismo e da acomodação, soluções novas e novos projetos sempre acontecem.

É preciso também investir em novos amigos, aumentar a sua rede sociométrica. Ficar trancada dentro de si, presa às suas angústias ou à sua vidinha (por vezes medíocre) não vai levá-la a lugar algum. Olhe para o mundo, para a vida, para as pessoas. As pessoas são companhias interessantes. Aprenda a ouvir. Pouca gente sabe ouvir e logo se prepara para responder. Ouça com atenção o que o outro tem a lhe dizer. Procure compreendê-lo. Coloque-se no lugar dele. Crie vínculos afetivos de boa qualidade. A presença afetiva do outro é fundamental para a nossa autoestima e para a realização dos nossos projetos de vida.

Por falar em projetos, para que um projeto tenha êxito, é fundamental apostar nos bons resultados e na própria capacidade de alcançá-los. A minha mãe sempre me dizia: “Betty, não deixe para amanhã o que você pode fazer hoje”. Eu ficava muito brava, porque não tinha moleza. Hoje percebo que um dos fatores que me fizeram chegar aonde cheguei foi me deixar orientar por essa frase. A minha sábia mãe já tinha o conhecimento de algo que hoje a psicologia explica: 80% das pessoas adiam seus afazeres. Isso é natural, mas pode se tornar um problema quando adiar se transforma em um hábito ou em um comportamento crônico, causando sérios prejuízos à pessoa e àqueles que a cercam (também uma das características do Transtorno

de Déficit de Atenção).

O hábito de adiar as coisas (procrastinação) é um embate entre o tempo psicológico (aquele ligado aos nossos desejos) e o tempo social (aquele ligado ao relógio). Pessoas impulsivas só sabem trabalhar sob pressão, não sabem tomar decisões, optam pelo que é prioritário, têm medo de correr riscos, apresentam dificuldades em lidar com mudanças. Pessoas com autoestima baixa e inseguras, muito preocupadas com o que os outros pensam delas, perfeccionistas e acomodadas, sempre deixarão para amanhã, para depois de amanhã ou quem sabe para outra encarnação (se houver...) aquilo que elas poderiam resolver de imediato. Que pena!

Um projeto de vida exige planejar com determinação de prazos, listar objetivos, concentrar-se em cada um e estipular pequenas recompensas a fim de estimular o seu cumprimento, eliminando-os da lista à medida que vão sendo concretizados. Sei que é possível porque fiz assim e deu certo. Não preciso ter outra vida para realizar os meus desejos. Parto feliz e cheia de bagagem, deixando muitos exemplos. Quem achar bom que os siga.

Quando os filhos se tornam adultos



Final do livro.

Não ter filhos é uma escolha. Não é defeito nenhum e muito menos desvio algum. Eu escolhi tê-los, e muitos. Meus filhos viraram gente grande. Como diz um provérbio português: “Filho criado é como jogar qfftçk ffl í ç. A fase seguinte é sempre a mais difícil, desgastante e

desafiadora; só que no qffttçk ffl í ç a responsabilidade é menor e, dependendo da educação, tudo o que damos recebemos". Posso avaliar tudo que vivemos juntos. Como se estivesse no alto de uma grande montanha, contemplo o nosso passado e vislumbro o nosso futuro.

O presente? O presente é este:

Gabi está com 36 anos e tornou-se uma mulher muito bonita e segura de si. Batalha muito para concretizar seus sonhos e tem a capacidade de fazer a vida acontecer. Estudou publicidade e jornalismo. Começou a trabalhar com o pai, quando tinha 15 anos, fazendo o logo de nossa empresa e das marcas de nossos produtos.

Com 20 e poucos anos, ela e Samuel montaram uma produtora de vídeos. Começaram fazendo os vídeos manuais de nossa empresa, depois comerciais, institucionais, e terminaram com um programa de esportes radicais, onde ela e Dedé, além de apresentadores, também filmavam e faziam a edição dos vídeos. Eram os protagonistas das aventuras. Saltaram de paraquedas, fizeram canoagem, rapel, parapente, fórmula ôpãi çò balonismo etc. Coisas malucas e perigosas, algumas das quais eu também participei. Foi o primeiro programa de esportes radicais do país e, graças a Deus, quando se cansaram partiram para outros tipos de programa. Digo graças a Deus porque eu ficava muito aflita quando eles se arriscavam em esportes perigosos.

Já comandou alguns programas de rádio também. Casou-se com um baiano, companheiro de suas atividades e grande cúmplice. Sujeito bacana, o Rodrigo. Ambos me deram um netinho muito amado, o Gael. Hoje, ela é radialista, publicitária e atriz. Conseguiu chegar aonde queria. Gabi tem uma relação de muito cuidado com a família nuclear. Como filha mais velha, é a confidente de seus irmãos e transformou-se em nossa mãezinha. Ela e Rodrigo têm um cuidado até excessivo com a minha saúde e a do Ruy, assim como com o nosso bem-estar. Ambos controlam nossa dieta alimentar, nosso estilo de vida

desencanado com exercícios e nosso lado r kò ftkìffat Liga para mim diariamente para saber como estou. Se me queixo de qualquer desconforto, desespera-se em ajudar-me a solucionar o que incomoda. Temos uma ligação telepática. Chegamos a nos telefonar simultaneamente. Ela adivinha o que penso e sinto e vice-versa. Sempre me estimula a fazer aquilo em que acredito e me acompanha nos resultados. Faz o mesmo com relação ao pai.

Importa-se com os irmãos; é extremamente presente em suas atividades. Por causa do seu jeito de ser, tem muitos amigos. É baladeira, divertida, entusiasmada com a vida. Pratica muitos esportes. Chegou a ser campeã brasileira de esgrima. Assim como eu, adora equitação e já participou de rodeios e vaquejadas. Essa mulher não é fácil, não! O que será de meus netos? Acho que temos de fazer um seguro para eles...

Dedé. Dedé é uma figura: o "Tony Pirata", como é denominado. Samuca está com 33 anos. Que mente inquieta e sutil. Ele também cursou publicidade e é autodidata em design gráfico, desenhista nato, caricaturista, tecladista, violonista, filósofo e poeta. Não existe nada que ele não saiba fazer ou responder. Sua cultura geral é muito ampla e sua inteligência é múltipla. Ele é muito engraçado, mas só mostra esse lado aos íntimos. Continua juntando dinheiro para realizar seus desejos (lembra-se do assalto do relógio?). É muito perseverante e perfeccionista.

Sempre calado, só abre a boca para oferecer ajuda, fazer piadas em cima do que acontece ou reclamar que em casa não tem comida saudável. "Não aguento mais comer filé de frango grelhado e salada... Eca!" Mas, se eu compro outras coisas, ele não come.

Nunca pede alguma coisa, ou julga alguém. Exige muito de si, o que faz que o resultado de seus trabalhos seja brilhante. Começou a trabalhar muito cedo também, com o pai, aos 15 anos, fazendo vídeos.

Hoje é o diretor de marketing de nossa empresa. Mergulho é o seu esporte favorito. Juntou grana durante dez anos só para passar três meses mergulhando na Ásia. Estava lá na Tailândia na ocasião do ôópj í ffto que quase nos matou do coração. Escrevi uma oração de agradecimento a Deus nas paredes de minha chácara por tê-lo protegido dessa tragédia. Lindo de morrer! Hoje, já escolheu a sua companheira de vida, uma mulher bonita e lutadora, Claudia, e pensa em aumentar a família.

Tatá. Tatá tem 32 anos. Tatazinha cursou a faculdade de psicologia, mas não a concluiu, porque se casou e engravidou. Para dar atenção à sua filhinha, resolveu trancar a matrícula e voltar quando Giulinha estivesse mais independente. Mas então veio Enzo e ela resolveu ser mamãe, uma mãe presente. E não voltou aos estudos. Ela é linda, muito linda, mas sua beleza é oposta à da irmã. Gabi tem uma beleza extravagante, enquanto Tatá tem uma beleza clássica, uma beleza tímida.

Tatá também começou a trabalhar com Ruy aos 15 anos. Ajudava na área administrativa. Ela é casada com Cláudio, excelente pai e companheiro. Eles moram em Valinhos, onde compramos uma chácara para receber nossos queridos netinhos. Ninguém merece sogros ou pais hospedados em sua casa durante o fim de semana, quando o casal quer descansar, ficar à vontade e se curtir. Temos de prevenir problemas para não ter de remediá-los depois.

Tatá é uma palhaça. Se ela fosse para a TV ou teatro, provavelmente faria sucesso. É uma mãezinha dedicada e cuidadora. Vive se preocupando com a gente também. Quando estamos em Valinhos, nos faz companhia e deixa as crianças lá em casa para que possamos curtir a infância delas.

Nunca pensei que ser avó era algo tão bom. Tatá é toda “doninha de casa” e muito tímida também. O seu lado “maloqueiro e palhaço”

ela só deixa sair na intimidade familiar. Adora fazer comidinhas diferentes, agradar as pessoas, cuidar de sua pequena família. É pintora também, e ajuda o marido na academia de tênis que eles têm, encordoando raquetes, enquanto as crianças se "danam" nas quadras. Adoro quando ela me chama de "mãezinha".

Kiko. Esse garoto, agora com 28 anos, continua sendo o "Maquininha". Sua cabeça é tão inventiva que é o responsável pelos projetos técnicos de nossa empresa. Kiko trabalha conosco na fabricação de amplificadores de som e caixas acústicas profissionais. Formado em engenharia eletrônica digital, ele se prepara para substituir o pai como projetista. Começou a trabalhar em nossa empresa com apenas 7 anos, fazendo invenções na linha de montagem. Ficamos embasbacados com suas ideias e criações.

Como sempre e para todos nós, a música é uma condição de vida. Assim, Kiko também é compositor e DJ. Apesar de ser DJ e, portanto, frequentar ambientes onde as drogas rolam à vontade, Kiko é extremamente careta. Comenta comigo que é preciso ser muito forte e ter um grande equilíbrio psíquico para não aderir a esse esquema. Quando ele toca em São Paulo, a família toda se mobiliza. Isso porque suas músicas são vibrantes: ftkpóç, nòkffòçóóffç, ôò j ãç. Lotamos as baladas com nossa presença e nossos convidados.

O que eu acho muito legal na relação dele comigo é que ele não finaliza uma composição sem antes me mostrar e pedir que eu a avalie. Ele sabe que eu conheço música e adoro eletrônica. Gosta quando eu sugiro algo e se utiliza de minhas dicas. Kiko é casado com Vanessa, DJ também, que amamos muito. Eles me deram uma netinha linda, Beatriz. A vovó ficou mais feliz!

Ele tem um temperamento quieto e inibido. Suas músicas são sucesso na Rússia. Kiko é muito lindo também. Sua beleza difere da do Dedé. Samuel está mais para um Deus grego e Kiko para um guerreiro

romano.

Você vai pensar que eu “tô podendo”, né? Vai me chamar de “corujona”... Vai me dizer que você também não acha que os seus filhos são os mais lindos do mundo? E os meus netinhos, então? Imagine vários principezinhos e princesinhas meigos e carinhosos, que olham para você como se você fosse a luz de sua vida... E... é assim que você sente todo o seu corpo se amolecer, transformando-se na pessoa mais boboca do mundo? É assim que fico quando estou com os meus “pituquinhos”.

Enfim, foi difícil chegar até aqui. Os nossos filhos deram muito trabalho para estudar porque nunca viram nada de interessante na programação escolar. Sendo indivíduos educados por nós para pensar livremente, aprender com as próprias descobertas e usar a criatividade, nunca se sujeitaram à monótona e enfadonha programação de nossas escolas.

Hoje, todos são bem-sucedidos. O que reforça minha tese de que não vale a pena brigar com os filhos quando eles não são os melhores da classe. Boas notas não são sinal de inteligência. Inteligência é criatividade. Se uma criança tem facilidade de memorização, provavelmente terá boas notas. Memorização, porém, não implica aprendizagem. Maus alunos podem sair-se muito bem no curso superior quando escolhem estudar aquilo de que gostam.

Minha mãe? A dona Felícia? Estava muito velhinha, com 104 anos. Foi se apagando, apagando, apagando, como uma frágil e pequena vela. Como foi difícil olhar para ela e não encontrar nenhum vestígio daquela mulher forte que tanto me serviu de modelo.

Num amanhecer de um domingo ensolarado de outubro, acordei angustiada e fui ao seu quarto. Percebi que ela estava indo embora. Eu a abracei, coloquei a sua cabeça sobre o meu ombro, olhei para os seus olhos azuis, já sem brilho, e disse-lhe:

— Vai, minha mãezinha. Não tenha medo. Estou aqui com a senhora. Descanse... Eu vou ficar bem. Vai, meu amor...

Foi assim que nossos olhares se despediram e, num suspiro profundo, ela se foi. Eu a coloquei cuidadosamente nos braços do Senhor, rezando um padre-nosso. A minha linda e querida mãe nos deixava.

Ruy continua trabalhando muito para manter nossa empresa em pé. Cumpre um expediente de 16 horas diárias. Em nosso país, é muito difícil trabalhar honestamente. Aqui, infelizmente, quem trabalha não ganha dinheiro.

E eu idem. Também trabalho muito, atendendo crianças, adolescentes, adultos e famílias. Cumpro um expediente de 11 horas diárias de trabalho. Dou minhas palestras pelo país afora, entrevistas, faço cursos de especialização, de idiomas. Estudo, escrevo os meus livros, trabalho como diretora de RH de nossa empresa, como atriz e modelo fotográfico. Os meus finais de semana são totalmente dedicados aos meus netos. E assim alcançarei a eternidade, através das futuras gerações que carregarão os meus genes e pelos meus trabalhos aqui deixados.

Peço licença à escritora Lya Luft para finalizar este livro com um de seus escritos, publicado na revista Nçi , em 12 de maio de 2010, com o qual me identifiquei e gostaria de ter escrito aos meus filhos.

A canção de qualquer mãe

Que nossa vida, meus filhos, tecida de encontros e de desencontros, como a de todo mundo, tenha por baixo um rio de águas generosas, um entendimento acima das palavras e um afeto além dos gestos — algo que só pode nascer entre nós. Que quando eu me aproxime, meu filho, você não se encolha nem um milímetro com medo de voltar a ser menino, você que já é um homem. Que quando eu a olhe, minha filha, você não se sinta criticada ou avaliada, mas simplesmente adorada, como desde o primeiro instante.

Que, quando se lembrarem de sua infância, não recordem os dias difíceis (vocês nem sabiam), o trabalho cansativo, a saúde não tão boa, o casamento numa pequena ou grande

crise, os nervos à flor da pele — aqueles dias em que, até hoje arrependida, dei um tapa que ainda agora dói em mim, ou disse uma palavra injusta. Lembrem-se dos deliciosos momentos em família, das risadas, das histórias na hora de dormir, do bolo que embatumou, mas que vocês, pequenos, comeram dizendo que estava maravilhoso.

Que pensando em sua adolescência não recordem minhas distrações, minhas imperfeições e impropriedades, mas as caminhadas pela praia, o sorvete na esquina, a lição de casa na mesa de jantar, a sensação de aconchego, sentados na sala cada um com sua ocupação.

Que quando precisarem de mim, meus filhos, vocês nunca hesitem em chamar: mãe! Seja para prender um botão de camisa, ficar com uma criança, segurar a mão, tentar fazer baixar a febre, socorrer com qualquer tipo de recurso, ou apenas escutar alguma queixa ou preocupação.

Não é preciso constranger-se de ter filhos querendo mãe, só porque vocês também já estão grisalhos, ou com filhos crescidos, com suas alegrias e dores, como eu tenho e tive as minhas.

Que, independendo da hora e do lugar, a gente se sinta bem pensando no outro. Que essa consciência faça expandir-se a vida e o coração, na certeza de que aquela pessoa, seja onde for, vai saber entender; o que não entender vai absorver; e o que não absorver vai enfeitar e tornar bom.

Que quando nos afastarmos isso seja sem dilaceramento, ainda que com passageira tristeza, porque todos devem seguir o seu caminho, mesmo que isso signifique alguma distância: e que todo reencontro seja de grandes abraços e de boas risadas. Esse é um tipo de amor que independe de presença e tempo. Que quando estivermos juntos vocês encarem com algum bom humor e muita naturalidade se houver raízes grisalhas no meu cabelo, se eu começar a repetir histórias, e se tantas vezes só de olhar para vocês meus olhos se encherem de lágrimas: serão apenas de alegria porque vocês estão aí.

Que quando pareço mais cansada vocês não tenham receio de que eu precise de mais ajuda do que vocês podem me dar: provavelmente não precisarei de mais apoio do que o seu carinho, da sua atenção natural e jamais forçada. E, se precisar de mais que isso, não se culpem se por vezes for difícil, ou trabalhoso ou tedioso, se lhes causar susto ou dor: as coisas são assim.

Que, se um dia eu começar a me confundir, esse eventual efeito de um longo tempo de vida não os assuste: tentem entrar no meu novo mundo, sem drama nem culpa, mesmo quando se impacientarem. Toda a transformação do nascimento à morte é um dom da natureza, e uma forma de crescimento.

Que em qualquer momento, meus filhos, sendo eu qualquer mãe, de qualquer raça, credo, idade ou instrução, vocês possam perceber em mim, ainda que numa cintilação breve, a inapagável sensação de quando vocês foram colocados pela primeira vez nos meus braços: misto de susto, plenitude e ternura, maior e mais importante do que todas as glórias da arte e da ciência, mais sério do que as tentativas dos filósofos de explicar os enigmas da existência. A sensação que vinha do seu cheiro, da sua pele, de seu rostinho, e da consciência de que ali havia, a partir de mim e desse amor, uma nova pessoa, com seu

destino e sua vida nesta bela e complicada terra. E assim sendo, meus filhos, vocês terão sempre me dado muito mais do que esperei ou mereci ou imaginei ter.

Conversa entre duas crianças do século XXI (autor desconhecido)



— E aí, veio?

— Beleza, cara?

— Ah, mais ou menos. Ando meio chateado com algumas coisas.

— Quer conversar sobre isso?

— É a minha mãe. Sei lá, ela anda falando umas coisas estranhas, me botando um terror, sabe?

— Como assim?

— Por exemplo: há alguns dias, antes de dormir, ela veio com um papo doido aí. Mandou dormir logo senão uma tal de Cuca vinha me pegar. Mas eu nem sei quem é essa Cuca, pô. O que eu fiz pra essa mina querer me pegar? Você me conhece desde que eu nasci. Já me viu mexer com alguém?

— Nunca.

— Pois é. Mas o pior veio depois. O papo doido continuou. Minha mãe disse que quando a tal da Cuca viesse eu ia estar sozinho, porque meu pai tinha ido pra roça e minha mãe, passear. Mas, tipo, o que o meu pai foi fazer na roça? E mais: como minha mãe foi passear se eu tava vendo ela ali na minha frente? Será que eu sou adotado, cara?

— Como assim, veio?

— Pô, ela deixou bem claro que minha mãe tinha ido passear. Então ela não é minha mãe. Se meu pai foi na casa da vizinha, vai ver eles dois tão de caso. Ele passou lá, pegou ela e os dois foram passear. É isso, cara. Eu sou filho da vizinha. Só pode!

— Calma, maninho. Você tá nervoso e não pode tirar conclusões precipitadas.

— Sei lá. Por um lado pode até ser melhor assim, viu? Fiquei sabendo de umas coisas estranhas sobre minha mãe.

— Tipo o quê?

— Ela me contou um dia desses que pegou um pau e atirou em um gato. Assim, do nada. Maldade, meu! Vê se isso é coisa que se faça com o bichano!

— Caramba! Mas por que ela fez isso?

— Pra matar o gato. Pura maldade mesmo. Mas parece que o gato não morreu.

— Ainda bem. Pô, sua mãe é perturbada, cara.

— E sabe a Francisca, ali da esquina?

— A dona Chica? Sei, sim.

— Parece que ela tava junto na hora e não fez nada. Só ficou lá, paradona, admirada, vendo o gato berrar de dor.

— Putz grila. Esses adultos às vezes fazem cada coisa que não dá pra entender.

— Pois é. Vai ver é até melhor ela não ser minha mãe mesmo... Ela me contou isso de boa, cantando, sabe? Como se estivesse feliz por ter feito essa selvageria. Um absurdo. E eu percebo também que ela não gosta muito de mim. Esses dias ela ficou tentando me assustar, fazendo um monte de careta. Eu não achei legal, né. Aí ela falou que ia chamar um boi com cara preta pra me levar embora.

— Nossa, veio! Com certeza ela não é sua mãe. Nunca que uma

mãe ia fazer isso com um filho.

— Mas é ruim saber que o casamento deles não está dando certo... Um dia ela me contou que lá no bosque, no final da rua, mora um cara que eu imagino que deva ser muito bonitão, porque ela chama de "Anjo". E ela disse que o tal do "Anjo" roubou o coração dela. Ela até falou um dia que, se fosse a dona da rua, mandava colocar ladrilho em tudo, só pra ele passar desfilando e tal.

— Nossa, que casamento bagunçado esse. Era melhor separar logo.

— É. Só sei que eu tô cansado desses papos doidos dela, sabe? Às vezes, ela fala algumas coisas sem sentido nenhum. Ontem mesmo, ela disse que a vizinha cria perereca na gaiola... Já viu?... Essa rua só tem doido...

— Vixe, cara. Mas a vizinha não é sua mãe?

— Putz, é mesmo! Tô ferrado de qualquer jeito.



Qual será enfim o futuro da família? Segundo Elizabeth Roudinesco, psicanalista francesa, em seu livro u è í hìfft çí cçákòc çí (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003),

> a família contemporânea vem-se desenvolvendo bem e garantindo a reprodução da nossa espécie, apesar de o aborto ter sido legalizado em alguns países. O casamento, embora aconteça mais tardiamente na vida do casal, é precedido de um período de união livre, concubinato ou de múltiplas experiências vividas. Os filhos nascem independentemente do casamento, e assistem também às várias uniões de seus pais.
>
> As mulheres são as mais prejudicadas quando elas provocam a ruptura nas uniões. A família continuará sendo a única unidade capaz de assumir um conflito e favorecer o surgimento de um novo equilíbrio.
>
> Apesar de a estrutura familiar ter passado por uma grande transformação, sempre haverá o desejo de ter filhos, seja qual formato tiver a família: famílias homoafetivas, produções independentes, pessoas casadas ou não.

Enfim, a família do futuro deve ser mais uma vez reinventada.

A revista Nçi , em 18 de fevereiro de 2009, publicou uma pesquisa realizada com 527 pais e jovens de 13 a 19 anos de todo o país, identificando hábitos e comportamentos da geração que daqui a 20 anos estará no comando do país. Eis algumas conclusões:

Os jovens nascidos a partir de 1990 não almejam nenhum tipo de revolução: nem sexual nem política. Mudar o mundo não é com eles. Querem trabalhar e ganhar o seu próprio dinheiro. São mais conservadores no que diz respeito aos valores familiares (embora os pais continuem a ser "ridículos", valorizam mais a família). São imediatistas e fazem várias atividades simultaneamente, como ver TV, escutar um som, estar no MSN e, às vezes, estudar.

Os aparelhos tecnológicos fazem parte de seu corpo. Eles vivem sempre conectados a alguma rede. Infelizmente, os contatos e prazeres que deveriam provir do mundo real provêm do mundo virtual. Que pena... As nossas crianças e futuros cidadãos do mundo são superinformados, até precocemente informados, e muito menos preconceituosos (ufa!). Vivem mudando de opinião e iniciando coisas novas. São tantas as opções de escolha e tanta liberdade de decisão que às vezes eles se perdem.

Os nossos futuros cidadãos do mundo são muito caros. Custam cinco vezes mais do que há 30 anos. Saem demais, bebem até cair, querem tudo de novo que é lançado, são extremamente consumistas e se interessam pouquíssimo pela leitura e cultura em geral. A mídia dita os costumes, valores e padrões. Existe uma informação da antiga Febem, hoje Fundação Casa, de que nas vésperas das datas, hoje puramente comerciais (Dia das Mães, Natal, entre outras), quando a mídia funciona com toda a intensidade, ocorre o maior número de furtos praticados por menores.

A mídia nos diz o que comer, o que vestir, como se comportar, como se divertir, aonde ir e o que ter para ser. Quanto mais a mídia exibe bebês e crianças lindas, jovens felizes e realizados, mais o envelhecimento e a morte geram pavor. Sem o espírito crítico, que leva a uma reflexão sobre as nossas condições reais de vida, sobre os nossos valores familiares e a nossa ética, viveremos alienados e sem condição de transformar a realidade. A família do futuro será totalmente manipulada.

Você pode escolher não ter filhos. A família com filhos, historicamente, foi um imperativo para a manutenção do poder e da propriedade. Não ter filhos não é monstruoso. Muitos casais vivem muito bem sem eles. Nos Estados Unidos e na Escócia existem áreas ãftffctèòçç, que são condomínios reservados às pessoas maiores de 13 anos, e olha que a demanda é grande!

Aliás, é melhor que não os tenha, se não tiver muita disponibilidade para crianças em sua vida. Como bem diz a psicanalista francesa Corinne Maier, em seu livro Kçí èfffttkó R , X ò ttmçó n ò qkãe j âk ôçò (São Paulo: Intrínseca, 2008): "O filho não é um direito e nem uma necessidade. Ele é simplesmente uma possibilidade".

Elisabeth Badinter, autora do livro Mí í kòãkj opffôô ck R H í fôk ck í kò í ôçòj k (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980), aponta em suas pesquisas que a maternidade é um mito cultural, pois até o século XIX os bebês eram negligenciados e entregues às amas de leite. Muitas crianças morriam antes dos 4 anos de idade e, para a burguesia, era falta de prestígio cuidar dos filhos. Philippe Ariès, historiador francês, também conclui que o conceito de infância surge somente após o século XVII. Badinter afirma, ainda, que a maternidade não é algo instintivo como se pensa. O afeto entre mãe e filho surge com a vinculação, com a convivência; é algo conquistado no dia a dia, o

mesmo ocorrendo com a paternidade. Infelizmente algumas mães tornam-se tão superprotetoras que impedem os pais de se vincularem aos filhos.

As pesquisas também mostram que o casamento único, no estilo do "felizes para sempre...", ainda continua sendo o sonho da maioria das pessoas. Para que os casamentos sejam mais assertivos e a família seja preservada é preciso saber que, na união, dois seres se transformam em um, mas devem permanecer dois. É uma relação de conexão com o parceiro, que envolve educar junto os filhos, ser fiel e cuidar um do outro, sem um engolir o outro.

O casal deve tirar férias a dois, investir no namoro, priorizar um ao outro, investir na vida sexual, apimentar esse relacionamento. O carinho e o respeito caminham juntos, assim como o diálogo e a compreensão. Não existirá a família do futuro se você não investir nela.

Se você investir na maternidade como uma modalidade de competição, que é o que tenho visto atualmente — quem tem o filho mais inteligente, o mais lindo, aquele que fala inglês mais precocemente, o mais esperto, o melhor esportista etc. —, não estará pensando em seus filhos e na família. Não estará preocupada com o futuro de sua família, e sim mobilizada em exibir-se, em competir pela busca do melhor óô ôpó, quem vai pagar o pato são os filhos.

Esse comportamento competitivo de mães e pais demonstra que estes são, na maioria das vezes, pessoas mal resolvidas. Precisam que os filhos sejam o que não conseguiram ser. Precisam alimentar o seu ego, por meio do sucesso do filho, e quando exibem o filho, na verdade, querem dizer: "Olha como eu sou o máximo!"

Cuide da sua família e deixe o seu filho ser feliz do jeito que ele é. Fique atenta à mídia. Tome cuidado para que ela não invada a sua casa e passe por cima dos seus valores e dos seus costumes. Bem... Você

tem aí um trabalho árduo pela frente se quiser frear um pouco essa geração ansiosa para experimentar de tudo e formar um espírito crítico nesse jovem diante da mídia comercial e ideológica, sempre orientada por objetivos econômicos.

Voltando ao tema das novas estruturações familiares, a pesquisa Kffp bâk c Ç èáj ãfft ç c uckìçóãej ãfft yò óffçfft ZXX; , realizada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), constatou que 233.908 crianças e adolescentes são chefes de família. E, ainda, largam a escola para cuidar da casa ou trabalhar. O fato de serem chefes de família mostra que a sociedade não se organizou para garantir a eles o direito de serem crianças e adolescentes. Outro dado triste é que isso perpetua o ciclo de pobreza, de exclusão e violência.

Há muito a fazer para preservar a importante estrutura familiar: cobrar do governo políticas antidrogas, acesso à boa educação, saúde e possibilidades de trabalho. É preciso também investir no conceito de cidadania familiar: pais presentes, cuidadosos, que sejam bons modelos, respeitem os seus filhos, se interessem por eles, os escutem, os eduquem, promovam encontros familiares e nunca os abandonem.

---

[1] Comentário da autora: Estou revoltada! Cadê o pai desse garoto?

[2] ONG presente há 70 anos em todo mundo, que realiza projetos e pesquisas que atendam crianças e adolescentes. Só no Brasil, a Plan atende 75 mil crianças. Em sua pesquisa sobre o äpììt ffttfl, publicada em 14 de abril de 2010, realizada com cinco mil estudantes, pais, professores e grupos focais de alunos, em 25 escolas públicas e particulares das cinco regiões do Brasil, concluiu-se que: 1. Existe uma cultura de violência pautando as relações entre os estudantes e as escolas não estão preparadas para lidar com isso. 2. Os meninos são os maiores envolvidos, embora as meninas se vejam envolvidas também. A faixa etária mais predominante é a que está situada entre os 11 e os 15 anos, que vivem nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. 3. O ãfãtçòäpììt ffttfl acontece mais no universo masculino: 16,8% são vítimas, 17,7% são praticantes, 3,5% são vítimas e praticantes.

[3] Disponível em: http://www.direitosdacrianca.org.br/em-pauta/violencia-ainda-e-usada-como-instrumento-educativo. Acesso em: 20 nov. 2011.

[4] Disponível em: http://www.abrinq.com.br/documentos/public_guia_brinquedos_brincar.pdf. Acesso em: 20 nov. de 2011.